

«Confiante
e encantadora.»

JESSIE
BURTON



As Bruxas de Pendle



STACEY HALLS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

«Confiante
e encantadora.»

JESSIE
BURTON



As Bruxas de Pendle



STACEY HALLS

Índice

Ficha Técnica

DEDICATÓRIA

MAPA

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

QUARTA PARTE

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

AGRADECIMENTOS

UMA CARTA DA AUTORA

NOTA HISTÓRICA

Biografia

Publicidade

A DEVORADORA DE PECADOS

Ficha Técnica



TÍTULO: *As Bruxas de Pendle*

AUTORIA: *Stacey Halls*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2022 Edições Saída de Emergência

Título original The Familiars © 2019 Stacey Halls. Tradução da edição publica no Reino Unido por Zaffre.

TRADUÇÃO: *José Remelhe*

REVISÃO: *Paula Almeida*

DESIGN DA CAPA: *Alexandra Allden*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: © LUCY ROSE CARTWRIGHT

MAPA: © *Sally Taylor 2018*

FOTOGRAFIA DA AUTORA: © *Ollie Grove*

DATA DE EDIÇÃO E-BOOK: *outubro, 2022*

ISBN: *978-989-773-489-2*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Taguspark - Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B

2740-296 Porto Salvo, Portugal

TEL E FAX: 214 583 770

ACOMPANHE AS NOSSAS NOVIDADES EM

WWW.SDE.PT

[FACEBOOK](#)

[INSTAGRAM](#)

E [TWITTER](#)

DEDICATÓRIA

PARA O MEU MARIDO

MAR
DA
IRLANDA

CASTELO
DE LANCASTER

FLORESTA DE
BOWLAND

BARTON

PENDLE
HILL

COLNE

READ HALL

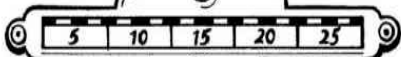
HALIFAX

CAWTHORPE

LIVERPOOL

MANCHESTER

CONDADO DE
LANCASTER
E CERCANIAS



PRIMEIRA PARTE



CONDADO DE LANCASTER (ATUALMENTE, LANCASHIRE), INÍCIOS
DE ABRIL DE 1612

Tratai-a bem, caso contrário ela deixará de obedecer
às vossas ordens e vos obrigará a segui-la.

The Book of Falconry or Hawking,
George Turberville, 1543-1597

Ponderação e Justiça
Lema da família Shuttleworth

CAPÍTULO 1



Sáí de casa com a carta porque não sabia que outra coisa fazer. O

relvado estava húmido do orvalho matinal e encharcou os meus chinelos de seda cor-de-rosa preferidos, pois, com a pressa, esquecera-me de calçar os tamancos. Porém, só parei quando cheguei às árvores sobranceiras aos relvados defronte da casa. Tinha a carta amarrotada na mão e abri-a outra vez para ter a certeza de que não imaginara, de que não adormecera na cadeira e que tudo não passava de um sonho.

Estava uma manhã fria e brumosa, o vento a soprar de Pendle Hill, e, embora tivesse a mente num turbilhão, não me esquecera de pegar no meu capote que estava ao fundo do guarda-vestidos. Afagara *Puck* mecanicamente e ficara agradada ao perceber que não tinha as mãos a tremer. Não chorara, não desmaiara nem fizera outra coisa a não ser dobrar a carta que acabara de ler, deixando-a na sua forma original, e descer as escadas sem fazer barulho. Ninguém dera por mim e o único criado que vira fora James, de relance, sentado à secretária, ao passar pelo seu gabinete. Passara-me pela cabeça que ele pudesse ter lido a carta, pois é costume os mordomos abrirem a correspondência privada dos patrões, mas pusera a ideia de lado e saíra pela porta da frente.

As nuvens eram da cor das jarras de estanho e ameaçavam verter por cima de mim, por isso desatara a correr pela relva em direção aos bosques. Sabia que, com o meu capote preto, no meio dos campos, seria facilmente avistada pelos olhares indiscretos da criadagem à janela e eu precisava de pensar. Nesta zona de Lancashire, as terras são verdes e húmidas, o céu vasto e pardacento. De vez em quando, avista-se fugazmente a pelugem avermelhada de um veado, ou o pescoço azul de um faisão, e o nosso olhar é atraído mais depressa do que eles conseguem fugir.

Antes de chegar ao abrigo das árvores, já sabia que ia ficar outra vez enjoada. Levantei a beira da saia para a relva não a salpicar e depois limpei a boca com o lenço. Richard pedira às lavadeiras para o borrifar com água de rosas. Fechei os olhos e inalei profundamente várias vezes e, quando os abri, senti-me um pouco melhor. As árvores estremeciam e os pássaros chilreavam alegremente conforme me embrenhei mais no bosque e, menos de um minuto depois, já não via Gawthorpe. A casa chamava tanto as atenções como eu por estas bandas, edificada em pedra castanha e assente numa clareira. Porém, embora a casa não me pudesse impedir de ir ao bosque, que parecia estar cada vez mais perto e podia ser visto de todas as janelas, o bosque podia esconder-me de Gawthorpe. Por vezes, parecia que estavam a brincar um com o outro.

Peguei na carta e abria-a outra vez, alisando os vincos que se haviam formado no meu punho cerrado, e procurei o parágrafo que me deixara com a cabeça à roda:

Poderá perceber facilmente a verdadeira natureza do perigo em que a sua consorte tem estado e é com muita mágoa que o informo da minha opinião profissional de médico e especialista na área da parturição: que depois de a visitar na sexta-feira passada, cheguei à profundamente lamentável conclusão de que ela não pode nem deve engravidar. É extremamente importante que compreenda que, se ela engravidar outra vez, não sobreviverá e que a sua vida terrena terá um fim.

Agora que já ninguém me podia ver a partir da casa, podia reagir com alguma privacidade. Tinha o coração a bater, furioso, e a cara a arder. Senti outra vaga de náuseas e quase asfixiei quando o vômito me queimou a língua.

Os enjoos assolavam-me de manhã, ao meio-dia e à noite, virando-me as tripas do avesso. No máximo, acontecia quarenta vezes por dia; era uma sorte quando acontecia só duas. Os vasos capilares rebentaram na minha cara, formando delicados caules carmesim à volta dos meus olhos, cujos brancos assumiram um tom vermelho demoníaco. O sabor pavoroso na garganta perduraria durante horas, afiado e sufocante como o gume de um punhal. Eu não conseguia reter os alimentos na barriga. Também não tinha apetite algum, para desapontamento da cozinheira. Até o maçapão, de que tanto gostava, estava intocado na despensa, e as minhas caixas de doces enviadas de Londres estavam a ganhar pó.

Das outras três vezes, não tivera enjoos tão fortes. Desta vez, parecia-me que a criança que carregava no ventre estava a tentar sair-me pela boca e não por entre as pernas, como as outras, que tinham anunciado a sua chegada prematura com rios vermelhos que me escorreram pelas coxas. As suas pequenas formas frouxas eram grotescas e eu vira-as serem embrulhadas em lençóis, como se fossem pães acabados de sair do forno.

— Não viveu muito neste mundo, o pequerrucho — dissera a última parteira enquanto limpava o meu sangue dos seus braços de açougueiro.

Casada há quatro anos, grávida três vezes e ainda sem um herdeiro para deitar no berço de carvalho que a mãe me deu quando casei com Richard. Eu percebia a maneira como ela olhava para mim, como se eu os estivesse a desiludir a todos.

Não obstante, custava-me a crer que Richard soubesse do

diagnóstico do médico e me tivesse deixado engordar como um peru no Natal. A carta estava no meio de variegada documentação referente aos meus três partos, pelo que é possível que lhe tenha passado despercebida. Ele estaria a proteger-me ao escondê-la de mim? De repente, as palavras pareceram saltar da folha e agarrar-se ao meu pescoço. Além disso, tinham sido escritas por um homem cujo nome não reconheci, tão contorcida de dores estava quando ele me veio ver que nem conseguia lembrar-me do mais ínfimo pormenor dele: do seu toque, da sua voz, ou se era simpático.

Eu não parara para recuperar o fôlego e agora tinha os chinelos estragados, encharcados em lama esverdeada. Quando um ficou preso na lama, fazendo-me pousar o pé com a meia no chão molhado, foi de mais para mim. Amarrotei a carta com as duas mãos e arremessei-a o mais longe que consegui, colhendo um instante de satisfação quando ressaltou numa árvore a vários metros de distância.

Se não tivesse feito aquilo, não teria visto a pata de coelho a alguns centímetros de onde a carta foi cair, nem o coelho ao qual aquela pertencia – ou pelo menos aquilo que restava dele: uma amálgama de pelo e sangue, depois outra, e outra. Eu caçava coelhos; estes não tinham sido vítimas de uma morte metódica perpetrada por um açor ou por um falcão antes de fazer um círculo e voltar para junto do seu dono. Depois reparei noutra coisa: na bainha de uma saia castanha a roçar o chão, uns joelhos dobrados, e, por cima deles, um corpo, uma cara, uma touca branca. A alguns metros, estava uma jovem mulher ajoelhada, a fitar-me. Todo o seu âmagô estava alerta com uma tensão animalesca. Era andrajosa, envergando uma camisa de lã de fabrico caseiro sem saia de corpo inteiro, motivo pelo qual eu não a vira de imediato no meio de todo o verde e castanho. Uns cabelos da cor do linho caíam-lhe aos cachos por debaixo da touca. Tinha o rosto oblongo, os olhos grandes de uma cor invulgar, mesmo de longe: um dourado quente, como moedas novas. O seu olhar tinha algo de intensamente inteligente, quase masculino, e embora estivesse agachada e eu de pé, por instantes, senti medo, como se tivesse sido eu a ser descoberta.

Ela tinha outro coelho a balançar nas mãos, um olho fixo em mim, sem pestanejar. O pelo estava manchado de vermelho. No chão, ao lado da saia da mulher, um saco áspero, aberto. Ela pôs-se de pé. As folhas e ervas à nossa volta roçagaram com a brisa, mas ela manteve-se completamente imóvel, a expressão inescrutável. Apenas o animal morto se mexeu, balouçando um pouco.

— Quem és tu? — perguntei. — O que estás a fazer aqui?

Ela começou a meter os animais mortos no saco. A minha carta amarrotada jazia, lívida e reluzente, no meio do massacre, e ela fez um compasso de espera quando a viu, os seus dedos compridos a

pairar, manchados de sangue vermelho.

— Dá cá isso — ordenei.

Ela pegou na folha amarrotada e estendeu-ma. Eu dei uns passos rápidos e arranquei-lha da mão. Aqueles olhos dourados não se desviaram da minha cara e eu pensei que um desconhecido nunca olhara para mim com tanta atenção. Por instantes, pensei na minha aparência, sem calçado próprio para estar fora de casa e o meu chinelo caído no chão. Não tinha dúvidas de estar afogueada por causa do vômito e os brancos dos olhos deveriam estar raiados de vermelho. O ácido que tinha na boca tornou-me a língua acutilante.

— Como te chamas?

Ela não respondeu.

— És uma pedinte?

Ela abanou a cabeça.

— Esta terra é minha. Andas a roubar coelhos da minha terra?

— A terra é *tua*?

A voz dela quebrou a invulgaridade da situação como uma pedrinha atirada para um charco. Ela era apenas uma rapariga vulgar da aldeia.

— Chamo-me Fleetwood Shuttleworth e sou a senhora de Gawthorpe Hall. Esta terra pertence ao meu marido; se és de Padiham deverias saber isso.

— Não sou — disse, tão-só.

— Sabes qual é o castigo por caçar em terra alheia?

Ela observou o meu capote preto e grosso, o meu vestido de tafetá cúprico a espreitar por debaixo. Eu sabia que tinha a pele sem brilho; o meu cabelo preto tornava-a descorada e eu não queria que uma desconhecida me lembrasse disso. Pareceu-me que eu era mais nova do que ela, mas não consegui ter a certeza da sua idade. O seu vestido encardido parecia não ser escovado ou arejado há meses e a touca era da cor da lã de carneiro. Então, os nossos olhares cruzaram-se, e ela fitou-me, um olhar firme e altivo. Eu franzi o cenho e levantei o queixo. Com um metro e meio, toda a gente que eu conhecia era mais alta do que eu, mas não me deixava intimidar com facilidade.

— O meu marido amarraria as tuas mãos ao cavalo dele e arrastar-te-ia até ao juiz — disse eu, mais arrojada do que me sentia. Como ela não reagiu, o único barulho as árvores a silvar e a abanar, perguntei outra vez: — És uma pedinte?

— Não sou ninguém. — Estendeu-me o saco. — Fica com eles. Eu não sabia que esta terra te pertence.

Foi uma resposta estranha e eu não saberia o que dizer a Richard. Depois, lembrei-me da carta que tinha na mão. Apertei-a com força.

— Como foi que os mataste?

Ela bufou pelo nariz.

— Eu não os matei. Eles foram mortos.

— Que maneira esquisita de falar tu tens. Como te chamas?

Eu mal terminara a frase quando, num lampejo de dourado e castanho, ela rodou sobre os calcanhares e desatou a correr pelo meio das árvores. A touca branca borboletou por entre os troncos, o saco a ressaltar na saia. Os seus pés bateram com baques na terra, velozes e ágeis como os de um animal, até que o bosque a engoliu inteira.

CAPÍTULO 2



O barulho no cinto de Richard anunciava-o aonde quer que fosse. Acho que aquilo o fazia sentir-se poderoso — ouvia-se o tilintar do dinheiro antes de ele aparecer. Agora, ao ouvir o habitual tinido e os seus passos com as botas de couro de cabrito nas escadas, respirei fundo e sacudi alguma poeira imaginada do casaco. Levantei-me quando ele entrou na sala, animado e tonificado de uma viagem de negócios a Manchester. O seu brinco de ouro reluziu; os seus olhos cinzentos cintilaram.

— Fleetwood — saudou-me, segurando-me a cabeça entre as mãos.

Mordi o lábio no sítio onde ele o beijou. Será que eu conseguiria falar? Estávamos no quarto de vestir, onde ele sabia que me encontraria. Embora fôssemos os primeiros habitantes de Gawthorpe, era a única divisão que eu sentia como sendo mesmo minha. Eu achara muito moderno o facto do tio de Richard, que desenhara a planta da casa, ter pensado em incluir uma divisão só para vestir, quando ele não tinha mulher. É claro que, se as mulheres desenhassem casas, os quartos de vestir seriam incluídos na planta com a mesma importância da cozinha. Sendo eu oriunda da minha casa de pedra da cor do carvão debaixo de céus cinzentos, Gawthorpe, com a sua cor viva e quente, como se estivesse sempre debaixo do sol, e os três andares de janelas luzentes, radiosa como as joias da coroa, e a torre ao centro, fizera-me sentir mais como uma princesa do que como uma dona de casa. Richard conduzira-me pelo labirinto de divisões, e todo o estuque acabado de aplicar, envidraçados reluzentes e pequenas passagens apinhadas de decoradores, criados e marceneiros tinham-me deixado zonha. Cuidei de ficar na parte de cima da casa, longe de toda a gente. Se tivesse um bebé nos braços ou um filho para levar a tomar o pequeno-almoço lá em baixo, talvez pensasse de maneira diferente, mas, enquanto não tinha, cingia-me aos meus aposentos e ao meu quarto de vestir, com a sua vista agradável para o impetuoso rio Calder e Pendle Hill.

— Outra vez na conversa com as tuas roupas? — disse ele.

— São as minhas fiéis amigas.

Puck, o meu enorme mastim francês, levantou-se do tapete turco, a espreguiçar-se e a bocejar, deixando ver umas mandíbulas tão grandes que a minha cabeça caberia lá dentro.

— Meu temível animal — disse Richard, aproximando-se do cão para se ajoelhar à beira dele. — Não serás o único objeto do nosso carinho durante muito mais tempo. Em breve, terás de o partilhar. — Suspirou e ajoelhou-se, fatigado da longa viagem. — Sentes-te bem? E repousada?

Eu assenti, enfiando uma madeixa de cabelo solta debaixo da touca. Ultimamente, caíam-me enormes tufos pretos quando me

pentecostava.

— Estás incomodada. Tu não... Não estás...

— Estou bem.

A carta. Pergunta-lhe sobre a carta. As palavras ficaram-me presas na garganta, uma flecha pronta a lançar de um arco, mas o rosto carinhoso dele revelou apenas alívio. Olhei-o nos olhos tempo de mais, ciente de que a minha oportunidade de lhe fazer a pergunta estava a passar, a escorrer-me pelo meio dos dedos como areia.

— Bem, Manchester foi um sucesso. O James acha sempre que deve acompanhar-me nestas viagens, mas eu saio-me igualmente bem sozinho. Talvez fique exasperado apenas porque eu me esqueço de tomar nota das despesas; eu já lhe disse que as guardo tão bem na cabeça como no bolso do casaco. — Fez um compasso de espera, ignorando *Puck*, que o estava a farejar. — Estás muito calada.

— Richard, hoje li a correspondência da parteira. E do médico que assistiu ao último parto.

— A propósito...

Meteu a mão nas profundezas do seu gibão aveludado de cor esmeralda, a expressão alegre com um entusiasmo pueril. Eu esperei e, quando tirou a mão, largou na minha um objeto estranho. Era uma pequena espada de prata, comprida como um abre-cartas, com um punho dourado e reluzente. Porém, a ponta era romba e tinha pequenas esferas a todo o comprimento dependuradas em pequenos ganchos. Virei-a na palma da mão e fez um tinido agradável.

— É um guizo. — Estava radiante, abanando-o de maneira a tilintar como os cavalos fazem ao parar. — São sinos, vê. É para o nosso filho.

Nem sequer se esforçou por esconder a ânsia na voz. Pensei na gaveta que mantinha trancada à chave num dos quartos. Lá dentro havia meia dúzia de coisas que ele comprara das outras vezes – uma bolsa de seda com as nossas iniciais, um cavalo de marfim que cabia na palma da mão. Na galeria comprida, havia uma armadura que ele comprara para comemorar a primeira vez que a minha barriga cresceria. A sua convicção de que teríamos um filho era inequívoca e forte como um curso de água, mesmo quando estava a vender lâ em Preston e passara por um comerciante que vendia miniaturas de animais, ou quando estava com o nosso alfaiate e vira um pedaço de seda exatamente da cor das pérolas de ostra. No caso do último, apenas ele soube se era menino ou menina, e eu não perguntei, porque eu ainda não era uma mãe. Todos os presentes que ele me dava eram um lembrete do meu fracasso e eu tinha vontade de os queimar todos e ver o fumo subir pela chaminé e dissipar-se no céu. Pensei em onde estaria sem o meu marido e o coração encheu-se-me de mágoa, pois ele dera-me alegria, e eu retribuía apenas com três ausências, as suas

almas extintas com a mais ténue das brisas.

Fiz mais uma tentativa.

— Richard, há alguma coisa que me queiras dizer?

O brinco de Richard reluziu enquanto olhou para mim, pensativo. *Puck* bocejou e deitou-se no tapete. Num piso distante mais abaixo, uma voz grave chamou o nome de Richard.

— O Roger está lá em baixo — disse. — Tenho de ir ter com ele.

Pousei o guizo na cadeira, ansiosa por me livrar dele e, curioso, *Puck* foi farejá-lo.

— Então eu também desço.

— Só vim cá acima para me vestir; vamos à caça.

— Mas passaste a manhã inteira a andar a cavalo.

Ele sorriu.

— Caçar não é o mesmo que *andar a cavalo*, é caçar.

— Então eu vou contigo.

— Sentes-te apta?

Eu sorri e virei-me para as minhas roupas.

— Fleetwood Shuttleworth! Meu Deus, vejam só como está pálida! — A voz de Roger retumbou pelo picadeiro. — Está mais branca do que um floco de neve, mas muito mais bonita. Richard, não dá de comer à sua mulher?

— Roger Nowell, o senhor sabe como fazer uma mulher sentir-se especial. — Sorri, montando o meu cavalo.

— Está vestida para caçar. Já concluiu todas as suas tarefas femininas da manhã?

A voz dele fez-se ouvir em todos os recantos do picadeiro, montado no seu cavalo, alto e de ombros largos, uma sobranceira grisalha soerguida em jeito de interrogação.

— Vim para passar tempo com o meu juiz predileto.

Passei com o meu cavalo pelo meio dos deles. Roger Nowell era boa companhia e admito que me sentia um pouco fascinada por ele, não tendo um pai para termo de comparação. Ele tinha idade para ser meu pai ou de Richard – até mesmo avô – e como os nossos há muito tinham morrido, tornara-se nosso amigo quando Richard herdara Gawthorpe. No nosso segundo dia aqui, ele viera no seu cavalo com três faisões e passara a tarde inteira connosco, explicando as características da região e da sua população. Nós éramos recém-chegados a esta parte de Lancashire, com as suas colinas ondulantes, florestas sombrias e pessoas estranhas, e ele era um poço de conhecimento. Conhecido do tio de Richard, há muito falecido, que fora juiz presidente de Chester e providenciara a ligação mais próxima que a família jamais tivera com a Coroa, Roger conhecia os Shuttleworths há anos e acomodara-se na nossa casa como uma peça

de mobiliário herdada. Mas eu simpatizara com ele desde o primeiro momento que o vira. Como uma vela, ele ardia com intensidade, e o seu estado de espírito tremulava com facilidade de um momento para o outro, levando calor e conhecimento aonde quer que fosse.

— Notícias do palácio: é possível que o rei tenha, finalmente, encontrado um pretendente para a filha — anunciou Roger.

Quando nos ouviram, os cães de caça no canil ficaram descontrolados e, depois de os soltarem, aglomeraram-se a arfar à volta das patas dos cavalos.

— Quem?

— Frederico Quinto, conde palatino do Reno, que virá este ano a Inglaterra e, espera-se, porá cobro ao desfile de bobos da corte a almejar a mão da princesa.

— O senhor irá ao casamento? — indaguei.

— Espero que sim. Será o mais pomposo a que o reino assistiu em muitos anos.

— Gostaria de saber que tipo de vestido ela irá usar — pensei em voz alta.

Roger não me ouviu por causa dos cães a ladrar e Richard saiu do picadeiro para dar início à caçada. Com os cães presos pela trela, percebi que as presas seriam veados e desejei ter-me informado de antemão. Um veado prestes a ser caçado não era bonito de se ver, com a armação a agitar-se e os olhos a revirar; eu preferiria qualquer outra presa. Pensei em voltar para trás, mas já estávamos na floresta, por isso instiguei o cavalo em frente. O aprendiz, Edmund, encarregou-se do comando dos cães, seguindo ao seu lado a cavalo. Ao passarmos pelo meio das árvores, ouvi fragmentos da sua conversa dissimulada e segui em silêncio atrás deles, meio atenta. Veio-me à ideia uma imagem do dia anterior: sangue derramado, olhos vidrados e a estranha mulher de cabelos dourados.

— Richard — interrompi. — Ontem vi um intruso nas nossas terras.

— O quê? Onde?

— Algures a sul da casa, nos bosques.

— Porque é que o James não me disse?

— Porque eu também não lhe disse.

— *Tu viste-o?* O que andavas a fazer?

— Fui... dar uma caminhada.

— Já te disse para não saíres sozinha; poderias perder-te ou tropeçar e... magoar-te.

Roger estava a ouvir.

— Eu estou *bem*, Richard. E não foi um homem, mas uma mulher.

— O que é que ela estava a fazer? Andava perdida?

Foi quando compreendi que não lhe poderia falar dos coelhos,

porque não tinha palavras para descrever aquilo que vira.

— Sim — acabei por dizer.

Roger estava divertido.

— Tem uma imaginação fértil, Fleetwood. Deixou-nos pensar que foi atacada por um selvagem nos bosques quando, na verdade, foi apenas uma mulher perdida?

— Sim — repeti, sem entusiasmo.

— Contudo, mesmo isso pode ser perigoso. Sabem o que aconteceu ao vendedor ambulante John Law em Colne?

— Não.

— Roger, não precisa de a assustar com histórias de bruxaria. Ela já tem pesadelos.

Fiquei boquiaberta e ruborizada. Era a primeira vez que Richard falava a alguém sobre O Pesadelo e nunca pensei que ele fosse capaz de fazer isso, mas ele seguiu em frente, a pena do chapéu a tremer.

— Conte lá, Roger.

— Uma mulher que viaja sozinha nem sempre é tão inocente como parece, que foi o que o John Law ficou a saber e nunca esquecerá enquanto for vivo, o que poderá não ser muito mais tempo, o Senhor tenha misericórdia. — Roger recostou-se na sela. — Há dois dias, o filho dele, Abraham, foi procurar-me a Read Hall.

— Eu conheço-o?

— Não, porque ele é um tintureiro de Halifax. Olhando ao ofício do pai, o rapaz saiu-se bem na vida.

— E ele encontrou uma bruxa?

— Não, *ouça*.

Eu suspirei e arrependi-me de ir com eles. Preferia estar sentada no salão com o meu cão.

— O John seguia pelo caminho dos fardos de lã em Colnefield quando se cruzou com uma jovem. Uma pedinte, pensou. Ela perguntou-lhe se ele lhe poderia dar alguns alfinetes, e quando ele disse que não — fez uma pausa dramática — ela amaldiçoou-o. Ele virou-lhe costas e, quando se apercebeu, ela estava a murmurar nas costas dele, como se estivesse a falar com alguém, o que lhe causou um arrepio na espinha. De início, pensou que era o vento, mas olhou para trás e viu os olhos escuros dela fixos nele, e tinha os lábios a mexer. Começou a caminhar mais depressa e, a menos de trinta metros dali, ouviu alguma coisa a correr e depois um vulto enorme como um cão preto começou a atacá-lo, mordendo-o todo, e caiu ao chão.

— Um vulto *como* um cão preto? — perguntou Richard. — Há pouco disse que *era* um cão preto.

Roger ignorou-o.

— Ele levou as mãos à cara e suplicou por misericórdia. Depois,

quando abriu os olhos, o cão desaparecera. Nem sinal dele nem da rapariga esquisita. Alguém foi dar com ele no caminho e ajudou-o a ir até uma estalagem ali perto, mas ele mal se conseguia mexer. Ou falar. Tinha um dos olhos fechados para o mundo e a cara descaída de um dos lados. Pernoitou na estalagem, mas na manhã seguinte a rapariga apareceu outra vez, toda afoita, e pediu-lhe desculpa. Disse que não controlou a sua obra, mas reconheceu que o amaldiçoou.

— Ela confessou? — Lembrei-me da rapariga do dia anterior. — Como era ela?

— Como uma bruxa. Muito magra e desmazelada, os cabelos pretos e a cara sinistra. A mãe dizia que nunca devemos confiar numa pessoa de cabelos pretos porque geralmente têm a alma negra a condizer.

— *Eu* tenho cabelos pretos.

— Quer ouvir a minha história?

Quando eu era criança, a mãe costumava ameaçar-me de coser-me a boca. Ela e a mãe de Roger teriam muitos temas de conversa.

— Desculpe — disse eu. — O homem está melhor?

— Não, e poderá nunca recuperar — respondeu Roger, muito sério. — Isso já é preocupante por si só, mas há outra coisa que me preocupa mais: o cão. Enquanto andar em liberdade por Pendle, ninguém está em segurança.

Richard brindou-me com um olhar divertido e incrédulo, continuando em frente para prosseguir a caçada. A ideia do animal não me assustou, afinal de contas, eu tinha um mastim do tamanho de uma mula, mas antes de conseguir salientar isso, Roger recomeçou.

— Na estalagem, algumas noites depois do sucedido, o John Law acordou com o barulho de alguma coisa a respirar por cima dele. O enorme animal estava de pé ao lado da cama dele, do tamanho de um lobo, os dentes arreganhados e os olhos ígneos. Ele sabia que se tratava de um espírito: não pertencia a este mundo. Dá para perceber o seu terror: um homem que não se pode mexer nem falar, apenas gemer. Então, quem é que, logo de seguida, haveria de aparecer ao lado da cama dele se não a bruxa em carne e osso?

Fiquei toda arrepiada.

— Quer dizer que o animal se transformou na mulher?

— Não, Fleetwood. Não sabe o que são espíritos familiares? — Eu abanei a cabeça. — Nesse caso, recomendo-lhe o livro do Levítico. Em suma, é o Diabo disfarçado. Um instrumento, por assim dizer, para ampliar o seu reino. O espírito desta rapariga é um cão, mas eles podem assumir qualquer forma: um animal, uma criança. O espírito aparece-lhe quando ela precisa dele para obedecer às suas ordens, e a semana passada ela invocou-o para o debilitado John Law. Um espírito familiar é um sinal inequívoco de uma bruxa.

— E o senhor viu-o?

— Claro que não. As criaturas do Diabo raramente assomam aos olhos dos homens tementes a Deus. Apenas aqueles de crenças questionáveis conseguem pressentir a sua presença. A fraca moral é onde prosperam.

— Mas o John Law viu-o; o senhor disse que ele é um bom homem.

Roger ignorou-me com um menear da mão, impaciente. — Perdemos o Richard de vista; ele não ficará satisfeito por eu estar a falar sobre mexericos com a sua mulher. É isto que acontece quando as mulheres vêm à caça.

Eu não lhe disse que estava apenas a fazer-lhe a vontade. Se Roger tinha uma história, queria que a ouvissem. Partimos a galope e abrandámos quando avistámos os demais. Estávamos bastante longe de Gawthorpe e, agora que aqui estava, não me agradava a ideia de uma tarde inteira a andar a cavalo.

— Onde está a rapariga? — indaguei, enquanto íamos ficando outra vez para trás. Roger segurou melhor as rédeas.

— Ela chama-se Alison Device. Está à minha guarda em Read Hall.

— Em sua casa? Porque não a meteu numa prisão em Lancaster?

— Ela não é perigosa no sítio onde está. Não há nada que possa fazer, não se atreveria. Além disso, está a ajudar-me numa investigação.

— Que tipo de investigação?

— Com a breca, a senhora faz muitas perguntas, não faz, Senhora Shuttleworth? Quer matar a presa com *conversa*? A Alison Device pertence a uma família de bruxas; ela própria mo disse. A mãe dela, a avó, até o irmão, praticam magia ou feitiçaria, a poucos quilómetros daqui. Também recai uma acusação de homicídio por feitiçaria sobre os semelhantes dela, um dos quais reside em terras pertencentes aos Shuttleworths. Por isso pensei que ali o seu marido estivesse ao corrente do assunto.

Fez sinal com a cabeça para a vastidão de verdura à nossa frente. Edmund, Richard e os cães tinham desaparecido de vista outra vez.

— Mas como sabe que ela está a dizer a verdade? Porque é que ela trairia a sua família? Ela deve saber o que significa ser uma bruxa, é morte certa.

— Sei tanto como a senhora — disse Roger, tão-só, embora eu tenha percebido que havia mais. Quando queria, ele podia ser assertivo e intimidante; eu já assistira a isso com a mulher dele, Katherine, que era uma mulher do tipo tolerante. — E os homicídios que ela alega que a família cometeu aconteceram.

— Eles *mataram*?

— Várias vezes. Ninguém desejaria cruzar-se com um Device. Não tema, minha filha. A Alizon Device está em boas mãos e eu vou interrogar a família dela amanhã ou depois. Terei de informar o rei, é claro. — Suspirou, como se isso fosse um entrave. — De certeza que ele ficará agradado por o saber.

— E se eles fogem? Como os encontrará?

— Eles não fogem. Eu tenho informadores por toda a zona de Pendle, a senhora sabe isso. Poucas coisas escapam a um xerife principal.

— Antigo xerife principal — trocei. — Quantos anos é que ela tem? A rapariga do cão?

— Ela não sabe, mas eu diria que tem cerca de dezassete.

— Como eu. — Depois de alguns instantes de reflexão em silêncio, voltei a falar. — Roger, confia no Richard?

Ele soergueu uma sobrancelha farfalhada.

— Confiar-lhe-ia a própria vida. Ou o que resta dela, pois já sou um velho, com a família crescida e os melhores tempos da minha carreira profissional para trás, infelizmente. Porque pergunta?

Eu escondera a carta do médico no bolso, por debaixo da roupa de montar, e a folha batia nas minhas costelas como se fosse um segundo coração.

— Por nada.



A Quaresma ainda não tinha acabado e, embora eu não tivesse muito apetite, ansiava por uma peça de carne de vaca estufada ou uma tira de frango salgado e tenro. Roger ficou para o jantar e esfregou as mãos enquanto os criados traziam travessas de prata com lúcio e esturjão. Eu sabia que não lhes tocaria, apesar de estar com fome depois da caçada, da qual chegáramos de mãos a abanar enquanto uma névoa gélida se abatia sobre nós. Agora, a bruma comprimia as janelas e a sala de jantar estava fria. Parti o meu pão aos pedaços e sorvi o vinho, questionando-me quando chegaria a hora em que seria capaz de voltar a comer um prato cheio de comida. Eu não informara nenhum dos criados da minha condição, incluindo Sarah, que me ajudava a vestir, mas uma cozinheira é sempre a primeira a saber. Os outros criados ter-me-iam visto a estender a mão a *Puck*, dando-lhe pedaços de comida do meu prato, mas eu sempre fizera isso, desde que ele era pequeno. O meu cão estava a engordar enquanto eu parecia mirrar. Uma vez, Richard dissera que ele se alimentava melhor do que a maior parte das pessoas de Lancashire.

Quando não consegui olhar mais para as cabeças de peixe, recolhi ao meu quarto para me deitar. O andar de cima da casa era sossegado, longe do estardalhaço dos pratos e dos talheres, e a lareira estava acesa. Geralmente, teria corrido os cortinados para me ajudar com a dor de cabeça, mas estava demasiado enjoada e cansada, por isso descalcei os chinelos e deitei-me a olhar pela janela com as mãos pousadas na barriga. Tinha muito em que pensar sobre esta manhã, mas lembrei-me outra vez da carta do médico, que me turvou a mente como uma bruma. Suponho que, no final de contas, tudo se resumiria a quem seria o sobrevivente: eu, o bebé, os dois, ou nenhum? A acreditar nas palavras do médico – e não havia motivo para não acreditar –, o bebé estava a engordar como uma castanha-da-índia dentro de uma casca verde espinhosa e acabaria por me fender. O que Richard mais queria era um herdeiro e embora eu tivesse fracassado das outras vezes, talvez não fracassasse agora... mas o preço a pagar seria a minha própria vida? As mulheres carregavam a vida e a morte nas barrigas quando engravidavam; era um facto da nossa existência. Ter esperança e rezar para eu não me juntar aos defuntos era tão útil como desejar que a relva fosse azul.

— Vais matar-me? — perguntei, olhando para a barriga. — Ou vais deixar-me viver? Tentamos sobreviver os dois?

Devo ter adormecido, porque quando acordei havia um jarro de leite ao lado da minha cama. Estendi a mão para mergulhar o meu dedo mindinho e o lambar. A minha mãe costumava dizer que as meninas mais bonitas tinham a pele como o leite acabado de ordenhar, gordo e cremoso. Ao lado do leite, a minha pele parecia papel pergaminho antigo. Lembrei-me do escarcéu que a mãe fizera

quando Richard fora pela primeira vez a Barton com o seu tio Lawrence; não parou quieta, adejando à minha volta como uma traça.

— Mostra-lhe as tuas mãos — disse ela. — Mantém-nas fechadas.

Ela não precisava de dizer que a minha cara não era o meu ponto forte — eu já sabia disso. Não obstante, nada disso interessava, porque ambas sabíamos que a minha maior valência era o meu nome e o dinheiro que lhe estava associado. A mãe sempre dissera que o pai era um unhas de fome, mas quando eu lhe perguntava porque vivíamos numa casa cheia de correntes de ar e tínhamos de ficar no mesmo quarto, ela enrugava os lábios e dizia que as casas velhas eram melhores do que as novas.

Na noite em que Richard lá fora, quando eu e a mãe nos metíamos nas nossas camas, ela perguntou-me se eu gostara dele.

— Isso faz diferença? — foi a minha petulante resposta.

— Faz imensa diferença para a tua felicidade. Passarás todos os dias da tua vida com ele.

Ele salvar-me-á desta vida miserável, pensara. Não poderia gostar mais dele.

Pensei no seu rosto agradável e sem rugas, e nos seus olhos cinza-claros. Nas bonitas peças de joalharia que usava nas orelhas e nos anéis nos dedos, um dos quais eu receberia para ele poder conduzir-me para a minha nova vida.

— Gostas de teatro? — perguntara na sala de estar da minha mãe.

O tio dele e a minha mãe estavam à janela, na cavaqueira e a olhar de relance para nós. Eu sabia que a minha mãe mandara colocar ladrilhos no chão por causa deste casamento, mas, se Richard recusasse, não havia nada a fazer.

— Gosto — menti, porque nunca tinha ido ao teatro.

— Ótimo. Iremos a Londres todos os anos. É lá que há as melhores peças. Poderemos ir duas vezes, se quiseres.

Como é que eu poderia não ficar fascinada e entusiasmada com aquele jovem que não me tratava como uma criança como todas as outras pessoas? Pensei no rosto dele durante todas as horas do dia — e da noite também. A data do enlace foi marcada na igreja da paróquia e eu mal podia esperar por cada amanhecer, e depois por cada anoitecer, pois cada um me aproximava desse dia. Pensei no tipo de dona e casa que eu seria: afável e sensata, pois não era bonita. Um dia, seria mãe, adorada pelos filhos e pelo marido. O que quer que Richard quisesse, eu lhe daria. O seu conforto seria a minha ocupação, a sua felicidade o objetivo da minha vida, pois ele me outorgara a melhor dádiva: aceitar-me como sua consorte, e eu passaria o resto dos meus dias com gratidão. Ouvira a mãe a mexer-se na cama dela.

— Fleetwood — dissera ela. — Estás a ouvir? Eu perguntei se gostaste do Richard.

— Creio que terá de servir — respondera, e soprou a vela para a apagar com um sorriso.

Levantei-me desajeitadamente, os membros rígidos, e fui à galeria comprida na frente da casa para caminhar para trás e para a frente. Para meu espanto, Roger estava lá, a examinar o brasão real por cima da lareira, as mãos cruzadas atrás das costas.

— *Temei Deus, honrai o rei, renegai o mal e praticai o bem. Procurai a paz e mantende-a* — recitei de memória o lema por cima da lareira.

— Muito bem, Fleetwood. Fica a promessa do seu juiz de paz.

— Foi o tio do Richard, Lawrence, que o mandou pôr aí. Creio que ele tinha a esperança de que o rei Jaime ficasse a saber disso e não sentisse necessidade de fazer uma visita.

— Os Shuttleworths são leais à coroa, é claro. — A voz de Roger transpareceu um indício de advertência.

— Leais como cães.

Roger ficou pensativo.

— Mesmo assim, por estas bandas, são necessárias mais demonstrações de lealdade. Mas como as fazer?

— Acho que não é tanto a falta de lealdade, mas de confiança. Além disso, ele certamente evitaria esta região, com as suas crenças antiquadas.

— Esta parte do reino causa imensa ansiedade a Sua Majestade. Poderia fazer-se bastante mais para prestar honra ao rei e renegar o mal. — Inclinou-se para a frente e franziu o cenho. — Não tinha reparado nas palavras à volta do brasão do rei. O que dizem?

— *Honni soit qui mal y pense*. «Maldito aquele que dele pensar mal.»

Ele fez um trejeito, como que a refletir sobre a frase.

— De facto, mas pensar mal de quem, o Lawrence nunca nos poderá dizer. Talvez eu pergunte ao próprio rei.

— Irá à corte em breve?

Roger disse que sim com a cabeça.

— Sua Majestade exige que todos os juizes de paz de Lancashire façam um registo de todas as pessoas que não comunguem na igreja.

— Para quê?

— Oh, Fleetwood, não precisa de se preocupar com assuntos da corte, pois praticamente não afetam a vida de uma jovem dama. Cumpra a sua obrigação e dê muitos Shuttleworths pequeninos ao seu marido e eu cumprirei a minha velando pela segurança de Pendle. — Eu devo ter feito um ar desagradado, porque ele brindou-me com um olhar mais afável, tornando-se caloroso. — Bem, se quer saber, Sua Majestade continua bastante... inquieto depois do que aconteceu no Parlamento há sete anos. Poderá ter ouvido boatos sobre a fuga de

alguns traidores de Lancashire. Tem de se fazer alguma coisa para demonstrar a lealdade do condado à Coroa, porque atualmente o rei desconfia bastante desta nossa terra a norte e das pessoas insubordinadas que nela vivem. Ele pensa que somos uma alcateia de animais, ao contrário dos lordes e damas refinados do Sul. Nós estamos muito arredados da sociedade de lá e eu creio que ele tem medo. Mas sabe do que mais ele desconfia?

Abanei a cabeça.

— Bruxas.

Vislumbrei um lampejo de triunfo nos seus olhos e demorei algum tempo a compreender.

— Refere-se à Alizon Device?

Roger anuiu.

— Se eu conseguir convencer o rei de que as pessoas de Lancashire estão sob a ameaça daquilo que ele mais odeia, a sua simpatia recairá sobre nós e poderá ficar menos desconfiado. Se eu for visto a remover as *más sementes*, por assim dizer, o condado poderá medrar e prosperar, e poderemos juntar-nos ao reino com uma nova reputação.

— Mas católicos e bruxas não são a mesma coisa. Há muitos dos primeiros por estas bandas, mas não das últimas.

— Mais do que tu pensa — foi a resposta de Roger. — Além disso, o rei acha que são a mesma coisa.

— Pois eu acho que o rei não tem de se preocupar com o facto de nós andarmos a armazenar pólvora por estas partes. O clima é demasiado húmido — disse eu, e Roger riu. Então, interroguei-me se lhe deveria falar da carta, dobrada e enfiada bem fundo no meu bolso. Será que ele já sabia? — Onde está o Richard? — perguntei, em vez disso.

— Tem uns assuntos para tratar com o mordomo e depois vai-me mostrar o seu novo falcão antes de me acompanhar de regresso a Read. Vem connosco?

— Ele passa mais tempo com aquele animal do que comigo. Não, obrigada. Mas pode dizer-lhe para pedir ao alfaiate para passar por cá. Preciso de umas roupas novas.

Roger deu uma risadinha ao passarmos pela entrada para os meus aposentos e chegarmos ao cimo das escadas.

— A senhora e a minha Katherine são farinha do mesmo saco. Mesmo assim, nenhuma chega aos calcanhares do Richard. Ele possui a maior coleção, à exceção do guarda-roupa do rei. — Fez um compasso de espera ao cimo da escadaria. — Irá visitar a Katherine em breve? Ela está sempre a perguntar por si e pelas suas últimas modas. Ela fica fascinada ao ver o que os jovens usam na atualidade.

Eu sorri e fiz uma vénia enquanto ele descia a escadaria que

formava uma espiral à volta da torre, mas, antes de desaparecer, voltei a chamar o nome dele, porque senti uma dor súbita e queria desesperadamente que ele me abraçasse como um pai. De facto, Roger tinha o cheiro de um pai, ou pelo menos era assim que eu o imaginava – a fumo de madeira queimada, pelo de cavalo e tabaco. Ele ficou à espera por debaixo do retrato da minha mãe e de mim em criança – aquele que eu não queria ver dependurado na galeria comprida ou noutro sítio qualquer. Tal devia-se ao facto de ninguém parar durante muito tempo nas escadas, o que queria dizer que os convidados passavam por ele e, amiúde, esqueciam-se de aludir ao mesmo quando chegavam ao piso de baixo. No retrato, que tinha mais ou menos a minha altura, a mãe imperava com o seu rufo largo e o vestido rendilhado. Eu ficava no canto inferior esquerdo, o braço da mãe dobrado para mim, como que empurrar-me para fora do enquadramento. Eu tinha na mão uma pequena andorinha preta, o animal de estimação que mantivera numa gaiola no meu quarto, imortalizada. Ainda me lembrava do silêncio desagradável de estar sentada para o retrato no grande salão em Barton, e do artista de rosto anguloso com as tintas de cor nos dedos, a ponta da língua enegrecida a espreitar pela boca como uma víbora.

— Roger... — A voz falhou-me. — Acha que o John Law sobreviverá?

— Não se preocupe — disse Roger. — O filho está a cuidar dele. — Voltei para os meus aposentos questionando-me como Roger Nowell conseguia dormir e tomar decisões sensatas com uma bruxa em casa.

Eu escondera o tacho debaixo da cama para quando era preciso e cobrira-o com um pano, mas, mesmo assim, Richard fez uma expressão de repugnância quando entrou no nosso quarto. Eu estava deitada com a camisa de noite, fraca e a barriga vazia, o bocado de lúcio que comera ao jantar colado ao fundo da panela. Richard suspirou e ajoelhou-se ao meu lado.

— Não estás melhor? Praticamente não comeste. Quero tanto que fiques bem.

Eu estiquei a camisa de noite de maneira a mostrar o pequeno monte na minha barriga. Richard olhou-o fixamente e pousou a mão com delicadeza em cima da protuberância. Girei o seu anel de ouro, aquele que o pai dele lhe dera e que ele nunca tirava. Não conseguia decidir o que era pior: o meu mal-estar ou não saber se o meu marido estava a esconder de mim esta importante verdade. Em determinado momento, naquela noite, quando estava sentada no meu quarto na companhia apenas do alegre crepitar das velas, eu percebera: é claro que Richard prezava mais a vida do seu filho do que a minha.

Qualquer homem que tivesse muito para deixar não faria o mesmo?

— Richard? — disse. — O que acontecerá se eu não te conseguir dar um herdeiro?

Pensei nas mulheres de antigos monarcas, os seus pescoços no patíbulo. O que seria melhor: ter uma morte dolorosa e imunda, a espernear numa cama encharcada de sangue, ou limpa e resignada, envergando o melhor vestido? O divórcio já existia há décadas, mas a palavra evocava tanto o medo como a morte.

— Não digas essas coisas. Desta vez, isso não vai acontecer. O Senhor terá piedade de nós. Contrataremos a melhor parteira.

— Da última vez tivemos uma parteira, mas ela não impediu que o bebé nascesse morto.

Ele levantou-se para se despir, a luz da vela a reluzir nos botões e depois a pousar na sua pele despida. Richard despiu-se e vestiu a camisa de noite, depois chegou-se a mim e pegou-me na mão fria, cor-de-rosa encostado ao cinzento. Apesar de a voz ser calma, tinha uma expressão preocupada.

— Enquanto não ficares boa, dormirei no quarto de vestir.

Senti uma volta no estômago.

— Não! Richard, por favor, nem pensar. Eu não voltarei a vomitar. Pedirei à criada para levar a panela.

Tentei levantar-me da cama, mas Richard não me deixou.

— Só ficarei no quarto ao lado até tu estares melhor, o que será muito em breve...

— Richard, não faças isso. Por favor. Não gosto de dormir sozinha, tu sabes que não. O Pesadelo.

Quando eu acordava, encharcada em suor e cega de terror, ele abraçava-me até eu parar de tremer. Só acontecia poucas vezes por ano, mas ele sabia que eu ficaria aterrorizada se ele não estivesse ali.

— Por favor, não durmas no quarto de vestir. Por favor, fica comigo. Tenho medo.

Todavia, ele beijou-me na testa e, com uma expressão angustiada, foi embora levando a panela suja, os braços esticados. Eu deslizei pela cabeceira da cama, as lágrimas a picarem-me os olhos. Ele nunca faria tal coisa no início do casamento. Depois do enlace, na casa na Strand, eu não conseguira dormir com o barulho lá fora. Londres e tudo o que havia na cidade eram novidade para mim. Nunca vira tantos coches no mesmo sítio, nem ouvira os gritos dos barqueiros a chegar à margem, nem tantos sinos e turbas de gente. Richard ficara acordado comigo à noite, a ler, a desenhar ou apenas deitado em silêncio, afagando-me o cabelo. Quando o tempo arrefeceu e mudámos para os campos e os amplos céus de Islington, eu disse-lhe que me habituara ao barulho da Strand e que agora não conseguiria dormir por estar silencioso de mais. Ele rira e dissera que eu era uma mimada e que a

única solução era ser ele a fazer os barulhos. Noite após noite, quando eu estava quase a adormecer, ele relinchava na escuridão, ou dava o grito de um amolador de facas, ou fazia malabarismos como um carvoeiro fingindo esquentar as mãos. Eu nunca rira tanto na vida. Uma vez, quando estava a nevar lá fora e o lume estava fraco na lareira, pedi-lhe para ver o que ele estava a desenhar no meu caderno. Ele disse para eu esperar até estar pronto. Eu vi-o a trabalhar, o semblante tenso da concentração, as mãos a fazer movimentos rápidos e ruídos subtis na folha. Quando me mostrou o desenho, vi o meu retrato. Estava a usar um bonito chapéu guarnecido, um delicado rufo e colarinho, e umas elegantes chinelas espanholas. Pelos ombros, tinha um capote que adejava para fora da página, preso com botões de Paris. Quase dava para sentir a sua grossura.

— De que cor é? — murmurara, passando as pontas dos dedos pelas linhas.

— O capote é de cetim e lá cor de laranja — dissera, orgulhoso. — Vou mandar fazer amanhã. É o que vais usar na viagem até casa. Até Gawthorpe.

Nunca ninguém fizera alguma coisa parecida por mim. No fim do inverno, chegámos à casa nova a estrear, nunca antes habitada, tal como ele dissera. A viagem demorou nove dias e, pelo caminho, eu só conseguia pensar em chegar a Lancashire na pele da Senhora Shuttleworth, envergando umas vestes como as gentes destas paragens nunca tinham visto. Richard também estava elegante com um fato desenhado pelo próprio, um punhal e uma espada à cintura. Os aldeões ladearam as ruas consoante nos aproximámos da nossa nova casa, sorridentes e a acenar. Porém, com o passar do tempo, essa imagem mudara na minha mente e tudo o que eu conseguia ver eram duas crianças vestidas para uma peça de teatro.

Apaguei a vela e pus-me a ouvir os ruídos no outro quarto. Era a primeira vez desde que estávamos casados que, estando os dois na mesma casa, eu ia dormir sozinha.

Na manhã seguinte, ele não foi à minha beira, descendo as escadas para tomar o pequeno-almoço sem me acordar. Leu a correspondência comigo sentada em frente, tentando empurrar pão e mel para a boca sem os deitar fora. Perscrutei-lhe o semblante, enrugando-se ou alegrando-se ao ler; não perguntei quem escreveu. Consoante os criados entravam e saíam da sala de jantar, questionei-me quais saberiam que fora posta uma pequena cama dobrável com roupa lavada no quarto de vestir ao lado do nosso quarto. Como que em resposta, uma das criadas de cozinha olhou-me nos olhos e apressou-se a desviar o olhar, a parte de cima das orelhas vermelhas. Senti frio e não consegui comer nem dizer aquilo que queria, por isso, como

uma cobarde, fui para a galeria comprida caminhar e rezar, esperando um sinal de Deus. Observei as árvores e o céu, e senti uma vontade imensa de estar lá fora sem os meus pensamentos, em vez de estar cá dentro com eles.

Muito mais tarde, encontrei Richard no grande salão, sentado com o mordomo James, o livro-razão da casa aberto no meio dos dois. Na nossa casa, o livro-razão de Gawthorpe era tão importante como a Bíblia Sagrada: tudo aquilo que comprávamos, todas as contas que pagávamos e tudo o que entrava ou saía de Gawthorpe, quer fosse sobre rodas, a cavalo ou rebolado num barril, era apontado nas suas páginas grossas pela mão imaculada de James. Armaduras, tapeçarias e outras bugigangas em que Richard gostava de gastar o seu dinheiro eram registadas naquelas páginas, tal como objetos do quotidiano: meias para os criados, rolhas para o vinho. Porém, tal como eu, Richard tinha pouco interesse no livro, preferindo deixá-lo para os nossos empregados. Por isso, quando o vi, soube que ele estaria impaciente; conversas sobre arrendamentos e lucros entediavam-no. Como que a lembrá-lo de que deveria encarar com seriedade os negócios da família, o retrato solene do seu tio, o Reverendo Lawrence, vigiava-os, as palavras *A morte é o caminho até à vida* pintadas no seu ombro.

Engoli em seco.

— Richard?

Ele levantou a cabeça depressa, agradado com a distração. Depois aconteceram duas coisas em simultâneo: James virou a página de maneira a mostrar uma folha em branco, embora a anterior ainda estivesse pela metade, e eu reparei que Richard estava com roupa de viagem.

— Vais sair?

— Vou a Lancaster. Parto esta noite.

— Oh. Recebeste alguma carta hoje de manhã?

— Apenas das minhas irmãs que estão em Londres. Escrevem-me sempre uma carta cada, mas mais valia ser apenas uma: só falam das mesmas pessoas e peças e das últimas vítimas de escândalos. Pelo menos têm lá mais com que se entreter do que em Forcett com a minha mãe; creio que nunca mais quererão voltar a viver em Yorkshire. Precisas de alguma coisa?

Sim, preciso de ti.

Fez-se um silêncio ensurdecedor. A pena de James estremeceu, a ponta com tinta ansiosa por escrever.

Apeteceu-me dizer «Não vás», mas, em vez disso, perguntei:

— Como estão as irmãs Shuttleworths?

— A Eleanor dá a entender que alguma coisa a deixou entusiasmada, mas a Anne não diz coisa alguma sobre o caso.

— Se calhar pediram-na em casamento.

— A Eleanor não é de estar com subtilezas.

— Então, talvez esteja à espera que a peçam em casamento. — James aclarou a voz com intenção.

— Hoje de manhã, vou a Padiham buscar atalhados à Senhora Kendall. Precisas de alguma coisa?

— Porque não mandas um criado fazer isso?

— Porque ele vai comprar a coisa errada.

— Sentes-te bem?

Os olhos cinzentos do tio Lawrence fitaram-me desde a moldura. *A morte é o caminho até à vida.*

— Sim.

Eu não queria que ele fosse; ele estava sempre a ir e eu sempre a ficar.

— Quando regressarás?

— Dentro de alguns dias. Queres que veja se está tudo bem em Barton?

— Porquê? A mãe já não vive lá; só encontrarás salas vazias e ratos.

— De vez em quando, deveria ir lá para ver se está tudo bem.

James fungou e mudou de posição no seu lugar. Eu estava a roubar-lhe tempo valioso com o seu patrão. Talvez por isso Richard olhou para mim como deve ser, pois abeirou-se de mim, inclinando o meu queixo para ele com o dedo.

— O que me dizes a irmos a Londres em breve? A Eleanor e a Anne fizeram-me ter saudades. Podemos arranjar-te uma das melhores parteiras e levo-te ao teatro, sabe Deus como estamos sedentos de entretenimento por estas bandas. Este desolado salão está a precisar de alguma animação. James, vê se há atores a viajar pela região que possam vir cá representar. Ou manda vir alguns. — Passou um braço pela minha cintura e segurou-me a mão, como se fôssemos dançar. *Puck* arrastou-se até nós, rosnando com curiosidade. — Caso contrário, terei de adestrar o *Puck* para ser um urso dançarino. Ora vejam!

Richard largou-me e levantou as patas da frente de *Puck* de maneira a pousá-las nos ombros e a enorme cabeça ficar ao nível da dele. Não consegui esconder um sorriso enquanto vaguearam numa dança desajeitada, *Puck* com a língua de fora enquanto as patas cambaleavam nas lajes de pedra antes de assentar deselegantemente no chão. Foi logo ter comigo para eu lhe fazer uma festa de recompensa.

— Animal inútil. Temos de praticar mais o nosso espetáculo — disse Richard.

Deixou-me a sós com James, e James com o seu trabalho por terminar. Eu sabia que não era a única pessoa da casa a ficar, por

vezes, desarmada pelas mudanças de temperamento do meu marido. Vi-o afastar-se, sentindo o seu beijo leve como uma pena na cara, e o peso de todas as outras coisas como um capote molhado em cima dos ombros.



Eu já ouvira falar de curandeiras que nos davam uma chávena de uma coisa qualquer e nos faziam sangrar até ficarmos outra vez com a barriga lisa. Tal como havia ervas e preparados que faziam o bebé sair, não haveria outros diferentes capazes de o fazer ficar lá dentro e fazer com que sobrevivesse? O pouco que ouvira fora em fragmentos de conversas nas quais eu estava à margem, quando os criados não perceberam que eu estava sentada em silêncio na sala ao lado, ou proferidas entre dentes durante jantares num ou noutro salão, antes de o tema de conversa mudar depressa para outro de mais bom gosto. Se ao menos tivesse alguma amiga a quem pudesse perguntar. Eu não podia ir perguntar ao farmacêutico, pois não?

A viagem de Gawthorpe a Padiham era aprazível, pelo meio de árvores espaçadas até a terra desembocar na estrada. Estava frio e sol, e eu estava feliz por levar o capote de lã grosso. Amarrei a égua à porta da negociante de panos e fazendas e afaguei-lhe a crina negra como o carvão antes de lhe virar as costas.

— Bom dia, minha senhora — disseram os muitos aldeões simplórios por quem passei.

Eu também os cumprimentei e reparei que me avaliaram da cabeça aos pés. Era impossível passar despercebida.

Fiz um compasso de espera à porta do farmacêutico, imaginando-me por instantes a entrar na pequena e estreita loja com todos os seus cheiros e as dezenas de pequenos frascos e tapeçarias de ervas dependuradas nas paredes. Era muito possível que algumas conseguissem parar os enjoos, impedir o bebé de sair. Talvez até impedir que eu morresse. Mas era uma língua diferente, a qual eu não sabia falar.

Encomendei os meus atoalhados à Senhora Kendall, a negociante de panos e fazendas, e pareceu-me ver os seus pequenos olhos cintilantes passar pela minha barriga. Era difícil perceber se as pessoas da aldeia desconfiavam que eu estava grávida ou se estavam a admirar os meus botões.

— Senhora Kendall — imaginei-me a sussurrar. Não duvido de que ela assumiria um ar sigiloso e encostaria o ventre bojudo ao balcão, debruçando-se para mim. — Conhece alguma curandeira?

— Porquê, minha senhora? — perguntaria ela, atônita.

— Para me ajudar a desenvolver um feto.

— Para isso, basta-lhe um marido!

E depois bateria com as mãos vermelhas no avental, as lágrimas a escorrer-lhe pela cara de tanto rir. Depois, toda a aldeia ficaria a saber, e poderia chegar aos ouvidos dos meus criados que, por seu

turno, diriam que o senhor deixara de dormir no meu quarto, e nós que ainda nem completáramos cinco anos de casados. Não, isso não podia ser.

Saí da aldeia montada na minha égua e segui por um atalho pelo meio dos bosques. Era mais fácil pensar ali do que em casa, que ficava demasiado silenciosa quando Richard estava fora. No início, o tamanho e o silêncio de Gawthorpe tinham-me assustado. Aonde quer que Richard fosse, eu ia atrás dele, e ele começou chamar-me «fantasminha».

Suponho que se eu tivesse sido mais assertiva, ele nunca teria contratado a Menina Fawnbrake. Quando Richard me convocara para o salão naquela manhã de primavera, eu vira as suas costas largas virar-se no sítio onde estava, à beira da lareira, para poder olhar para mim com os seus olhos vítreos, inexpressivos e demasiado afastados, a fazer lembrar os dos peixes. Dez ou mais anos mais velha do que eu, tinha um ar desmazelado – o rufo ficava-lhe folgado e precisava de ser engomado, o vestido apertado de mais. Até o nome não lhe assentava bem: «Menina Fawnbrake» era o nome de uma jovem alegre e bonita, e ela não era nenhuma dessas coisas. Mas o que mais me incomodou foi como estava ao lado de Richard, como se tivesse passado toda a vida em Gawthorpe. Richard estava a dizer-me que me arranjava uma criada para me fazer companhia em casa. Eu fiquei horrorizada quando ele me disse que eu seria como as damas da corte, que tinham acompanhantes que liam para elas, jogavam jogos ou tocavam música. Na minha submissão, só consegui olhar fixamente para as mãos dela, que eram cor-de-rosa e secas como presunto curado, pacientemente cruzadas com demasiado pulso à vista porque as mangas eram curtas. Richard sabia que eu não tocava nenhum instrumento nem praticava o vocabulário em latim; sabia que eu gostava de caçar e de estar lá fora com o meu cão, não sabia?

Aquando disto, eu já perdera o primeiro bebé, mas isto era pior. Chorosa, eu fora para a sala de jantar, onde Richard foi ter comigo, deixando a Menina Fawnbrake a enroscar os nós dos dedos inchados.

— Eu não quero uma ama-seca, Richard — dissera-lhe, a voz embargada.

— Preferes estar sozinha? Fleetwood, tu dizes que os braços te metem medo.

— Agora já não. — Escorriam-me pela cara lágrimas quentes e salgadas e desatei a chorar como a criança que era. O meu marido não me via como a senhora da casa. — Eu não sou uma criança, Richard — dissera, entre soluços.

Se fosse possível ir agora ao encontro dessa menina assustada, ajoelhar-me-ia no tapete turco e segurar-lhe-ia as mãos. Se fosse possível fazê-lo anos antes disso e dizer que as coisas iriam piorar

antes de melhorar, mas que acabariam por melhorar, acreditaria em mim mesma?

Ainda agora ficava nauseada ao relembrar as mãos ásperas e rosáceas e a cara inchada e bexigosa da Menina Fawnbrake. Ela esteve connosco oito meses e, nesse período, eu perdi dois bebês, um atrás do outro. Quando começara a sangrar e lhe suplicara para não dizer a Richard, ela saíra a passos largos da sala e fora informar o seu patrão. Richard subira as escadas a correr e dera comigo enroscada na cama enquanto a dor me fazia dobrar sobre mim mesma uma e outra vez. Gostaria que ele não tivesse visto o quão incapaz eu era, a veemência com que a criança não me queria como mãe. Da primeira vez que eu abortara, antes de a Menina Fawnbrake chegar, estivéramos a caminhar na galeria comprida, a conversar sobre mandar fazer os nossos retratos, quando eu senti um puxão esquisito lá em baixo e pensei que as minhas entranhas tinham rebentado. Não sabia o que estava a acontecer, nem sequer sabia que estava de esperanças, e Richard metera-me na cama e lavara-me com um pano morno e dera-me caldo e maçapão. Ele ficou triste, mas ao mesmo tempo embevecido por termos concebido.

— Teremos um bebé antes da quadra natalícia! — Ele sorria e eu devolvera-lhe um sorriso fraco, acreditando nele.

Praticamente não sentira dor, apenas mágoa, e amor. Mas depois a Menina Fawnbrake chegou e dessa vez sentira imensa dor, e ainda mais mágoa, e culpa, e tudo o mais.

A terceira vez foi a pior de todas. Richard não estava em casa e eu estivera a brincar com *Puck* no relvado lá fora, andando com ele às voltas enquanto puxava um pau que ele agarrara com a boca como um torno. Eu tinha a barriga enorme, como se tivesse engolido uma bola. Aparecera-me uma linha à frente da barriga, e, na minha ingenuidade, pensara que era o sítio onde a pele se abriria e o bebé seria puxado para fora quando estivesse pronto. Nessa tarde, eu caíra mais de uma vez e estava enlameada e molhada, *Puck*, brincalhão, a saltar por cima de mim quando eu estava no chão, a lamber-me a cara e a fazer-me rir. Recordo-me de o riso me ficar preso na garganta quando vi a Menina Fawnbrake a observar-me desde a janela da sala de jantar. Depois, durante imenso tempo, a alegria não regressou porque, nesse final de tarde, enquanto me vestia para me ir deitar, as dores recomeçaram e só pararam ao fim de três dias. Chamaram um médico, Richard chegou de Yorkshire e, numa névoa de dor e trevas, lembro-me de sentir alguma coisa a sair de dentro de mim, e de uma parteira a segurar pelas patas o que parecia ser um coelho branco. Não saí da cama durante duas semanas e a Menina Fawnbrake era uma sombra malévola a um canto. Certo dia, desapareceu e regressou com Richard, que, pela primeira vez no nosso casamento, me levantou a voz.

— O que vem a ser isso de andares a rebolar na relva como um animal? Deixar o cão passar por cima de ti? Fleetwood, até parece que insistes em portar-te como uma criança e que não tens interesse algum em ser mãe.

Mais valia ter-me chamado assassina. Se estivesse uma faca à beira do meu pão, no qual nem tocara, ou um atizador em brasa na lareira, eu tê-los-ia espetado no peito descorado da Menina Fawnbrake, e assim a acusação dela teria razão de ser. Quando Richard conseguisse perceber a angústia que ela desencadeava em mim, e como eu rangia os dentes quando ela entrava numa sala, finalmente condescenderia em livrar-se dela convencido de que era a presença dela que estava a provocar-me os abortos. Embora não pensasse que ele tinha razão, também não o achava completamente errado. Como eu receava a cara dela a assomar à porta todas as manhãs para me vestir e como odiava as conversas sussurradas e reservadas que ela tinha com o meu marido e com a criadagem. Antes de eu ter oportunidade de dizer a Richard como fora o meu dia, ela já o fizera; antes de eu o receber à porta, já ela lhe tinha despidido o capote. Se fosse possível ela acolher o filho dele no seu ventre, não duvido de que o faria. Na noite em que Richard a demitiu, encontrei umagalhão de *Puck* debaixo da minha almofada, desenterrado dos terrenos e levado por quatro lanços de escada nas suas mãos gretadas e inchadas. Eu nunca mais teria uma dama de companhia; era como ter uma irmã que me odiava.

A meio do caminho desde Padiham, o ritmo regular da minha égua parou com um estremeção e, antes de eu perceber o que estava a acontecer, ela começou a andar para trás, os olhos a revirar e as narinas a dilatar. Rodeada de três troncos de árvores e de um coro de folhas a roçar, de início não percebi o que a assustara. Eu sabia que ela não gostava de veados, pois não era um cavalo de caça. Então, um movimento mais adiante chamou-me a atenção. A menos de dez metros, estava uma raposa-vermelha, tensa, grande como um jovem veado e igualmente elegante. Só tive um segundo para ver o seu focinho pontiagudo e o dorso achatado, a cauda eriçada como que congelada numa linha reta perfeita. Do que me lembro antes de cair foi o quão impassível ficou com a nossa presença, como se a tivéssemos incomodado numa espécie de reflexão privada.

A última coisa que vi antes de o cavalo se agitar outra vez foram os olhos dourados e reprovadores do animal. Quando caí ao chão ouvi um estalido, aterrando sobre o pulso esquerdo com um misto de sensações: a dor no braço, o chão húmido por debaixo e a crescente noção de que o cavalo me iria esmagar com as patas, pois estava em pânico, a recuar e aos pinotes pela clareira onde eu estava deitada. Pousei a mão boa na barriga e tentei acalmar a égua, mas ela

continuou a bater os cascos, o flanco transpirado. Senti uma dor intensa no pulso e pensei que iria vomitar. Tentei levantar-me e dei um grito com o choque. Havia um tronco de árvore a dois ou três metros dali, por isso apoiei-me nos cotovelos e tentei arrastar-me para lá.

— Maldita raposa — murmurei. — Maldita mula.

— Não te mexas.

Uma mulher assomou do meio de duas árvores. Reconheci-a de mediato – era aquela rapariga esquisita que encontrara no bosque no outro dia. Caminhando com cuidado para o cavalo com as mãos esticadas, não falou nem estalou a língua, mas o efeito da sua presença foi como se o tivesse feito, com o seu olhar claro e mão firme. A égua parou de corcovear e, submissa, acalmou-se, os olhos pretos a revirarem-se. Enquanto a mulher segurava o animal suado, vi os seus cabelos dourados a cair em espirais de debaixo da touca, o rosto oblongo sério. Tinha as mãos esguias, mas demasiado ossudas para serem elegantes.

Tentei levantar-me outra vez e estremeci com a dor, uma ardência no pulso.

— Não te mexas.

Ela voltou a falar naquele tom grave e musical, tremulando como uma chama no meio de todo aquele verde. Estava a usar o mesmo vestido vermelho do outro dia, a mesma touca de lã de carneiro. Quando se ajoelhou ao meu lado, apesar das roupas sujas, senti o cheiro a lavanda. Com cuidado, ela tomou o meu pulso nas suas mãos compridas e alvas e eu rangi os dentes. Largando-o com delicadeza, pôs-se de pé e partiu um pequeno pau de um ramo baixo de uma árvore. Os bosques sussurravam e estremeciam à nossa volta e, por breves instantes, pensei que o iria usar como uma arma para me bater, mas ela ajoelhou-se outra vez, rasgou uma tira de tecido do avental encardido, amarrou o pau ao meu pulso e amarrou-o com força em três pontos.

— É só uma entorse — disse ela. — Não está partido.

— O que estás a fazer aqui? — foi tudo o que eu consegui dizer. Ela fitou-me com aqueles olhos ambarinos e curiosos. — Porque andas a vaguear pela floresta sozinha?

— E tu? — retorquiu.

Levei a mão boa à barriga a ver se estava tudo no sítio. O olhar dela incidiu sobre o meu ventre, escondido por debaixo de folhos de veludo e brocado, depois passeou pela minha cara: os lábios secos, os olhos raiados de sangue e a tez pálida.

Como se conseguisse cheirar o enjoo em mim, disse:

— Estás de esperanças.

Fiquei com a vista turva, a floresta a saltar à minha volta e, como

se ela o tivesse invocado, debrucei-me e vomitei sobre as raízes de uma árvore. Fiquei com a cara alagada em suor e limpei-a com a mão trémula e enlameada.

— Moras naquela casa grande à beira do rio? — indagou.

— Como sabes?

— Tu disseste-me da outra vez. Eu ajudo-te a regressar, Senhora...

— Shuttleworth. Não é preciso.

— Não podes montar e estás fraca. Eu conduzo o cavalo.

— Não volto a montar aquela estúpida mula.

— Tem de ser. Vá lá.

Puxando a égua para junto de mim, fez uma escada com as mãos e, a custo, lá subi. Tinha as saias húmidas e sujei-lhe as mãos todas, mas ela não pareceu incomodada. Relutante, estalei a língua e espetei os calcanhares no flanco da égua, e ela começou a andar devagar.

Era primavera e, em breve, as árvores erguer-se-iam altaneiras e verdes como um regimento de cavalaria, mas os últimos ventos do inverno fustigavam-lhes os troncos e abanavam-lhes os ramos. Passou-me pela cabeça que, quando estes rebentos de folhas gozassem a sua breve existência na Terra antes de ficarem cor de laranja e formarem um manto no chão, eu poderia já não estar aqui para assistir ao espetáculo. Fechei os olhos e segui em silêncio.

— Obrigada pela ajuda — disse eu ao fim de algum tempo. — Eu poderia estar espezinhada e ensanguentada quando o meu marido me encontrasse.

— Quem é o teu marido?

— O Richard Shuttleworth. Onde é que moras?

Depois de um compasso de espera, disse o nome da aldeia, que ficava a alguns quilómetros para nordeste.

— Colne não fica assim tão perto daqui. O que te traz às minhas terras outra vez? — Se pareci petulante, como que foi propositado. Não esquecera o massacre dos coelhos, aquele corpo sem vida a balouçar no seu punho ensanguentado.

— Estas terras também são tuas? Não sabia.

— Se não estivesses aqui, eu poderia não sobreviver para contar a história.

Seguimos num silêncio mais amistoso, cordial, eu montada a cavalo, ela a pé. Só mais tarde me interroguei como saberia ela o caminho, com a floresta tão cerrada e o chão tão irregular sem percursos delineados. Porém, deixei-me conduzir, tão aliviada como o cavalo por alguém assumir o controlo. O pulso latejava e sentia um travo amargo na boca.

— A gravidez provoca-te enjoos? — quis saber.

— Constantemente.

— Posso dar-te uma coisa para aliviar.

— Podes? És uma curandeira?

— Sou uma parteira.

O meu coração bateu um pouco mais depressa e sentei-me mais direita.

— Assistes a partos em que os bebés vivem? E as mães... Elas também vivem?

— Faço os possíveis.

Não era o que eu queria ouvir e recostei-me na sela, uma nuvem a toldar o meu breve momento de esperança. Seguimos em silêncio durante mais um ou dois minutos, depois perguntei-lhe se ela tinha filhos, mas a reação dela àquela pergunta simples espantou-me. Vi um crisar no seu semblante – seria irritação? – e baixou o olhar para o chão. Os nós dos dedos da mão que segurava as rédeas ficaram brancos ao apertá-las com mais força. Eu perturbara-a; eu conseguia sempre dizer a coisa errada e senti-me bastante envergonhada.

Passado imenso tempo, ela falou, tão baixinho que quase não ouvi.

— Não.

Suspirei secretamente. Como não tinha amigas nem irmãs, eu não sabia falar com mulheres da minha idade. Eleanor e Anne Shuttleworth eram o mais próximo que eu tinha de qualquer uma dessas coisas e não conseguia suportar a sua companhia, com os seus sorrisos afetados e a sua frivolidade, durante mais de um dia. Esta desconhecida estava a ser educada, tanto quanto uma aldeã pobre podia ser com uma dama, mas, por uma vez na minha vida, desejei uma conversa normal com uma jovem, sentadas frente a frente numa mesa a jogar cartas, ou lado a lado a montar a cavalo.

— Acabei de me lembrar de uma coisa — anunciei, tentando parecer animada. — Não sei o nome da minha salvadora.

— Alice Gray — respondeu, baixinho, depois acrescentou: — As mulheres que não sobrevivem... É apenas quando não é possível fazer alguma coisa. Sei-o só de olhar para elas.

Engoli em seco.

— Como é que sabes?

Alice Gray ponderou sobre a resposta.

— Está nos olhos delas. É como ceder... ao que quer que haja do outro lado. Sabes o lusco-fusco?

Assenti com a cabeça, sem perceber o que o crepúsculo tinha que ver com dar à luz.

— A luz e as trevas são forças idênticas, parceiras, por assim dizer, depois há um momento, muito fugaz e tranquilo, em que se consegue ver o dia a dar lugar à noite. É quando eu sei. É assim que funciona.

Ela parecia uma bruxa a falar e eu quase lho disse.

— Achas que estou a fantasiar — disse ela, compreendendo mal o

meu silêncio.

— Não, eu compreendo. A morte é inevitável, tal como a escuridão.

— Isso mesmo.

Já não era a primeira vez que me interrogava como seriam as trevas quando estávamos no crepúsculo. Creio que é possível que tenha estado perto disso, mas a dor prendera-me à Terra. Observei a touca simples de Alice Gray a balançar ao lado do quarto dianteiro da minha égua e imaginei-me a falar-lhe da carta do médico, mas, tal como acontecera com Richard, faltaram-me as palavras.

— És jovem para parteira — disse, em vez disso.

— Aprendi com a minha mãe. Ela era parteira. A melhor.

Senti outra vez as palavras do médico a apertar-me o pescoço e, com a mão boa, ajustei o colarinho sujo com terra.

— Quando dizes que sabes só de olhar para uma mulher grávida? — perguntei. — Alguma vez te enganas?

— Às vezes — respondeu Alice, mas eu percebi que estava a mentir. Quando fora eloquente antes, agora era como se uma cortina se tivesse fechado sobre o seu estado de espírito. Sem me virar, perscrutei-a pelo canto do olho. Não era bonita, mas tinha uma qualidade vital que a tornava interessante: o nariz comprido, os olhos inteligentes e inquiridores, as mãos que traziam vida ao mundo. Ela estava depressa a tornar-se uma das pessoas mais fascinantes que eu conhecera.

Engoli em seco outra vez e apertei as rédeas com mais força, como se elas me prendessem a esta vida.

— Saberias se olhasses para mim?

Alice Gray levantou o olhar para mim e depois os seus olhos ambarinos fixaram-se outra vez no chão.

Quando chegámos a Gawthorpe, os criados fizeram um enorme alarido para me descerem do cavalo e me meterem dentro de casa. Enquanto me baixavam, procurei a cara de Richard no meio das quatro ou cinco reunidas nas escadas, e outras nas janelas. Mas, é claro, pensei apaticamente enquanto me ajudavam a subir os degraus como a uma velha duquesa, ele não estava em casa. No meio do frenesim, lembrei-me de Alice e dei uma palmada na mão de uma criada quando ela tentou tirar-me a rudimentar tala feita com um pau e uns trapos.

— Não vou tirar isso, Sarah — disse, conseguindo, como era habitual, soar rancorosa e não cortês.

Os criados achavam-me bizarra. No início, durante um ano inteiro, não me atrevera a dar-lhes ordens — alguns eram mais velhos do que eu quarenta ou cinquenta anos. Certa vez, quando eu tinha

mais ou menos 14 anos e estava a escovar a minha égua no estábulo, ouvi um dos moços de estrebaria dizer que eu era a criança-noiva. Eu ficara ali até escurecer, ferida de vergonha, com medo de sair não ficassem eles a saber que eu o ouvira. Quando Richard me perguntara onde diabos eu estivera tanto tempo, eu dissera-lhe, as lágrimas a queimar-me os olhos, e o rapaz fora imediatamente despedido.

Obediente, Sarah largou-me a mão, mas eu percebi a história a formar-se na sua mente, a história que ela guardaria para contar na despensa. Foi então que reparei em Alice, quase fora de vista, a descer as escadas da frente. Chamei-a e ela parou, enquadrada pelo retângulo de luz do dia, pois o vestíbulo, com o seu labirinto de passagens, estava muito escuro. Os criados calaram-se todos, olhando-a com uma curiosidade notória.

— Queres entrar e comer alguma coisa?

Eu estava a ficar com as orelhas vermelhas e tive de aclarar a voz, ciente de que estavam todos atentos.

Alice pareceu hesitar, como que a tentar perceber se eu fizera um convite ou dera uma ordem, mas Sarah decidiu por ela, apressando-a com um trejeito de impaciência e fechando a porta pesada para não deixar entrar o fresco primaveril. Dentro de casa, as candeias coruscaram e ficaram serenas, e Alice contorceu as mãos. A arder de constrangimento, virei-me para uma das raparigas que estava sem fazer nada.

— Margery, manda levar pão, queijo e alguma coisa para beber à sala de estar e acompanha lá a Menina Gray. Eu vou tirar esta roupa molhada e já lá vou ter.

Alice estava a olhar com interesse para os tetos altos, os cantos escuros, os candelabros. Tentei sorrir-lhe antes de subir as escadas, esperando que não fosse evidente que era a primeira vez que eu tinha a minha própria convidada.

Nenhuma das criadas se ofereceu para me ajudar a despir a roupa de montar, o que, como estavam imundas e amaranhadas, seria uma tarefa difícil com duas mãos e quase impossível só com uma. Doía-me o pulso. Curioso, *Puck* cheirou-me e, quando estava despida, por uma questão de hábito, meti uma mão no meio das pernas para ver se estava a sangrar. Quase meia hora depois, tinha vestido uma saia e um casaco lavados e desci as escadas com *Puck* a arrastar-se atrás de mim. Ouvi vozes vindas de debaixo da escadaria, que era onde ficava a sala de estar nas traseiras da casa. Abri a porta e fui recebida por duas pessoas.

— Richard!

Ele abeirou-se de mim, beijou-me na cara distraidamente e pegou-me no pulso.

— Ia agora aos teus aposentos. Que história é essa de caíres do cavalo, fantasma? E o *que vem a ser* esta invenção? Um belo improvisado, deixe-me que lhe diga. Menina Gray, isto foi obra sua? Fleetwood, estás magoada? Espero que não haja mais feridos.

Como sempre, o bombardeio de perguntas de Richard deixou-me zozna e não soube ao que responder primeiro. Deixando as minhas mãos nas dele, em vez de lhe responder olhei para Alice, que estava inexpressiva, não me dando qualquer pista sobre a conversa que tiveram. O salão não era majestoso, mas ali Alice parecia ainda mais andrajosa, o seu vestido sem cor e encardido a contrastar com as ricas tapeçarias turcas e os painéis da cor do mel. Dentro de casa, ela era diferente – quase vulgar – e mais nova, talvez com uns 22 ou 23 anos.

— Estás espantada por me veres. Esqueceste que eu só partiria à noite?

Sem forças, com a ajuda de Richard, sentei-me numa cadeira de carvalho envernizada junto do lume fraco que, ainda bem, crepitava alegremente. Antes de conseguir falar, Margery trouxe um pão, queijo, fruta e um jarro de cerveja, e foi-se embora depois de avaliar rapidamente Alice e os seus dedos enlameados.

— As tuas mãos... Mando trazer água? — Virei-me para Richard, que começara a servir cerveja em duas canecas. — Alice ajudou-me a montar o cavalo outra vez.

— Um anjo da floresta — disse ele, entregando-lhe uma caneca.

Ela limpou as mãos ao avental. Depois, aceitou a caneca e bebeu sofregamente. Percebi que Richard estava à espera de uma resposta minha, os seus olhos cinzentos nos meus.

— Está tudo bem?

Como era seu hábito, estava bem-disposto, alegre e animado. Às vezes fazia-me sentir que envergava um manto de perdição e trevas que nunca descerraria, mas que, se o mesmo manto lhe fosse colocado nos seus ombros, ele se libertaria dele como um cão molhado a sacudir-se.

— Está tudo bem — respondi com um sorriso tranquilizador. *Para já*, pensei.

Ele ajoelhou-se e pegou na minha mão boa, beijando-a, depois enchendo-a com uma caneca de cerveja.

— Vou deixar as duas senhoras a conversar de verdugadas francesas enquanto troco estas roupas molhadas. Acho que adiarei a minha viagem um dia. Além disso, a Páscoa está quase a chegar, pelo que não terei muitos negócios para fazer.

O meu coração encheu-se de alegria com as suas palavras, mas, antes de lhe conseguir agradecer, ele foi embora, pegando num punhado de uvas antes de desaparecer. Observei Alice, sem saber que efeito o meu marido tivera nela, mas ela apenas parecia fatigada, com

o cabelo a cair-lhe da touca e os cantos da boca revirados para baixo. Voltei a sentir o mais suave aroma a lavanda. O lume crepitou e brilhou, enchendo a pequena divisão com o reconfortante cheiro a madeira queimada.

— O que é uma verdugada francesa? — perguntou Alice antes de eu ter tempo de dizer alguma coisa.

Quase dei uma gargalhada, feliz por, por uma vez, ser capaz de lhe responder.

— É uma roda que se usa por debaixo das saias à cintura para dar a sensação de serem largas. Nunca ouviste falar disso?

Ela abanou a cabeça.

— Como está o teu pulso? Terás de o enfaixar bem com farrapos. Toquei-lhe ao de leve.

— Está ótimo. Já caí do cavalo imensas vezes. O meu amigo Roger diz que só nos tornamos cavaleiros depois de cairmos sete vezes, e mais uma para dar sorte. Suponho que tu caias muitas vezes quando vais a galope para prestar auxílio a mulheres em trabalho de parto?

— Eu não tenho cavalo.

— Não tens cavalo? — Fiquei em choque. — Então, como vais de um sítio para o outro?

Ela esboçou um sorriso.

— A pé. Ou então, quando os agricultores mandam um empregado buscar-me, às vezes eles levam um. — Eu devo ter feito um ar de espanto, porque ela acrescentou:

— Muitas vezes, os bebés demoram bastante tempo a nascer.

— Não sei. — Senti os olhos dela a observar-me do outro lado da sala, ardentes como duas velas de sebo. — Por favor, senta-te e come.

Ela fez como eu lhe disse.

— Não me posso demorar. Tenho de ir... embora. — Eu assenti com a cabeça, observando a delicadeza com que ela cortou o queijo com os dedos compridos. — É o teu primeiro filho?

— É — respondi.

Percebi que soei exatamente como ela há pouco quando me dissera que não tinha filhos. Enquanto comeu em silêncio, eu rodei o meu anel de noivado, pensativa. Para que a convidara à minha sala de estar, se não apenas para lhe mostrar a minha gratidão? Pensei na preocupação de Richard. *Está tudo bem*. Durante quanto tempo estaria tudo bem? Além disso, Alice tinha alguma coisa que instigava confiança: o modo como domara o cavalo na clareira sem falar.

— Eu perdi três filhos — disse de um jorro.

Ela largou a faca, recostou-se e limpou as mãos ao avental, sacudindo as migalhas dos dedos. Eu não consegui encará-la, por isso baixei o olhar para o tapete, reparando nos pelos alaranjados de *Puck* espalhados aqui e além, tão finos que pareciam tecidos.

— Lamento. — A sua voz transpareceu bondade.

Passei os dedos por um dos leões de madeira no braço da minha cadeira.

— A minha mãe acha que eu não sou capaz de gerar filhos. Gosta de me lembrar que estou a fracassar na minha tarefa de mulher.

O silêncio na cadeira em frente foi meditativo e paciente.

— Que idade tinham?

— Nasceram todos mortos. — Puxei um fio solto da minha camisa e depois tentei metê-lo para dentro outra vez. — Depois da primeira vez, o Richard ficou preocupado, por isso contratou uma mulher para me vigiar.

— Para te vigiar?

— Para ver se eu me estava a alimentar bem, coisas assim. Ficou preocupado — repeti.

— Contigo ou com a criança?

— Com os dois. Do que é que vocês falaram há pouco?

— Disto e daquilo. De trabalho.

Uma pontada de ciúme forçou-me um sorriso escarninho.

— Ele falou contigo sobre os negócios dele?

— Não. Eu trabalho na taberna Hand and Shuttle, em Padiham. Não sabia que vos pertencia.

— Pertence? — perguntei, percebendo tarde de mais que parecia uma ignorante. — Pensei que tu... Quer dizer que tens dois empregos?

— Não nascem bebés todos os dias. Não em Colne.

— Há quanto tempo trabalhas lá?

— Há pouco.

— Quanto ganhas?

Ela bebeu um grande trago de cerveja e limpou a boca. Senti inveja ao vê-la desfrutar da comida e da bebida. A minha barriga deu horas.

— Duas libras — respondeu.

— Por semana?

Alice olhou-me fixamente.

— Por ano.

Eu sei que ruborizei, mas não desviei o olhar. Ela ganhava num ano aquilo que eu pagava por menos de três metros de veludo. Mudei de posição na cadeira e ajustei os trapos do avental dela à volta do meu pulso, no qual começava a sentir comichão. O carvalho macio era frio no sítio que estava em contacto com a minha pele.

Fiquei com a boca seca. Queria contar-lhe sobre Richard deixar de dormir no nosso quarto, sobre como, em fevereiro, vomitei quarenta vezes num só dia.

— Podes ajudar-me a ter um bebé? Vivo?

— Eu...

— Pago-te cinco xelins por semana.

Sem dúvida que essa quantia desencadearia um erguer de sobranceiras do mordomo James quando a incluísse no livro-razão, mas a minha noção sobre dinheiro deixara-me ficar mal, por isso sabia que qualquer proposta que fizesse teria de se situar algures entre o generoso e o justo. Certa vez, Richard dissera-me que era impossível falar de dinheiro com pobres. Era evidente que Alice era bastante pobre e — sondei-lhe as mãos à procura de anéis — solteira. Agora, percebia o que ele queria dizer.

— Isso é cinco vezes aquilo que eu ganho agora — disse, baixinho. Meteu um dedo debaixo da touca para coçar o cabelo e pousou a cerveja com cuidado. A minha barriga fez um barulho que ouvimos as duas; eu não comera coisa alguma.

— Também te cederei um cavalo para fazeres a viagem daqui até à estalagem em Padiham. Colne é longe de mais para se ir a pé.

Ela ponderou sobre a proposta, lambendo os lábios e olhando fixamente para o lume. Depois, perguntou:

— Passou mais tempo do que das outras vezes? Para quando está previsto nascer?

— Para o início do outono, creio. Da última vez estava... quase a acabar o tempo.

— Precisaria de te examinar — disse ela. — Quando tiveste a última menstruação?

— No Natal. Há outra coisa.

Pousei a caneca, meti a mão no casaco e tirei a carta do médico que lá pusera quando me vestira. Guardara-a fechada à chave atrás de um pequeno painel quadrado no meu toucador e a chave escondera-a debaixo do colchão. Abri-a e alisei-a, sentindo o quente íntimo do calor do meu corpo, mas Alice não lhe pegou e franziu o cenho.

— Não sei ler — disse, apaticamente.

Ouviu-se alguma coisa a raspar do outro lado da porta e nós sentámo-nos direitas. Eu escondi a folha na lateral da cadeira, mas não entrou ninguém.

— Quem é? — disse eu.

Como ninguém respondeu, levantei-me para ir abrir. *Puck* estava a arfar do outro lado e eu ajoelhei-me.

— És só tu. Lindo menino.

O cão seguiu-me até à minha cadeira e eu reparei nos olhos esbugalhados de Alice ao ver o tamanho dele.

— Ele é um gigante carinhoso — tranquilizei-a, deixando-o acomodar-se aos meus pés. — Estou sempre a sacudir pelos de cão da saia, mas não me importo. Se não acabares o teu queijo, ele come-o.

— Ele é muito grande — disse Alice.

Quando ela falou, *Puck* levantou a cabeça castanho-avermelhada e

ladrou uma vez, bem alto.

— Chega — mandei.

— Que raça é?

— É um mastim francês.

— Foi um presente do teu marido? — Estiquei-me instintivamente para o coçar atrás das orelhas.

— Não. Salvei-o de um espetáculo de lutas com ursos em Londres. Estava magro e faminto, amarrado na rua ao lado do dono dos ursos que estava a vender bilhetes. Fui fazer-lhe uma festa e o dono dos ursos deu-lhe um pontapé. Disse que os cães são inúteis se forem mansos e que eu o estragara. Perguntei-lhe quanto queria pelo cachorrinho e ele disse que não valia a corda que tinha amarrada ao pescoço. Por isso, peguei nele ao colo e disse que ficaria com ele. Então, o homem mudou de ideias e disse que eu estava a ficar-lhe com um lutador premiado. Eu dei-lhe um xelim e viemos embora sem olhar para trás. Chamei-lhe *Puck*, como a personagem de uma peça que eu e o Richard víamos uns dias antes – um duende da floresta. Não é que ele tenha qualquer semelhança com um duende.

Alice olhou pensativa para o animal mimado em cima do tapete turco. Tinha a língua, do tamanho de um salmão, alegremente caída de fora das mandíbulas.

— Como ele chegou longe na vida — disse ela. — Já ouvi falar de lutas de ursos, mas nunca assisti.

— Acho aquilo horrível. São pessoas sedentas de sangue em Londres; talvez seja porque não podem caçar.

Ficámos sentadas num silêncio mais confortável do que antes e ela fez sinal para a carta que eu tinha nas mãos.

— O que diz?

— Que da próxima vez que engravidar, morrerei. — Ao dizê-lo em voz alta pela primeira vez, senti os músculos do pescoço relaxar. — Como podes ver, precisarei de um milagre. Deus abençoou-me com muitas coisas. Não sei se ser mãe é uma delas, mas hoje desejei uma curandeira e aqui estás. Quero muito dar um filho ao meu marido, ele deseja-o muito.

— E tu?

— Eu sou a mulher dele e espero ser mãe. Não quero que ele fique viúvo.

Fiz um esforço para engolir o nó na garganta. Alice estava a olhar para mim descaradamente com uma compaixão abjeta e, por instantes, questionei-me como isso era possível: ela era pobre, solteira, tinha dois trabalhos e não possuía um cavalo. Talvez o casarão, o marido bem-parecido e as roupas caras não fossem importantes para ela, e talvez também conseguisse perceber que de pouco serviam para mim, que podia comprar aquilo que me aprouvesse exceto o que mais

queria: ter sucesso como mulher de Richard e retribuir-lhe o que fizera por mim ao livrar-me do futuro que me estava reservado. Por ele, eu queria encher a casa de mãos pegajosas e joelhos empoeirados. Enquanto não tivéssemos filhos, não éramos uma família; tínhamos uma casa, mas não um lar. Até passar a vida fechada em Barton, com a reprovação da minha mãe a acompanhar-me da manhã à noite, era preferível à alternativa. Se não fosse Richard, eu sabia onde estaria.

— Sentes-te bem?

Alice estava a olhar para mim com ar preocupado. O lume crepitava e a faca ainda estava espetada no queijo, como um punhal atirado contra uma árvore.

Inclinei-me para a frente, com premência pela primeira vez. O meu desespero estivera presente desde que a conhecera, há meses que estava a acumular-se, mas agora estava a jorrar do meu âmago.

— Por favor — disse eu. — Diz que me vais ajudar. — Percebi que estava agarrada aos braços da cadeira. — Preciso que salves a minha vida e, com ela, que salves outra vida. Ajuda-me a viver, Alice. Por favor, ajuda-me a ser uma mãe e a ter um filho.

Ela estava a olhar para mim com curiosidade, a avaliar-me, sem saber bem o que fazer. Quando, por fim, assentiu com a cabeça, foi como se me tivesse aceitado em casamento.



Nessa noite, sozinha na cama, tive O Pesadelo. A floresta estava escura como breu e fria, e, quando eu me mexia, as folhas estalavam debaixo dos meus pés, por isso fiquei imóvel, sem conseguir ver um palmo à frente do nariz. O meu coração batia forte e os meus ouvidos tentavam ouvir alguma coisa. Depois vieram os javalis, a arrastar as patas e a grunhir bem perto, o bafo ávido, quente e curioso. Fechei os olhos para ouvir melhor e senti alguma coisa a roçar-me as saias. Tudo parou. Uma gota de suor escorreu-me pela cara e depois o silêncio foi quebrado e aquilo começou. Os barulhos que os animais fizeram eram horríveis – guinchos e latidos agudos e excitados. Comecei a correr às cegas, as mãos esticadas à minha frente. Eu estava a chorar e eles atrás de mim, a rosar e a ranger os dentes, as presas afiadas como facas feitas de osso. Tropecei e caí ao chão, protegi a cabeça com as mãos e choraminguei. Eles encontraram-me e cercaram a presa caída. Estavam esfomeados, iam morder-me, arrancar-me a carne com as suas presas. Uma dor dilacerante e aguda fendeu-me ao meio e obrigou-me a puxar os joelhos para o peito, mas as saias não me deixaram, e gritei.

Eu estava no quarto, completamente transpirada, e era de dia. O meu coração matraqueava, tinha a cara molhada das lágrimas, mas senti um enorme alívio ao perceber que não havia javali algum e eu não estava na floresta. A minha respiração acalmou e senti uma dor entorpecedora no pulso. Os trapos apertados que Alice me dissera para amarrar à volta do pulso tinham-se soltado e estavam debaixo do meu corpo, no meio da roupa de cama. Bocejei, pestanejando contra a luz do sol, espreguicei-me e virei-me para o outro lado.

Sentada ao lado da cama, a observar-me como um falcão, estava a minha mãe.

Ela esperou enquanto eu tentei sentar-me. Eu não olhei para ela, mas sabia que ela estaria a franzir os lábios ao observar os meus cabelos negros desgrehados, a minha pele da cor das cinzas da lareira. Mary Barton não aceitava a doença, a fraqueza ou qualquer tipo de fracasso; na realidade, achava essas coisas ofensivas. Antes de alguma de nós falar, ouvi os passos de Richard no corredor, as moedas a tilintar no cinto.

— Olha quem te veio visitar — anunciou ao entrar para o quarto, pousando uma mão no ombro rígido da minha mãe.

Os olhos negros da mãe fitaram os meus. Tinha a cabeça descoberta e o rufo, engomado na perfeição, abria-se em leque à sua volta. Tinha as mãos alvas com os dedos serenamente entrançados no regaço e uma expressão de quem estava a fazer um grande esforço

para se conter. Ainda tinha o capote vestido, dando a entender que acabara de desmontar do cavalo ou que estava prestes a ir embora. Ela tinha sempre frio, motivo pelo qual se mudara de Barton depois de eu casar com Richard, e, seguindo a sugestão deste, ocupara uma casa mais modesta mais a norte.

Não suficientemente a norte.

— Olá, mãe — disse eu.

— Não tomaste o pequeno-almoço — disse ela.

Passei a língua pelos dentes. Estava com mau hálito.

— Vou mandar trazer alguma coisa cá acima — disse Richard, saindo do quarto e fechando a porta.

Puxei o cobertor grosso para trás, levantei-me da cama e fui buscar um bocado de pano para limpar os dentes enquanto a mãe não desviava o olhar de mim.

— Este quarto parece uma pocilga. A tua criadagem deveria ser mais atenta. Com que mais poderão estar ocupados? — disse ela. Como a ignorei, ela continuou: — Vais vestir-te hoje?

— Talvez.

De pé, a montar guarda por cima da lareira, de cada um dos lados do brasão Shuttleworth, havia duas estatuetas de gesso a representar duas mulheres com metade da minha altura: Ponderação e Justiça. Às vezes, fazia de conta que eram minhas amigas. Com as costas apumadas e na sua posição à frente da lareira, a minha mãe estava mesmo no meio das duas, dando a impressão de ser a terceira irmã delas: Infortúnio.

— Porque estás com ar divertido, Fleetwood? Tu és a senhora desta casa. Veste-te imediatamente.

Puck gemeu para o deixarem entrar e eu abri a porta. Ele deambulou até à minha mãe, cheirou-lhe as saias e depois ignorou-a.

— Não compreendo porque tens esse animal dentro de casa — disse ela. — Os cães servem para caçar e guardar, não para serem tratados como crianças. O que tens no pulso?

Apanhei a fita e comecei a envolver melhor o pulso.

— Ontem caí do cavalo. É só uma entorse.

— Fleetwood — disse ela, baixando a voz e olhando por cima do ombro para ver se a porta estava fechada. Consegui sentir o cheiro da pomada enjoativa que ela aplicara nos pulsos.

— O Richard disse-me que estás outra vez de esperanças. Se não me engano, tu perdeste três filhos antes de virem a este mundo.

— Eu não *perdi* coisa alguma.

— Então, não vou estar com rodeios. Não conseguiste parir um filho por três vezes. Achas mesmo que devias andar a atirar-te de cavalos para o chão? Tu não tens os cuidados que deverias ter. Tens uma parteira?

— Tenho.

— Onde a arranjaste?

— Ela é daqui. De Colne.

— Não seria mais sensato contratar uma mulher recomendada por alguma família conhecida? Tu ou o Richard falaram com a Jane Towneley? Ou com a Margaret Starkie?

Olhei para a cara de gesso de Ponderação. O seu olhar estoico evitou o meu. Eu era uma mulher, a senhora de uma das casas mais finas das cercanias, e estava de camisa de noite a ser repreendida pela minha mãe. Fora Richard que a convidara? Ele sabia como eu a odiava. Cerrei os punhos, uma, duas, três vezes.

— Eu é que decido quem contrato, *mãe*.

Disse esta última palavra com meiguice e a cara dela, sempre tão apumada, deixou transparecer um trejeito de fúria.

— Falarei do assunto com o Richard — disse ela. — Entretanto, quero que me prometas que farás todos os possíveis para trazeres esta criança ao mundo. Não estou convencida de o estares a fazer. Precisas de mais repouso e... atividades que possas realizar dentro de casa. Talvez aprender um instrumento em vez de andares por aí a galope como um escudeiro. Tens um bom marido e, se começares a portar-te como uma mulher e uma mãe, a dádiva de Deus virá. Não juntei as nossas famílias para andares por aí a brincar às princesas. Agora, espero que jantes comigo. Por favor, veste-te e vai ter comigo lá abaixo.

Ouvi-a descer as escadas e rezei para o retrato dela cair dos suportes e a esmagar.

Richard serviu um copo de vinho tinto debaixo do meu nariz e passou-o à minha mãe. Era escuro como um rubi, a mesma cor que, por três vezes, escorrera de mim — surpreendentemente belo na sua profundidade, encharcando as roupas de cama e o colchão, que tiveram de ser queimados.

Para evitar aquele cheiro intoxicante, levantei a cara para o teto. O estuque da sala de jantar era decorado por dezenas de cachos de uvas, as videiras a trepar até aos cantos, entrelaçando-se como as mãos de amantes.

— Não queres vinho, Fleetwood?

— Não, obrigada.

Richard serviu outro copo para o amigo Thomas Lister, que estava de passagem, com destino a Yorkshire. Estávamos sentados à lareira, onde o lume ardia fraco, e o ar abafado estava a deixar-me sonolenta. Porém, não suficientemente sonolenta para não reparar no olhar ganancioso de Thomas a recair sobre os anéis de Richard quando este passou o copo ao amigo. A sua própria mão fletiu em resposta e os

nossos olhares cruzaram-se. Ele desviou o olhar de imediato.

A idade de Thomas situava-se algures entre a de Richard e a minha e a sua riqueza entre a de um cavalleiro modesto do campo e a nossa. Ele admitiria a primeira, mas nunca a última. Ele e Richard tinham outras coisas em comum: tinham casado no mesmo ano; os seus pais tinham morrido; tinham herdado grandes propriedades com mães e irmãs para sustentar. Há quatro anos, o Senhor Lister Sênior adoecera no casamento do filho, desmaiando durante os votos e morrendo alguns dias mais tarde. A mãe de Thomas nunca recuperara e, desde então, não voltara a sair de casa.

Eu achava Thomas Lister um homem estranho e assaz interessante — não entabulava conversa com facilidade, preferindo manter-se à margem. Os seus olhos largos eram um pouco salientes e ele era pequeno e magro, como uma mulher. Richard disse que a sua constituição física lhe permitia ser um excelente cavaleiro, que era veloz como uma flecha.

A minha mãe não conseguia interagir com à-vontade com jovens: tinha uma maneira de os fazer sentir como crianças e Thomas balbuciou uma resposta educada quando ela lhe perguntou pela mãe. Thomas foi salvo pela entrada de Edmund, o aprendiz, que disse a Richard que chegara uma mulher de uma herdade com notícias de um cão que atrofiara uma ovelha. Naquele tempo, nós tínhamos centenas de ovelhas nos campos; os terrenos eram demasiado húmidos para qualquer outra coisa.

Seguiu-se uma pausa, durante a qual Richard pousou o copo.

— De quem é o cão?

Edmund abanou a cabeça.

— Ela não sabe, meu senhor. Encontrou-o a correr de um lado para o outro, a assustar o rebanho. Ela pede que o senhor vá depressa.

Richard apressou-se a ir. As pessoas estavam sempre a bater-nos à porta e a contar-nos as suas histórias. Richard era generoso e dava-lhes cereais quando as colheitas não eram boas e madeira para fazerem reparações nas suas casas. Havia duzentas famílias em Padiham e o mesmo número de problemas batera-nos à porta desde que aqui chegáramos.

— O que o leva a Yorkshire? — perguntou a minha mãe a Thomas.

Estava a fazer questão de ser uma boa anfitriã, comprazendo-se em deixar-me a mim fazer má figura.

— Vou assistir a um julgamento — disse Thomas.

— A um julgamento?

Os cepos na lareira crepitaram. Interroguei-me quanto tempo Richard demoraria; estava a entardecer e, não tardaria, as trevas bateriam às janelas.

Thomas mudou de posição na cadeira.

— Um julgamento de homicídio — disse, baixinho. — A acusada é uma mulher chamada Jennet Preston.

Eu sentei-me um pouco mais direita.

— Conhece-la? — indaguei.

— Infelizmente, muito bem. — Um tendão estremeceu-lhe na cara. — Ela trabalhou para a minha família durante muitos anos, mas desde que o meu pai morreu que não nos deixa em paz. Tratámo-la com generosidade e delicadeza, mas ela é ingrata, sempre a pedir mais.

— É acusada do homicídio de quem?

— De uma criança.

Por breves instantes, eu e a mãe unimo-nos em choque.

Thomas fixou o olhar sombrio no lume.

— O senhor vai defender a sua inocência?

Thomas olhou abruptamente para mim.

— Inocência? A sua culpa. Ela assassinou o filho de outra criada, ainda bebé, nem um ano tinha, brutal e desapiedadamente.

Antes de a conseguir travar, fui acometida por uma memória: um corpo pequeno e frio, duas pequenas filas de pestanas que nunca se abriam. Fechei os olhos e fiz um esforço para afastar a imagem.

— Porque faria tal coisa? — perguntei.

— Porque é uma invejosa — respondeu Thomas laconicamente. — Não consegui seduzir o Edward e por isso roubou-lhe a coisa que ele e a mulher mais prezavam. É uma bruxa.

A mãe inclinou-se para a frente.

— Outra bruxa? — Thomas pareceu aturdido. — Não soube da última hóspede de Read Hall?

— Como *sabe* da última hóspede de Read Hall? — atalhei.

Ela encolheu um ombro, menosprezando-me.

— O Richard disse-me.

Proferiu aquelas palavras de maneira a dar a entender que, é claro, ele informaria a sogra sobre tudo aquilo que soubesse. Mas ela tinha uma capacidade de extrair coisas das pessoas, de aproveitar um momento de hesitação ou um comentário extemporâneo e atacá-los como o cão à ovelha. O meu marido não teria espalhado os assuntos do amigo pelo condado; a minha mãe já deveria ter ficado a saber de outra fonte e, sem dúvida, interrogado Richard enquanto ele estava ocupado ou distraído.

— Quem está em Read Hall? — quis saber Thomas, olhando da minha mãe para mim.

Assim, ela contou-lhe sobre Roger, que Thomas conhecia intimamente, e sobre o vendedor ambulante John Law e a bruxa Alizon Device. Ele ouviu com muito interesse.

A versão dos acontecimentos dela era menos informada e mais especulativa do que a de Roger. Não me dignar a corrigi-la deu-me imensa satisfação e, para ela não ver a minha expressão presunçosa, virei as atenções para o friso de criaturas que se apinhavam ao cimo das paredes da sala de jantar. Sereias, golfinhos, grifos e toda a espécie de seres, meio humanos, meio animais, fixavam as suas atenções ao centro da sala, como se estivéssemos num grandioso tribunal de seres mitológicos. Quando cheguei a Gawthorpe, o friso foi o elemento que mais apreciei na casa e era capaz de andar às voltas, a examinar cada figura, dando-lhes apelidos e imaginando as suas histórias. Aqui estavam duas irmãs órfãs, que eram princesas do mar e governavam as ondas; havia um exército de leões com os seus escudos, prontos a atacar. Vi-os ficarem mais escuros e mais misteriosos consoante anoiteceu e a mãe e Thomas Lister a tagarelar como duas lavadeiras. Comecei a sentir as pálpebras pesadas; tinha a boca seca e doíam-me as costas. Teria de ficar aqui sentada até Richard chegar e não havia sinais dele.

Foi quando me ocorreu: enquanto a minha mãe aqui estivesse, Richard dormiria na nossa cama para não levantar celeuma, pois nada escapava aos olhos dela, que mais pareciam contas. Ela não dera mostras de ter reparado na cama dobrável, mas talvez Richard tivesse fechado a porta do quarto de vestir.

Puxei os rolos do cabelo e questionei-me quanto tempo ainda faltaria para os poder tirar.

— A rapariga está em casa do Roger Nowell — estava a mãe a dizer, os olhos cintilantes. — Ele tem-na lá para ela não poder fazer mal a outras pessoas.

— E ela confessou?

— É o que dizem.

— E o Roger acha que há outras?

A mãe disse que sim com a cabeça.

— Na mesma família.

— Meu Deus, mãe. Quem a ouvir até fica a pensar que a senhora estava ao lado do John Law quando ele foi amaldiçoado — intervim.

Thomas estava pensativo, segurando o copo com força junto ao peito.

— Já viu as nossas sereias, Thomas? — perguntei. — Veja melhor. São formidáveis, desenhadas por dois irmãos que realizaram todo o trabalho de estuque em Gawthorpe.

Fazendo-me a vontade, ele levantou-se e acercou-se delas, e eu virei-me para a minha mãe e sussurrei:

— Nesta casa, não se fala dos assuntos do Roger Nowell como se fôssemos meras aldeãs. Ele é nosso amigo. Agora o Thomas vai contar o que lhe disseste em Yorkshire, que é mais longe do que o assunto

precisava de ir.

A minha mãe ficou carrancuda.

— Estou apenas a informar o teu vizinho do que está a acontecer debaixo do nariz dele. Não tarda, toda a gente saberá que há bruxas por estas bandas. E é bom que saibam. Não se diz que as mulheres são selvagens por estas paragens?

— Não sei o que *dizem*, nem quero saber. Não sei se selvagem é o mesmo que diabólico.

— Um trabalho notável — comentou Thomas educadamente nas nossas costas. — Extremamente intrincado. Bastante fantástico. — Pareceu agitado e não voltou para o seu lugar. — Meterei pés ao caminho antes que anoiteça; talvez passe por Read Hall antes de seguir para Yorkshire.

— Read Hall fica a mais de oito quilómetros na direção oposta — atalhei.

Ele pegou no seu capote.

— Os meus cumprimentos ao Richard.

Partiu apressadamente, as botas a ecoar no corredor. Seguiu-se um momento de silêncio, depois eu pedi licença para me retirar com a desculpa de precisar de me deitar.

As velas estavam acesas no meu quarto e fui até ao espelho para tirar os rolos do cabelo, que estava com um aspeto debilitado e fino, e, quando me pentei, caíram tufo ao chão. Fui à janela para fechar as cortinas e vi o reflexo de Richard à entrada.

— Vais dormir aqui hoje? — perguntei.

— Acho que sim.

Virei-me e o coração parou-me no peito.

Ele tinha as mãos vermelhas, o gibão coberto de sangue e a cara e os braços até aos cotovelos salpicados.

— O que aconteceu?

— Mande trazer um jarro. — Passou as mãos pelos braços, mas o sangue estava seco. A pele à volta das unhas já estava a ficar castanha.

— Foi uma confusão. Se eu não tivesse visto o cão, pensaria tratar-se de um lobo.

Caminhei até à cama e sentei-me para descalçar os chinelos.

— Isso é impossível. Há cem anos que não há lobos por aqui.

Pensei nos nossos corpos juntos outra vez esta noite, no calor dele ao meu lado. Talvez pudesse passar o dedo ao longo da coluna dele, como costumava fazer. Talvez ele se virasse e encostasse a boca à minha, a sua dureza dentro de mim. Mesmo que nunca mais dormíssemos na mesma cama, eu nunca esqueceria a pele dele, quente e macia, na ponta dos meus dedos. Depois, lembrei-me da carta secreta e a imagem esfumou-se.

— A ovelha estava morta? — perguntei, virando-me para Richard me desatar.

— Não. Tive de a matar.

— E o cão? De que raça era?

— Um rafeiro castanho. Fugiu sem que eu o conseguisse apanhar. Vou indagar pelas redondezas para ver se descubro quem é o dono.

— Eu contratei a rapariga que me salvou como parteira.

— Ai, sim? Como é que ela se chama? Ela é parteira?

— Chama-se Alice. Tem muita experiência. — Não o olhei nos olhos. — Espero que não te importes, mas emprestei-lhe um cavalo dos estábulos para usar enquanto estiver a cuidar de mim.

— Não é um dos meus?

— Não, é aquela égua de tiro parda. Já está bastante velha. Richard... — Engoli em seco. — A partir de agora, passas aqui as noites?

— Muitos homens e as suas mulheres dormem em quartos diferentes, não é invulgar — respondeu, sem ser indelicado.

— Deveria ser.

— Que disparate. Além disso, tu já estás à espera de um bebé. Com certeza não podemos fazer outro.

Porém, eu não o ouvi, porque levantara a camisa para a despir pela cabeça. Tinha um fino fio vermelho a escorrer pela coxa. Travei-o com um dedo e o pânico envolveu-me como as nuvens de uma borrasca. Fechei os olhos e rezei.



Estava deitada, acordada, rígida como uma tábua ao lado de Richard, que ressonava baixinho. Por fim, levantei-me para ir caminhar na galeria comprida com o luar a entrar pela janela. A casa estava em silêncio e o soalho encerado reluzia como a neve. As tábuas rangiam debaixo dos meus passos silenciosos enquanto andava de cá para lá, de este para oeste, uma e outra vez. Voltei para a cama antes de amanhecer. Mais do que uma vez, olhei para o fio vermelho seco que se esbatera na minha pele a comprovar o que acontecera, ou melhor, o que começara a acontecer, e depois parara. Eu apressara-me a cobri-lo com a camisa de noite e Richard não se apercebera de nada, ocupado a lavar o sangue da ovelha. Eu consegui cheirá-lo na outra ponta do quarto e sentira a barriga a revirar com repulsa e medo, como se cheirar sangue pudesse invocar o meu.

Alice pedira-me uns dias para apanhar algumas ervas que me deixariam mais forte e já me parecia que passara uma eternidade, por isso, de manhã, enquanto todos tomavam o pequeno-almoço, saí de casa para levar *Puck* a fazer o seu exercício. Não conseguia comer porque o meu estômago parecia outra vez um saco de enguias, mas com preocupação desta vez. Quando saímos de casa, virámos à direita e seguimos ao longo da orla do relvado, acompanhando o rio e passando pelo grande celeiro e pelos anexos. Os cães nos canis sentiram o cheiro de *Puck* e desataram a ladrar furiosamente. Ele farejou as esquinas e as paredes, ignorando-os. Às vezes, questionava-me se ele saberia que era um cão. Interrogava-me se ele se lembraria de alguma coisa de antes de eu o salvar, e esperava que não.

— Bom dia, minha senhora — disseram os agricultores e os aprendizes, carregados de ferramentas, cordas e coisas que eu não fazia ideia para que serviam.

— Bom dia — respondi, e segui o meu caminho.

Pouco depois, a casa e todos os anexos ficaram encobertos pelas árvores, que se fecharam como um manto verde. As folhas ruflaram à minha volta enquanto segui pelo caminho estreito que saía de Gawthorpe, observando *Puck* a explorar, a correr pelo meio das árvores, o nariz encostado ao chão.

A menos de quinhentos metros da casa, avistei dois vultos a aproximar-se a cavalo. Acerquei-me das árvores e esperei, reconhecendo o mais corpulento como sendo Roger. Quando já estavam perto, ele trocou breves impressões com a pessoa à sua direita – uma mulher com um vestido de lã simples. Eu via mal, mas sabia que não era a mulher dele, Katherine. Roger desmontou e aproximou-se, segurando as rédeas do cavalo que, reparei, estava preso por uma

corda à sua companheira de viagem. As suas mãos brancas e esguias estavam algemadas, e as algemas, por sua vez, estavam amarradas às rédeas. Queria dizer que era uma prisioneira. Na sua qualidade de magistrado, Roger acompanhava muitas vezes criminosos pelo condado e, por vezes, conduzia-os à prisão em Lancaster. O meu olhar demorou-se um pouco de mais nos seus pulsos agrilhoados e, quando levantei o olhar para a cara sagaz de uma jovem, de olhos escuros e lábios finos, ela estava a fitar-me com uma espécie de orgulho hostil.

— Como é bom vê-la a passear neste dia magnífico. Parece revigorada — disse Roger.

— Vai fazer-nos uma visita? — perguntei, estendendo-lhe a mão para a beijar.

— Hoje é uma visita diferente. Na verdade, é mais uma espécie de convite para o Richard. Ele está em casa?

— Está.

— Ele tem tempo livre hoje de manhã?

— Parte para Manchester dentro de uma hora — menti. No que dependesse de mim, não permitiria que Richard fosse sair com Roger e me deixasse sozinha com a mãe. — Estão a tratar dos preparativos. Está tudo bem?

Ele disse que sim com a cabeça outra vez. Era estranho ele não apresentar a sua companheira de viagem.

— Isso é lamentável. Eu vou a Ashlar House.

— A casa do James Walmsley?

— Sim. Pensei se o Richard estaria interessado em acompanhar-me. Tenho dois interrogatórios para fazer e gostaria de contar com a ajuda dele. — Aproximou-se. — Um dia, o seu marido alcançará grandes feitos. Atente no que eu digo: quando chegar à minha idade, ocupará um alto cargo no Governo e eu tenciono ajudá-lo a chegar lá. Ele tem a vantagem de ser bem-nascido, que eu não tive, sendo que o seu tio foi uma personalidade bem conhecida na corte. A seu tempo, apresentá-lo-ei ao rei e gostaria que ele participasse nestes desenvolvimentos em Pendle. Isso poderia jogar a seu favor aos olhos da Coroa. Eu confio na opinião dele, tal como o Senhor Walmsley, mas hoje teremos de nos desenvencilhar sem ele.

Virou-se para olhar para a companheira de viagem, cuja presença silenciosa era de algum modo desconcertante.

— Constatou-me que contratou uma parteira — disse Roger, apanhando-me de surpresa.

Pestanejei, espantada.

— É verdade — respondi, sem saber como ele descobrira. Desde a caçada que Richard não estava com ele.

Roger ficou radiante.

— Maravilhoso. Haverá um herdeiro em Gawthorpe antes do fim

do ano. É a mesma mulher da outra vez? Aquela de Wigan?

Era difícil concentrar-me com as energias malévolas que emanavam da mulher atrás dele.

— Não. É uma mulher daqui.

— A Jennifer Barley? Foi a parteira da Katherine.

— Não. É uma rapariga chamada Alice, de Colne.

Então, aconteceu uma coisa estranha. Quando eu disse o nome de Alice, a companheira de Roger fez um movimento súbito que assustou o cavalo. Olhei para ela, mas apressei-me a desviar o olhar quando percebi que ela não tirava os olhos da minha cara, como se estivesse a ler alguma coisa deveras fascinante.

— Teremos de arranjar um presente para o seu parto — estava Roger a dizer. Como é que ele conseguia continuar a conversar como se a prisioneira nem estivesse ali? Ele parecia satisfeito. — O que comprar à mulher que tem tudo?

— Quem é a sua amiga, Roger? Não nos apresenta?

— Esta — disse ele — é a Alizon Device.

Senti um arrepio e o meu coração bateu um pouco mais depressa. Portanto, Roger andava a desfilhar com a bruxa por Pendle e trouxera-a a Gawthorpe. O olhar altivo de Alizon tinha alguma coisa que me levou a acreditar que ela estava ciente disso e senti uma pontada de compaixão.

— Não se deixe enganar pelo vestido. É da Katherine. A Alizon tem passado estes últimos dias em minha casa. Vamos a Ashlar House para nos encontrarmos com um dos familiares dela — disse, jovialmente, virando-se para a pessoa sob a sua alçada.

A rapariga não abriu a boca, mas resplandeceu de malícia. No silêncio que se seguiu, uma gralha grasnou do meio das árvores e uma rajada de vento abanou a floresta à nossa volta.

— Os meus cumprimentos ao Richard. E na sexta-feira irão jantar a Read? A Katherine está ansiosa por a ver.

— Será uma honra.

Fiz uma vénia e olhei outra vez de relance para Alizon Device, que continuava imóvel como uma estátua, o olhar fixo algures na meia distância. Roger levantou o chapéu e montou. Fiquei a vê-los afastar-se, a mão cheia de anéis de Roger levantada a despedir-se. Depois, chamei *Puck* e voltei para casa.

Como era o último dia da Quaresma e a mãe não gostava de peixe, e a cozinheira lembrava-se sempre disso, sentámo-nos para saborear um opulento jantar de tartes de queijo com batatas, fruta, pão e cerveja. Mordisquei as côdeas e algumas migalhas, mas estava tão habituada a não comer que praticamente nunca tinha fome.

De todos os nossos criados, a mãe só gostava da cozinheira.

Decidira que eles eram grosseiros e ingratos, e dissera que era apenas uma questão de tempo até as pratas e as sedas começarem a desaparecer. Às vezes, questionava-me se estava a viver na minha própria casa ou na dela. Dava para perceber que ela tinha saudade dos tempos de Barton, que, com a sua numerosa criadagem, era palaciana em comparação com a mansão mais modesta que agora ocupava. Eu e Richard costumávamos chamar-lhe Gloriana da Mansão quando ela nos visitava após o casamento, tentando dirigir-nos como se fôssemos os dois umas crianças. Até então, eu nunca tivera ninguém de quem trocar. Era costume taparmos a boca cheia de comida quando ela dizia coisas como: «Francamente, Richard, nunca vi um homem a usar tantas joias como tu» e «Deverias pôr o teu timbre nas garrafas de servir vinhos – está na moda, sabias? Até em Yorkshire é costume fazer isso.»

Nessa tarde, ela decidira implicar com o conjunto de painéis por cima da lareira.

— Richard, estou a ver que ainda não mandaste inscrever o nome da minha filha no adorno por cima do fogão de sala — anunciou, referindo-se aos cinco quadrados de madeira maciça onde estavam esculpidos os nomes dos vários membros da família Shuttleworth.

As iniciais de Richard foram inscritas no quarto depois de casarmos. Ele tencionava mandar um marceneiro colocar as minhas iniciais ao lado das suas, mas não tivera tempo, pelo que o R e o S pairavam sozinhos, à espera de companhia. Era uma ferida na qual a mãe não conseguia deixar de mexer, como se o painel de madeira fosse a única prova da minha existência e não um simples adorno.

— Não é urgente, mãe — disse eu.

— Quatro anos não é tempo suficiente?

— Acrescentarei a tarefa à minha lista de coisas a fazer, a qual não para de crescer — foi a resposta jovial de Richard.

Ficara decidido que ela iria embora no dia seguinte, Domingo de Páscoa, e fomos todos juntos à missa. Podia ser imaginação minha, mas, de um dia para o outro, a minha cintura pareceu-me mais grossa. Passei a missa a olhar para as minhas mãos com os dedos muito bem entrelaçados no regaço, questionando-me onde estava Alice Gray e o que estaria a fazer. Todas as pessoas da vila estavam a olhar para mim durante um pouco mais de tempo do que era habitual; eu sei que tinha um ar doente. Cingi-me a usar roupas pretas – as cores ainda destacavam mais a palidez da minha cara, que não tinha brilho, como uma nuvem carregada de chuva. Além disso, a presença da mãe também chamou mais alguns olhares. Ela manteve uma expressão impassível, mas eu sabia que, no seu íntimo, estava a ronronar como um gato.

Durante o serviço religioso, enquanto o pároco falou, eu passei os

olhos pelos chapéus à procura de uma madeixa de cabelos dourados, mas não vi nenhum. O meu olhar cruzou-se com o de uma jovem que estava sentada alguns bancos ao lado, envergando um capote quente e requintado, a enorme barriga cingida pelo mesmo. Ela olhou para mim com aquele ar ousado e amistoso com que as mulheres do campo olham umas para as outras, como quem diz «somos farinha do mesmo saco», só que não éramos, e eu desviei o olhar.

Tinha as mãos geladas, por isso sentei-me em cima delas até perder a sensibilidade. Nessa manhã, as náuseas tinham regressado, persistentes e inoportunas. Colne ficava a alguns quilómetros de distância e tinha a sua própria paróquia, pelo que era pouco provável que Alice frequentasse St. Leonard, mas ela trabalhava na taberna Hand and Shuttle, que ficava a cerca de um quilómetro e meio; atrever-me-ia a revelar a minha impaciência e a procurá-la lá? Eu convidara-a para aparecer na Sexta-Feira Santa, mas ela dissera que não podia e que iria depois da Páscoa.

Vi o farmacêutico sentado a alguns bancos de distância com a sua família, a cara plácida virada para o púlpito como uma flor a seguir o Sol. Será que Alice cultivava as suas próprias plantas ou comprava-as ao farmacêutico? Se era esse o caso, seria discreta?

O cura, John Baxter, tinha uma voz forte e nítida que entoava nos beirais da igreja, expulsando as trevas de todos os cantos.

— «E quando Herodes viu Jesus, ficou muito feliz» — estava a dizer. — «Porque há muito o desejava ver, pois ouvira muitas coisas sobre ele e esperava vê-lo a fazer algum milagre.»

Lá no alto, no púlpito, tinha a nova Bíblia do Rei que lhe compráramos em Londres. Fora a primeira vez que eu estivera numa tipografia, um edifício alto na cidade que, aos meus olhos, era estreito como um guarda-fatos. Nas ruas lá fora, crianças carregavam cestos de pão à cabeça, como se estivessem na Galileia. O interior da tipografia era um mundo à parte, parcialmente erudito com a sua atmosfera de papel e tinta, parcialmente como uma câmara de tortura, com enormes geringonças de madeira a ranger.

— «E os sumos sacerdotes e os mestres da lei levantaram-se e acusaram-no com veemência. Então, Herodes e os seus soldados ridicularizaram-no e zombaram dele. Vestindo-o com um manto esplêndido, mandaram-no de volta para Pilatos.»

A nova Bíblia fora impressa no ano anterior e nós trouxéramos três cópias: uma para ter em casa, uma para a igreja e outra para a mãe de Richard. Todas eram objetos de rara beleza, orladas a dourado, o papel interior fino como pétalas.

— «Mas eles continuaram a gritar: “Crucificai-o! Crucificai-o!” Pela terceira vez, ele lhes falou: “Porquê? Que crime este homem cometeu? Não encontrei nele nada digno de morte. Assim, mandarei

castigá-lo e depois o soltarei.” Eles, porém, insistiram com gritos que ele fosse crucificado.»

John Baxter era velho, a pele da cor das páginas da Bíblia, mas a sua voz ouvia-se como a de um homem muito mais jovem, sobrepondo-se às tossidelas, arrastares de pés e murmúrios das crianças. Senti-me zozza, como se fosse uma ampolheta a precisar de ser virada ao contrário.

— «Pois chegará a hora em que dirão: “Felizes as estéreis, os ventres que nunca geraram e os seios que nunca amamentaram”. Então, dirão às montanhas: “Caíam sobre nós!” e às colinas: “Cubram-nos”.»

Senti a mãe mexer-se ao meu lado, o seu vestido a amarrotar-se contra o meu. O meu corpete estava apertado e sentia o sangue a bater-me no pescoço. Tinha a cabeça tão desprovida de algo que pensei que poderia desprender-se do meu pescoço e adejar como penas até às vigas.

John Baxter convidou-nos a levantar-nos e a turba ergueu-se, levando-me consigo, e o salão deformou-se e andou à roda. Depois, ficou tudo escuro.

Na manhã seguinte, em vez de esperar por Alice à janela, decidi juntar-me a Richard no relvado, onde o vi a treinar o seu novo falcão. Uma nuvem negra dissipara-se desde que a minha mãe fora embora, mas a antiga tomara o seu lugar outra vez. Caminhando com cuidado pela relva húmida até ao sítio onde Richard estava de pé junto dos degraus, parei sem fazer barulho atrás dele para não assustar a ave, que estava amarrada ao seu pulso por um cordel. Com um capuz a tapar-lhe os olhos, desnorteado, o falcão bateu as asas por cima das nossas cabeças, distraído pelo cheiro da carne de galinha numa bolsa junto da perna de Richard.

Adestrar aves era uma arte e Richard dominara-a. Estalou a língua e puxou o cordel para o falcão descer, esvoaçando desordenadamente até encontrar o poleiro da luva dele. Deu-lhe um pouco de carne.

— Nunca perceberei porque fazes tu isto e deixas o falcoeiro desocupado — disse eu. — Espanta-me que ainda tenhas os olhos nas órbitas.

— Porque é mais gratificante — respondeu, sem hesitar. — Além disso, ele só é mesmo nosso se o fizermos da maneira mais demorada. A lealdade ganha-se, não se exige. — A ave levantou voo outra vez, sentindo um choque ao chegar ao fim do cordel e soltando um forte guincho. — Este é da Turquia. Não precisará de sinetas se insistir em fazer este barulho.

— Está a amaldiçoar-te — gracejei.

— Não sabia que falavas turco.

— Ainda tens muito para descobrir sobre mim.

Trocámos um sorriso e os meus pensamentos vieram outra vez à tona. Forcei-os a afundarem-se.

— Alguma coisa te incomoda? — perguntou Richard.

Seria tão fácil ir buscar a carta ao meu toucador.

— Diz-me porque escondeste isto de mim — diria eu, entregando-lhe a carta. — Diz-me que não é verdade.

Em vez disso, abanei a cabeça e fixei o olhar na ave.

— O Roger convidou-nos para jantar na sexta-feira — informei.

— Sim, ele disse-me que te viu. A bruxa estava com ele?

— Ela era um ser estranho. Não sei o que me arrepiou mais. Se a presença dela ou a indiferença do Roger. Ela deve ser perigosa, caso contrário não estaria algemada. Porque é que o Roger a traria a nossa casa?

— Ele fez dela a sua sombra. Enquanto a tiver debaixo de olho, ele terá as atenções do rei. Tenho a certeza de que se livrará dela assim que ela tiver servido o seu propósito.

— Que coisa mais insensível para pensar do teu amigo. — Richard olhou para mim de soslaio.

— Que coisa mais inocente para pensar do teu. — Tocou com delicadeza com o polegar na nódoa negra na minha têmpora. — Vais ficar aí com um belo hematoma.

— Já tem mais cores do que o meu vestido. O que mais me dói é o amor-próprio. Todas aquelas pessoas a ver-me cair.

— Teremos de te trancar em casa. Primeiro cais do cavalo, depois desmaias na igreja. O que te havemos de fazer?

Estavam a rolar barris de vinho para a casa, por detrás de nós, retumbando sobre a passagem em pedra que conduzia à adega. Richard voltou as atenções para a ave. Eu segui o olhar dele para admirar as suas garras luzidias, as asas delicadas a debater-se contra o cordel. Ao fim de alguns meses a fazer isto, seria utilizada como presa uma lebre morta com uma galinha viva dentro, depois uma lebre com uma pata partida. Questionei-me onde eu poderia estar quando a ave fizesse a sua primeira caçada. Enterrada no cemitério?

O falcão crocitou e bateu as asas por cima de nós e, entre cada bater de asas, ouvi o som de cascos. Richard puxou a ave para a luva e foi quando o senti pela primeira vez: os primeiros movimentos do feto. Inconfundível, mas antes de eu me dar conta de estar a acontecer, parou, tão depressa que fiquei a pensar se seria imaginação minha. Mas eu conhecia a sensação das outras vezes: como se eu fosse um pipó de água e tivesse um peixe a girar dentro de mim. Agarrei-me ao braço de Richard, o corpo inteiro a zumbir.

— Fleetwood, sentes-te bem?

— Sim — menti. — O bebé... Senti-o a mexer-se.

— Mas isso é maravilhoso! — Ele ficou radiante e eu não consegui evitar um sorriso.

Impaciente, a ave bateu as asas e, antes que se agarrasse à minha cabeça, recuei.

— A Alice deve vir a caminho. Vou de cavalo ao encontro dela na estrada de Colne.

— O teu pulso já te permitirá montar?

Levantei o braço com a ligadura.

— Está quase como novo.

Sob o ar puro, com o rio de um lado e a floresta do outro, com cada solavanco do cavalo senti os pensamentos a afastarem-se da minha vida e a aproximarem-se de Alice. Havia tanta coisa que eu não sabia sobre ela. Quando a acompanhara à porta da frente no dia em que me salvara, perguntara-lhe sobre o seu pai, e Alice dissera-me que ele estava doente e incapacitado de trabalhar. Não sabia se a relação entre eles era boa ou se Alice sonhava em casar para sair de casa. As raparigas pobres eram muito diferentes das ricas, que só tinham de esperar nas suas casas pelo dia em que os seus maridos chegariam, como perus na engorda para o Natal. As raparigas pobres podiam fazer a sua própria escolha, talvez até como iguais: um vizinho poderia chamar-lhes a atenção, ou o empregado da loja onde compravam a carne todas as semanas. Tentei imaginar Alice com um homem – os seus dedos compridos e alvos a tocar-lhe a cara, ele a afastar uma madeixa de cabelos dourados dela –, mas não consegui.

As árvores rarearam e deram lugar ao céu aberto, com colinas verdes a ondear ao meu redor, a fazer lembrar roupa de cama a ser estendida. Mais adiante, o rio fazia uma curva e eu tive de virar para a floresta de Hagg, saindo do espaço aberto e voltando para o meio das árvores. Aqui, os cascos do cavalo faziam menos barulho e, ao fim de cerca de um minuto, avistei dois vultos mais adiante na clareira – eram mulheres, envergando roupas de cores sem brilho e toucas brancas. Não tinham dado por mim. Puxei as rédeas para abrandar, quando percebi que uma era Alice, que estava a falar alto e irritada, a voz a viajar pelo meio das árvores. Desmontei e, sem fazer barulho, caminhei por cima do chão com musgo na direção delas, parando atrás de uma árvore, onde conseguia ver melhor a outra mulher.

Ela era a pessoa mais feia que eu jamais vira em toda a vida – quase metia medo só de olhar. Era pobre: disso não havia dúvida. Tinha o vestido tão largo e disforme que parecia serapilheira cosida, dando-lhe uma aparência magra e deformada. Porém, a parte mais assustadora eram os olhos, que estavam posicionados em partes diferentes da cara e não nivelados, como os das outras pessoas. Um ficava alto, a fitar as folhas e as árvores à sua volta, e o outro, mais

abaixo na maçã do rosto, examinava as raízes. Conseguiria ver mais ou menos daquela maneira? Estava de boca aberta, com a língua de fora enquanto Alice falava, a voz aguda e grave ao mesmo tempo.

Eu não consegui ouvir o que estavam a dizer e, consoante me estiquei para a frente, um movimento ao meu lado levou-me a dar um salto. Um cão castanho e magro de pelo hirsuto saiu a correr do meio das árvores, contornando-me e indo para junto das mulheres, que não lhe prestaram atenção. O animal passou pelo pequeno espaço que havia entre elas e seguiu para as árvores mais ao fundo. Portanto, era o animal de estimação da mulher feia. Pensei em ir embora antes que me vissem, mas pareceu-me que Alice ia começar a andar na minha direção e do meu cavalo e estaquei. A outra mulher falou com uma voz dissonante e áspera, fazendo-lhe um outro aviso.

O cão ladrou mais ao longe. A dona olhou por cima do ombro por breves instantes – de forma arrepiante – e depois virou os seus olhos irregulares na minha direção. Fiquei toda arrepiada e fiz figas para que o meu vestido verde-escuro não fosse fácil de ver. Falou outra vez com Alice, depois arrastou-se pesadamente atrás do cão, a resmungar com os seus botões.

Alice continuou uns instantes na clareira e eu vi-a a cerrar e a descerrar os punhos. Esfregou a parte de cima dos braços como se estivesse com frio – um gesto de vulnerabilidade que me fez sentir culpada por estar escondida. Depois, caminhou na direção contrária, diretamente para o rio.

Eu não conseguia ver o cavalo dela, nem ouvia cascos no chão da floresta. Sem saber o que fazer, observei-a durante um ou dois minutos, depois montei o cavalo e regresssei a casa a galope. Esbaforida, desmontei ao fundo das escadas, virei-me para o sítio de onde viera e, ao fim de alguns minutos, vi-a, inclinada para a frente, a caminhar depressa desde o aglomerado de árvores a oriente do parque. Ela caminhava de forma furtiva, com elegância, autoridade, atravessando o relvado na frente da casa veloz como um coelho, dobrada sobre si mesma para se proteger do vento frio. Não trazia um capote. Tinha uma expressão sombria e parecia inquieta.

— Onde está o teu cavalo? — foi a primeira coisa que eu lhe perguntei. Antes de ela ter tempo de responder, ouviu-se um cão a ladrar da direção de onde ela viera. Absorta, ela olhou para trás. — Alice?

A porta da frente abriu-se e Richard assomou ao cimo dos degraus.

— Ah, as duas fadas chegaram da floresta. Boa tarde, Menina Gray.

Alice acenou com a cabeça, os olhos pousados no chão.

— Boa tarde, senhor.

— Estás a cuidar da minha mulher? — Alice disse que sim com a cabeça. — Fleetwood, o teu cavalo vai voltar para o estábulo sozinho? — perguntou Richard.

Eu recompus-me e peguei nas rédeas, preparada para percorrer a curta distância, mas Richard travou-me.

— A tua parteira pode tratar disso.

Ansiosa, olhei para Alice, que estava absorta e mais pálida do que era habitual.

— A menos que ela não queira? — perguntou-lhe Richard.

Com uma expressão de angústia, Alice tomou as rédeas das minhas mãos. Eu fiquei a vê-la ir, as costas arqueadas, encostada ao animal, depois segurei as saias e entrei em casa.

— Ela parece nova de mais para ser parteira — disse Richard quando eu ia a passar por ele ao entrar para o átrio escuro. As candeias de parede tremularam com a corrente de ar quando a porta se fechou.

— É mais ou menos da minha idade.

— Mesmo assim, acho que deveríamos ir a Londres. Há lá centenas de parteiras que fazem partos todos os dias.

— Não me obrigues a ir a Londres, Richard. Quero que o nosso filho nasça em casa, que é o lugar dele. — Isso pareceu convencê-lo e pegou-me na mão, apertando-a. — Estarei com a Alice nos meus aposentos enquanto ela me examina.

Dez minutos depois, ainda não havia sinais de Alice. Levantei-me do chão, onde estava a afagar *Puck*, e fui até ao cimo das escadas. Ali estava ela, por debaixo do meu retrato, a fitá-lo. Não sabia que eu estava a observá-la e reparei nos cantos da boca dela a revirar para cima, como se estivesse a sorrir, perdida numa boa recordação.

— O que achas da minha mãe? — perguntei, sobressaltando-a.

— Ela é muito... pontiaguda — respondeu, o que me fez sorrir. — Esta és tu? — Acenou com a cabeça para a criança do retrato.

— Do que estavas a sorrir?

— A tua cara é muito séria para alguém tão pequeno. Fazes-me lembrar... — Não concluiu o raciocínio.

— Faço-te lembrar quem?

Porém, ela não respondeu, mexendo-se como que despertada de um devaneio, segurando as saias e juntando-se a mim ao cimo das escadas. Passámos pelo quarto de vestir onde era costume Richard dormir, a cama dobrável bem visível, e reparei que ela não trazia nada nas mãos.

— O meu marido perguntou quantos anos tens — disse eu, fechando a porta depois de entrarmos.

Ela abriu a boca, mas não disse nada, e os seus ombros descaíram

um pouco.

— Não sei.

Eu fitei-a.

— Não sabes quantos anos tens? Bem, quando é o teu aniversário?

Ela encolheu os ombros.

— Tenho um pouco mais de vinte anos, creio.

— Não sabes quando é o teu aniversário?

Ela abanou a cabeça.

— Receio ter de confessar uma coisa. Perdi o cavalo que tu me deste.

— *Perdeste?*

— Amarrei-o à porta de casa e, na manhã seguinte, não estava lá.

Toda ela era um pedido de desculpas e eu repreendi-me mentalmente pela minha própria idiotice. Não me passara pela cabeça perguntar se ela tinha um estábulo, mas era evidente que não. Deveria ter pagado para ela o guardar na estalagem ou em alguma quinta próxima. Ela entendeu a minha reação como uma de profunda desilusão e começou outra vez.

— Eu pago-te; trabalharei de borla. Quanto custa um cavalo?

— Não sei... Algumas libras? — Ela ficou desanimada. — Não te preocupes. O que lá vai, lá vai. Eu pago-te na mesma — disse eu, com pouca convicção, pois Richard daria azo à sua fúria.

Como é que eu lho poderia dizer? Não importava. Enquanto Alice aqui estivesse, concentrar-nos-íamos no aqui e agora.

Perguntei-lhe o que ela trouxera, ela caminhou até ao toucador e começou a levantar as saias, tirando do bolso pequenos embrulhos de tecido e alinhando-os em cima do tampo envernizado antes de os abrir, revelando ervas com várias tonalidades de verde. Com o lume forte e acolhedor, e o cão a dormir com nobreza no tapete, o meu quarto emanava a mesma atmosfera de objetivo bem definido que a cozinha. Acerquei-me da beira da cama e sentei-me, sem saber o que fazer.

— Pareces uma vendedora ambulante de ervas — disse eu. — O Richard ficaria impressionado.

Ela apontou da esquerda para a direita.

— Endro, calêndula, lavanda, camomila.

Ela pegou no primeiro molho: macio e flexível com delicadas frondas a agitar-se.

— Pede à tua cozinheira para cortar isto aos pedacinhos e a misturá-los com manteiga, que poderá usar para temperar a tua carne, o peixe ou qualquer outra coisa.

— Para que serve?

— Para muita coisa. Estas pétalas — pegou nas delicadas flores douradas — podem ser secas e misturadas com leite quente, ou

utilizadas para dar sabor ao queijo. Pede que te preparem uma chávena de água quente todas as manhãs e à noite e mistura isto. Ajudar-te-á com os enjoos.

Concordei com a cabeça, fazendo por me lembrar: manteiga, leite quente, queijo.

— Lavanda — disse ela. — Faz uma infusão com água da chuva até ganhar cor e salpica-a na fronha da almofada para te ajudar a dormir e afastar os pesadelos.

Olhou para mim de forma eloquente e, por instantes, questionei-me se lhe teria falado sobre O Pesadelo. Como poderia ela saber? Levantou o avental outra vez e tirou de lá um pequeno frasco de vidro, que segurou entre o indicador e o polegar.

— Já preparei algum. Só tinha este frasco.

Debruçou-se por cima da cama e, tapando metade do gargalo com o dedo, agitou-o delicadamente por cima das almofadas e do edredão. Alguma coisa a fez parar e aproximou-se para ver melhor o que era.

— O teu cabelo está a cair?

Maquinalmente, levei a mão ao cabelo, tocando-lhe no sítio onde já mal cobria os rolos por debaixo.

— Está.

Eu não conseguia ver a cara dela, mas parecia estar a pensar enquanto aplicava a água de lavanda na roupa de cama. Pouco depois estava outra vez ao meu lado, metendo-me o frasco na mão, levantando depois um punhado de uma planta parecida com margaridas.

— «Como um canteiro de camomila, quanto mais for pisado, mais se alastrará» — recitei. — Conheces este poema?

— Não — disse, lacónica. — Mergulha também isto em leite quente. Antes de beber, deves coar. E por fim... — Segurou entre os dedos uma tira estreita do que parecia um pedaço de tronco de árvore. — Casca de salgueiro. Se tiveres dores, mastiga isto. Ajudará.

— Onde compraste estas coisas todas? Na farmácia de Padiham?

— Foram umas conhecidas — respondeu.

— *Curandeiras?*

— A maioria das mulheres sabem curar.

Não percebi se ela estava a troçar de mim.

— São de confiança?

Alice fulminou-me com o olhar.

— Na opinião do rei? Não. Ele obrigou-as a andar na clandestinidade. Só que as pessoas continuam a adoecer, e a morrer, e a ter filhos, e nem todos têm um médico real. O rei confundiu curandeiras com bruxas.

— Parece-me que não és uma apoiante dele. — Ela não respondeu e começou a dobrar os pequenos quadrados de tecido. Muitas pessoas

destas paragens tinham as suas opiniões sobre o rei, mas não as manifestavam por boas razões, por isso fiquei espantada com a franqueza dela. Se calhar todas as pessoas humildes eram assim arrojadas.

— O rei não apoia as mulheres que tentam ganhar a vida conforme podem: a ajudar o próximo, a tratar doenças e a tentar manter os seus filhos vivos. E enquanto assim for, eu não o apoio. — Esfregou as mãos e assumiu um comportamento mais profissional. — Lembras-te de todas as instruções?

— Acho que sim.

Fiquei feliz por Richard ou os criados não terem ouvido esta conversa. Alice puxou o bolso para fora, voltou a meter o tecido para dentro e pediu para eu lhe mostrar o meu pulso.

— Quase me esquecia de te dizer... — comecei, enquanto ela examinava o meu pulso, pressionando aqui e ali, dobrando a palma da minha mão para trás e para a frente. Agora não me doía. — Na outra noite sangrei. — Alice fixou os seus enormes olhos ambarinos nos meus e voltei a sentir o cheiro da lavanda. De onde vinha? Não era possível ter um perfume; deveria aplicá-la esmagada nos pulsos e no pescoço. Imaginei-a a vestir o seu vestido de lã áspera e a enfiar o cabelo debaixo da touca depois de fazer esta pequena tentativa de feminilidade.

— Sentiste dor? — Eu abanei a cabeça. Ela semicerrou os olhos. — É possível que tenhas sangue de mais no corpo, o que não é bom para o bebé. Da próxima vez que vier, trago-te uma coisa.

— Quando será isso?

— Dentro de alguns dias. Até lá, utiliza estas coisas de acordo com as instruções e verás melhorias.

Fui ao meu armário, onde guardava a carta do médico, tirei de lá uma pequena bolsa de moedas e entreguei-lha.

— O que é isso?

— O primeiro mês adiantado. Quanto te devo das ervas?

— Nada.

Ela sentiu o peso da bolsa na palma da mão, deixando as moedas deslizar. Aquele barulho fez-me lembrar Richard e olhei para a porta. Não lhe dissera nem a James quanto estava a pagar a Alice. Isso teria de ficar para mais tarde, para quando a minha barriga estivesse maior e ele percebesse que os preparados dela estavam a surtir efeito. Assim, não poderia protestar.

Acompanhei-a à saída, acenei-lhe desde o cimo das escadas e voltei para o meu quarto para descansar. Geralmente, eu tinha de apanhar os meus cabelos pretos da almofada e atirá-los para a lareira, sentindo medo de que acabassem por cair todos e eu ficasse careca como um ovo. O que mais esta criança me levaria? Hoje em dia,

fabricavam perucas, mas o cabelo de uma mulher era um bem tão precioso como as suas roupas ou pedras preciosas, o qual não podia ser retirado. Se Richard já não me desejava, com a barriga a crescer e a pele pálida, de certeza que não me desejaria sem os meus cabelos pretos e fartos que costumavam ser luzidios como as penas dos corvos. Quando conhecera as irmãs dele, invejara-lhes os delicados cabelos louros, mas o preto era uma cor dispendiosa, difícil de pintar e manter. O preto era sinónimo de riqueza e poder.

Sentei-me na beira da cama e passei a mão pela almofada, mas não vi fios pretos em cima do tecido branco. Alice deveria tê-los apanhado. Deitei-me, fechei os olhos e deixei-me adormecer com o cheiro da lavanda.



Desde o início do nosso casamento que Richard tinha orgulho em exhibir-me. Nas festas, eu brilhava sob o olhar dos seus companheiros, como uma pedra preciosa à luz de uma vela, sempre a olhá-lo nos olhos à procura de reconhecimento e, ao encontrá-lo, a brilhar ainda com mais intensidade.

Eu estava ansiosa pelo jantar em casa de Roger e a brilhar mais do que nunca, agora que os preparados de Alice estavam a surtir efeito. Porém, comprazia-me com o facto de ela não me ter visto a andar de um lado para o outro no meu quarto, a ganhar coragem para ir à cozinha e repetir as instruções que ela me dera à criadação. A minha mãe dizia que eu me preocupava sempre de mais com o que as pessoas pensam, mas o que me preocupava mesmo era o que as pessoas diziam, principalmente nas minhas costas. Os pensamentos eram uma coisa de cada um, os rumores não e, sendo eu a senhora de Gawthorpe, sabia que estava sujeita às duas coisas. Quando lhe mostrei o endro para a manteiga e espalhei as folhas de camomila em cima da mesa de madeira esfregada, a cozinheira ouviu-me com uma sobranceira soerguida. Mas o importante é que ouviu e, à noite, levaram-me ao quarto uma chávena de leite morno com uma infusão de camomila doce, e, no dia seguinte, ao jantar, levaram-me um prato especial com manteiga. Pela primeira vez, fiquei bastante agradada com a criadação. Richard continuava a dormir no quarto ao lado, por isso eu tinha a esperança de brilhar tanto em casa de Roger que ele não tivesse vontade de usar a cama dobrável.

Chegou a sexta-feira e, às onze horas, estávamos prontos para partir rumo a Read Hall. Os dias já estavam maiores e, mesmo que passássemos a tarde inteira em casa dos Nowells, ainda seria de dia quando de lá saíssemos. Eu não gostava muito de viajar de noite, quando não se conseguia ver a orla das florestas mas se conseguia ouvir as árvores a tremer e a forçar as raízes, como cães levados pela trela. Já estava doente há tanto tempo que não me lembrava da última vez que eu e Richard saíramos juntos, por isso vesti um dos meus vestidos preferidos, azul-escuro, bordado com aves exóticas e besouros, e um chapéu alto de seda, com a roupa de montar por cima. Decidi revelar-lhe o desaparecimento do cavalo noutra dia, pois isso certamente estragaria a noite e eu estava determinada em não deixar que alguma coisa a estragasse.

— Ah, os dois pombinhos.

Roger recebeu-nos no grande salão, passando um copo de vinho

branco seco a cada um de nós. Envergava umas vestes requintadas, mas mantinha um elemento de homem do campo com o seu fato de veludo preto e botas macias. A sua mulher, Katherine, veio direita a mim com o seu vestido de renda preta com delicados bordados dourados. Tinha a cabeça descoberta e o vestido era muito decotado. Eu era mais nova do que a filha deles, mas tínhamos interesses comuns em termos de moda e Londres, e nos melhores alfaiates de Manchester, Halifax e Lancaster.

— Que novidades há em Gawthorpe? Já não a vemos há muito tempo. O Richard disse que esteve bastante doente. Espero que esteja recuperada? — disse Katherine depois de fazermos os elogios necessários à indumentária uma da outra. Os seus brincos reluziam à luz da vela.

— Oh — disse eu. — Sim, estive algum tempo de cama, mas já estou melhor. Obrigada.

— O Roger disse que a senhora foi à caça com eles há não muito tempo? Fiquei espantada. Aquela lama toda a estragar as suas coisas!

— Sim, embora o Richard me culpasse de espantar a caça com a minha voz. A caça talvez não seja o melhor momento para falar com os amigos. — Sorri.

— A senhora é sempre bem-vinda a Read, mas de momento temos menos um quarto.

— Não me diga.

— O Roger explica durante a refeição.

Nesse instante, um dos convivas virou-se e eu vi que era Thomas Lister. Entreolhámo-nos e ele acenou-me educadamente.

— O Senhor Lister esteve há pouco tempo em Gawthorpe. Ia a caminho de Yorkshire — informei.

O mirrado e velho Nick Bannister, o anterior magistrado de Pendle, também estava com Roger, Thomas e Richard, segurando o copo junto ao peito.

— E o Roger convenceu o Nick a sair da *sua* cama com a promessa de umas aves exóticas e barris de vinho branco seco — acrescentou Katherine calorosamente. Depois, convidou-nos a sentar-nos.

Thomas Lister ficou à minha esquerda e Nick Bannister à minha direita, com Roger, Katherine e Richard em frente.

— Temos de separar os pombinhos, de contrário passarão a noite toda a arrulhar — disse Roger com um piscar de olho.

Eu sorri e imaginei o efeito que teria anunciar que os dois pombinhos dormiam em quartos separados.

Serviram o primeiro prato: um acervo de tartes de carneiro, pastéis de gamo e caldo de pernil e ervilhas. Roger esperou que acabassem de apresentar e servir tudo antes de falar.

— Ora bem — disse, enquanto pegávamos nas facas —, como

todos sabem, eu tenho investigado uma série de crimes perpetrados na região de Pendle. O que alguns de vós poderão não saber é que foram realizadas mais detenções na sequência de alguns interrogatórios profundamente inquietantes. — Mudou a cadeira de posição e fez sinal para um criado encher os copos dos convidados de vinho. — Poderão estar recordados de eu falar da Alizon Device, a rapariga que fez bruxaria contra o vendedor ambulante John Law? Tenho o prazer de informar que ela está agora detida com a sua família, pelo que, de momento, os habitantes inocentes de Pendle já não estão à mercê da obra do Diabo.

— A família dela também está detida? — perguntei.

Roger assentiu lentamente com a cabeça.

— A mãe, a avó e o irmão confessaram a prática de bruxaria e papismo. Muitas vidas se perderam pela obra da família Device. Esquivaram-se à mão da lei durante tempo de mais.

À minha direita, Nick Bannister falou pela primeira vez com a sua voz árida e sibilante.

— Será coincidência o facto de a palavra Device fazer lembrar Diabo?

Todos os presentes desataram a rir e eu esperei para falar.

— O que foi que eles fizeram?

— Oh... — Roger meneou a mão casualmente. — Um horrível conjunto de coisas: bonecos de barro, feitiços, maldições. Todos têm o seu próprio espírito, o que é prova suficiente.

— Viu os espíritos deles? — perguntei, lembrando que ele nunca vira o de Alizon com os próprios olhos.

— Não foi preciso. Eu sei que existem. O John Law descreveu o da Alizon, o cão. A mãe dela, Elizabeth, também tem um cão chamado *Ball*, e a avó teve um durante cerca de vinte anos. Teve um pacto com o Diabo durante duas décadas, realizando a sua obra por todo o condado.

— Mas se não os consegue ver, como pode ter a certeza? — indaguei.

Seguiram-se uns instantes de silêncio enquanto todos mastigavam e engoliam à minha volta. Roger fitou-me.

— O Diabo só aparece àqueles que reconhecem ser os seus servidores. Deixam os seus animais sugar o sangue dos nossos corpos. Isso parece-lhe um animal inofensivo? A senhora deixa o seu cão fazer isso, Fleetwood?

— Roger — disse Richard com indiferença —, eu vou mandar o meu falcão atrás de si e ele sugará o *seu* sangue.

Todos riram menos eu.

Peguei na faca e remexi na comida no meu prato, mas a carne de carneiro cheia de gordura enojou-me.

— Que novidades há sobre aquela tal de Preston? — perguntou Katherine a Thomas Lister, que precisava sempre de ser persuadido a entrar nas conversas.

Ao ouvir falar da sua criada, ele sentou-se um pouco mais direito e aclarou a voz.

— Foi um choque quando ela foi absolvida. — Falou em tom baixo, rodopiando o vinho no copo. — Mas tenho a certeza de que estará de volta sem dar por isso.

Eu não tinha a certeza de ter ouvido bem.

— De volta para onde? — perguntei. — Certamente não a queria ter de volta em Westby se pensasse que ela matou uma criança?

Ele pousou o copo e limpou a pequena boca ao guardanapo.

— Aos próximos julgamentos em York.

Sondei os outros convivas.

— Desculpe, mas não estou a perceber.

— Bem — disse ele, suavemente —, a Jennet Preston assassinou o meu pai.

Fez-se silêncio. Só se ouvia o vento na janela e as chamas a rugir com vontade na enorme lareira. Os outros convidados pareciam tão confusos como eu. Roger recostou-se e meneou a cabeça de forma paternal para Thomas, como se ele tivesse posto a descoberto uma verdade profunda.

— O seu pai morreu há quatro anos — disse Richard. Thomas baixou o olhar para o prato, o corpo pequeno rígido.

— Eu não revelei a ninguém as suas últimas palavras — disse, baixinho. — Eu e a minha mãe ouvimos. Ele estava apavorado.

— Porquê?

— Por causa da Preston. No leito de morte, o meu pai lamentou-se: «A Jennet deixa-me devastado! A mulher do Preston deixa-me devastado; ajuda-me, ajuda-me!» — Nesta parte, a sua voz tornou-se aguda e delirante. Todos os presentes ficaram em silêncio e a sua voz vibrante ecoou pelas paredes altas. — Pediu-nos para fecharmos as portas, todas as portas da casa, para ela não poder fugir.

— Ela estava lá?

— O *espírito* dela estava lá. Ele conseguia vê-lo, eu sei. Depois de morrer, levaram-na junto do cadáver e este sangrou quando ela lhe tocou.

— O sinal inequívoco de uma bruxa — disse Roger, com confiança.

— Mas — comecei por dizer —, se isso aconteceu há quatro anos, porque só agora foi levada a julgamento? E porque foi levada por outra coisa o mês passado? — Thomas olhou para Roger.

— A semana passada, na Sexta-Feira Santa, quando todos os bons

cidadãos estavam a rezar, um grupo estava a reunir-se — disse Roger com uma voz lenta e expressiva. — E quando todos nós estávamos a jejuar, conforme é o desejo do Nosso Senhor, esse grupo estava a refastelar-se com um carneiro roubado. Isso aconteceu num lugar miserável chamado Malkin Tower, a casa da avó da Alizon Device, conhecida por Old Demdike. Um dos convivas foi a Jennet Preston.

— A Preston conhece a família Device? — perguntou Richard.

Roger anuiu uma vez com a cabeça.

— Porque é uma bruxa. E sobre o que falaram nessa reunião, se não de compararem os seus espíritos e blasfemarem o Senhor Jesus, por quem deveriam estar a jejuar? Falaram lá do jovem Senhor Lister.

— Porquê?

— A Preston estava a conspirar para o matar — respondeu Roger, simplesmente. Ao meu lado, conseguia sentir Thomas Lister a tremer. Começou a mexer em todos os seus talheres e louças, mudando-os do sítio e alinhando-os de forma meticulosa.

Roger prosseguiu.

— Mas não foi só disso que falaram. O grupo reuniu para debater uma conspiração parecida com aquela que quase derrubou o rei do trono há não muito tempo. — Debruçou-se sobre a mesa, os dentes a reluzir sob a luz das velas. — Eles planearam fazer explodir o castelo de Lancaster, onde os seus familiares estão detidos. Para os libertar.

— Como sabe disso?

Roger bateu ao de leve no nariz, dobrou o lenço muito bem dobrado e empurrou a cadeira para trás para se levantar.

— Permitam-me apresentar a minha testemunha mais valiosa.

Saiu da sala e todos arquejaram quando ele regressou com o braço enorme, como o de um urso, à volta dos ombros estreitos de uma menina pequena.

Ela entrou com ele na sala e pararam a curta distância da mesa. Ela não podia ter mais de 9 ou 10 anos, e tinha uma cara lívida e aguçada, com uns olhos grandes e claros. Uns cabelos acastanhados desgarravam-se da touca, que fora engomada há pouco tempo e, embora tivesse a bata bem amarrada, o vestido simples de lã ficava-lhe largo. Não teve medo de olhar todos os presentes nos olhos e, quando o seu olhar temerário se fixou no meu, eu não consegui desviar os meus olhos. O que mais me incomodou foi o facto de ela não ter medo nem se deixar impressionar, a expressão tranquila como num retrato.

— Esta — anunciou o Roger — é a Jennet Device.

— Um nome comum entre a sua laia — silvou o Senhor Bannister.

— Senhor e Senhora Shuttleworth, Senhor Lister, permitam-me que vos apresente a minha fonte de todo o conhecimento. A Jennet tem-me ajudado e ao Senhor Bannister nas nossas investigações. É

irmã da Alizon.

Vi Katherine a olhar de relance para a menina com uma expressão simultaneamente desconfiada e temerosa. Estava com ar de quem, se pudesse, seria capaz de se esconder atrás de alguém.

Virei-me para o Senhor Bannister e murmurei:

— Ela tem ficado aqui, em Read Hall?

— Sim — respondeu, expirando. — No antigo quarto de um dos filhos.

Interroguei-me o que os filhos crescidos de Roger pensariam disso — eu própria mal sabia o que pensar. A bruxa era irmã de Alizon? Estavam todos calados e o modo como estavam a mirar a menina dos pés à cabeça deixou-me arrepiada, por isso falei.

— Olá, Jennet — disse eu. — O que achas de Read Hall?

— É muito bom — respondeu a menina com uma voz áspera e um vincado sotaque.

— E quanto tempo aqui ficarás?

— Ficaré até marcarem a data do julgamento do verão.

Katherine fez um pequeno barulho.

— Até agosto? Roger, ela vai mesmo ficar aqui tanto tempo?

— Onde mais haveria de ficar, Katherine? A família dela está na prisão de Lancaster e lá estará até ser chamada à presença dos juizes de Sua Majestade.

As palavras dele não pareceram incomodar minimamente Jennet, que continuou a olhar para os convidados e para a própria sala, o olhar errante atraído para os retratos, painéis e brasões da família na parede. De certeza que nunca vira tais coisas na vida, nem uma lareira tão grande como a que se elevava acima dela, nem tanta comida.

— És servida do nosso segundo prato, Jennet? — perguntou Roger. — Temos carne de galinha e vaca assadas, pão e manteiga feita hoje de manhã.

Jennet disse que sim entusiasticamente com a cabeça e mandaram-na sentar-se na cabeceira da mesa ao lado de Katherine, que não parecia estar mais à-vontade. Embora fosse visível o indício de um sorriso de boa anfitriã, tal não estava patente nos seus olhos. Os seus brincos brilharam.

— A Jennet esteve na Malkin Tower, na Sexta-Feira Santa, e revelou-me tudo o que lá foi dito, incluindo a conspiração para atentar contra a vida aqui do patrão da Preston — declarou Roger enquanto voltava para o seu lugar. — Estiveram presentes bastantes pessoas de quem o irmão dela, o James, me falou, e a Jennet confirmou todos os nomes da lista. Nós trabalhamos bem juntos, não é, Jennet?

A criança estava a olhar com avidez para a comida que ainda havia na mesa e eu não consegui evitar olhar de relance para ela a cada poucos segundos. Tinha a cabeça tão pequena que me pareceu

que Roger seria capaz de a esmagar com uma mão. Ela não parecia minimamente afetada pelo facto de toda a sua família estar detida e eu não consegui perceber se isso me deixava arrepiada ou me inspirava compaixão.

Serviram o segundo prato e Roger e Richard falaram de outros assuntos que eram do seu interesse: o preço do sal; quanto o seu gado valia no mercado. Jennet comeu como um animal selvagem, a cara e as mãos todas gordurosas. Eu ainda estava a observá-la quando ouvi Richard dizer a Roger que mandara vir um mosquete, o que me fez olhar para ele de repente.

— Um mosquete? Richard, tu não me disseste isso. — Richard olhou de relance para Roger.

— Fleetwood, não me parece que tenha de pedir a tua autorização — disse ele. — A menos que sejas especialista em pederneiras e eu não saiba?

Todos os presentes deram risadinhas e eu ruborizei.

— Não disparará dentro de casa?

— Se for manuseada por quem sabe, não, e é isso que vai acontecer — disse Richard com insolência.

Virou-se para Roger, dando o assunto por encerrado.

Tentei falar com Thomas que estava à minha esquerda, mas ele estava com um comportamento estranho e não me olhou nos olhos: creio que a presença da criança o assustou. Katherine contorceu-se ao lado de Jennet e não falou com ela uma única vez.

Pouco depois, o tema da conversa versou outra vez sobre a caça às bruxas de Roger.

— Falemos sobre isso longe dos ouvidos da criança, não vá provocar-lhe pesadelos — disse Roger. — Jennet, volta para o teu quarto e eu mandarei alguém buscar-te de manhã.

A menina deslizou da mesa sem sequer mexer na cadeira, de tão magra que era. Não fez barulho ao sair e, assim que desapareceu, fiquei com a sensação de que nunca ali estivera.

Roger virou-se para nós e falou em jeito de confidencialidade.

— A mãe perdeu as estribeiras quando descobriu que a filha a denunciara. Pensei que iria enlouquecer diante dos meus olhos.

O Senhor Bannister arrotou ao meu lado e pediu perdão, tapando a boca com uma mão cheia de manchas castanhas.

— A Elizabeth Device é digna de ser vista — disse ele. — Ela mete medo: um olho bem alto na cabeça, o outro virado para o chão. — Eu senti que me tinham despejado um balde de água gelada pela cabeça abaixo e fiquei a olhar embasbacada para o Senhor Bannister, que confundiu a minha incredulidade com fascínio.

— Ela parece saída de uma peça cómica, mas não estou a exagerar. Não percebo como consegue ter três filhos de dois homens

diferentes.

Eu tinha a boca seca como se estivesse cheia de areia.

— Onde é que a família Device mora?

— Às portas de Colne. A Malkin Tower é um casebre horrível e húmido. Não sei como é possível viver num sítio assim.



Isto não vai ser agradável. Terás de ser forte.

Alice pegou num dos objetos que pousara em cima do toucador do meu quarto: uma faca que se dobrava sobre si mesma para dentro de um invólucro feito de chifre. Por um tenebroso momento, pensei que ela pretendia realizar uma cirurgia na minha barriga, mas ela reparou na minha expressão e o seu cenho franzido amenizou-se.

— Vou-te sangrar — explicou. — É a única maneira de eliminar o sangue em excesso.

Extraíu a lâmina de aspeto embotado do punho feito de chifre e mostrou-me como a ponta da faca era achatada, não afiada, e como uma pequena forma triangular sobressaía da mesma formando um ângulo reto. Era uma coisa curiosa. Ela disse-me que era uma lanceta. Eu já vira bastante do meu próprio sangue e sentira dor suficiente para não ter medo.

Alice aparecera de forma misteriosa, como sempre, atravessando o relvado defronte da casa, decidida, com os seus ombros descaídos. Não fez conversa de circunstância e eu também não. Passáramos a estar mais confortáveis na companhia uma da outra – tão confortáveis quanto podem estar duas mulheres que não podiam ser mais diferentes. Eu gostava da voz branda dela e questionei-me se ela costumaria ler para o pai à lareira, mas depois lembrei-me de que ela não sabia ler. Porém, a voz era a única coisa que ela tinha de branda, pensei futilmente enquanto ela andava de um lado para o outro no quarto, determinada e ágil, as costas direitas, o pescoço comprido e equino. Noutra vida, daria uma boa dona de uma casa como esta. Provavelmente melhor do que eu. Trabalhar numa taberna tornava uma pessoa mais dura. A pobreza quase de certeza que sim. Não obstante, sairia daqui com mais dinheiro do que chegara.

Mandou-me despir o casaco e o que tinha por baixo de forma a ficar com os braços despidos. Depois, puxou uma cadeira até à janela e fez sinal para eu me sentar. Passou uma fita à volta do meu braço, apertou-a com força e estimulou a pele branca do meu cotovelo.

— Alice — disse eu —, achas que já terá pestanas?

— Pestanas?

— Achas que o bebé terá pestanas?

— Que pergunta estranha. É difícil dizer.

Eu concordei com a cabeça e passei os olhos pelas coisas que ela pedira para eu ter a postos: um alguidar grande, roupas de cama lavadas, água, uma agulha e linha clara. Instintivamente, eu trancara a porta do quarto, pois Richard estava lá em baixo com James e o livro-razão. Quando me virei para Alice, ela estava de pé junto da

lareira, a contemplar as estatuetas de gesso de ambos os lados.

— São da tua família? — indagou.

— Não. *Prudentia*. — Aponte. — *Justitia*.

— O que significa?

— *Ponderação e Justiça* é o lema da família Shuttleworth. — Aponte para a lanceta. — Onde arranjaste isso?

Ela ficou algum tempo a limpar a lâmina ao avental e depois, com alguma delicadeza, disse:

— Tu interessas-te muito em saber de onde vieram as minhas coisas.

— Para começar, ainda bem que não me pediste para arranjar uma. Depois, já estou a imaginar a cara do James quando eu lhe dissesse que tinha encomendado uma.

— Quem é o James?

— É o nosso mordomo.

— Porque lhe haverias de dizer? — perguntou.

— Tudo o que compramos é registado no livro-razão dele, bem como tudo o que sai de Gawthorpe, quer seja cerveja da cervejaria, galinhas da quinta ou parteiras para a patroa.

— Eu também?

— Sim, tu também.

A minha mão latejou consoante o sangue se acumulou. Alice pediu-me para lhe passar o alguidar – era bonito, de cobre, decorado com flores, o qual nos fora oferecido pela mãe de Richard – e pousou-o no toucador, com o meu braço por cima.

— Estás pronta?

Antes de eu ter tempo de dizer que sim, já ela me tinha espetado a lanceta na dobra do braço e eu gani como um cachorrinho ao retirá-la. De imediato, começou a jorrar sangue quente e vermelho do buraco que ela fizera. Tapei a boca com a outra mão, mas não consegui desviar os olhos do grotesco espetáculo.

— O que significa ponderação? — quis saber Alice, segurando o meu braço da melhor maneira.

Eu sentia uma dor manifesta por todo o corpo.

— Ah... Ponderação. Ponderação significa... Quanto tempo é que isto demora?

— Até o alguidar ficar meio cheio.

— Meio cheio? — Estava a jorrar tão depressa.

— O que significa ponderação? — perguntou Alice outra vez.

— Significa cautela. Prosseguir com cautela.

— E justiça significa liberdade?

— Não — disse eu, fazendo um esforço para olhar para qualquer sítio menos para o alguidar a encher-se facilmente com o meu sangue, como se fosse vinho servido de uma garrafa. Senti-me zozza como

quando desmaiara na igreja. — Justiça significa imparcialidade. Ausência de preconceito.

Trabalhando com a mesma agilidade de antes, Alice beliscou a pele dos dois lados do buraco e passou a agulha pela mesma. Eu desviei o olhar enquanto ela deu os pontos, estremecendo de cada vez que me espetava.

— Vou ficar a parecer uma almofada — disse eu, sentindo a respiração dela no meu braço. — Achas que isto vai resultar?

— Sangrar as veias é a melhor maneira de purgar o sangue enquanto não tens a menstruação. Se feita no sítio certo, esta operação pode ser saudável.

Lavou o sangue do meu braço, fez pressão com uma bola de tecido e disse-me para a segurar. Curioso, *Puck* aproximou-se. Afastei o penso de tecido do braço e vi sangue fresco a vazar pelos filamentos grosseiros. *Puck* farejou e lambeu a ferida algumas vezes até chegar à conclusão de que não era tão saboroso como pensara.

Ato contínuo, lembrei-me das palavras de Roger: «Tu deixas o teu cão sugar o teu sangue, Fleetwood?»

Quase desatei a rir com o absurdo da ideia. Alice envolveu o meu braço numa tira de tecido e amarrou-a, depois conduziu-me até à cama e disse para me deitar enquanto arrumava tudo. A ferida era no mesmo braço da entorse — eu já tinha um bom acervo de lesões desde que a conhecera e disse-lho. Ela sorriu e fechou os cortinados.

— Não sinto diferença alguma — disse eu, passado algum tempo.

— Espera um ou dois dias — chegou-me a voz dela. Ouvi o tilintar de vidro. — Se não te sentires melhor, podemos tentar no outro braço, com mais sangue. Ainda tens a casca de salgueiro que eu te dei?

— Sim.

Assomou no meio dos cortinados com um pedaço de tecido mais pequeno do que a minha mão. Do meio das dobras, tirou uma única folha verde. Arrancou um bocadinho e passou-mo.

— Suga isto — disse ela. — Fará com que o sangue não jorre tão depressa, mas não uses uma quantidade maior, e cospe, não engulas.

Eu deitei-me com as mãos em cima da barriga a sugar o pedaço de folha como um aprendiz rural numa tarde de verão. A folha pareceu dissolver-se na minha língua e senti-me inundar por uma sensação de paz. Embora apenas conhecesse Alice há duas semanas, com ela aqui as minhas preocupações pareciam esfumar-se, ganhando forma outra vez à noite. Ela não podia prometer salvar-me a vida. Na verdade, não prometera coisa alguma, mas saber que ela estava a tentar ajudava-me, e sentia-me mais segura do que alguma vez sentira talvez desde que casara com Richard.

— Alice, posso continuar a andar a cavalo em segurança enquanto estiver grávida? — Seguiu-se uma pausa enquanto ela ponderou.

— Eu não conheci muitas mulheres com cavalo, mas a minha mãe conheceu muitas e sempre disse que sim. Tu andas com regularidade?

— Todos os dias — respondi.

— Se sempre andaste, não há motivo para deixares de o fazer, desde que não voltes a cair. Presumo que, para uma cavaleira experiente, seja tão seguro como caminhar.

— Da última vez, pareceu-me que o Richard ficou a pensar que... a culpa foi minha, por ser descuidada, por andar a cavalo e brincar com o *Puck*. Ele acha que isso não é próprio de uma senhora. A verdade é que eu morreria se tivesse de ficar fechada dentro de casa o tempo inteiro, sentada em cadeiras duras a bordar almofadas, apesar de ele pensar que é o sítio mais seguro onde posso estar.

— Talvez te queira ter debaixo de olho, como todos os maridos. Pelo menos até não te poderem ver nem pintada.

O tom amargurado dela fez-me levantar a cabeça.

— Não tinhas dito que não és casada?

— E não sou — apressou-se a responder, e depois, como se já tivesse falado de mais, acrescentou:

— Ah, é verdade. Encontrei o teu cavalo que fugiu. Deixei-o no teu estábulo.

Eu fiquei espantada de mais para responder e olhei fixamente para os cortinados fechados.

— Ouviste o que eu disse? — disse ela por detrás dos cortinados.

— Ouvi. Onde é que estava?

— Um vizinho encontrou-o a pastar num campo e trouxe-o de volta.

— Tens a certeza de que é o mesmo?

— Com aquele triângulo branco no focinho? E a ponta da orelha preta? Lamento, mas os aprestos desapareceram; deve tê-los tirado.

Ou o mais certo é alguém os ter roubado, pensei, considerando que eu nunca vira um cavalo a tirar sozinho a sela, o freio, o cabresto e as rédeas. Antes de conseguir responder, um barulho à porta sobressaltou-me e depois ouvi a voz de Richard.

— Fleetwood? Porque tens a porta trancada?

Abri os cortinados e Alice já vinha a caminhar para mim com o meu casaco, que eu vesti para esconder a ferida.

— Fleetwood?

Richard estava a bater à porta com impaciência e entrou assim que, por fim, destranquei a porta.

— Porque é que a porta estava fechada à chave? — voltou a perguntar, dirigindo a pergunta a Alice.

Ela olhou para mim sem saber o que dizer e, em pânico, eu olhei para o toucador onde, ainda há momentos, estavam as coisas dela, mas que agora estava vazio e a brilhar como de costume.

— Richard, tens de compreender que não queremos ser incomodadas quando a Alice está a fazer o seu trabalho.

Tentei falar de forma tranquilizadora, mas ele continuava a fulminar Alice com o olhar.

— E que trabalho é esse?

Desesperada, tentei pensar em alguma coisa.

— Exercícios femininos. — Seguiu-se um terrível momento de silêncio que durou talvez cinco segundos, e Alice baixou os olhos para o chão. Onde é que ela escondera as suas coisas tão depressa? Olhei para o canto do quarto e para a lareira, mas não vi sinal algum do alguardar cheio de sangue.

— Muito bem — acabou por dizer Richard. — O Roger está lá em baixo e quer ver-te. Ele traz... uma pessoa com ele.

— Quem?

Desde o jantar em casa de Roger que havia uma atmosfera entre nós, embora eu não soubesse porquê. Questionei-me se o teria irritado com tantas perguntas.

— Já vais ficar a saber. — Rodou sobre os calcanhares, mas primeiro sondou o quarto. — Está aqui um cheiro esquisito, não está?

O seu olhar demorou-se em Alice, depois foi embora e fechou a porta com firmeza.

— Ele referia-se ao sangue. Também me cheira — disse eu a Alice, mas ela estava com uma expressão tranquila. Como o seu estado de espírito podia mudar de um momento para o outro; como nuvens a correr à frente do Sol. Nesse aspeto, ela e Richard eram iguais. — Esperas aqui enquanto eu vou ver quem é o convidado? — perguntei.

Ao descer as escadas até ao piso térreo, pensei na estranha cena que acabara de presenciar. Richard comportara-se como se achasse a presença de Alice ofensiva, até mesmo revoltante. Recordei a primeira vez que se viram, quando ele riu e gracejou com ela. Mas Richard era um homem que gostava de ser galanteado e respeitado, e o silêncio repreensivo de Alice quando ele lhe pedira para levar o meu cavalo para o estábulo tinha, sem dúvida, deixado a sua marca. As nossas criadas ficavam envergonhadas e coradas quando ele falava com elas, enquanto Alice mostrava indiferença. Bem, ele já escolhera uma mulher para me fazer companhia, e agora era a minha vez. Porém, todos os pensamentos sobre o meu marido e a minha parteira se evaporaram quando cheguei ao último lanço de escada, pois, no átrio, dei de caras com dois vultos, de pé: o expansivo Roger Nowell e a menina franzina da família Device.

— Roger. Jennet. — Fiz um esforço para não parecer sobressaltada. — Que surpresa agradável.

Jennet não estava a olhar para mim, mas a avaliar de olhos arregalados tudo o que a sua visão conseguia abarcar: o corrimão de

carvalho, os retratos pendurados na obscuridade da escadaria. Ainda estava a usar o mesmo vestido velho e a touca branca engomada, que tornava a sua tez ainda mais lívida. Sem dizer uma palavra, caminhou até à janela panorâmica nas traseiras da casa. Pestanejei ao olhar para Roger.

— Tens negócios para tratar com o Richard?

— Tenho. Ele está à minha espera no salão. Vim perguntar se não te importarias de mostrar Gawthorpe à Jennet enquanto eu e o Richard tratamos dos nossos assuntos. Ela nunca viu um palacete assim e gostaria imenso de uma visita guiada. — Toquei no sítio onde a lanceta me perfurara o braço; o tecido fazia-me comichão. Pensei em Alice no meu quarto lá em cima e olhei para a pequena silhueta de Jennet à beira da janela. Sem esperar pela resposta, Roger piscou-me o olho paternalmente e deixou-me, as botas engraxadas a retumbar no chão de alvenaria. Engoli em seco e fui até à beira da menina.

— Ali é Pendle Hill. — Apontei para o maciço que se elevava na lonjura. — E aquele é o rio Calder. Às vezes, consegue-se ver os salmões a saltar rio acima.

Ela tinha feições bastante delicadas e não era feia. O seu pequeno nariz arrebitado era salpicado de sardas e tinha umas pestanas compridas e cinzentas.

— Que divisões gostarias de ver?

Ela encolheu os ombros e, com o seu sotaque vincado, disse:

— Quantas há?

— Sabes uma coisa? Nunca pensei nisso. Não sei. Achas que podemos contar? Embora haja muitas outras para os criados e eu acho que não devemos incomodá-los. A tua casa tem quantas divisões?

Ela olhou fixamente para mim.

— Uma.

— Oh. Muito bem. Vamos lá ver.

Mostrei-lhe o piso térreo – a sala de jantar, a despensa e as salas de trabalho dos criados, onde ficava o gabinete. No grande salão, apontei para a galeria e disse-lhe que, às vezes, vinham ali menestréis e atores fazer os seus espetáculos, e que nós assistíamos de debaixo. Ela caminhou sobretudo em silêncio, perguntando de vez em quando quem era num retrato. Pareceu fascinada com as sereias e as figuras míticas da sala de jantar, tal como com as espadas polidas e os brasões, examinando tudo com as mãos atrás das costas, como um Roger em ponto pequeno. Depois, fomos aos anexos: o grande celeiro, que eu lhe disse ser um dos maiores do país, e os estábulos e os escritórios da exploração agrícola. Efetivamente, quando íamos a caminhar pelo pátio e os cavaleiros e aprendizes acenaram e nos deram os bons dias, avistei a égua parda com o triângulo branco no focinho a mastigar feno languidamente na sua baia.

— Estás a gostar da tua estadia em Read Hall? — perguntei quando estávamos a regressar à casa.

Jennet quis ver os pisos superiores e, depois de uma ligeira hesitação, eu concordei.

Ela voltou a encolher os ombros.

— Não é tão grande como esta casa.

— Mas o Roger e a Katherine têm uma casa adorável. De certeza que te estão a tratar bem.

Questionei-me como Roger seria capaz de a manter de uma maneira e a família de outra, assumindo a responsabilidade por uma e dispondo da outra.

Nas escadas, Jennet virara-se para mim.

— Posso viver antes aqui? — perguntou.

Deixou uma mão no corrimão, como uma senhorinha da corte. Eu abri e fechei a boca, sem reação perante a sua franqueza.

— Receio que não seja possível. Tu és hóspede do Roger.

A intensidade do seu olhar não tinha nada de infantil e eu fiquei com a estranha sensação de ter dito a coisa errada e de que me arrependeria mais tarde. Depois, ela rodou sobre os calcanhares e continuou a subir para os andares de cima. Depois do pedido que me fez, tive vergonha de lhe mostrar todos os quartos vazios, preparados para hóspedes que nunca ficavam.

— A minha mãe vem visitar-me muitas vezes — menti. — E a família do Richard, que vive em Yorkshire. Ele tem muitos irmãos e irmãs. Eu não tenho nenhum. — Agora, estávamos outra vez na escadaria.

— Quem são aquelas? — Ela estava a apontar para o retrato da família Barton.

— Aquelas são a minha mãe e eu.

— Porque tens um pássaro na mão?

— Era o meu animal de estimação, o *Samuel*. Não viveu muito tempo. Eu tive-o numa gaiola no meu quarto.

— Porque é que a tua mãe não tem um pássaro?

— Ela não tinha um animal de estimação.

— A minha mãe tem um cão.

Pensei naquela mulher feia, a Elizabeth Device, que eu vira na floresta de Hagg com Alice, e no rafeiro castanho que passara por mim, e no que Roger dissera sobre o espírito de Elizabeth. De certeza que isso era um disparate – eu vira o animal com os meus próprios olhos e ele não tinha nada de diabólico. Mas a mulher virara-se para mim quando ele passara por ela... Fiquei arrepiada ao pensar nos olhos dela.

— Como é que ele se chama? — perguntei.

— *Ball*.

— Que nome estranho para um cão. Tu tens um cão?

— Não. O meu ainda não se mostrou. — Que criança estranha ela era.

— Eu tenho um cão grande chamado *Puck*. Anda por aí dentro de casa — disse eu.

— Ele fala contigo?

— Não, mas entendemo-nos um ao outro.

Jennet concordou com a cabeça.

— A minha irmã também tem um. E a minha avó tem um menino.

— Um menino? Queres dizer um filho?

— Não, um menino. Chama-se Fancie. Usa um casaco que é castanho e preto, e às vezes vai a nossa casa e eles vão passear.

— Ah, queres dizer um cão.

— Não. Ele é um menino. Ela conhece-o há vinte anos e ele nunca cresceu.

Não consegui evitar fitá-la.

— Contaste isso tudo ao Roger?

— Oh, sim. Ele está muito interessado na minha família.

Ficámos num silêncio desconfortável, a olhar para o meu retrato, depois Jennet subiu o último lanço de escada e eu mostrei-lhe a galeria comprida. Estava um dia soalheiro e o chão acabara de ser encerado, pelo que se via o reflexo das janelas na madeira, como o céu num lago. Percebi que Jennet estava a ficar aborrecida com a visita guiada, embora o seu olhar continuasse a passar por todos os armários, todas as cadeiras, como se fosse um comerciante a fazer a avaliação para a venda. Quando regressámos à escadaria da torre, ela apontou.

— O que é aquela divisão?

— É o meu quarto.

— Podemos ir lá?

— Hoje não — respondi, com um riso nervoso.

— Está lá alguém?

— Não.

Depois de um compasso de espera, ela assentiu com a cabeça e começou a descer, como uma senhorinha. Eu tinha as palmas das mãos escorregadias da transpiração e o coração começara a bater no meu peito. Se Alice conhecia a mãe dela, será que Jennet conhecia Alice? Percebi que não queria ficar a saber, porque tinha a sensação peculiar de que Jennet Device era perigosa, mas não sabia porquê. Porém, isso era ridículo — ela era uma criança.

Levei-a até ao salão e ela precipitou-se para Roger como se fosse sua neta. Roger e Richard estavam sentados frente a frente numa mesa com papéis espalhados no meio, e Roger estava a servir os restos de um jarro de vinho no seu copo.

— Gostaste da visita guiada, pequenina? — perguntou. Jennet assentiu com a cabeça. — Fleetwood, a cada dia que passa estás com melhor aspeto. — Eu sorri e acenei com a cabeça. — Richard — continuou —, posso pedir-te alguma coisa para comer antes de fazer a viagem até Lancaster? Não sobrou um bocado daquela tarte de galinha que a tua cozinheira faz? Não recusaríamos um pouquinho, pois não?

Piscou o olho a Jennet, que estava de pé atrás da cadeira dele como uma criada servil.

— Fleetwood, importas-te de perguntar na cozinha? — pediu Richard.

— É claro.

Fiz uma vénia e percorri os corredores, sentindo frio embora quase todas as lareiras estivessem acesas. A cozinha era uma parte da casa onde eu raramente ia. A todo o comprimento, havia uma mesa comprida e baixa coberta a intervalos de farinha e tachos. Havia no chão cestas de legumes e o forno aberto brilhava e lançava o seu calor pela divisão. Por cima, os dizeres «Não Desperdices; Pode Fazer Falta» escritos com letras de pedra, cada uma do tamanho de um braço, uma recordação deixada pelo tio Lawrence. Estava um coelho pendurado à janela, a balouçar delicadamente. O pessoal da cozinha olhou para mim da maneira a que eu me habituara: uma espreitadela fugaz, depois desviavam o olhar.

— Barbara? — chamei a cozinheira entroncada que estava à mesa a pincelar tartes com gema de ovo.

Ela não dera pela minha chegada e a minha voz era tão fraca no meio do tinido e do clangor da cozinha, que uma das criadas mais novas teve de a ir chamar. Eu transmiti o pedido de Roger e ela foi à despensa buscar algumas coisas para preparar um farnel. Como era costume, na cozinha reinava a azáfama e eu observei os vários criados a enrolar, a cortar e a fermentar. Quando ela me passou um pano morno dobrado cheio de tartes e carnes frias, demorei-me uns instantes.

Depois, disse:

— Obrigada por seguirem tão bem as minhas instruções relativas às ervas. A manteiga é deliciosa e o leite com camomila faz-me adormecer de imediato.

Um sorriso perpassou o seu rosto avermelhado.

— Não tem de quê, minha senhora. Fico feliz por a ver a engordar. Já quase não temos mais ervas das que nos deu. Posso pedir ao James para mandar vir mais?

— Não — apressei-me a dizer. — Pedirei à minha parteira para trazer mais. — Agradei-lhe e virei-lhe costas para ir embora, mas ela disse:

— Minha senhora, é verdade que a filha da bruxa está hoje em Gawthorpe?

— Se te referes à Jennet Device, ela é uma convidada do Roger Nowell.

Alguns criados que estavam mais perto tinham as orelhas arrebitadas.

— Não quero olhar para ela — prosseguiu Barbara. — Dizem que ela é filha do Diabo.

— Tenho a certeza de que isso não é verdade.

— Estou certa de que a senhora sabe o que está a fazer ao abrir as portas a gente dessa laia, mas espero que isso não traga uma maldição a esta casa. Ainda esta manhã, o leite azedou e tinha acabado de chegar da quinta.

Desejando dar a conversa por terminada, assenti outra vez e comecei a afastar-me, mas Barbara chamou-me quando já estava à porta, subindo o tom.

— Aquela sua parteira — disse ela. — De onde é? — Já a perder a paciência, respondi:

— É de Colne.

Barbara revirou os cantos da boca para baixo.

— Eu nunca a vi e a minha irmã é parteira. A senhora podia ter perguntado aqui se alguma de nós recomendaria alguém.

— Pois. Bem, a ideia de introduzir as ervas na minha dieta foi da Alice e estão a surtir efeito.

Eu tinha as pontas das orelhas quentes e senti o sangue subir-me pelo pescoço. Era costume a criadagem pôr em causa as decisões relacionadas com as contratações da patroa? Dar o seu parecer sobre quem convidar a entrar em casa? Levantei o embrulho.

— Obrigada por isto.

Ao sair, tropecei, desencadeando uma vaga de risadinhas pela cozinha. Quando cheguei ao salão, estava agitada e irritada, a minha benevolência para com a criadagem avinagrada uma vez mais. Os dois homens estavam agora de pé a organizar a documentação no meio deles. Jennet estava de cócoras à beira da lareira, a olhar para os cantos — ela caberia facilmente de pé lá dentro, tal como eu cabia na lareira de Barton quando tinha a idade dela.

— Esta é a lista para o Nick Bannister — disse Roger, separando um documento selado do monte à sua frente. Atirou-o para cima da mesa. — Eu tenho uma cópia em Read, mas como vou estar fora, ele virá buscá-la aqui.

Richard anuiu, fazendo-o deslizar por cima da mesa para si e enfiando-o dentro do colete.

— Entregá-lo-ei ao James.

— Não te chagues de mais ao lume, Jennet — advertiu Roger. —

O lume é para as caçarolas e para os hereges, não para crianças.

— E para as bruxas? — perguntou a menina.

— Em terras de Sua Majestade, são atiradas ao fogo. Eu sou da opinião de que a Inglaterra deveria seguir o exemplo da Escócia, mas infelizmente a pena aqui é o cadafalso. Talvez ainda seja possível convencer Sua Majestade a mudar de ideias. Agora, temos de ir para Lancaster.

Ela levantou-se de um pulo.

— Para ver a mamã?

Roger olhou para mim, dando a entender que queria o farnel com a comida e eu atravessei a sala.

— A tua mãe ainda está na estalagem, onde não são permitidas crianças. Obrigado, Fleetwood.

— E a Alizon? E a avó?

— Também estão lá. Em breve as verás, num salão enorme num castelo com muitas pessoas importantes que te farão perguntas sobre elas. E tu sabes o que tens de dizer, não sabes? Tudo aquilo sobre o que falámos? — Ela disse que sim com a cabeça, pegando no embrulho e abrindo-o para meter uma mão-cheia de tarte à boca. — Esta tem mais barriga do que olhos. Bem, temos de ir.

Richard acompanhou-os à porta e eu fiquei a ver Jennet segui-los até ao corredor, veloz e silenciosa como uma sombra.

Quando eu regresssei, Alice estava sentada em silêncio à janela do meu quarto, a contemplar as colinas.

— Desculpa deixar-te aqui tanto tempo — disse eu, fechando a porta depois de entrar. — Espero não te ter impedido de ires para o trabalho na taberna.

Ela abanou a cabeça.

— Pego mais tarde. Ouvi uma voz de criança?

Passei a língua pelos lábios, pensando no que dizer.

— O meu amigo Roger Nowell trouxe uma menina camada Jennet Device. A família dela está à espera nos julgamentos em Lancaster, acusada de bruxaria.

Perscrutei-lhe o rosto em busca de um trejeito de reconhecimento, mas não transpareceu nada – o seu semblante era inexpressivo e homogéneo.

Esperei um pouco e depois disse:

— Conhece-los?

Ela pôs-se de pé, alisando as saias e encostando a cadeira à parede.

— Não — respondeu. — Não conheço.

Eu perdera a conta das noites que Richard dormira no quarto ao lado do meu, tanto que acordar sozinha começava a ser o normal. Graças

ao preparado de lavanda na almofada, não tivera O Pesadelo e o meu cabelo deixara de cair de forma tão alarmante. Encontrei Richard a tomar o pequeno-almoço na sala de jantar e sentei-me à frente dele, aceitando um pãozinho – que parti aos pedacinhos – e um pouco de mel.

— Richard — disse, assim que os criados foram embora. — Tenho-me sentido bastante melhor ultimamente. Ponderarias voltar a dormir no nosso quarto?

Ele continuou a ler a correspondência mais algum tempo, depois levantou a cabeça.

— O quê?

— Eu disse que me sinto muito melhor e gostaria que dormisses no nosso quarto. Há quase quinze dias que não vomito.

— Isso são ótimas notícias.

Como ele continuou a ler e a comer, e eu percebi que não teria uma resposta, lembrei-me de uma coisa que me incomodara nessa manhã.

— Não encontro o meu colar de rubis, aquele que me ofereceste quando fizemos um ano de casados.

Agora chamara a sua atenção. Ele dobrou a carta que estava a ler e meteu-a debaixo do prato.

— Não me digas. Onde é que o costumas guardar?

— No armário do guarda-fatos. Procurei-o ontem à noite e hoje de manhã outra vez e não sei dele. Não me lembro da última vez que o usei.

Ele ficou pensativo.

— A tua parteira passa muito tempo lá em cima, não passa?

— Passa, mas ela não o levaria.

— Achas que não? — perguntou, com ligeireza. — Ela tem muitos?

Meti à boca um minúsculo pedaço de pão e engoli.

— Eu sei que ela não faria tal coisa. Confio nela.

— Parece-me que confias nela com muito mais facilidade do que na Menina Fawnbrake.

— Vou verificar outra vez.

Afastei o prato e fui embora antes de ele ter tempo de protestar, tentando ignorar a arrepiante sensação de dúvida que me espicaçava os pensamentos como uma agulha. Nessa manhã, virei os meus aposentos do avesso e procurei em todos os quartos de hóspedes e armários de que tinha as chaves. Embora as joias mais valiosas estivessem trancadas, eu guardava as chaves numa jarra na cornija da lareira do quarto de vestir, o que não era o esconderijo mais discreto. O resto das minhas joias estavam no devido lugar – os meus anéis de opala preferidos, a gargantilha de veludo e pérolas, os pendants de

esmeralda que a mãe me oferecera quando fizera 13 anos.

Irritada e incomodada, desci as escadas para perguntar às criadas de quarto se tinham visto o colar nos últimos tempos, quando ouvi uma algazarra. No último lanço de escada, quase dei um encontrão a Richard que vinha a subir as escadas com um ar ameaçador.

— Encontraste-o? — exigiu saber.

— Não, eu...

— Aquele colar pertenceu à tia do meu pai — disse, num acesso de fúria. — Ofereceu-mo quando ela morreu. É um insulto à sua memória; pertence à família.

— Lamento — balbuciei, mas ele abanou a cabeça. Foi então que reparei nos criados a sair em debandada por portas e corredores rumo ao salão, lançando-nos olhares ansiosos.

— Vem comigo; poremos um fim a isto.

Agarrou-me a mão e puxou-me na mesma direção, e eu fiquei assustada ao ver a criadação toda reunida debaixo do teto alto: quinze ou vinte pessoas, mais uma que não esperava ver ali.

— Alice!

Ela olhou para mim, uma expressão ansiosa. Nas mãos, tinha um embrulho amarrado com cordel: mais ervas, como prometera trazer quando eu lhe dissera que os suprimentos estavam a acabar na cozinha. Tinha as maçãs do rosto com manchas de cor e os cabelos dourados mais desgrehados do que era habitual à volta da cara, como se tivesse vindo à pressa para aqui.

Richard saíra da minha beira e estava a subir as escadas que levavam à galeria dos menestréis. Era evidente que ia fazer uma declaração.

— A minha mulher informou-me do desaparecimento de um valioso colar de rubis — anunciou. — É a primeira vez que uma coisa destas acontece em Gawthorpe e custa-me a acreditar que um, ou mais, de entre vós possa saber onde está, porque sois uma equipa fiel. — Enquanto o ouvia a falar, o suor a atormentar-me as axilas, senti vários pares de olhos focados em mim. — É bem possível que se tenha extraviado, mas a Senhora Shuttleworth afiançou-me que procurou em todos os lugares habituais. Aquele colar foi oferecido ao meu pai — prosseguiu, o seu tom a mudar de rígido para suplicante, o que fazia sempre os criados compadecer-se. — É muito importante para mim encontrá-lo. Pedirei às criadas para varrerem os quartos a pente fino e a todos os outros que procurem nas suas áreas de ação. Amanhã, a esta hora, quero-o nas minhas mãos. Quando o tiver nas mãos, não farei mais perguntas.

Em resposta, alguns criados empertigaram-se. Percebi que ele até convocara os moços de estrebaria e os carreteiros. Porque não também

os aprendizes rurais?, pensei, exasperada. Depois, reparei em alguém a levantar a mão. Era Sarah, uma das criadas de quarto mais afoitas, que gostava de rejubilar com a aprovação de Richard. E que, tenho a certeza, se comprazia com o facto de ele dormir sozinho, e que provavelmente até se imaginava a ir, de meias, ao encontro dele durante a noite.

— Sarah? — disse Richard fazendo-lhe sinal para falar.

— Certamente saberá que qualquer um de nós que aqui trabalhamos há tanto tempo entregaria imediatamente tudo o que encontrasse ao senhor ou à senhora — disse ela. — Por isso, talvez deva olhar para aqueles que não trabalham aqui há tanto tempo. — Uma vaga de interesse varreu a sala – em parte surpresa, em parte divertimento com o seu laconismo.

— O que te leva a dizer isso, Sarah? Saberás de alguma coisa que queiras partilhar?

O tom de Richard era convidativo. Imaginei-os juntos, sozinhos, mas depois afastei a ideia. Ele era um bom homem de negócios, hábil a conseguir o negócio que desejava. Nada mais.

Olhei de relance para Alice, que estava a mudar o peso de um pé para o outro. Não estava a olhar para Richard, mas diretamente para Sarah. Tinha um olhar glacial e a cara afoguada.

— O que quero dizer é — continuou Sarah com o seu vincado sotaque ameninado — que poderá não ser uma coincidência começarem a trabalhar aqui pessoas e, pouco depois, as joias da patroa desaparecerem.

As duas ou três jovens que estavam à beira dela mal conseguiram conter o gozijo.

— A descarada! — murmurou uma voz mais velha por cima do meu ombro.

— Obrigado, Sarah, mas basta. Embora não seja necessário fazer acusações, acredito na lealdade da maioria dos meus colaboradores. Porém, alguns poderiam demonstrar melhor a sua lealdade. — Teria Richard olhado mordazmente para Alice? Começou a caminhar para as escadas. — Deixo isso à vossa consideração. Não se esqueçam. Amanhã, ao meio-dia, aquele colar deverá estar de novo nas mãos da Fleetwood. Isto não é um pedido.

Consoante todos começaram a tagarelar no salão, eu acerquei-me de Alice e enfiei-lhe o meu braço no dela.

— Vens lá acima?

Ela afastou-me com um repelão.

— Não me parece.

Passou-me o embrulho para as mãos. Senti o cheiro das ervas e da lavanda, mas a intensidade da amálgama de cheiros deixou-me enjoada.

— Porque não?

— Trouxe aquilo que pediste. Não sei para que mais possas precisar de mim.

— Então, vamos para a sala de estar. Peço que tragam da cozinha...

— Não, obrigada. Tenho de ir para o Hand. — A sua voz perdera a delicadeza.

O salão estava agora em silêncio, ouvindo-se os últimos passos a ranger nos corredores. Os antepassados de Richard observavam-nos atentamente desde os seus retratos nas paredes.

— Espero que não penses que eu estava a acusar-te de furto. — Tentei um tom de troça, mas as palavras pareceram de súplica.

— Tu tens joias bonitas, mas eu acho que nenhuma me ficaria bem. Presumo que não precisas mais dos meus serviços?

— O quê? Alice, não, não podes ir. Eu sei que tu não me roubaste. *Será que sei?*

Lembrei-me dela a fechar os cortinados da minha cama depois de me sangrar. O modo como, uma hora depois de a deixar sozinha, ela estava sentada, pensativa, à janela do meu quarto com as costas direitas e as suas delicadas feições angulosas, como que a posar para um retrato. Em segundo plano, outro pensamento: que destino dera ao meu sangue? Havia um alguidar cheio, mas, quando Richard exigira entrar, este desaparecera. Tê-lo-ia lançado para a lareira? Não. Eu não ouvira o silvar do líquido nas chamas, nem sentira o cheiro do sangue chamuscado. Agora não era o momento de pensar nisso; Alice estava a observar-me e eu sabia que a minha expressão deixava transparecer a dúvida.

— Tenho de ir — disse, com indiferença. — Não posso trabalhar onde não confiam em mim.

E antes de eu poder reagir, ela esgueirara-se para o corredor. Quando lá cheguei, já ela ia na porta da frente, abrindo-a de rompante e descendo os degraus como que a voar, quase não conseguindo evitar uma colisão com o vulto que estava a desmontar do cavalo ao fundo da escadaria.

— Senhora Shuttleworth! — disse Nick Bannister, virando-se para ver a silhueta esguia de Alice ficar cada vez mais pequena.

— Senhor Bannister — consegui dizer, ofegante. Senti-me a desmoronar; acontecera uma coisa terrível e eu não sabia o que fazer quanto a isso.

Tudo por causa de um estúpido colar que não tinha significado algum para mim!

— Parece-me sobressaltada. Quem era aquela mulher?

O magistrado aproximou-se, hesitante, pousando uma mão enrugada no meu braço, no sítio onde a lanceta fora espetada. A ferida

doeu-me com o contacto e eu afastei o braço com brusquidão, balbuciando um pedido de desculpas. Em apenas alguns dias, a ferida estava praticamente curada, não passando agora de uma cicatriz asseada com a forma de uma lua em quarto crescente.

Agora, tudo o que conseguia ver de Alice era a sua touca branca a saltitar para a orla da floresta. Como era seu hábito, não fora para a estrada passando pelos anexos, mas diretamente para as árvores.

— A senhora sente-se bem?

Suspirei e senti o vento frio passar os seus dedos por debaixo do meu vestido. O corpete apertava-me a barriga; em breve, teria de deixar de o usar.

— Sim, bastante bem, obrigada, Senhor Bannister. Veio encontrar-se com o Richard?

— Só se ele puder. Vim buscar uma mensagem que o Roger deixou quando aqui estive.

— Sim, estou a par do assunto. Vou procurá-la.

Eu ouvira Richard dizer que a deixaria a James, mas não o iria chamar; nem sequer queria olhar para ele. Nick seguiu-me para dentro de casa e eu dei ordens a um criado que ia a passar para tratar do cavalo dele. O gabinete de James ficava a poucos passos da porta da frente e ele ia passar o dia fora com o meirinho. Como que pressentindo a minha inquietação, *Puck* veio ter comigo e encostou o focinho húmido à minha mão.

— Desculpe, Senhor Bannister, mas exatamente o que é que procura?

— Talvez o Senhor Shuttleworth saiba onde está...

— Não. Eu posso ajudá-lo — disse eu, com mais rispidez do que desejaria. — O Richard já fez muito por hoje.

Abri a porta e dirigi-me para a grande secretária ao meio da sala. James tinha a secretária bem arrumada, apenas com um jarro de penas, um frasco de tinta e uma pilha de folhas de papel pergaminho em cima. Por detrás da cadeira de couro, havia uma estante com vários livros-razão encadernados, remontando vinte anos, aos tempos em que o pai de Richard começara a guardar os registos da família Shuttleworth. Procurei nas pilhas de cartas organizadas e arquivadas por algum método desconhecido, lembrando-me como James me levava o embrulho organizado de correspondência sobre as minhas gravidezes fracassadas. Senti outra fúria a arder dentro de mim: Richard não achara sensato informar-me da minha morte iminente e agora afastara de casa a única pessoa em quem eu confiava para me salvar. Percebi que estava a tremer e umas lágrimas quentes desfocavam-me a visão. Funguei e Nick Bannister pigarreou.

— Tem aqui um belo animal, minha senhora — disse ele.

Eu limpei os olhos e procurei nas prateleiras outra vez, até que

encontrei aquilo que procurava: a carta selada com cera com o brasão Nowell. Virei-a, vi o nome de Nick Bannister escrito pelo punho de Roger e entreguei-a ao velho maltrapilho que estava a afagar o meu cão.

— Obrigado. — Meneou a cabeça. Eu sei que o deixara constrangido e ele estava a pensar no que dizer. — Um problema bicudo, este.

— Qual?

— Este das bruxas de Pendle. Contudo, acredito que o Roger as conseguirá erradicar. Duvido que ele alguma vez deixe o serviço do rei. Eu disse-lhe: «Roger, goza deste último triunfo e depois vive confortavelmente. Dá lugar aos mais jovens, como o Richard.» Ele confia no seu marido, sabe? Espera que, um dia, ele siga as suas pisadas como juiz de paz.

— Sim — disse eu, apaticamente.

— O Roger não deixa as coisas pela metade. Não se contenta com mandar uma família inteira a julgamento, oh, não. Ele quer recuperar os dias de glória; quer ver o seu nome nos opúsculos londrinos. Tenho a certeza de que quer ser ordenado cavaleiro. Já é conhecido na corte, mas não se ficará por aí. A senhora conhece-o tão bem como eu.

Interroguei-me onde Alice estaria, se já teria chegado à taberna. Deveria ter ido atrás dela?

— «O melhor é apanhá-las todas», disse eu — prosseguiu Nick. — Não faz mal nenhum interrogá-las.

— Interrogar quem?

Eu estava a ser tremendamente indelicada, mas queria que Nick terminasse o seu monólogo e fosse embora, para eu poder pensar no que fazer. Será que, durante os meses que me faltavam de gestação, Alice se acalmaria e eu a conseguiria convencer a voltar?

— A assembleia de bruxas na Malkin Tower. Ele encontrou lá um verdadeiro ninho de víboras. Não apenas os Devices, mas também amigos deles, aqueles que conspiraram para matar o Thomas Lister e fazer explodir a prisão. Esta lista tem alguns nomes de gente daqui; não duvido que será um escândalo na comunidade. Quem diria que havia tanta obra do Diabo neste pequeno canto da terra? E na Sexta-Feira Santa... ah! Não será nada boa para eles, agora não.

— O senhor tem a lista aí? — Apontei para o papel que ele tinha na mão. Alguma coisa do que dissera despertara a minha curiosidade. — O que diz?

Aliviado pelo meu interesse, pediu um abre-cartas e eu encontrei um na gaveta de cima da escrivaninha de James. O velho rasgou o pergaminho de Roger, deixou-o desdobrar-se e esticou o braço para ler as palavras em voz alta.

— «A Jennet e o James Device disseram que, depois da

assembleia, partiram em potros brancos, e a Jennet Preston convidou-os a irem a casa dela em Gisburn para a assembleia seguinte, daqui por um ano. A Preston levou o seu espírito à assembleia: um potro branco com uma mancha castanha no focinho.»

Senti o coração a bater desenfreado no peito.

— Quem eram as outras pessoas que estiveram na assembleia da Sexta-Feira Santa?

O velho magistrado demorou uma eternidade a encontrar os nomes, os olhos semicerrados.

— Deixe cá ver... ah, sim, aqui está: «a mulher de Hugh Hargreaves, de Barley; a mulher de Christopher Bulcock, de Moss End, e John, o seu filho; a mãe de Myles Nutter; uma Mould-heels, de Colne; e uma Alice Gray, da mesma terra.»



A taberna Hand and Shuttle não ficava longe do rio, localizada antes do cruzamento que levava a estrada para norte ou para oeste. Eu já passara por ali muitas vezes, mas raramente olhara para lá. Enquanto prendia o cavalo no pátio, percebi que o seu nome, é claro, tinha origem no brasão de armas Shuttleworth: um escudo com três lançadeiras e uma mão esticada a agarrar uma quarta. O mesmo símbolo estava entalhado num letreiro de madeira na lateral do edifício baixo.

Fez-se silêncio quando eu entrei pela porta e pareceu-me que uma centena de pares de olhos se cravaram em mim, apesar de eu estar a usar um dos meus vestidos mais modesto, um capote de lã preto e um chapéu preto simples com uma faixa dourada. O espaço era exíguo e tinha o teto baixo. Estavam alguns grupos de homens sentados à volta do que pareciam ser bancos de ordenha, cheios de canecas, os semblantes rígidos e inexpressivos. Um homem por detrás de uma divisória parecida com a porta de um estábulo esperou para ver o que eu iria fazer, talvez a pensar que entrara na estalagem por engano. Abeirei-me dele.

— Preciso de falar com a Alice — disse.

Ele tinha as faces rosadas e a boca entreaberta, deixando entrever uns dentes maltratados.

— Alice...

— Alice Gray — murmurei. — Ela está aqui?

Com um ar de tolo, ele disse que sim com a cabeça.

— Vou chamá-la, minha senhora. Deseja ir para um sítio com mais privacidade?

— Obrigada.

Segui-o através de uma cortina de tecido e ele conduziu-me por um corredor estreito e mal iluminado até à sala de jantar, onde não se via viva alma. Todo o espaço era frio, sem qualquer lareira acesa, e tresandava como a cervejaria de Gawthorpe. Aconcheguei-me no capote e fui até à janela com vistas para o pátio, onde estavam a rolar barris para o armazém. Reconheci-os como sendo os da nossa casa, marcados com o brasão Shuttleworth. Dei um pulo ao ouvir uma porta a bater e passos no corredor.

— Não quero que venhas aqui.

Demorei algum tempo a reconhecer aquela voz em tom alto como sendo a de Alice. Levei a mão à barriga para a proteger e aproximei-me da soleira da porta para espreitar para fora. Ao fundo do corredor estava um jovem de cabelos escuros, cuja camisa encardida e calças puídas não me impediam de perceber que era bem-parecido. Tinha um ar quase estrangeiro, como um pirata ou um príncipe, com os cabelos pretos, a pele crestada do sol e uns bonitos olhos escuros. Alice estava de costas para mim, as mãos nas ancas.

— Achas que me podes deixar sem mais nem menos? — exigiu saber.

— Deixar um bêbedo miserável como tu? Por que carga de água faria tal coisa? Vai mas é para casa.

— Agora já não há lá nada para mim.

Enrugou a cara e cheguei a pensar que ia chorar.

Com isto, os ombros dela afundaram e ela abraçou a parte de cima dos braços, como eu a vira fazer no bosque. Recuei na soleira da porta com medo de que me pudessem ver. Quando Alice voltou a falar, tinha a voz rouquenha.

— Temos de esquecer isto.

— Para ti é fácil falar, com o teu emprego e o teu novo... *cargo*.

— Fazes o favor de ir embora?

Ele encostou a cara à dela e os seus olhos escuros reluziram.

— Se eu quiser, posso estragar-te o esquema. Posso dizer-lhes coisas... As pessoas andam a fazer perguntas.

— Deixa-me em paz! — guinchou, e eu fiquei com os pelos da nuca eriçados. — Não te atrevas a voltar aqui.

Com um último olhar de desprezo, ele cambaleou pelo corredor, passou por mim e saiu para o pátio. Levava com ele o inconfundível cheiro da cerveja. Hesitante, dei alguns passos para onde Alice estava, de costas para mim, ainda abraçada aos próprios braços.

— Alice?

Ela rodou sobre os calcanhares, a cara um pouco mais lívida do que era normal. Tinha os olhos arregalados e assustados – mais assustados do que quando a vira há pouco no salão com os criados todos.

— Fleetwood. O que estás a fazer aqui?

Peguei-lhe na mão e conduzi-a para a sala.

— Alguém nos poderá ouvir aqui?

— Quem?

— Qualquer pessoa.

Ela abanou a cabeça e eu fechei a porta.

— Quem era aquele? — sussurrei, a voz trémula.

Ela abanou a cabeça.

— Ninguém. Se vieste por causa do colar...

— Não é por causa do colar. Esquece lá isso. Alice, eu li uma carta pouco depois de ires embora, do Roger Nowell para o Nick Bannister. Conheces algum deles? — Ela abanou a cabeça outra vez e tinha uma expressão tão franca e aturdida que nem por um instante duvidei que estava a dizer a verdade. — Pois o Roger conhece-te, ou irá conhecer. Alice, tu conheces a família Device?

Alice balançou como uma árvore derrubada e teve de se agarrar às costas de uma cadeira.

— Como os conheces, Alice? Como?

— Eu não os conheço.

— O que estavas a fazer em casa deles na Sexta-Feira Santa? Eles são acusados de feitiçaria, Alice. A avó, a mãe, a Alizon... A filha mais nova, a Jennet, está em casa do Roger, a revelar-lhe tudo.

O olhar dela adejou pela sala.

— Eu...

— Alice, tens de compreender: o teu nome consta de uma lista, uma lista que está nas mãos de um homem muito poderoso que faz a lei por estas bandas. Serás detida e, quase de certeza, acusada de feitiçaria.

Ela ficou branca como a cal. Julguei que iria desmaiar, por isso corri para ela, segurei-a pelos braços e ajudei-a a sentar-se com cuidado numa cadeira.

— Eu estou... Serei detida? E acusada... Mas o que significa isso?

Engoli em seco.

— Significa que serás julgada no tribunal criminal e civil. A Quaresma já foi, por isso talvez no verão.

— Julgamento — murmurou. — Mas as bruxas são enforcadas.

— A *maioria* sim. — Ajoelhei-me à frente dela e tomei as suas mãos nas minhas. — Mas tu ainda não foste detida e temos tempo para mudar as ideias do Roger. Alice, *tens* de me dizer o que estavas a fazer com os Devices na Malkin Tower. Eu posso ajudar-te; o Richard pode ajudar-te.

Ainda sem reação do choque, ela abanou a cabeça devagar sem querer acreditar. Depois cerrou os punhos e meteu as mãos debaixo das axilas, encolhendo-se.

— Quem lhe disse o meu nome? A Elizabeth Device?

— A filha dela, a Jennet, creio. O que foste lá fazer, Alice? Tens de me dizer para eu poder dizer ao Roger que ele está equivocado.

Ouviram-se passos no corredor. O meu coração bateu compassadamente até desaparecerem e Alice levantou a cabeça por breves instantes, absorta com o medo.

— Ele *está* equivocado? — perguntei.

Depois do que pareceu uma eternidade, ela sentou-se direita e meteu o cabelo debaixo da touca. Tinha a boca larga solene.

— Não conheço essa gente — disse.

— Alice, tens de compreender que eles pensarão que *conheces* se estiveste lá. Eles pensarão que tu és uma bruxa.

Ela mordeu o lábio e apareceu sangue por baixo dos dentes. A ponta cor-de-rosa da língua espreitou por entre os lábios, como uma serpente, para o lambar.

— Diz-me. Eu direi ao Richard e iremos juntos ao Roger dizer-lhe que ele cometeu um erro.

Mas ela não estava a olhar para mim, o olhar perdido algures mais ao longe.

Depois disse:

— Não. Eu não confio nele. E tu também não deverias confiar.

— Em quem? No Roger?

Ela fechou os olhos e esfregou-os, como se, de repente, tivesse ficado muito cansada.

— No Richard? — disse eu. Ela continuou de boca fechada. Não posso confiar no Richard? No meu marido? — Pus-me de pé, mas como era baixa fiquei poucos centímetros acima dela. — Isso está relacionado com o colar? Ele sabe que tu não o roubaste, tenho a certeza. Simplesmente, estava zangado.

Alguma coisa começava a fazer-me tremer e percebi que era medo. Queria afastar as mãos de Alice da cara dela e fazê-la olhar para mim.

— Acho que não compreendes o perigo que corres. — A minha voz tremeu com a emoção. — O Roger anda numa caça às bruxas. Anda a recolher mulheres como cartas em cima da mesa. Vim avisar-te e oferecer-te a minha ajuda. Isto se tu quiseses, e eu acho que queres. Aconselho-te a, doravante, não te aproximares de Colne.

— Mas eu moro lá.

— E é onde te irão procurar. Deves ficar em casa de amigos ou familiares. O Roger e o Richard sabem, no mínimo, o teu primeiro nome. Não demorarão muito a perceber que és a mesma Alice da lista do Roger.

— Então porque é que não me vieram prender?

— Porque ainda não sabem e também não sou eu quem lhes vai dizer.

Ao ouvir estas palavras, fez um som que pareceu de escárnio.

Eu agarrei o puxador da porta.

— Vou para casa explicar tudo ao Richard e depois iremos falar com o Roger.

— Tu adoras o teu marido. — A voz dela retiniu, definida, na sala fria e vazia.

— É claro que sim. O que queres dizer com isso?

— Não lhe digas nada.

— Porquê? — Senti-me outra vez a enfurecer. — Não compreendes como o meu marido é influente? Estás a dizer que não *precisas* da nossa ajuda? Que, de algum modo, escaparás disto sozinha? Alice, a tua *vida* está em jogo. Se bem conheço o Roger, ele não se deixará enganar diante dos juizes de Londres. Ele fez uma lista de pessoas a deter e *o teu nome consta dessa lista*. Que parte é que não compreendeste?

Ela voltou a pousar a cabeça nas mãos. Envelhecera dez anos

numa tarde.

— Alice, estás a ouvir o que eu estou a dizer? Não confias em mim?

— Sim, confio — disse ela.

Foi uma pequena vitória e, apesar da fúria, as palavras dela acalentaram-me o peito. Nunca me tinham dito tal coisa, nem nunca precisara que mo dissessem.

— Mas não confias no Richard? Porquê?

Muito devagar, ela virou a cara para olhar para mim.

— O livro-razão — disse ela.

— O quê?

— O livro-razão pelo qual o teu mordomo é responsável. Tu disseste que tudo o que comprem e tudo o que sai de Gawthorpe é lá registado, não é?

Assenti com a cabeça, estupefacta.

— Consulta o livro-razão.

— Mas... Como sabes o que diz lá? Não sabes ler.

Os seus grandes olhos ambarinos transpareceram uma compaixão inexplicável.

— Não preciso de ler as coisas para as ver.

Fui direita ao gabinete de James. Apesar de a lareira estar acesa, estava um frio de rachar e os meus dentes bateram quando peguei no livro grosso encadernado a couro. Pela mão de James, fora lavrada uma lista de tudo o que fora comprado e pago:

Março: dois carregamentos malte; um pipo de vinho branco; três grandes bacalhaus salgados entregues a Thomas Yate em Londres...

O que deveria eu procurar?

Abril: Michael Thorpe a Colne com toucinho fumado; meio ano de renda para Ighthenhill Park; transporte de um mosquete desde Londres.

Seria o mosquete? Eu sabia do mosquete.

Sr. William Anderton deve trazer certidão de casamento de York. Fiz aqui uma pausa, o dedo pousado no sítio. Porque é que alguém de Gawthorpe precisaria de uma certidão de casamento? Que eu soubesse, não estava ninguém comprometido.

Foi então que reparei numa palavra que me era tão familiar que me escapara de todo:

Sabonete perfumado para Barton.

Carvão da mina de Padiham para Barton.

Frangos comprados em Clitheroe para Barton.

Barton.

Barton.

Fora o meu nome e também a minha casa, mas ninguém vivia lá; estava deserta desde que eu e a minha mãe saíramos de lá há quatro

anos.

— Aí está a senhora. — James estava na soleira da porta, o seu semblante habitualmente sereno uma máscara de preocupação. Fechei o livro. — Precisa de alguma coisa?

— Não, James, obrigada.

Fechei o livro com estrondo e, envergonhada, contornei a escrivaninha. Porém, ao passar por ele rumo ao corredor, de súbito, a fúria voltou: como é que *eu* poderia estar a fazer algo de errado ao consultar o livro-razão da minha própria casa? Porque *não* me deveria importar com o modo como a propriedade que eu trouxera para esta família estava a ser gerida? Alguma coisa me dizia que deveria ter cuidado.

Quando deixara Alice naquela pequena sala húmida e fria da taberna, despedira-me com estas palavras:

— Para onde irás?

Ela apenas encolhera os ombros e fixara o olhar na lareira vazia. Eu estivera demasiado consumida para lhe oferecer ajuda e percorrera a curta distância até casa a galope, numa bruma da minha própria agitação.

— O patrão anda à sua procura — informou James. Alvorçada, reparei que, além de preocupado, ele estava pálido e sério.

— Algum problema?

— Uma das criadas adoeceu: a Sarah, a criada de quarto. O Richard mandou-me chamar o médico.

— Muito bem. O que tem ela?

— Queixou-se de uma dor de cabeça e agora está com febre. Está a delirar e a perguntar pela mãe.

— Então, mande chamar a mãe. Ou ela pode ir para casa?

— Acho que talvez seja melhor, depois de o médico a ver. Para o caso de ser contagioso.

Eu franzi o cenho. Eram preocupações de mais ao mesmo tempo, com suprimentos a ser enviados para Barton e criadas a adoecer, e a associação de Alice aos Devices, e o desaparecimento do colar de rubis. Acontecera mais neste dia do que num ano inteiro.

— Ela parecia estar bem há pouco — pensei em voz alta, ao lembrar-me da forma como ela falara na reunião que Richard convocara.

Depois lembrei-me das faces rosadas e do olhar de Alice e senti um calafrio na barriga. Rezei em silêncio para que esta casa não tivesse sido assolada pela febre epidémica ou outra doença fatal.

O corredor estava às escuras e o gabinete de James acolhedor e quente. Não me apetecia nada fazer a viagem de trinta e dois quilómetros, mas tinha de ser agora.

— James, preciso que me faça duas coisas: mande selar o meu

cavalo e transmita uma mensagem ao Richard.

— O patrão deve estar quase a chegar...

— A mensagem é a seguinte: vou a Colne, onde passarei uma ou duas noites numa estalagem e tentarei convencer a Alice a regressar como minha parteira.

Ele olhou para mim, espantado.

— Mas minha senhora...

— Eu acho que o Richard lidou com o assunto do colar de uma forma muito má. Humilhou os nossos leais criados. O senhor viu. Mas é claro que não lhe vai dizer que eu disse isso. Receio que, por causa dele, eu tenha perdido uma parteira competente, em quem eu confiava e muito prezava, e não quero outra pessoa para assistir ao parto. Diga-lhe o que quiser. O verdadeiro motivo, James, é que não suporto olhar para o meu marido pelo modo como ele tratou a criadagem. Todos vós sois leais e tenho-vos em grande estima, e espero que não fiquéis a pensar mal dele por isso. É por esse motivo que me quero afastar de Gawthorpe, porque estou incomodada. Por favor, diga-lhe que não me siga e que regressarei pela manhã.

Depois de um momento de hesitação, ele assentiu vigorosamente.

— Sim, minha senhora.

Virei-lhe costas e depois, como se tivesse acabado de me lembrar, virei-me outra vez, com a esperança de ter a cara encoberta pela escuridão e a minha expressão não me denunciar.

— É verdade! James? Como estão as coisas em Barton? Tudo bem? — Ele ficou desapontado e prostrado. Era quanto me bastava. Ele abriu e fechou a boca algumas vezes, como um peixe fora de água, enquanto eu esperei calmamente.

— Precisa que mande vir alguma coisa de lá, minha senhora? Está fechado há...

— Quatro anos, não é?

A sua maçã de Adão tremeu ao engolir as palavras.

— Sim, é isso.

— Muito bem. Vou buscar o meu capote.

Ceguei pouco depois de anoitecer. Não havia luar, apenas nuvens, pelo que estava tudo escuro, mas vi a grande silhueta da casa escondida nas trevas, e uma luz quente e alegre numa divisão do piso térreo. Eu nunca quisera regressar aqui. Não queria ver o quarto que partilhara com a minha mãe. Não queria ver o salão onde a minha infância acabara no tempo que a mãe demorava a ir buscar alguma coisa. Não queria ver a escadaria que rangia, os tetos altos e frios ou a gaiola vazia onde encontrara *Samuel* morto certa manhã de inverno depois de o terem deixado perto de mais do lume.

Acabara de desmontar defronte da casa quando um barulho – ou

melhor, uma presença – me fez virar a cabeça, e alguma coisa muito baixa e esguia atravessou o relvado à minha direita. Não era mais do que uma sombra acetinada, mas fez uma pausa, a cauda como uma escova esticada: era uma raposa. Ficou especada, imóvel como uma estátua, os nossos olhares cruzaram-se e eu senti um arrepio, mas depois partiu como uma flecha e desapareceu na penumbra, e eu continuei sozinha, tropeçando nos degraus da frente e amaldiçoando os tamancos pouco práticos que protegiam os meus chinelos. Descalcei-os e caíram com estrépito ao chão.

A porta abriu-se sem resistência e o vestíbulo estava bastante escuro, sem archotes acesos. Aquele antigo frio familiar acariciou-me no limiar da porta.

— Está aí alguém? — chamei.

Não podia, não me atrevia a pensar no que, ou quem, estaria na divisão que eu sabia ser o grande salão. Na pior das hipóteses, poderia ser um vagabundo – ou essa seria a melhor das hipóteses?

Quase não fiz barulho com os pés. Só conseguia ouvir a respiração entrecortada no peito e o sangue a bater nas orelhas. Caminhei às cegas na escuridão, as mãos à frente da cara, na direção da porta do grande salão, tateando as paredes para não perder a noção de onde estava. Fiz um esforço para ignorar a noção inquietante de poder tocar na cara de uma pessoa que estivesse à minha espera sem fazer barulho. Depois de tatear as paredes de cima a baixo, encontrei o puxador e rodei.

Dei com um cenário iluminado por uma luz quente. Os lustres estavam acesos nas paredes e o espelho por cima da lareira refletia a luz de volta para o salão, que se refletia outra vez no candelabro. Estava sentada uma mulher junto à enorme lareira de três metros de largura – aquela na qual eu costumava andar dentro e era repreendida por isso, por estragar os chinelos na cinza. Ao aproximar-me dela pensei estar a sonhar, a pairar, pois ela não parecia ficar mais perto. Ela reparou em mim e pôs-se de pé. Era mais velha do que eu alguns anos e tinha os cabelos escuros descobertos. Estava com um ar assustado, e eu não compreendi, e quando compreendi, o meu coração disparou e depois deixou de bater.

Um barulho no corredor atrás de mim deveria ter-me assustado, mas não assustou, pelo que quando James assomou, ofegante e a libertar vapor da viagem a galope desde Gawthorpe, praticamente não reagi. Tinha os olhos fixos na mulher à minha frente, pois o seu capote abria-se quando ela se levantara. Tinha a barriga redonda como a minha.

O chão inclinou-se. As lajes de pedra apressaram-se a acolher-me como a sua antiga senhora e eu fiquei reconhecida pelo seu abraço quando o meu mundo desabou e, com ele, o meu corpo.

SEGUNDA PARTE



WESTMORELAND (ATUALMENTE, CÚMBRIA), MAIO DE 1612

As leis [são] como teias de aranha, onde as pequenas moscas
são apanhadas, mas as grandes conseguem escapar.

Sir Francis Bacon

CAPÍTULO 10



James acompanhara-me de volta a Gawthorpe, no meio do vento e da chuva, e, assim que cheguei ao meu quarto, tranquei a porta, a qual ficou trancada um dia e uma noite inteiros, e eu habituei-me ao barulho de Richard a bater porque era difícil inquietar-me com alguma coisa com a barriga tão vazia. A Ponderação e a Justiça esperavam, pelo quê não sei, mas depois, já tarde, no segundo dia, quando comecei a pensar seriamente em acender a lareira e pedir alguma coisa para comer, uma das criadas de quarto abeirou-se da porta e disse que chegara um mensageiro da mãe.

Pelo buraco da fechadura, mandei-a dizer-lhe que não queria ser incomodada e a voz dela pareceu mais angustiada quando regressou e apresentou uma voz masculina que eu não conhecia.

— A Senhora Barton deseja que eu a informe de que tem um coche à sua espera lá fora — informou a voz. Eu esperei. — Ela insiste para que eu não saia daqui enquanto a senhora não estiver lá dentro.

— Então ficará aí até ganhar raízes — disse eu.

O homem aclarou a voz. Questionei-me quem mais poderia estar ali em silêncio.

— A Senhora Barton convida-a para ficar com ela em Kirkby Lonsdale. Pensou que a senhora gostaria de mudar de ares. — Fez um compasso de espera respeitoso. — Tenho ordens para esperar aqui até a senhora estar pronta.

Eu voltei para a cama durante bastante tempo, deitando-me por cima e por debaixo dos cobertores.

Por fim, com a voz embargada, disse:

— Estás aí, Richard?

— Estou aqui sozinho, minha senhora — respondeu o mensageiro um pouco depois.

Com um esforço desmesurado, arrastei-me outra vez até ao buraco da fechadura. Só conseguia ver uma perna e a bainha de uma espada. Mesmo depois de um dia e uma noite, ainda não conseguia compreender a dimensão da traição. Começara na minha cama e alastrara-se à cervejaria que estava a mandar-lhe cerveja, ao gabinete, onde o nosso leal criado James transpunha cada golpe individual para o papel. Chegara à Hand and Shuttle, onde, presumia, Alice soubera do caso. Inclusive, escorrera até ao meu passado, estendendo a sua mancha à minha infância já de si nada sentimental. Isso era quase o pior de tudo: o facto de Richard ter aquela mulher na casa onde eu crescera, que lhe fora entregue como um embrulho no dia em que casámos, porque ele sabia que eu nunca lá regressaria.

Foi quando me ocorreu: será que a mãe sabia da mulher de

cabelos escuros com a sua enorme barriga? Consoante a tarde avançou, a dúvida zuniu-me ao ouvido como uma mosca e depois ouvi *Puck* a ladrar do lado de fora do quarto. Arranhou a porta e ganiu e eu percebi que não pensara nele, preocupada apenas comigo mesma. Ajoelhei-me à beira da porta.

— *Puck* — disse, baixinho. — *Puck*, para com isso. Estou aqui. Estou aqui.

As lágrimas escorreram-me pela cara enquanto ele uivou, um som que pareceu dilacerar-me, e, não importava o que eu dissesse, ele não se calava. A necessidade de o abraçar foi mais forte do que eu, por isso rodei a chave na fechadura e ele entrou, atirando-me ao chão. A sua enorme língua lambeu-me a cara e não consegui deixar de rir enquanto ele subia por mim acima, a gemer, a arfar e a fazer ruídos de puro prazer. Quando ele parou, eu sentei-me. O mensageiro manteve-se afastado da porta, à espera, inseguro.

— Eu irei, mas apenas de acordo com as minhas condições — disse eu. Ele fez uma vénia cortês, depois endireitou-se, expectante. — Levarei o meu cão. E temos de parar num sítio pelo caminho.

— Chamo uma criada para fazer a sua mala? — perguntou.

— Eu mesma a farei.

Durante a viagem para norte, eu e Alice congeminámos um plano. Para Roger não a conseguir encontrar, ela deixara o emprego na Hand and Shuttle e dissera ao estalajadeiro que o pai estava doente e tinha de ir cuidar dele. Eu aguardei no coche a alguma distância, para não ser vista. Ambas transpirávamos uma premência ansiosa, porque, para todos os efeitos, ela ia fugir – eu perguntara-lhe se ela precisava de alguma coisa de casa, mas ela limitara-se a abanar a cabeça. Consoante a estrada ficava para trás, decidimos apresentá-la à mãe como sendo a minha dama de companhia, Jill, que, segundo me disse, era o nome da mãe dela.

— Queres comer alguma coisa? — perguntei.

Estávamos à espera à porta de outra estalagem enquanto o cocheiro trocava os cavalos e o cheiro do cozido e da carne assada chegara até nós. Estava um agradável final de tarde de maio – quente e sem vento – e ouvimos os sons do pátio, os cascos dos cavalos e pessoas a cantar e a fazer a sua vida normal, a cortina fechada para ninguém conseguir ver para dentro.

Alice abanou a cabeça.

— Disseste que a tua mãe era parteira — disse eu. — Ela...

— Ela morreu.

— Lamento.

— Já foi há anos.

Alice sentou-se muito direita; mesmo sem um corpete, tinha uma

boa postura.

— Ela morreu de quê?

Ao fim de algum tempo, ela respondeu:

— Teve uma febre. Esteve doente muito tempo, até que a doença a levou para a outra vida. Não pude fazer nada.

— Foi ela quem te ensinou o que sabes sobre ervas?

Alice disse que sim com a cabeça.

— Ela tinha uma horta... a sua cozinha, assim lhe chamava, porque nós não tínhamos uma. Cultivava lá coisas para comermos, ervas... Eu tento mantê-la porque sei que ela a adorava. Ela disse-me os nomes de todas as ervas. Costumávamos sair e ela mostrava-me coisas e para que serviam. Disse que era útil uma mulher saber, que era importante para uma esposa e uma mãe manter a família unida neste mundo. Adorava pensar que um dia eu teria uma família — concluiu, com ternura.

— Onde foi que ela aprendeu a arte? — indaguei.

— Onde é que qualquer mulher aprende? Praticando, acho eu. Ela e a amiga Katherine faziam-no juntas. Iam aonde precisavam delas. O apelido da Katherine era Mould-heels porque ela demorava imenso tempo a fazer as coisas, assegurando-se de que fazia tudo bem. Era sempre muito cuidadosa, mesmo que a mãe estivesse a berrar. — Sorriu ao lembrar-se de alguma memória privada. — Fazia uma fogueira como se tivesse todo o tempo do mundo.

— E tu costumavas ir com elas?

Alice disse que sim com a cabeça.

— Quantos bebés ajudaste a dar à luz?

— Não sei... Vinte? Talvez mais?

A resposta dela espantou-me — julgara-a mais experiente, mas eu também não perguntara. Passado algum tempo, perguntei-lhe se o pai daria pela falta dela. Ela pensou um pouco, depois abanou a cabeça.

— Não. Do que eu faço, talvez, mas não de mim.

— Como assim?

— Cozinhar. Dar de comer às galinhas. Arrumar a casa. Ganhar dinheiro. — Disse estas palavras sem emoção.

— Nunca pensaste em casar e constituir família?

A sua expressão ensombreceu tão pouco que julguei ser imaginação minha. Pareceu-me que ponderou na resposta e depois disse:

— Bem vistas as coisas, não há diferença, apenas um homem diferente a dizer-te o que fazer.

— Acho que tens razão. Mas terias filhos. Todas as mulheres querem isso; é o nosso propósito na vida.

Ela baixou o olhar.

— As crianças dão mais trabalho do que merecem.

Foi uma resposta estranha, sobretudo para uma parteira. Então, o cocheiro subiu para o tejadilho, sacudindo-nos nos nossos lugares, e seguimos outra vez viagem.

Quando Alice ficou outra vez em silêncio, pensei que a poderia ter ofendido, até alguns quilómetros mais adiante, quando eu começara a passar pelas brasas, e a ouvi dizer entre dentes, como que falando com os próprios botões:

— Nunca tinha andado num coche.

Quando chegámos, já era de noite. A mansão propriamente dita ficava na ladeira de uma colina, no meio de um denso arvoredor e a subida era íngreme, tanto que tive de assentar os pés no banco em frente para não cair. O parque estendia-se até ao cimo do vale, onde seixos e urze se fundiam com o céu. *Puck* estava a dormir, tal como Alice. Ela dormia de uma forma singular e, de algum modo, parecia alerta, o pescoço esguio, a expressão impassível, como se tivesse acabado de fechar os olhos.

O coche parou e, exausta, apeei-me, desgastada depois da minha segunda longa viagem no mesmo número de dias. *Puck* desceu depois de mim, bocejou e espreguiçou-se, e por último, Alice. Henry descarregou a minha mala e a grande porta abriu-se ao cimo das escadas, derramando luz para o nosso estranho grupo e emoldurando a inconfundível silhueta da minha mãe.

— Fleetwood — disse ela, a voz aguda a cortar a noite. — Pensei que nunca mais chegavas.

Olhei de relance para Alice e subimos os degraus juntas. A casa em que a mãe estava a viver pertencia aos Shuttleworths, fora comprada pelo tio do Richard há cerca de duas décadas como um local para descansar e caçar a caminho da Escócia. Eu só ali estivera uma vez, quando a minha mãe adoecera com problemas pulmonares e Richard me convencera a visitá-la.

Decidi que iria direita ao assunto. Antes mesmo de terem pousado a minha mala nas lajes do vestíbulo, eu virara-me para a minha mãe e dissera:

— A senhora sabia da mulher do Richard?

— É claro que sabia, Fleetwood. Agora, vamos entrar antes que morras de pé.

Embora ela apenas confirmasse aquilo de que eu já suspeitava, senti que me trespassara com uma espada e a puxara para fora outra vez.

Alice pegou-me pelo braço e quase me levou ao colo pelos corredores com o chão feito de lajes até uma divisão acolhedora esparsamente mobilada. Não tinha livros, jarras nem cântaros, apenas superfícies despidas, como se estivessem à espera de repor os objetos depois de limpar o pó. Mary Barton sempre adotara uma abordagem

calvinista ao mobiliário, mas aqui o tapete tinha de ser mudado, a lareira varrida, as janelas lavadas. Sentou-se à lareira e fez sinal para eu me sentar em frente, numas cadeiras velhas e cansadas. Interroguei-me se os móveis teriam sido substituídos desde que o tio de Richard comprara a casa há vinte anos. Porém, a divisão era quente e um brasio fraco ardia no fogão. Sentia-se um cheiro ligeiramente desagradável, enjoativo, a carne, e demorei algum tempo a perceber que as velas eram de sebo, não de cera.

— A minha parteira precisa de uma cadeira — disse eu.

A minha mãe fitou-me, depois mirou Alice dos pés à cabeça, num gesto rápido, e então levantou-se e saiu da sala. Alice não demonstrou interesse no que a rodeava, fitando absorta o tapete puído aos seus pés. A minha mãe regressou seguida de um criado com uma cadeira sólida, que ele encostou à parede antes de fazer uma vénia e sair fechando a porta sem fazer barulho.

Fez-se um silêncio sepulcral enquanto esperámos que a outra dissesse alguma coisa. Eu não demorei muito a perder a paciência.

— Convidou-me a fazer uma viagem de oitenta quilómetros, mas não tem nada para dizer? — vociferei.

Por muito indelicada que eu tenha sido, a expressão da minha mãe manteve-se inescrutável. Estava branca como a cal e reparei que tinha mais rugas nos olhos e nos lábios do que da última vez que a vira.

Ela deu um profundo suspiro e fechou os olhos.

— Tinha esperança de que este dia nunca acontecesse — disse ela.

— Pensou que eu não descobriria?

— Sim — respondeu, simplesmente.

— Porquê? Se sabia, porque não me disse? O Richard traiu-me, *estragou-me* e ao nosso casamento, e a senhora sabia. A minha própria mãe!

— Estava a tentar proteger-te — disse, devagar. Tinha o olhar carregado.

— Como posso confiar em si? Não posso confiar em ninguém. Em pessoa alguma — disse eu.

A não ser em Alice, acrescentou uma voz na minha cabeça.

Comecei a chorar e a minha mãe ficou a ver, a expressão medonha, enquanto eu segurava a cara com as mãos.

— Odeio-a! — gritei. O som irrompeu pela pequena divisão, ricocheteando nas paredes de madeira. — Odeio-vos aos dois. Vocês traíram a minha confiança.

Ela deu-me tempo para me recompor e eu afundei-me na minha cadeira, uma criança carrancuda outra vez. A minha respiração abrandou e enxuguei as lágrimas.

— Ficarás aqui — acabou por dizer a mãe.

— Até quando? Até *ela* ter o bebé? — indaguei.

— Que bebé?

A compreensão surgiu na cara da mãe. Agarrou-se ao braço da cadeira com uma mão branca e ficou ainda mais lívida.

— Ela...

— Ela está grávida dele — disse eu.

A mãe fechou os olhos.

— Grande palerma — murmurou. Eu não sabia a qual dos dois ela se estava a referir.

— E sabe que ela está em Barton?

A mãe anuiu. Absorta, dobrou o dedo no qual tinha o seu anel de noivado de ouro simples. Percebi que estava a pensar. Pelo canto do olho, consegui aperceber-me da presença de Alice, em silêncio e perfeitamente imóvel. A mãe não perguntara como se chamava nem reconhecera a presença dela.

— Sabe como a mulher se chama? — acabei por perguntar.

— Judith Thorpe.

— Como ficou a saber dela?

— Isso não é importante.

— Para mim é.

— O que é importante é que consigas ter esse filho, coisa que não conseguiste das outras vezes.

Fiquei em choque.

— Porquê?

Ela passou a língua pelos dentes.

— Fleetwood, escuta o que eu te digo. Se tu não produzires um herdeiro, ela fá-lo-á.

A voz da mãe soou mais clara na divisão e entreolhámo-nos, chegando a um entendimento quiçá pela primeira vez na nossa vida. De repente, senti frio no corpo todo.

— Mas ela não é a mulher dele — interveio Alice, surpreendendo-nos a ambas.

— Um filho ilegítimo é um herdeiro igualmente válido — anunciou a mãe, sombriamente. — Pode não herdar diretamente, mas um homem pode legar todo o tipo de coisas ao bastardo: imóveis, terras, propriedades. Especialmente se não houver outros. A única outra maneira de legitimar um bastardo é mediante o enlace matrimonial do pai e da mãe — acrescentou, com indiferença. Lembrei-me do que James escrevera: *William Anderton deve trazer certidão de casamento de York*.

Tapei a boca com a mão.

— Ele pretende casar com ela. Ele sabe que eu vou morrer.

— *Morrer?*

Contei à mãe sobre a carta do Dr. Jensen, sobre o pedido de uma

certidão de casamento que eu encontrei no livro-razão. Agora, estava com fortes tremuras.

— Fleetwood!

A minha mãe ficou chocada e angustiada enquanto eu me contorci e estremei.

De súbito, Alice estava ao meu lado.

— Tem *rosa solis*? — perguntou à mãe.

— O que é isso?

— Brandy e canela. Mande preparar. Ajudará.

A mãe saiu da sala a correr e Alice pegou-me na mão: pele cor-de-rosa encostada a pele cinzenta. A minha mãe voltou com um criado a carregar uma bandeja com uma caneca de estanho. Alice pegou nela e passou-ma para a mão. Eu bebi, o estanho a chocalhar nos meus dentes. O preparado fez-me arder a garganta e aqueceu-me as entranhas e, aos poucos, a agitação abrandou até uma fraca convulsão. A mãe pousou a caneca na bandeja e mandou trazer pão e vinho.

— Minha senhora — disse o criado, baixinho —, não temos mais pão de levedura de trigo de qualidade. Apenas o sucedâneo.

— Traga qualquer coisa — bradou a mãe. Depois, virou-se para Alice e os seus olhos negros revelaram interesse. — Como te chamas?

— Jill, minha senhora.

A mãe assentiu uma vez com a cabeça, indicando em simultâneo aprovação e rejeição, depois voltou para o seu lugar à minha beira.

Eu tinha a mente num turbilhão. Senti o feto a mexer-se na barriga, como que a lembrar-me de que ainda estava ali. A sensação foi como a de quando um coche passa por cima de uma vala, não completamente desagradável. Encostei as mãos à barriga e esfreguei como que para a aquecer, recordando as palavras tremidas da carta do médico que me eram agora tão familiares como o meu próprio nome: *A sua vida terrena terá um fim.*



Eu e Alice ficámos no mesmo quarto na parte de cima da casa porque era quente – o princípio do verão ainda não chegara tão a norte. Ela ficou numa cama dobrável que tinham levado e instalado ao lado da minha, e dormia de uma maneira peculiar, enroscada no colchão, sem utilizar a almofada. Eu sabia disso porque mal dormia. Como não a queria acordar a rebolar e a fazer ranger a cama, acabei por me levantar e sentar à janela.

Não me saía da ideia a mulher de Richard. Quanto mais tentava lembrar-me dela, menos clara ficava a sua cara, mas eu tinha a certeza de que nunca a vira antes daquele momento, que nunca me tinha sido apresentada. Questionei-me se ela dormiria na minha antiga cama em Barton, e se Richard também ali dormia quando lá ia. Todas as vezes que me beijara na testa antes de sair, e em que eu ficara à janela a vê-lo afastar-se no seu cavalo rumo a Halifax, Manchester, Lancaster e lugares mais longe: Coventry, Londres, Edimburgo, quando na realidade ia a um só sítio: Barton, Barton, Barton.

Agora, chorava com facilidade e tentei não fungar com muita força ou fazer muito barulho. Não me conseguia imaginar a regressar a Gawthorpe, mas também não podia ficar aqui, para sempre uma hóspede na casa da minha mãe. Estava atolada na lama e a afundar, mas por agora, sentada à janela a olhar para fora enquanto ainda estava escuro, não pensaria no dia de amanhã, nem no dia seguinte. E ainda estava viva, e o meu filho também, pois agora contorcia-se como um gatinho recém-nascido, e eu estava sempre a senti-lo – nunca estava deveras só. Foi então que compreendi que se ele nascesse, e eu sobrevivesse e me tornasse uma mãe, nunca estaria só. O pensamento foi como um raio de sol quente na minha cara. Podia ter perdido Richard – ou uma parte dele – e o meu casamento deixara de ser o que eu pensara ser, mas teria um amigo para o resto da vida.

Virei-me para olhar para o vulto adormecido da mulher que era a única maneira de eu alcançar isto. Os seus cabelos dourados caíam sobre a almofada e pelas costas dela, enquanto o seu peito subia e descia tranquilamente. Lembrei-me do homem que a incomodara na Hand and Shuttle, como ela dissera que as crianças dão mais trabalho do que merecem. Eu sentia que ela era a primeira pessoa que eu podia considerar uma amiga, mas o que sabia efetivamente sobre ela?

Como que ciente em alguma parte do seu íntimo de que estava a ser observada, Alice mexeu-se na sua cama estreita e lamuriou-se. Vi-a acalmar-se outra vez, depois endureceu-se, as mãos a esgaravatar os cobertores.

— Deixa-a — lamentou-se, baixinho. — Deixa-a.

Porém, antes de eu ter tempo de decidir se a deveria acordar, tão depressa como começara, ficou em paz, o corpo a relaxar e o semblante tranquilizando-se de novo no sono.

Fiquei sentada com as mãos sobre a barriga e observei o céu escuro enegrecer antes de clarear, e apenas quando os pássaros começaram a romper o silêncio é que os meus olhos ficaram mais pesados e voltei para o meio dos lençóis, que estavam frios.

Nessa manhã, ao pequeno-almoço, éramos um grupo sombrio. Alice dera a entender que ia comer com os criados, mas eu pedi para se sentar comigo e com a minha mãe, e, depois de ela recusar, eu insisti. Nem ela nem a mãe gostaram da ideia, e sentaram-se com as caras engelhadas enquanto lhes serviram os ovos. Trouxeram o pão, mas era diferente daquele a que eu estava habituada. Lembrei-me do que o criado da mãe dissera na noite anterior, que apenas tinham pão de segunda qualidade, feito de farelo e não de trigo.

Cocei a roupa e a touca nos sítios onde me ficavam apertados e bocejei. Alice estava a morder um ovo cozido, eu tirei um da tigela e segurei o seu peso quente na palma da mão. Em comparação com o branco, a minha pele parecia quase amarela.

— Fleetwood, o teu ovo tem algum problema? — perguntou a minha mãe.

Eu dei-lhe uma dentada e achei-o surpreendentemente delicioso: salgado e sólido, diferente daquelas coisas aguadas e trémulas que a minha cozinha servia com as cascas. Tive de o pousar para coçar o braço, esfregando o material do meu vestido com força onde não conseguia chegar à pele.

— Fleetwood — disse a mãe —, tens piolhos?

Pensei que poderia ter, embora não tivesse visto um único. Senti uma comichão suave e delicada em todo o corpo, dos tornozelos às orelhas. Cocei o pescoço, a cara, os pulsos e as meias: todos os sítios onde consegui chegar.

— Se calhar tenho — respondi.

Os pobres é que tinham piolhos, as pessoas sujas, eu não, que passava um pano pelo corpo todos os dias e aplicava óleo de rosas nos pulsos e no pescoço.

— Come o pequeno-almoço — disse a minha mãe. — Se ao menos tivesses o apetite da tua parteira.

Alice ruborizou e parou de barrar manteiga no pão, pousando a faca devagar.

— Prefiro pão de trigo a esta coisa barata — disse eu, esperando fazê-la ruborizar por seu turno, o que acabou por acontecer.

Mas estava a mentir: o pão de sementes era morno e nutritivo, delicioso com a manteiga caseira. A comichão começou a incomodar-

me outra vez e a minha faca tilintou na mesa quando me levantei como uma mola para aliviar as barrigas das pernas.

— Fleetwood!

— Não sei o que tenho.

Enfie os dedos pelas costas do vestido, mas embora isso me tenha aliviado, senti outra vez um formigueiro no braço, no sítio onde o coçara há momentos.

— Controla-te. Estás a fazer uma cena.

— Isto nunca aconteceu, e, no instante que a venho visitar, fico com comichão da cabeça aos pés. A senhora lava a roupa de cama, mãe?

— É claro que é lavada. Não digas disparates!

— Tenho de despir este vestido. — Afastei-me da mesa, depois parei na soleira da porta. — Jill, ajudas-me?

Alice pareceu aliviada por abandonar o pequeno-almoço e seguiu-me para o exterior da sala de jantar e até ao andar de cima. Eu estava impaciente ao desapertar todas as fitas e cordões que ela apertara há menos de meia hora.

— Depressa, por favor!

Por fim, o vestido caiu à minha volta e eu passei por cima dele; de seguida, teria de tirar o corpete e a verdugada teria de ser puxada das minhas ancas. Quando me pude sentar para desatar as meias, estava a arregaçar as mangas da roupa interior para raspar a pele com as unhas. Meti a mão por debaixo da camisa de noite para chegar à pele da barriga, que estava retesada e macia, onde antes fora mole. Tirei um alfinete do cabelo e usei-o para coçar a nuca.

Alice observou-me, esfregando o pescoço, pensativa, enquanto eu me contorcia à frente dela.

— Talvez um banho ajude? — sugeriu.

Trouxeram uma banheira e jarros de água da cozinha. Depois, uma criada de quarto bateu à porta com um pedaço de sabão, macio e preto, de confeção caseira, diferente dos tijolos brancos e duros que comprávamos. Eu não sabia como pedir a Alice para se virar para o outro lado enquanto eu me despia, mas não foi preciso pois ela virou-se. Quando as minhas roupas caíram ao chão, eu esperara ver minúsculos pontos negros a rastejar pela minha pele e pelas minhas roupas, mas não vi coisa alguma. A minha pele estava imaculada, não inflamada e vermelha como eu a sentia. Desatei a rir. Sentada na sua cama dobrável, Alice virou-se.

— O que foi?

— Não há aqui nada. Nem um piolho. Nenhuma erupção cutânea. Devo estar maluca.

Meti-me na água e salpiquei-a por todo o corpo, extinguindo a comichão que fazia lembrar pequenas chamas cravejadas na minha

pele.

— Queres que eu saia? — perguntou Alice, ainda virada para a parede.

— Não, fica — disse eu.

Ela continuou de costas viradas para mim, cruzando as pernas debaixo do corpo para ficar mais confortável. A água assentou e eu olhei para a barriga, que estava muito maior do que da última vez que tomara banho. Não conseguia ver os pelos ásperos e pretos mais abaixo. Passei o sabão por toda a pele, deixando-a escorregadia como uma enguia e o prurido diminuiu. Enchi o jarro e verti-o por cima da cabeça, ensaboando o cabelo até este ficar todo emaranhado. A água farfalhou delicadamente à minha volta e suspirei, deixando a mente vaguar até uma coisa em que eu andava a pensar desde que dera o passeio a cavalo com Richard e Roger naquela brumosa caçada em abril.

— Alice, já ouviste falar de espíritos familiares? — Ouvi-a mudar de posição na cama.

— Já — respondeu.

— A Jennet Device disse-me que a mãe tinha um cão e eu vi um cão com ela quando tu estavas...

Alice estacou.

— Quando eu estava a fazer o quê?

Engoli em seco. Ela virou-se e olhou diretamente para mim por cima do ombro, os olhos brilhantes e translúcidos.

— Quando eu estava a fazer o quê?

— Alice, não olhes.

Tentei tapar-me na banheira, mas o olhar dela não se desviou da minha cara.

— Estavas a espiar-me?

— Não.

— Quando?

— Eu... eu fui a cavalo à tua procura e vi-te com ela na floresta.

Ela virou-se outra vez para a lareira e pegou no atiçador, mexendo nas brasas estilhaçadas.

— O que foi que ouviste?

— Nada.

— Porque não te mostraste?

— Eu... tive medo. Dela. Da mulher. Da Elizabeth Device.

— Porquê?

— Os olhos dela. Assustaram-me.

Como ela era terrível quando se virara para mim, olhando selvaticamente para sítios diferentes.

— A filha dela, a Jennet — continuei. — Não percebo como o Roger acredita em tudo o que ela lhe diz. Como pode? Ela é apenas

uma criança.

Ao dizer estas palavras, pensei em mim mesma com a idade dela, e como não dissera a ninguém o que me acontecera, ciente de que ninguém acreditaria em mim. Mas isso era diferente – as histórias de Jennet estavam cheias de magia e espíritos, como as histórias que se contam para as crianças adormecerem.

— Talvez ele queira acreditar. Talvez ele lhe esteja a transmitir o que dizer.

— O Roger não faria isso.

— Como sabes?

— Ele é um bom homem. Tem sido bom para nós.

Quando as minhas palavras ecoaram pelo quarto, soaram vãs. Será que Roger também sabia da mulher de Richard? Isso seria uma traição a dobrar e ainda pior do que a da minha própria mãe. Ele dizia que eu e Richard éramos os pombinhos. Ou não sabia do caso ou era cruel.

— Alice, desculpa-me por te espiar. Não foi de propósito — disse eu ao fim de um longo silêncio.

Estava a ficar com as ideias demasiado baralhadas; precisava de as separar e seguir cada uma de sua vez. Vi Alice mexer em alguma coisa na sua saia. O seu velho vestido precisava urgentemente de ser remendado e lavado, e a touca de ser engomada. Decidi que isso seria feito aqui. Não sabia quando ela tomara um banho pela última vez – se também ela ansiava por se lavar.

— Alice, queres tomar um banho?

— Não, obrigada.

— Posso pedir para trazerem mais água.

Ela indignou-se.

— Cheiro mal? Achas que *eu* te passei piolhos?

— Não, é claro que não. Não há piolho algum. Foi imaginação minha... — Olhei para o monte branco da minha roupa interior no chão e procurei outra vez os piolhos. — Alice, achas que a minha pele parece amarelada?

Ela olhou com indiferença para mim.

— Não sei. Não parece saudável, mas também nunca pareceu.

Ela estava ressentida e, pela primeira vez, questionei-me se fizera bem em trazê-la comigo para aqui. Alguma coisa mudara nela no dia em que Richard dera a entender que ela roubara o meu colar. Ainda assim, eu estava habituada a ser tratada com deferência e ela tratava-me quase como uma igual. Porém, eu percebera que não me importava.

Deitei água por cima da cabeça outra vez e levantei-me, dando de caras comigo mesma no espelho do toucador. Tinha o cabelo desgrenhado, emaranhado à volta das orelhas como se fosse um ninho. Tinha as mamas cheias, com umas auréolas escuras à volta dos bicos,

que também eram escuros, e olheiras. Limpei-me a toalhas lavadas e embrulhei-me num lençol de banho para me sentar na cama. Alice não saíra do seu lugar. Pensei em onde é que ela desejaria estar. Aqui não era, mas o instinto dizia-me que também não ansiava pelo lugar de onde viera – também era impossível, pois agora não era seguro. Talvez o sítio onde se sentisse mais confortável fosse algum sítio onde eu não a imaginara: nos braços de um amante debaixo de lençóis antigos, ou confortavelmente sentada com o pai num ameno final de tarde primaveril.

— Alice, diz-me uma coisa — disse eu enquanto passava uma blusa lavada pela cabeça. — Estou a impedir-te de estares com o teu pai?

— Não.

— Ou com qualquer outra pessoa? — Ela abanou a cabeça. — O homem da taberna... — hesitei.

Ela olhou para mim com azedume.

— Tu viste-o?

Era a segunda vez que admitia tê-la espiado. Ruborizei um pouco e assenti com a cabeça.

— Apenas no corredor quando ele já estava a ir embora. Ele incomodou-te?

— Não quero falar sobre isso.

Virou-se para eu não lhe conseguir ver a cara.

Penteei o cabelo, peguei no corpete de seda da cor das pérolas e sacudi-o ao de leve com os nós dos dedos. Decidi usar o vestido sem o corpete; não suportaria apertar outra vez a barriga. Alice viu-me a mexer-lhe.

— Nunca te cansas de usar roupa que não consegues vestir sozinha? — disse ela.

— Não — respondi, dizendo a verdade. — Eu só me visto uma vez por dia. Exceto hoje.

Entreolhámo-nos e sorrimos, e eu senti que ela me perdoara. Alguém bateu à porta e levaram a banheira, enquanto outro criado trouxe bolachas açucaradas e leite quente, que eu partilhei com Alice. Ela disse que comera melhor em vinte e quatro horas do que no ano inteiro. Sentámo-nos a comer bolachas e a dar as migalhas a *Puck*, e, com cristais de açúcar nos lábios, o cabelo lavado e macio, e um vestido lavado, seria fácil esquecer o sítio onde estava, mas não consegui. Alice estava comigo porque eu carregava uma criança no ventre, e *eu* estava aqui, neste quarto soalheiro e arejado, a oitenta quilómetros da minha própria casa, porque o meu marido tinha outra mulher. Estava tudo uma confusão, mas, de algum modo, nem tudo parecia perdido. Pelo menos, para já.

Pouco depois, a mãe entrou e não fez um esforço para esconder o

seu desagrado ao ver Alice sentada na cama, as pernas dobradas ao lado do corpo, uma chávena de leite pousada nas saias cobertas de açúcar. Alice corou um pouco e sentou-se como mandam as regras.

— Vais-te vestir outra vez hoje, Fleetwood? — indagou a mãe.

— Talvez. — Reparei que olhou de relance para a minha barriga, que se notava mais sem camadas de seda, veludo ou lã a cobri-la. — Não tem madeira para a lareira? Parecemos duas criadas debruçadas sobre estas brasas mortíferas.

Ela pareceu muito envergonhada.

— Nesta casa, somos poupados. Se preferes madeira, posso arranjar-te um machado.

Fulminámo-nos com o olhar, depois ela foi embora e fechou a porta com firmeza.

— Não há madeira, nem trigo, nem velas de cera — pensei em voz alta. — Começo a pensar que a minha mãe ficou forreta depois de velha.

Alice atçou as brasas na lareira.

— Onde é que ela arranja dinheiro? — perguntou.

— Nunca pensei nisso, mas suponho que... seja nosso. — Um pássaro cantou no dossel de árvores por debaixo da janela, melodioso e cristalino. Nosso. Sempre pensara nessa palavra como se referindo a mim e ao meu marido, mas todo este tempo ele tivera uma vida dupla. Em qual das suas mulheres ele pensaria primeiro? Tirei a aliança do dedo e voltei a enfiá-la, repetindo o gesto várias vezes.

— Cresceste aqui?

— Aqui? Não. Cresci em Barton. A minha mãe só vive aqui há poucos anos.

— Barton? Mas isso não é...

— É.

Ela tinha os olhos arregalados.

— O teu marido tem a amante na tua casa?

— Eu não a considero minha, mas sim.

— Porque não? — Senti os seus olhos dourados a fitar-me.

— Não foi um lugar feliz.

Ela deu uma gargalhada e meteu outra vez os pés debaixo do corpo.

— Como é que uma mansão pode não ser um lugar feliz? Não tinhas roupas chique, comida boa e criados? — Eu não sorri. Há pouco, ela permitira-me um vislumbre da sua vida — uma espreitadela pelo buraco da fechadura, mas um vislumbre. Agora, estava à espera que eu decidisse o quanto lhe deveria revelar, os olhos inteligentes sempre fixos na minha cara. Suspirei e cruzei as pernas como as dela.

— O meu pai morreu poucos anos depois de eu nascer. Não me lembro dele. Então, fiquei só eu e a mãe. Não tive amigos, nem

primos, nem ninguém com quem brincar, a não ser o meu pássaro, o *Samuel*. Um dia deixei a gaiola do *Samuel* perto de mais do lume e ele morreu. Ele era o meu único amigo. Fui uma criança infelicíssima. Sempre que me portava mal, a mãe ameaçava mandar-me para o meu marido. Eu deveria ter arranjado outro animal de estimação, alguma coisa para me fazer companhia, mas não arranjei.

— Para o teu marido? — perguntou, de repente. — Referes-te ao Richard?

— Eu fui casada com outro homem antes do Richard.

Antes de a conseguir impedir, a memória que me esforçara tanto por esquecer ganhou forma: o salão, as saias da minha mãe a desaparecer do outro lado da esquina, a voz cava e roufenha do meu marido: «Vem aqui, Fleetwood.» A sua mão enorme a agarrar-me para me sentar ao seu colo.

— Tu já *foste* casada? Quer dizer que foste... És divorciada?

— Meu Deus, não. O casamento foi anulado para eu poder casar com o Richard. A mãe decidiu que a união entre os Bartons e os Shuttleworths era mais vantajosa. Se o Richard não tivesse concordado, eu ainda estaria casada com o Senhor Molyneux. — Há muito tempo que não proferia o nome dele em voz alta. — E acredito que ele não era um bom homem.

Alice estava em silêncio e pensativa.

— Que idade tinhas quando casaste a primeira vez? — perguntou.

— Quatro.

Alice ficou tão chocada que fez silêncio. Depois disse:

— E ele?

— Cerca de trinta.

— Que horror — murmurou.

— Só estive duas vezes com ele: uma vez em Barton e a segunda vez no enlace. Depois disso, a minha mãe levou-me para casa, para viver com ela até estar preparada para ser a mulher dele. Felizmente, esse dia nunca chegou.

Alice fez uma expressão de sincera compaixão; compaixão e outra coisa, como se também ela soubesse como o mundo era e já tivesse provado a sua quota-parte.

— Porque estás com essa cara? — Quase desatei a rir. — Pensaste que eu podia escolher o marido? Chamar a atenção de alguém na taberna?

— Creio que sim.

— A questão é que, mesmo que pudesse, ainda assim teria escolhido o Richard.

— Deves amá-lo muito.

— Amo — disse, tão-só. — Ele salvou-me de um futuro diferente e deu-me um novo. Eu não tive voto na matéria. Mas tu, tu tens sorte.

Tu podes escolher quem quiseses.

Ela brindou-me com um sorriso fraco.

— Nunca ninguém me disse que eu tenho sorte.

— Conheces muitos homens na estalagem?

— Bêbedos, muitos.

— Um mundo de escolhas, então.

Rimos as duas e seguiu-se um silêncio confortável.

Questionei-me se a amizade seria isto.

— Não consigo imaginar-me a regressar a casa — disse eu ao fim de algum tempo, ficando séria outra vez.

— O que vais fazer? — indagou Alice.

— Não faço ideia. — Rodei o anel de noivado sem parar. — Queres ouvir uma história?

— Quero.

— Não sei qual a origem, mas as pessoas da aldeia de Barton, onde a minha casa ficava, dizem que andava à solta um javali selvagem causando a devastação na floresta. O meu pai ofereceu a minha mão em casamento à pessoa que o matasse. Organizou-se uma caçada e, no Dia de São Lourenço, o filho mais velho dos Shuttleworths matou-o. Há lá uma estalagem chamada Boar's Head¹, mas não sei o que apareceu primeiro, a estalagem ou a história.

Alice ficou confusa.

— Mas tu disseste que o teu pai morreu antes de tu...

— É só uma história. E sabes qual é a melhor parte? Eu tenho pavor a javalis.

— Porquê?

Encolhi os ombros.

— Tenho pesadelos em que sou perseguida por javalis. Devo ter ouvido essa história quando era criança porque tenho medo de javalis desde que tenho memória. O brasão da família Barton são três javalis.

Eu nunca revelara tanto sobre mim mesma a outra pessoa, a não ser a Richard, e senti-me um pouco exposta. Alice estava em silêncio.

— Aposto que tu não tens medo de nada — aventei.

— Claro que tenho — disse ela, puxando um fio solto da bata. — Tenho medo de mentiras.

Nessa noite, nas primeiras horas, acordei de repente. O quarto estava na penumbra e sentia-se o mais ténue cheiro a vela queimada. Alguma coisa me acordara – um ruído ou um movimento. Poderia ter sido *Puck*, que se habituara a dormir connosco no quarto. Voltei a fechar os olhos e tentei pôr-me confortável debaixo do cobertor, mas não consegui afastar a sensação de estar a ser observada. Apartei os cobertores e arrastei-me até à beira da cama para olhar para a cama dobrável de Alice, deixando os meus olhos habituarem-se à escuridão.

Na cama dela, os lençóis brancos refletiam o luar. A pequena cama estava vazia.

Ouvi alguma coisa a mexer atrás de mim e percebi de imediato que estava outra pessoa no quarto. Virei-me devagar, perscrutando as trevas, e apanhei um susto de morte quando vi um vulto alto de camisa de noite branca de pé mesmo ao lado da minha cama, onde a minha cabeça estivera. Sustive um grito na garganta.

— Alice? — sussurrei, mal conseguindo ouvir-me a mim mesma por causa do afluxo de sangue nas orelhas.

Ela não se mexeu, deixando-se apenas balouçar um pouco. Não conseguia ver-lhe a cara.

— Alice — repeti, mais alto. — Estás a assustar-me. — Em silêncio, ela voltou para a sua cama e deitou-se. O meu coração demorou tanto tempo a acalmar-se que já se via luz nas orlas da janela quando fui dormir.

— Lembras-te do que aconteceu a noite passada? — perguntei-lhe pela manhã enquanto ela se limpava com um pano. Ela olhou para mim sem compreender.

— Tu estavas de pé por cima da minha cama.

— Estava?

— Estavas. Assustaste-me. Pensei que o meu coração fosse parar.

— Ela pareceu surpreendida e disse-me que não se lembrava.

— És sonâmbula?

— Sim, mas só...

Ela fez silêncio e começou outra vez a esfregar-se.

— Só o quê?

— Nada.

Algumas noites mais tarde, acordei outra vez com a mesma sensação e lá estava ela, fantasmagórica e iluminada pelo luar, e depois voltou a acontecer algumas noites mais tarde. Era inquietante, porque dava quase a sensação de que estava a proteger-me de alguma coisa e eu nem sequer sabia se ela sabia do quê.

A cozinheira de casa da minha mãe era uma mulher chamada Senhora Knave e foi graças a ela que, depois de um longo inverno de hibernação, o meu apetite voltou. Ela deu-me a comer tarte de maçã, pão e manteiga, bolachas, pão de gengibre e maçapão. Às refeições, tínhamos salmão folhado com molho de salsa cremoso, tartes de ostra e carne de vaca tenra e rosada por dentro. Tínhamos puré de batata, cenouras com manteiga e pastéis de queijo que me deixavam a língua a arder. Todas as noites, tomava *rosa solis* – brandy com canela – e, aos poucos, a cor começou a regressar às minhas maçãs do rosto

encovadas. Não vomitara uma única vez. Depois da conversa que tivera com Alice sobre o governo da casa da minha mãe, mandei trocar o carvão por madeira nas lareiras e as velas de sebo por velas de cera, dando instruções aos fornecedores para apresentarem a conta diretamente a Richard.

Certa manhã, o movimento na minha barriga despertou-me antes de amanhecer completamente. Fiquei deitada com as mãos sobre a barriga redonda, a pele esticada como a dos tambores, a pensar como a sensação fora inusitada e a ouvir a respiração regular de Alice. Recordei as palavras do Dr. Jensen como tantas vezes acontecia nas horas madrugadoras e solitárias, por isso levantei-me da cama e fui até à janela. O céu era de um bonito tom de azul intenso, mas o arvoredo que rodeava a casa ainda se encontrava na penumbra. Depois, ficava a aldeia.

O quarto estava quente e o ar bafiento, por isso peguei no capote e passei-o por cima da camisa de dormir. O corredor do lado de fora estava em silêncio, a porta do quarto da mãe fechada no extremo oposto. Fui até à cozinha sem fazer barulho, a boca seca e ávida por uma pera madura ou um alperce suculento. Encontrei a pera numa cesta no chão e fui até à porta das traseiras, rodei a chave e saí para comer enquanto a aurora rompia e os pássaros chilreavam por cima de mim. O sumo escorreu para as minhas mãos e para o queixo enquanto estava debaixo do céu aberto, a pensar em tudo, mas a desejar que a minha mente parasse. Senti a barriga a revirar e uns minúsculos punhos e pés socaram e pontapearam.

— Bom dia — sussurrei. — Vemos o sol a nascer?

Senti outra vez comichão e cocei distraidamente, a minha atenção chamada para alguma coisa na orla do arvoredo. Era um animal a serpentear pelo meio dos troncos. Sob a luminosidade da manhã, pareceu-me da mesma cor de *Puck*, mas ele estava ferrado a dormir em cima do tapete turco. Fiquei estática, encostada à parede, e vi-o dar a volta completa, caminhando pelo meio das árvores como que a dirigir-se para a casa sem querer ser visto. Era uma raposa. Olhou-me nos olhos enquanto ambas esperávamos que a outra se mexesse primeiro, e depois uma ave grande, uma gralha ou um corvo, irrompeu do cimo das árvores a bater as asas, crocitando na manhã. Quando voltei a olhar, a raposa desaparecera, mas alguma coisa nela despertou algo no meu pensamento. Só quando subi as escadas e dei com Alice no nosso quarto a fazer a cama é que percebi o que era. Ela levantou a cabeça quando eu entrei e foi então que vi: os olhos dela eram da mesma cor dos da raposa, como moedas a reluzir ao sol.

1 Em português: «Cabeça de Javali». (*N. do T.*)



Chegaram duas cartas ao mesmo tempo: uma para mim, outra para a minha mãe, as duas de Richard. Apesar de serem apenas duas folhas de papel, eu senti-me como se ele tivesse chegado à casa, entrando de rompante onde não era bem-vindo. A sua letra de esguelha sempre parecera feita à pressa, independentemente de uma missiva o ocupar a tarde inteira, e ali estava, a soletrar o meu nome. Enquanto a minha mãe abriu a dela de imediato, eu guardei a minha no bolso.

Alice estava lá fora. Ela estivera algum tempo na floresta, à procura de plantas que pudessem ser criadas na cozinha, e eu olhara com frequência pela janela e vira-a ajoelhada na terra, as saias num molhe debaixo dela, a touca branca a balançar no meio da verdura. Alguns dias depois de as comichões começarem, vi-a ir do jardim para a porta da cozinha com um punhado de folhas verdes achatadas, e depois trazê-las até mim, no meu quarto. Dissera-me para as esfregar na pele, nos sítios onde tinha comichão e, pouco depois, esta desaparecera completamente e a minha pele recuperara a alvura.

— Durante a viagem para aqui, tu disseste que as crianças dão mais trabalho do que merecem.

Eu estava de pé lá fora, a vê-la trabalhar no solo. Tinha a cara suja de terra. Ela sentou-se sobre os calcanhares e limpou a cara com as costas da mão, afogueada do labor apesar de estar um dia frio de primavera.

— E aqui estás tu a plantar um canteiro para ajudar a desenvolver uma que ainda nem sequer nasceu — ponderei. — Interrogo-me se tu tens medo de as teres por saberes o que fazes para as trazer ao mundo. Geralmente, as parteiras são velhas e já não têm idade para ter filhos, ou pelo menos é assim com aquelas que eu conheci.

— Talvez.

Ela pareceu ao mesmo tempo pensativa e agitada. Observei-a a arrancar uma erva e a atirá-la para a cesta, e decidi ir para dentro, porque a brisa fresca deixara de ser aprazível, mas então ela falou.

— Quantos filhos queres ter?

Eu abracei os próprios braços.

— Dois — respondi. — Para que nunca tenham de estar sozinhos, como eu.

— Um menino e uma menina? — indagou.

— Dois meninos. Não desejo a vida de uma menina a ninguém.

A carta de Richard ficou onde estava, no bolso do meu vestido, e

embora me tivesse esquecido dela, dois dias depois a mãe decidiu que dois dias após recebermos notícias dele era o momento oportuno para abordar o assunto. A julgar pela maneira como ela pousou a colher, eu já sabia o que estava para vir; consegui percebê-la a saborear o nome dele.

— Fleetwood — disse ela. — Já pensaste em quando irás regressar a Gawthorpe?

— Não.

— Não pensaste nisso?

Olhei de relance para Alice, que estava sentada mesmo em frente a mim a mexer distraidamente a farinha e o mel.

— Não.

— Então, diz-me uma coisa. — A mãe pegou outra vez na colher. — No que é que tens estado a pensar?

Até àquele momento, eu não reparara num exemplar da Bíblia do Rei pousada ao lado da mão dela. Ela viu-me a olhar e pegou-lhe, abrindo-a pelo marcador.

— Enquanto comemos, pensemos no evangelho segundo Lucas. «Não julgueis para que não sejais julgados. Não condeneis para que não sejais condenados. Perdoai e sereis perdoados.» — Pousou o livro ao lado da tigela e voltou a pegar na colher. — O que pensas desta passagem, Fleetwood?

Eu fingi refletir e passei a língua pelos dentes.

— Penso que é extraordinário como, com a sua Bíblia, o rei tem uma presença em todos os lares e em todas as estantes. Ele encorajamos a não condenar os outros, mas parece fazer pouco mais do que isso. Papistas, bruxas...

— O rei não *escreveu* a Bíblia, Fleetwood. Esta é a palavra de Deus. O rei escreve sobre bruxas na sua própria publicação.

— Escreve?

Ela levantou-se e saiu da sala, regressando pouco depois com um livro fino encadernado a couro e passou-mo para a mão. Eu afastei a minha tigela e abri a capa macia. A palavra *Demonologia* estava impressa por debaixo de uma representação do Diabo feita a tinta. Labaredas lambiam-lhe o corpo e umas enormes asas abriam-se nas suas costas. Olhei para a minha mãe, que me fez sinal para continuar a ler.

— «Da autoria de Sua Alteza, o Príncipe Jaime» — disse eu. Alice estava a olhar para o livro que eu tinha nas minhas mãos e lembrei-me de que ela não sabia ler. Virei a página e segui as palavras do rei.

— O que diz? — perguntou ela.

— «A terrível abundância, nos tempos que correm, neste país, destes detestáveis escravos do Diabo, as bruxas ou feiticeiras, levou-me, caro leitor, a enviar pelo correio este Manifesto da minha lavra...»

Ele escreveu um livro sobre bruxaria? — perguntei à mãe, folheando o que parecia ser um manifesto bastante minucioso.

— Há vinte ou mais anos, um navio no qual ele seguia para a Escócia foi amaldiçoado através de feitiçaria. Ele levou a julgamento uma centena de bruxas acusadas de traição. Realizam-se ali julgamentos de bruxas vinte vezes por ano. Uma familiar afastada de um dos cavaleiros foi executada há não muito tempo; aqui em Westmoreland não estamos longe da fronteira. O teu amigo Roger Nowell está apenas a manter-se a par dos desenvolvimentos, Fleetwood. A execução de hereges não é novidade.

Lembrei-me da caligrafia tremida de Nick Bannister: *Alice Gray, da mesma terra.*

Não tivera dificuldade em não pensar nisso desde que chegáramos aqui, pelo menos para mim. Interroguei-me se a menina Jennet ainda estaria em Read Hall.

— Mas a definição de bruxa é recente. — Alice disse isto dirigindo-se à minha mãe. — São pessoas pacíficas, fazendo aquilo que já fazem há séculos. Apenas depois de o rei subir ao trono é que as pessoas passaram a ter medo. A *senhora* nunca precisou da ajuda de uma curandeira?

A minha mãe fulminou-a com o olhar.

— Como te atreves a falar-me com tamanha insolência na minha própria casa? És uma parteira ou uma autoridade em política?

Eu lancei um olhar de aviso a Alice, que estava a ficar com o pescoço vermelho.

— A Jill só quer dizer que, se calhar, nem todos os que são acusados de bruxaria são culpados — apressei-me a dizer.

O pescoço da minha mãe estava mosqueado de um vermelho de fúria.

— Defendes esses adoradores do Diabo que utilizam sangue, ossos e cabelos para realizarem a sua feitiçaria? O que tem isso de pacífico? São ímpios.

Agora, Alice tinha o olhar pousado na mesa – sabia que tinha sido inoportuna.

— Basta — continuou a mãe, endireitando o guardanapo no regaço e virando-se para mim. — Falemos do que importa: quando regressarás a Lancashire e para o teu marido? Já tiveste tempo longe dele e agora a coisa certa a fazer é voltares para junto do teu homem. És uma esposa e as esposas vivem em casa com os maridos, não com as mães.

— E se o Richard levou aquela mulher para casa?

— Ele não faria tal coisa.

— Nesse caso, devo presumir que ela continuará a viver na nossa casa?

— Onde mais querias que vivesse? Não está na tua paróquia, nem no teu caminho. Longe da vista, longe do pensamento.

Eu atirei o livro do rei para cima da mesa.

— Ela não está longe do *meu* pensamento. Pode estar longe do seu, mas não é o *seu* marido que tem outra mulher. Como a pode defender? E a ele? Se ele é assim tão boa pessoa, porque a obriga a sustentar a sua casa como se fosse a mulher de um pequeno proprietário rural?

— Estou muito satisfeita com o quinhão que me calha, tal como tu deverias estar com o teu — foi a sua resposta fria. — De certeza que foi esse teu temperamento intratável que o afastou.

— O que o afastou foi ele precisar de um herdeiro e a sua mulher não lhe conseguir dar um.

Senti uma ardência nos olhos e um aperto na garganta.

— Fleetwood, achas que o Richard é o primeiro homem a ter uma amante e um filho bastardo?

O espectro da comichão forçou-me a levar os dedos ao couro cabeludo e ao pescoço.

— Só falta dizer-me que o pai tinha vinte.

— É claro que não tinha, mas o meu pai tinha. — Eu olhei fixamente para ela. — O meu pai teve três mulheres e todas elas tiveram filhos dele enquanto estavam casados. Quando as duas primeiras mulheres dele morreram, a seguinte estava pronta para se mudar. Eu não — apressou-se a dizer. — Mas tive os meus irmãos e irmãs. O testamento do pai tinha dez páginas. Legou alguma coisa a todos nós.

— Está a dizer-me que — disse eu, devagar —, se eu morrer, esta mulher ocupará facilmente o meu lugar e se mudará com os seus filhos e que ninguém se lembrará de mim?

— As coisas que tu dizes! — berrou a mãe. — Não é isso que eu estou a dizer. Enquanto puderes ter filhos, o teu lugar na família está seguro. Dá à luz o herdeiro do teu marido e ninguém pensará nessa mulher, tal como ninguém pensa nas outras centenas de outras mulheres e nos seus filhos bastardos em casas por todo o país.

A cadeira dela rangeu no soalho ao empurrá-la para trás e abandonou a sala com passadas largas. Eu esperei até ela chegar às lajes de pedra do lado de fora, peguei no livro do rei e arremessei-o contra a parede.

Porém, o livro *Demonologia* apareceu outra vez nesse dia na cama de Alice. Quando ela chegou do jardim com as palmas das mãos sujas, confrontei-a.

— Pensei que não sabias ler.

— Não sei — disse ela, vertendo água do jarro para a bacia em

cima do toucador. — Queria olhar para ele. Serias capaz de ler para mim? Quero saber o que ele diz. O rei.

— Porquê?

Uma água castanha espreitou pela borda da bacia e ela esfregou as mãos e os pulsos.

— Por favor — pediu. — Fui inoportuna com a tua mãe. Não deveria ter sido tão ousada — acrescentou.

— Não penses nisso. Eu não penso. — Eu sentei-me aos pés da cama dobrável de Alice, peguei no *Demonologia* e folheei-o. — Não faço ideia por que razão está escrito como um diálogo. — Alice olhou para mim sem compreender. — Um diálogo é como as peças de teatro, em que as pessoas falam umas com as outras.

— Nunca assisti a nenhuma.

Abri o livro no terceiro capítulo.

— «Epistemon diz: Rezo para que vós também não esqueçais de me dizer quais são os rudimentos do Diabo.»

— Rudimentos?

— «Refiro-me ao tipo de encantamentos que as mulheres tolas usam, para curar com objetos enfeitiçados, para proteger do mal... tratando a lombriga, curando males de cavalos, resolvendo charadas, ou fazendo um infinito número de tais coisas através de palavras, sem aplicarem coisa alguma, sem se encontrarem com o afetado, como fazem os homens de medicina.»

— O que quer isso dizer?

— Conseguir coisas através de palavras, sem aplicar coisa alguma. Maldições — expliquei. — Curar maleitas ou prejudicar alguém à distância. Custa-me acreditar que o rei tenha dedicado tempo a escrever isto quando estava a governar a Escócia.

— Não compreendo porque haveria de escrever um livro sobre isso. Mas também, se eu fosse capaz de escrever um livro, talvez compreendesse — disse Alice.

Eu ri.

— Tu? Escrever um livro? As mulheres não escrevem livros. Além disso, primeiro terias de aprender a ler.

— Se tu és capaz de escrever uma carta, porque não um livro?

— Alice — disse eu, com delicadeza —, não é isso que se faz. — Tive uma ideia. — Já viste o teu nome escrito? — Ela abanou a cabeça. — Gostarias de ver?

Ela assentiu com a cabeça, por isso eu peguei na carta de Richard, ainda amarrada com fita, e fui buscar uma pena e tinta à escrivaninha ao canto do quarto da minha mãe. Sentei-me ao lado dela na cama dobrável. Num quarto do papel, ladeado por fita, escrevi o nome de Alice e soprei sobre a tinta antes de lhe passar o papel para a mão. Ela sorriu e pegou no papel, levantando-o como se brilhasse à luz.

— O que diz? — indagou, apontando para as letras enroscadas à volta da fita vermelha.

— É o meu nome.

— Porque é maior do que o meu se demoram o mesmo tempo a dizer? Fleet-wood. A-lice.

— Não é assim que funciona. Cada uma destas coisas é uma letra. A-L-I-C-E. Cada uma representa um som diferente, mas quando as dizemos em conjunto, produzem um som distinto. — No canto superior direito escrevi o nome dela em letras bem espaçadas, depois passei-lhe a pena para a mão. — Experimenta.

Ela agarrou a pena de uma maneira que me deu vontade de rir.

— Não, assim.

Expliquei-lhe. Com a mão trémula, ela copiou o A noutro quadrado, seguido das outras letras. Quando ela me mostrou, desatei a rir.

— O que foi? — perguntou.

— Da maneira como escreveste, com o A tão afastado, parece que escreveste «piolho»².

— A *lice*?

— Se separares o A das outras letras, o teu nome fica «a *lice*»³.

— O quê?

Ela enrugou a cara de uma forma cómica que me deu vontade de rir. Depois, começou a sorrir e, pouco depois, estávamos a rebolar como duas leiteiras tontas, agarradas às barrigas com as lágrimas a escorrer pela cara.

— Primeiro faz o A — expliquei. — Depois as outras letras.

Nessa noite, quando estava a despir-me para ir para a cama, vi o papel em cima da escrivaninha e a pena pousada ao lado. As palavras de Richard continuavam amarradas e por ler, e, a um canto, um pequeno exército de As cravejava a folha, como uma infestação de piolhos. Uma infestação de Alices, que me fez sorrir.

2 Em inglês, «piolho» é *lice*. (*N. do T.*)

3 Em português, «um piolho». (*N. do T.*)

CAPÍTULO 13



A janela do quarto onde eu e Alice estávamos ficava sobranceira à frente da casa, bem como à ladeira de acesso e ao arvoredado dos dois lados, onde havia imensas perdizes e faisões. Certa manhã, ouvi cascos de cavalo lá fora e pensei que Richard finalmente viera. Porém, quando me abeirei da janela e espreitei pela vidraça, vi uma jovem envergando um bonito vestido verde, com uma cintura de sonho, a desmontar do cavalo enquanto outra mulher mais simples, trajando de vermelho, esperava ao lado dela. Arqueei quando as reconheci.

— As irmãs do Richard estão aqui — disse a Alice, sufocada com o pânico.

Nessa manhã, tinha-me levantado tarde, sentindo-me febril e indolente, e acabara de tomar o pequeno-almoço ainda de camisa de dormir. Afastei-me da janela de um pulo e comecei a pôr os rolos no cabelo. A mãe fora à aldeia e eu não sabia quando regressaria, por isso teria de fazer de anfitriã.

A governanta, a Senhora Anbrick, bateu à porta do quarto com vigor.

— Minha senhora, as suas cunhadas vieram fazer-lhe uma visita.

A governanta era uma mulher cordial e simpática, com a pele macia e uns olhos cintilantes – eu não fazia ideia de como se entendia com a minha mãe. Agora, estava a falar num tom entusiasmado, impressionado até; era raro esta casa receber visitas. Eu agradei-lhe e, quando deixei de ouvir os seus passos, virei-me para Alice, falando baixo.

— Não deixes que te vejam. Seria sensato ficares aqui.

— Elas não sabem quem eu sou, pois não?

— Não, mas são umas tremendas tagarelas e farejam os rumores a milhas, por isso mantêm-te ao largo.

Fechei a porta depois de sair.

Eleanor e Anne estavam sentadas na sala de visitas da minha mãe, que estava sempre gelada. Contudo, tinha uma vista agradável para o jardim de sebes antiquado nas traseiras da casa, cuja finalidade era mais funcional do que estética, porque apenas as flores mais robustas sobreviviam nestas colinas altas e ventosas.

As duas irmãs de Richard tinham o mesmo cabelo alourado e os mesmos olhos cinza-claros, mas Eleanor era bonita e Anne sem graça.

— Fleetwood! — arrulharam ao mesmo tempo quando entrei.

Ambas repararam de imediato na minha barriga, onde o vestido sem mangas se separava à volta do tecido argênteo retesado por cima da bola da minha barriga. Beijámo-nos e eu sentei-me à janela com o sol fraco a bater-me na cara.

— Constou-nos que estavas aqui e sempre é verdade! — disse Anne com insolência. — E sem o Richard?

— Sim, sem o Richard. — Tentei forçar um sorriso. — Quem vos

disse?

— Estávamos em casa de uns amigos em Kendal... conheces os Bellinghams de Levens Hall? — Eu abanei a cabeça. — Uma criada deles é prima de uma criada da cozinha desta casa. Nem queríamos acreditar quando ela nos disse que tu vieste aqui passar o verão, mas quantas mulheres se chamam Fleetwood Shuttleworth? E aqui estás tu! Sozinha?

— Sozinha.

O alívio permitiu-me sentar-me de maneira mais confortável. Ainda não esfregara os dentes e ainda tinha aquele sabor azedo da manhã na boca.

— Não durante muito tempo. — Eleanor apontou para a minha barriga. — Tu tens piada, ficando longe do teu marido quando estás prestes a ter um bebé. Suponho que as pessoas da pequena nobreza rural possam fazer o que lhes dá na gana por estas bandas.

Deu uma pequena gargalhada que retiniu. Quem a ouvisse, ficaria a pensar que passara a vida inteira numa mansão de Londres.

Antes de eu ter oportunidade de perguntar o que mais a criada lhes dissera, ela continuou.

— Que excitante: um novo herdeiro Shuttleworth. Estás preparada? Tens uma parteira? — Eu anuí. — Bem, quando já não precisares dela, terás de me dizer quem é. Eu dei a entender ao Richard na minha última carta, mas ainda não havia certezas. Vou casar antes do fim do ano!

Eu fiz uma expressão de regozijo.

— Isso são notícias maravilhosas! Quem é o teu marido?

— O Sir Ralph Ashton.

Anne e Eleanor eram mais velhas do que eu. Quando casei com Richard, eu ficara entusiasmada por passar seis meses com elas em Londres, mas, ao fim de treze anos sozinha, não estava habituada a que falassem comigo, me mimassem e arreliassem a toda a hora. Toda a vida quisera ter irmãs, mas, assim que as tive, mal podia esperar por me livrar delas e da sua tagarelice, das suas mãozinhas sempre a borboletear e das intermináveis perguntas indiscretas.

— Fleetwood? — repreendeu-me Eleanor. — Eu disse que o casamento se realizará provavelmente no dia de São Miguel. O bebé nascerá em finais de setembro?

— Talvez.

Questionei-me o que elas sabiam – se é que sabiam alguma coisa – sobre a outra mulher de Richard, Judith, mas antes de decidir se deveria perguntar, a Senhora Anbrick chegou com um jarro de vinho branco seco e três copos de vidro veneziano. Ela olhou em jeito de aprovação para a nossa pequena festa feminina, agradada por a casa abrir as portas à sociedade. Servi uma quantidade generosa em cada

copo e brindámos ao iminente casamento de Eleanor. Anne estava a sorrir, mas dava para perceber que, na realidade, estava desanimada, pois ainda não tinha marido. Tal como Alice, não consegui deixar de pensar que era uma sortuda. Bebi um grande trago; o vinho era doce e, ao mesmo tempo, forte.

— Fleetwood, porque *estás* aqui sem o Richard? — quis saber Anne, brindando-me com um sorriso pouco convincente e mudando de posição.

Com as suas caras lívidas viradas para mim, e os amplos rufos a reluzir ao sol, pareciam duas margaridas.

Meti a mão por dentro do rufo para me coçar.

— Eu...

De repente, o bebé deu um pontapé e eu levei as mãos à barriga instintivamente.

— Está a mexer-se?

— Está.

— Podemos sentir?

Eu fiquei espantada de mais para recusar e, de um momento para o outro, tinha quatro mãos brancas encostadas à barriga. Mexi-me desconfortável, com vontade de lhes afastar as mãos.

— Que sensação deliciosamente estranha — disseram, os olhos arregalados e fixos.

Eu desejei que o bebé parasse e ele parou.

— Como está a tua mãe? Ela vai sentir a tua falta, Eleanor, quando partires de Forcett.

— Sim, ela está bastante bem, mas agora visita-me menos vezes — disse Eleanor. — Julgo que sentirá a minha falta. A Anne estará sempre lá, é claro — acrescentou, presunçosa.

— Que novidades há em Yorkshire? — perguntei.

— Nada de mais. Já o mesmo não se pode dizer de Lancaster.

— Como assim?

— Já deves ter ouvido falar das bruxas de Pendle? Dizem que haverá um julgamento e mais de uma dúzia de enforcamentos. A criadagem de Levens diz que será o maior jamais realizado em Inglaterra. Deves ter ouvido falar.

Engoli em seco.

— Sim, já me constou.

Pensei em Alice lá em cima, debruçada sobre o aparador com a sua pena. Como não tínhamos papel pergaminho, ela estivera a praticar no interior do exemplar do *Demonologia* da mãe e, depois de dominar o primeiro nome, estava agora a treinar o apelido.

— Bem, o que achas disso?

— Não sei, porque nunca estive lá — disse, com frieza. — Além disso, não ligo aos boatos da criadagem.

Com isto, Eleanor ruborizou e Anne estremeceu.

— Como será que elas são? Ainda bem que não há bruxas em Yorkshire; eu nem conseguiria dormir descansada. — Eleanor deu uma risadinha aguda que retiniu.

— Não me parece que *tu* estejas em perigo, Anne. Parece que elas apenas se amaldiçoam umas às outras e aos seus vizinhos estranhos. Ao que parece, enterram gatos nas suas paredes e espetam bebês para beber o seu sangue. Segundo ouvi dizer, de certeza que Lancashire está cheio delas. Tens a certeza de que queres regressar e criar lá o teu filho, Fleetwood? — disse Eleanor para me arreliar.

— Elas matam *crianças* — disse Anne, com jovialidade. — E consta que têm animais que são o Diabo disfarçado.

— Tais como sapos, ratazanas e gatos! — guinchou Eleanor, e desataram as duas a contorcer-se e a dar risadinhas.

— Conhecem uma mulher chamada Judith? — interrompi-as.

— Judith? Não, é uma bruxa?

Eu não respondi e enchi outra vez os nossos copos. O vinho branco seco deslizava com facilidade e soltava-me a língua.

— Damos um passeio pelo jardim? Está bastante quente lá fora.

A verdade era que eu não suportaria mais um minuto sentada naquela sala acanhada com elas. Pusemo-nos de pé e eu percebi que estava zonzá. Conduzi-as lá fora, onde o céu estava descorado e o ar ameno e ventoso. Caminhámos ao longo da lateral da casa e Eleanor apanhou um punhado de flores e encostou-as ao peito.

— Pareço uma noiva? — perguntou.

— A noiva mais bonita que jamais vi! — disse Anne. Sacudiram-se com as suas saias, rodopiando sem parar, mas Anne parou quando me viu, pois eu não estava a rir e a brincar com elas.

— Fleetwood, estás diferente, sabes? — disse Anne. — Não sei bem porquê; alguma coisa em ti está mais... *alguma coisa*.

— Eloquente como sempre, Anne. — resfolegou Eleanor, a fazer lembrar um porco.

— Em que sentido? — indaguei.

— Na verdade, tu sempre foste dada à melancolia, mas agora parece que... te assenta melhor.

— A melancolia?

— Sim, um pouco pesarosa e triste. Só que agora pareces diferente, mais velha, de algum modo... mais *sabedora*.

— Quem me dera não ser *sabedora* — resmunguei. — Preferia não saber.

Eleanor olhou inexpressivamente para mim.

— Saber o quê?

À nossa volta, reinava a calma; o vento esmorecera por instantes. Eu sentia-me bastante atordoada do vinho, da luz forte do

sol e das colinas verdejantes sobranceiras a toda a volta.

— Do vosso irmão — disse eu, uma expressão de inocência. Anne também parara e estavam as duas a olhar para mim com um ar apatetado. — E da outra mulher que ele tem. Do bebé que ela carrega no ventre. Vocês não sabiam?

Eleanor deixou cair o bonito buquê, que se espalhou pelo chão. Estavam as duas embasbacadas.

— Não estás a falar a sério.

— Vi-a com os próprios olhos. Ela está em Barton, na casa do meu pai. É lá que ele a mantém.

Um bando de aves esvoaçou de um aglomerado de árvores ali perto, as asas a estalar por cima das nossas cabeças. Eu plantara as sementes e agora elas brotariam, quer eu quisesse quer não.

— Tens a certeza? — perguntou Anne, a voz ligeiramente trémula.

— Absoluta. — Engoli em seco.

— Mas vocês só estão casados...

— Há quatro anos.

Eu estava agora com 17 anos, mas depois daquilo por que passara era como se tivesse o dobro ou o triplo. O meu marido já tinha uma amante, mas eu não era uma matrona velha, com os cabelos grisalhos e rugas nos olhos. Suspeito que até era mais nova do que ela, mas, sempre que pensava nela, ela parecia-me mais bonita. O bebé que eu quisera oferecer a Richard era agora um produto muito mais valioso, pois assegurava o meu lugar em casa e na família. Sem ele, eu seria um ornamento, uma esposa só no papel. Agora, sabia disso. Se este bebé morresse no meu ventre como os outros, mais valia mudar de vez para casa da mãe, pois passaria a ser uma inútil. Só de pensar nisso, senti um caroço duro de pavor na barriga. Tinha de gerar o filho de Richard para garantir o meu futuro, pois, se morresse, mais valia morrer com ele.

Demos mais duas voltas ao jardim num silêncio taciturno, Anne e Eleanor a fazerem ocasionais comentários desconfortáveis sobre a inclemência do clima e sobre como Westmoreland estava tão atrasado em termos de moda em comparação com Yorkshire, e sobre se os Bellinghams tinham mandado fazer uma sobrecasaca nova nos últimos cinco anos.

Elas não ficaram muito mais tempo e disseram que não esperariam pela minha mãe, mas que iriam buscar o seu mordomo à estalagem na aldeia e fariam a viagem de regresso a Yorkshire. Porém, quando íamos a caminhar para os estábulos, passámos pela porta da cozinha nas traseiras da casa, esta abriu-se e, de súbito, apareceu Alice.

Ela tinha a boca aberta de espanto, uma cesta no braço e um velho avental por cima da roupa. Entreolhámo-nos por um longo

momento e Anne e Eleanor perceberam que se passava algo de estranho entre nós, pois geralmente os criados passavam despercebidos.

— Quem é esta? — perguntou Anne.

Eu passei a língua pelos lábios.

— Ninguém. Alice, vai para dentro.

Brindei-a com um sorriso forçado e segui caminho. Só quando ela não se mexeu é que percebi o que acabara de dizer. Senti como se me tivessem puxado o tapete de debaixo dos pés, mas acabei por me recompor. Passado um pouco, Alice retirou-se e a porta da cozinha fechou-se.

Senti o pavor a crescer na barriga, contorcendo-se e a deslizar como uma enguia, e não me atrevi a olhar para Anne ou para Eleanor, pois não sabia se elas sabiam muito ou pouco. O que eu sabia era que tinha de fazer de conta que nada acontecera e que Alice não era ninguém.

— Sabem, de repente fiquei muito cansada — disse, com poucas forças. — Vamos buscar os cavalos? Acho que tenho de me deitar.

Depois de se despedirem à pressa e descerem a ladeira ventosa, regressei ao salão, onde acabei de beber o jarro de vinho branco seco. Alguma coisa correria terrivelmente mal e eu não sabia até que ponto. Fora uma insensatez contar-lhes sobre Richard; em nada me ajudaria e só serviria para o agastar. E então dizer o nome de Alice daquela maneira... Com certeza não poderiam saber que era a mesma Alice Gray cujo nome constava da lista do condado vizinho, que poderia ou não ser procurada para inquisição. Ou será que saberiam?

Quando subi ao meu quarto, estava embriagada e ainda nem era meio-dia. Não vi Alice em sítio algum, por isso sentei-me na beira da cama e descalcei os chinelos com os pés. As irmãs e a mãe de Richard — se é que ela não sabia já — teriam certamente alguma coisa para lhe dizer sobre Judith e ele poderia ficar agora ainda mais furioso comigo. Era provável que eu andasse na boca de toda a gente de Yorkshire e de Lancashire, o meu nome a ser falado nos grandes salões e salas de jantar. Pois bem, eu estava mais furiosa com ele do que comigo mesma. Tudo isto era culpa dele, e também da minha mãe, a saber o que sabia sobre Judith e a escondê-lo de mim, sempre a pressionar-me para gerar um filho, como se eu não quisesse, como se eu não soubesse como era importante. Eu costumava pensar que estava a desiludir toda a gente com o meu fracasso, mas enquanto estava deitada na cama com a luz quente a entrar pela janela, percebi que toda a gente também me tinha desiludido.

Nem toda a gente.

Devo ter adormecido porque senti uma coisa húmida encostada à cara. Quando abri os olhos, Alice estava debruçada por cima de mim

com uma bacia e um pano.

— Pensei que estavas com febre — disse ela.

Sentia a língua seca e ainda aquela sensação de tontura de há pouco. Tinha as axilas transpiradas.

— Bebi vinho de mais — disse.

A criança dentro de mim estava sossegada, embalada também pelo vinho adocicado. As palavras das irmãs de Richard ressoaram nos meus ouvidos: *estão a acontecer muitas coisas em Lancaster*.

— Estou preocupada — disse, sentando-me.

Ela franziu o cenho e fez uma expressão de apreensão.

— Por causa do que aconteceu no jardim?

— Sim. Eu disse o teu nome. Desculpa. Não sei se elas sabem... Não sei *o que* elas sabem. Ou, o que é mais inquietante, a quem irão dizer.

— Mas não há nada para dizer. Não suspeitarão de nada por falares com uma criada.

— Só se não souberem quem és. Oh, porque não me lembrei de te chamar Jill? Apetece-me coser a boca com linha.

Ela rodopiou o pano na bacia. Tinha uma expressão inquieta.

— Alice — disse eu. — A minha mãe deve estar quase a chegar, por isso tenho de te perguntar agora. Quero que me digas o que estavas a fazer com a Elizabeth Device naquele dia na floresta. — Ela parou de mexer na água, os dedos a balouçar delicadamente à superfície. Para além do habitual cheiro a lavanda, ela também cheirava a terra e a coisas que nela eram nutridas e nela cresciam.

— Não perguntaria se não achasse que é importante. — Depois de um compasso de espera, ela foi até ao aparador e pousou lá a bacia. De costas voltadas para mim, suspirou.

— Lembras-te de quando estávamos no teu salão e me perguntaste onde eu trabalhava e eu disse que era na Hand and Shuttle? E depois perguntaste há quanto lá trabalhava e eu disse que há pouco tempo?

— Lembro.

— Eu trabalhava lá há cerca de uma semana.

Esperei, sustendo a respiração.

— E lembras-te de quando me apanhaste com os coelhos da primeira vez que nos vimos?

— Lembro.

— Na verdade, estava perdida. Acabara de começar a trabalhar na Hand and Shuttle e estava à procura do caminho.

Não olhou para mim e eu observei o seu pescoço esguio, enquanto falava, ainda virada para a parede.

— Antes disso, trabalhei numa taberna em Colne. Certa manhã, ia a caminhar para o trabalho e deparei-me com um homem caído no chão. Era um caminho pouco concorrido e não havia ninguém por

perto. Era um vendedor ambulante. Todas as suas coisas estavam espalhadas pelo caminho atrás dele, alfinetes, agulhas, pedaços de tecido, como se tivesse cambaleado enquanto as deixava cair. Pensei que estava morto, mas estava vivo, a resmonear e a murmurar. Tinha um dos lados da cara descaído e o olho fechado. Eu já vira aquilo acontecer com a minha mãe.

Eu não conseguia respirar; a atmosfera no quarto era densa e tentei engolir, mas tinha um nó na garganta.

— Levei-o para a estalagem, o estalajadeiro ajudou-me a levá-lo para um quarto no andar de cima e chamou um médico. O homem não parava de murmurar sobre um cão preto e uma rapariga que encontrara no caminho, mas tinha a fala arrastada e não percebemos o que queria dizer. Mais tarde, nessa noite, chegou uma rapariga.

Alice tinha as duas mãos apoiadas no aparador, como que para se segurar.

— Ela estava num estado lastimoso, a soluçar e a pedir perdão. Só percebi ao que ela se referia quando disse que amaldiçoara um vendedor ambulante nesse mesmo dia. Ela estava imunda, como se tivesse passado o dia inteiro a vaguear à chuva. Eu convidei-a a entrar e a secar-se, mas o estalajadeiro não o permitiu, dizendo-me que ela era uma pedinte e que não deixava entrar gente da laia dela e mandou-a ir embora. Antes de ir, ela disse-me que se chamava Alizon e que regressaria no dia seguinte para saber do homem.

— Alizon Device — murmurei. — E regressou? — Alice disse que sim com a cabeça, ainda de costas para mim.

— E no dia a seguir e no outro. Contudo, o estalajadeiro, Peter, não a deixou entrar; disse que ela só traria problemas. Então, o homem já viera a si e fiquei a saber que se chamava John. Sentei-me com ele, dando-lhe cerveja e comida, e limpando-lhe a boca. Ele continuava com a cara descaída, como se apenas um dos lados funcionasse. Não sei se voltará ao normal. Ele recuperou um pouco da fala, disse-nos o nome do filho e pediu que lhe escrevêssemos. Assim, o Peter mandou lá um homem.

»Um dia, eu estava sentada sozinha com ele e, como de costume, a rapariga estivera lá nessa manhã, de pé no pátio, a contorcer as mãos e a chorar, pedindo para o ver. Ela estava transtornada e não parava de dizer que a culpa era toda dela. Eu decidi dizer-lhe que ela estava ali para lhe pedir perdão, perguntei se ele queria que a deixasse entrar e ele assentiu.

»O Peter tinha saído e eu tive de atender os fregueses. Por isso, fui lá abaixo e disse-lhe para não se demorar. Eu não subi com ela. Pouco depois de subir, desceu as escadas a correr, por isso eu fui lá acima ver o John. Ele estava num estado lastimoso, a soluçar, a tremer e a apontar para a porta. «Ela é uma bruxa», não parava de repetir.

Depois de dizer isto, Alice caminhou até à janela e espreitou para fora. Os barulhos da charneca atravessaram a vidraça: um vento solitário a gemer no caixilho.

— E depois, o que aconteceu? — indaguei.

— Ele disse-me que ela tinha um cão preto com ela, o mesmo que estivera no caminho, mas eu não vi cão nenhum. Não sabia do que ele estava a falar ou se estaria a sonhar. Foi então que apareceu outra pessoa: a avó da rapariga. Ela tornou aquele sítio gelado, lá isso foi. Toda a gente a sentiu a chegar. Toda a gente sabia quem era.

— Quem era?

— Chamam-lhe Demdike. Na maior parte do tempo, é recatada, mas as pessoas locais conhecem-na. Eu já a vira por ali, ouvira os comentários das pessoas.

— O que diziam?

— Que ela é uma excêntrica, uma bruxa, que é isto, que é aquilo. Fica longe dela, diziam. Só que ela não foi lá para ver o John Law. Foi lá para me ver a mim.

— Mas porquê?

— A Alizon deve ter-lhe dito que eu encontrara o John e estava a cuidar dele. Foi quando começou a ameaçar-me. Disse que me lançaria uma maldição se eu não mentisse pela Alizon. Queria que eu dissesse que nunca a vira, que o velho estava a inventar tudo, que não estava bom da cabeça e que não sabia distinguir a mão esquerda da direita.

»Mas o Peter já escrevera ao filho do John e este chegou pouco depois, de Halifax ou lá de onde foi. O John disse-lhe que perdoara à Alizon, que ele era um homem temente a Deus que acreditava na misericórdia e que isso era o que Deus queria que ele fizesse. É bom homem, o John Law. Só que o filho dele, o Abraham, não concordou. Mandou levarem-lhe a Alizon e interrogou-a. A Demdike foi com ela e deixaram-no arrepiado, creio. A Demdike negou tudo, aos gritos e a blasfemar, e a Alizon a chorar. Eu fiquei só a ver, sem saber o que fazer. Então, o filho virou-se para mim e disse: «Tu já viste estas mulheres? Esta rapariga amaldiçoou o meu pai?»

»Eu não consegui falar e o John estava a guinchar como um porco a um canto. O filho, Abraham, estava afogueado e parecia capaz de matar alguém e eu tive medo. Por isso, disse que sim, que as vira.

»Ele tentou obrigá-las a quebrar a maldição, mas a Alizon não conseguiu, e a Demdike disse que só a pessoa que a lançara a poderia retirar. E foi isto. O Abraham mandou chamar o magistrado e o Peter mandou-me embora por causa de toda a barafunda que eu causara. — Tinha a voz rouca. — Trabalhei lá quase dez anos. Ele sabia que eu era uma boa funcionária, por isso arranjou-me emprego na Hand and Shuttle. O estalajadeiro é cunhado dele.

Eu tinha a mente vazia, os pensamentos congelados. Olhei

fixamente para os pés com as meias, pequenos e delicados com a seda branca. Alice não disse nada e ficámos em silêncio imenso tempo, até que eu me lembrei de uma coisa.

— Mas o que é que a Elizabeth Device tem a ver com isso? O que estavas a fazer com ela naquele dia?

— Certa noite, ela foi à Hand and Shuttle. Não sei como, descobriu onde eu estava. A Alizon e a Demdike tinham sido detidas, por isso ela já perdera a filha e a mãe. As pessoas olharam-na de soslaio quando ela me foi procurar. Bem, dá para perceber porquê. Eu tive medo de perder também este emprego, por isso disse-lhe que tinha de ir embora. Ela pediu-me para ir a casa dela nessa sexta-feira, que convidara alguns vizinhos para conversar sobre o que poderiam fazer para ajudar aquelas que tinham sido detidas. Disse que eu tinha de ajudar, que eu era... — A voz faltou-lhe. — Disse que a filha e a mãe estavam na prisão por minha causa.

Eu abanei a cabeça.

— Mas tu só estavas a tentar ajudar.

— Ela estava desesperada... furiosa. Deu para entender que ela só queria fazer alguma coisa. E eu queria ajudar. Feita parva, fui. Tinha de fazer alguma coisa para que deixassem de aparecer no meu trabalho e de me meter em sarilhos. E mesmo depois disso, depois de ir à Malkin Tower, ela estava à minha espera perto da tua casa na floresta. Não tenho como lhes escapar.

Agora, na sua voz transparecia um medo real. Lembrei-me dela a choramingar enquanto dormia.

— Mas o que aconteceu na Malkin Tower? Sobre o que falaram?

Alice encolheu os ombros.

— Comemos qualquer coisa e eles falaram sobre como poderiam ajudar a Alizon e a Demdike. Foi apenas um encontro de pessoas que conheciam a família, vizinhos e assim. Além de mim e uma outra pessoa.

— Quem?

Ao ouvir isto, Alice baixou a cabeça.

— A amiga da minha mãe, Katherine. A Mould-heels.

— Porque foi lá?

— Ela estava comigo quando...

Apanhámos um susto de morte quando a porta abriu de rompante e a mãe se precipitou para o quarto, uma expressão empedernida.

— Não te lembraste de mandar alguém chamar-me à vila? — perguntou.

Eu sentei-me mais direita e fulminei-a com o olhar, ofendida com a interrupção.

— As irmãs do Richard não se demoraram. Estavam a regressar de Kendal e iam para Forcett.

— Como souberam que tu estás aqui?

— Uma criada daqui é prima de uma criada da casa onde elas estavam hospedadas.

Fitou-me com os seus olhos pretos e penetrantes.

— O que lhes disseste?

— Nada — menti.

O silêncio que se seguiu deixou adivinhar que não acreditava em mim.

— O jantar está quase pronto — disse, tão-só, e saiu sem fechar a porta.

Eu fui fechá-la sem fazer barulho e voltei para junto de Alice. Tinha imensas perguntas na ponta da língua. Podia ter escolhido uma qualquer, mas optei por aquela que me saltou primeiro à mente, relacionada com a última coisa que ela dissera.

— Alice, disseste que a Mould-heels estava contigo quando... o quê? — Alice estava agora em silêncio e, do lado de fora da janela, o vento soprou desde a charneca, fazendo lembrar uma criança a chorar. Ela tapou a cara com as mãos.

— Alice! O que foi?

— Não posso dizer — sussurrou. — Não sou capaz.

— Seja o que for, não pode ser assim tão terrível.

Porém, ela não me disse e eu consegui sentir as vagas da irritação da mãe a marulhar à porta. A última coisa de que precisava era de outra tarde de discussão. Senti-me incomodada ao descer as escadas para ir jantar, como se outra coisa além do vento estivesse a fazer força contra as janelas, a querer entrar.



Nessa noite, tive O Pesadelo. Acordei, paralisada pelo medo, e vi uma vela ao meu lado, um rosto conhecido, mas assustado, por detrás. Tinha as pernas emaranhadas nos lençóis e estava encharcada em suor. Estava com tanto medo que me pareceu que o coração me sairia pela boca, e Alice sentou-se comigo até a minha respiração acalmar e as sombras no canto do quarto se tornarem menos assustadoras. Esperava não ter gritado, mas o pânico nos olhos de Alice e a tensão no seu maxilar levaram-me a pensar que gritara.

— Agora está tudo bem — murmurou Alice. — Foram os javalis?

Eu disse que sim com a cabeça e aquela sensação de terror veio outra vez, por isso levei a mão ao meio das pernas à procura de um fio de sangue, mas estavam secas. Alice acabou por voltar para a sua cama e a respiração dela também começou a ficar mais lenta. Há um mês que estávamos em casa da mãe e, durante todo esse tempo todo, eu nunca tivera O Pesadelo.

Desde aquele pequeno-almoço, a mãe não voltara a falar no meu regresso a Gawthorpe, nem eu, mas já a deveria conhecer melhor. Talvez se tivesse a estatueta de gesso da Ponderação comigo no meu quarto me tivesse lembrado de a exercitar de vez em quando, mas a minha velha amiga estava a quilómetros de distância no meu quarto, em Gawthorpe.

Eu estava sentada na cozinha com a Senhora Knave, a comer bolachas quentes, acabadas de sair do forno, quando a Senhora Anbrick chegou para me dizer que estava ali alguém para me ver. Desde o momento em que acordara que já sabia: uma mudança na atmosfera, uma sensação de inquietação no estômago. O meu tempo estava a esgotar-se.

— Quem é?

Nem era preciso perguntar. As saias pretas da mãe entraram na cozinha à frente dela, acetinadas como um peixe a deslizar por um lago. Pela cara, vinha preparada para o combate.

— Fleetwood, sai já da cozinha — ordenou. Senti o pavor no estômago, colando-me à cadeira.

A Senhora Knave baixou a cabeça, as mãos rechonchudas a raspar desajeitadamente no avental. Lancei à mãe o olhar mais odioso que consegui e levantei-me, passando por ela, recordando como ela abrira a missiva de Richard sem me revelar o que dizia. Não me ocorrera perguntar-lhe o que ele escrevera e a carta que me endereçara continuava por abrir na escrivaninha do meu quarto.

— Não o podes evitar para sempre, Fleetwood.

A voz dela retumbou nas minhas costas, no corredor, enquanto me

dirigia para o salão, para lá esperar por Richard. Decidira não voltar a dirigir-lhe a palavra.

Sentei-me, trémula, embora a sala, com a sua janela alta e estreita, estivesse fechada e abafada. A poeira ajeitava nos feixes de luz aquosos e havia um tabuleiro de xadrez pousado num banco ao lado da minha cadeira. Às vezes, a mãe jogava xadrez com a governanta e outras vezes sozinha. Era uma coisa que sempre fizera, mas era a primeira vez que eu percebia como isso era deplorável, ela sozinha nesta sala e eu no andar de cima. Bem, ela poderia perguntar-me se eu queria jogar; eu não me compadeceria de uma mulher que optava tantas vezes por estar sozinha. Passei o vestido sem mangas à volta da barriga, pousei as mãos no regaço e esperei.

Puck foi o primeiro a entrar, saudando-me com a sua língua assim que me viu e sentando-se ao meu lado. A mãe entrou a seguir, os tamancos a estalar nas lajes do chão, seguida de uns passos mais intensos e pesados de couro macio e aquele familiar tilintar das moedas.

— Fleetwood.

Ouvi-o e vi-o ao mesmo tempo. O brinco dele refletiu a luz e os seus olhos cinza-claros cintilaram. Primeiro olhou para a minha cara, depois para a barriga.

Ainda estás de esperanças, ouvi-o pensar.

Eu esquecera como é possível ter conversas sem falar quando as pessoas são casadas, quando se conhece tão bem uma pessoa que seríamos capazes de a reconhecer num quarto escuro. Porque não também o seu pensamento? Sem pestanejar, a mãe olhou de um para o outro.

— Estás com bom aspeto — disse Richard.

Eu fiquei calada.

— Fleetwood? — disse a minha mãe.

— Pode sair — disse eu, seca.

Ela olhou suplicantemente para Richard, mas os seus olhos cinzentos estavam fixos nos meus pretos com tanta intensidade que parecia que eu poderia desaparecer a qualquer momento.

Ela fechou a porta. Eu não ouvi os tamancos dela no corredor, por isso, passado algum tempo, eu disse «Mãe» e lá foi ela a batê-los no chão.

Richard sentou-se à minha frente e, para espanto de ambos, *Puck* fez um rosar cavo e depois ladrou.

— Também viraste o cão contra mim? — disse Richard com vivacidade, mas o seu olhar era pesaroso.

— Ele lá terá as suas razões.

Richard engoliu em seco, tirou o chapéu de veludo preto e deu-o a cheirar a *Puck* em sinal de paz.

— Lembras-te de mim, pequenino? — Eu senti-me duplamente traída quando *Puck* foi para a beira dele, encostando o focinho à mão dele com um largo sorriso. — Pronto, pronto — disse Richard com ternura, esfregando-o todo e dando-lhe fortes palmadas como dantes. — Tinha-me esquecido como demora chegar aqui — acabou por dizer, pousando o chapéu em cima das pernas.

— Não te importas quando é para ir caçar.

— Eu não disse que me importava.

— Mas a viagem não demorou um mês.

A minha ousadia espantou ambos. Richard abriu a boca e depois fechou-a outra vez, mudando de posição na cadeira.

— Não. Tive de tratar de uns assuntos.

— Assuntos mais importantes do que a tua mulher? Como foste capaz, Richard?

— Desculpa. Volta para casa, por favor.

Eu pressionei os olhos e lembrei-me dos últimos quatro anos: nós a andar a cavalo juntos, a fazer compras juntos, deitados juntos, a rir juntos. Pareceu uma vida inteira de felicidade.

— Gawthorpe não é o mesmo sítio sem ti. É a nossa casa; deveríamos estar lá juntos.

— Tu nunca estás em casa!

— Estou, sim. Quero estar lá, contigo.

— Todos estes segredos, Richard. E mentiras.

Lembrei-me das palavras de Alice: *Tenho medo de mentiras*. Agora percebia o que queria dizer: as mentiras tinham o poder de destruir vidas, mas também de as criar, tal como a barriga de Judith estava cheia com as mentiras que Richard dissera.

— Sou feliz aqui.

— Feliz? Com a tua mãe? Tu não suportas a tua mãe. — Não baixou o tom de voz. — O que há para ti aqui além de criados indolentes e salas poeirentas?

— Se são poeirentas é porque tu não dás dinheiro suficiente à minha mãe — sussurrei. — Coisa que nunca, mas *nunca*, me passaria pela cabeça considerando que eu rendi imenso dinheiro a esta família.

Ele meteu a mão ao bolso e tirou de lá a bolsa.

— De quanto mais é que ela precisa?

— Quanto pagas pela tua amante?

Ele abriu a bolsa e pousou algumas moedas na beira da lareira, como se estivesse a pagar o alojamento numa estalagem.

— Agora tens quatro mulheres para sustentar, não é? — continuei. — Duas mães e duas mulheres? Suponho que não seja coincidência o facto de o nível ter baixado aqui quando tiveste de sustentar outra casa. Estavas ciente da pobreza a que a estavas a sujeitar?

— É claro que não. Se ela precisar de alguma coisa, basta-lhe

pedir. Tratarei de corrigir a situação. Se calhar o James fez alguns ajustes para equilibrar as contas de que eu não tive conhecimento.

— Então eu vou perguntar ao James porque é que ele tem mandado sabonete perfumado para Barton enquanto a criada da minha mãe tem de fazer o dela.

Richard esboçou um sorriso e eu percebi que ele estava divertido por eu a estar a defender. Senti um tumulto de fúria no peito e fiquei à espera, com as mãos a agarrar com força os braços da cadeira. Ele não podia irritar-me ao ponto de me fazer esquecer que demorara um mês a vir à minha procura.

Envergando a sua requintada túnica e o gibão de veludo preto, ele deveria estar quente, e eu reparei na cor das suas maçãs do rosto, causada pelo calor, pela vergonha ou pela frustração.

— Vim para te levar para casa — acabou por dizer.

— Quanto tempo a tiveste?

Ele expirou, como se eu o estivesse a testar.

Não estava habituado a que eu lhe desobedecesse. Eu não estava habituada a desobedecer-lhe.

— Não muito.

— Quanto tempo?

— Alguns meses?

— Com que então, ela é fértil. Finalmente, sucesso: uma boa parideira. E tu geras uma bela cria, coisa que a tua mulher não te consegue dar.

— Não sejas ridícula. As pessoas não são gado.

— Na realidade, as mulheres e o gado têm muitas semelhanças.

— Estás a ser absurda.

O tabuleiro de xadrez chamou a minha atenção e peguei num peão de marfim, segurando-o de maneira a refletir a luz. Reconheci-o imediatamente como sendo o tabuleiro que o meu pai tinha em Barton. Pousei a peça no sítio e reparei que se encontrava atrás da rainha. Peguei no peão e derrubei-a, fazendo-a cair ao chão com um tinido, onde rolou por cima do tapete púido debaixo da mesa. Imaginei a minha mãe de gatas à procura dela mais tarde.

— Vais mandar-me executar, como o rei faz? — disse eu.

— Fleetwood, eu gosto de ti. Achas que te queria ver doente daquela maneira? De todas as vezes que engravidaste quase morreste e a culpa é minha de te deixar assim. Não quis que isto acontecesse. Recorri à Judith apenas para acabar com isto, para te proteger.

— Para me proteger? Manter a tua amante na minha casa foi para me proteger?

— Tu odeias aquela casa; eu sabia que nunca irias lá.

— E tinhas razão. Tu conheces-me melhor do que ninguém, Richard. Só que te esqueceste de uma coisa: que eu sei ler. Pensaste

que eu nunca iria ao gabinete do James e descobriria todas as traições gravadas no papel. Estiveram sempre ali à minha espera.

— Como soubeste que tinhas de procurar no livro-razão? — O meu coração começou a bater mais depressa.

— Tive de verificar uma coisa.

— O quê?

— Uma encomenda de atoalhados. Não é importante. — Tentei agir com indiferença, mas ele era um caçador e farejou o logro. Semicerrou os olhos.

— Com quem vieste para aqui?

— Com ninguém.

Fitei-o com hostilidade e ele não gostou do que viu, pois disse:

— Estás mudada, Fleetwood. — Eu esperei, mas ele não adiantou mais. Impaciente, disse:

— Não nos vão servir nada para comer e beber?

Eu não disse nada e virei a cara para a janela pardacenta.

Desconfortável, Richard mudou de posição no seu lugar.

— Há pouco tempo, o Roger foi lá com um embrulho para ti. — Mirei-o pelo canto do olho. — O colar de rubis.

— Aquele que desapareceu?

— A criada dele encontrou-o aos pés da cama da Jennet Device. É óbvio que ela é uma oportunista.

— É uma ladra, mas não teve oportunidade. Eu estive sempre à beira dela. — Foi então que me lembrei da minha ida à cozinha para buscar a tarte para Roger e fiquei desanimada.

— Ela saiu do salão em algum momento?

— Deve ter saído.

— E tu pediste desculpa aos criados?

Uma centelha de vergonha perpassou-lhe o semblante e, enquanto ficámos sentados num silêncio furioso, os outros acontecimentos desse dia voltaram como uma inundação – como acontecera tanta coisa.

— E a criada de quarto, a Sarah, como está?

— Ainda não recuperou, mas está melhor. O médico chegou a tempo. A mãe ainda está a cuidar dela.

— Tens dormido no nosso quarto?

Ele mudou de posição outra vez.

— Tenho. Trouxe o nosso coche para te levar de volta para Gawthorpe. Tenho uns assuntos para tratar com o meu agente na fronteira, por isso irei a Carlisle antes de regressar a casa. Podes partir amanhã.

Pensei em Alice, a descansar lá em cima na cama dobrável.

Pensei no que a poderia esperar se regressássemos.

— Não posso regressar.

Alguma coisa pareceu agitar-se dentro de Richard e ele afastou os

dedos, os anéis a reluzir, depois cerrou os punhos.

— Por muito que lamente a forma como descobriste aquilo que descobriste, a minha paciência está a esgotar-se. Nenhum homem quer uma mulher desobediente. Há uma diferença entre ser tolerante e ser tratado como um palerma.

As lágrimas vieram-me aos olhos, quentes e furiosas.

— E tu não me trataste como uma palerma? Para ti, não sou diferente dos teus preciosos falcões. Tens-me presa por uma trela, depois, com um movimento do pulso, eu volto para o pouso do teu braço.

Pelo menos ele teve a decência de parecer magoado. Mesmo enquanto estava a falar, sabia que estava a ultrapassar as fronteiras da feminilidade, as minhas obrigações conjugais. Eu não tinha uma cara bonita nem as maneiras apropriadas. Não era de admirar que ele tivesse deixado a nossa cama e, com isso, a nossa união, pensei, triste como a noite.

— Chegou o momento de assentares no teu novo papel — foi tudo o que disse.

— De mulher negligenciada?

— De mãe.

— Quero ficar aqui mais algum tempo.

Nesse instante, como se tivesse estado à espera, ouviu-se um bater rígido na porta e a mãe entrou.

— Preparou as coisas dela? — perguntou Richard.

Ela assentiu com a cabeça e olhou para mim.

— Eu não vou — disse eu.

Velozes e acutilantes como uma faca a cortar manteiga, as palavras da minha mãe cortaram-me.

— Não ficarás aqui enquanto o teu marido precisar de ti. Chegou a hora de partires.

Eu levantei-me da cadeira, içando-me ao alto da minha altura banal e, com frieza, disse:

— Se é esse o vosso desejo, que assim seja.

Richard partiu mais para norte a cavalo e eu fui para o meu quarto. Quando cheguei ao cimo das escadas, traçara um plano mentalmente e revelei-o de imediato a Alice.

— Tu podes regressar a Gawthorpe comigo, como minha parteira e dama de companhia, e são esses os termos que imponho para perdoar ao Richard.

Porém, Alice não pareceu convencida e torceu a touca nas mãos. O seu cabelo era um aglomerado de dourado, espiralado e enroscado como a juba de um leão.

— Ele pede perdão? — foi tudo o que disse.

— Ele traiu-me, Alice, regressa comigo e eu tratarei disso. Farei com que o teu nome seja ilibado, será esse o meu preço. O Richard pagá-lo-á. Regressaremos a Gawthorpe, prepararemos uma cama para ti e, dentro de um ou dois dias, o Richard chegará a casa e eu exporei os meus termos: que, para eu ficar, tu também terás de ficar. Não posso ter esta criança sem ti.

Ela tinha a dúvida espelhada na cara, mas, apesar de tudo, eu conhecia o meu marido.

Fizemos as malas – ou melhor, eu fiz a mala, porque tudo o que Alice possuía, tinha vestido. Ela não tinha uma mala, um anel de noivado, um marido a chamá-la para casa nem cunhadas que a visitavam. Não tinha um bebé na barriga, um herdeiro para gerar. Ela podia ir a qualquer sítio, a qualquer hora, e se ela o quisesse eu teria deixado, mesmo sabendo que precisava dela. Porém, ela subiu para o coche e sentou-se ao meu lado, tal como fizera na viagem para cá. Decidi que lhe daria outro cavalo quando chegássemos a casa – não importava o que acontecera com o outro, pois eu sabia agora que confiava nela – e ela poderia ir visitar o pai, quando Richard concordasse com os meus termos, e dizer-lhe que arranjava um emprego permanente. Mas o que nos esperava em casa? Pela primeira vez desde que Alice me contou a sua história, pensei nas bruxas de Pendle e em qual seria o seu destino. Talvez Roger não tivesse conseguido fundamentar a acusação contra todas as pessoas que estiveram na Malkin Tower; talvez se contentasse com os Devices e os vizinhos e atirasse a lista de Nick Bannister para a fogueira.

Agarrei-me à barriga e, enquanto as rodas sacudiam no caminho irregular e o meu filho saltava e rebolava ao seu sabor, questionei-me como é que alguém poderia achar que os coches eram mais seguros do que os cavalos. *Puck* gemeu aos meus pés, saturado do movimento ininterrupto. Eu disse-lhe que já não faltava muito e que daria ordens para lhe trazerem pão e leite, e ele lambeu-me a mão com a sua língua reconfortante.

Ao fim de algumas horas perdi o interesse na paisagem; o céu ficou mais escuro e caiu uma chuva fraca, deixando tudo outra vez enevoado. Alice ia de olhos fechados, a cabeça inclinada para trás, encostada ao assento. Interroguei-me se ela estaria mesmo a dormir ou iria preocupada como eu com o que aconteceria quando chegássemos ao nosso destino. Até o meu filho, que muitas vezes nem me deixava dormir, estava quieto.

A última parte da viagem transformou-se numa corrida contra o escurecer que se aproximava lentamente e foi já de noite que eu senti o coche a abrandar e a virar para o acesso a Gawthorpe. As trevas tinham aqui uma qualidade mais escura, com os bosques densos dos dois lados. Os cascos dos cavalos crepitaram no empedrado;

chegáramos ao celeiro e aos anexos. Abrandámos até parar e ouvi o cocheiro dizer a alguém no pátio que tinha instruções para me levar diretamente até à porta. Nesta fase, perdida de sono, esquecera-me da presença de Alice. Passáramos tanto tempo juntas que eu já não sabia o que era estar sozinha. Estava tão escuro no coche que não conseguia perceber se ela estava acordada e ansiava pela minha cama. Planeava pôr Alice no quarto ao lado, onde Richard dormira, para a ter perto de mim. Talvez ele e Alice pudessem até tornar-se amigos, esclarecido que estava o caso do colar.

Parámos. Os cavalos resfolegaram e abanaram-se. O cocheiro mexeu-se por cima de nós, depois ouvimos os seus pés a embater no chão. Eu fui a primeira a mexer-me, mas a porta do coche abriu-se impetuosamente à minha frente e quase caí para fora.

Richard estava ali. Tinha o rosto encoberto pelas sombras e, antes de ter oportunidade de falar ou até mesmo exclamar a minha surpresa, ele agarrou-me o pulso e puxou-me para baixo. Os meus pés bateram no chão duro e ouvi *Puck* saltar atrás de mim, e depois aconteceram duas coisas ao mesmo tempo: Alice apeou-se do coche atrás de mim e eu vi Roger Nowell de pé ao cimo das escadas.

Nem ele nem Richard falaram e eu não consegui ver bem as suas caras na escuridão. Os archotes ardiam dos dois lados da porta de entrada, retorcendo-se ora para um lado ora para o outro. Senti como se me tivessem despejado água fria pelas costas.

— Richard, o que estás a fazer aqui? — perguntei.

Ele ainda não largara o meu braço.

A voz de Roger chegou desde os degraus.

— Alice Gray, está detida por homicídio pelo meio de bruxaria da Ann Foulds, filha do John Foulds de Colne, e será prisioneira de Sua Majestade até ao seu julgamento.

Como uma flecha, atirou-se a ela.

— Roger! — gritei. — O que estás a fazer?

Mas Richard começou a puxar-me pelas escadas acima para a casa. Eu debati-me com todas as forças, tentando libertar-me.

— Alice! O que vem a ser isto? Roger, Richard, digam-me imediatamente. Larga-me!

Empurrei-o com todas as forças e consegui libertar-me, mas, antes de conseguir descer as escadas a correr, ele agarrou-me outra vez, prendendo-me os braços atrás das costas.

— Fleetwood! — gritou Alice, a sua touca e a cara as únicas coisas visíveis sob o brilho dos archotes.

O vulto sombrio de Roger estava a obrigá-la a entrar de novo para o coche. Ela estava a soluçar e assustada, e a desaparecer diante dos meus olhos, mas consegui ouvi-la a murmurar «não, não, não».

Um cavalo relinchou, assustado, forçando o arnês. Depois, eu

estava em casa e Richard a fechar a porta, e eu estava cá dentro, e ela lá fora.

TERCEIRA PARTE



Os homens ou mulheres que consultem os espíritos ou sejam feiticeiros serão executados, apedrejados, o seu sangue cairá sobre eles.

Levítico 20:27

CAPÍTULO 15



Richard largou-me como se fosse um pedaço de carvão em brasa e desapareceu pelo corredor que conduzia ao grande salão. Eu atirei-me à porta, tateei à procura do puxador e, quando abri a porta, vi a silhueta escura do coche a afastar-se, saindo do alcance da luz dos archotes. Desci as escadas a correr, quase caí em cima da minha mala que estava pousada ao fundo, e corri no seu encalço, a gritar o nome dela à janela, mas a cortina continuou fechada.

— Pare! — gritei. — Pare!

O cocheiro continuou a olhar em frente, debruçado sobre as rédeas. Eu fiquei para trás consoante o coche foi ganhando velocidade e vi a noite devorá-lo inteiro, o barulho das rodas e dos cascos dos cavalos a esmorecer, as árvores a tremular à volta da clareira.

Fiquei imenso tempo no meio das trevas até que o frio me penetrou as entranhas. Pareceu-me que tinha o corpo mergulhado em água, preso ao chão, o vestido com um peso insuportável. Ouvi dois rapazes a sair de casa para irem buscar a mala.

Eu conduzira-a mesmo para o centro da teia, onde a aranha estava à espera.

Encontrei Richard no grande salão, à minha espera à beira da lareira apagada. Apenas consegui fitá-lo e ele devolveu-me o mesmo olhar.

— Enganaste-me. Mentiste-me!

— Tu também me enganaste e mentiste.

— Como assim?

— Disseste-me que a rapariga não estava contigo.

— Montaste-nos uma cilada. Conduziste-nos direitinhas a ela.

Como *foste capaz*...?

— A Alice Gray é procurada por um crime. Se foi detida aqui ou em casa da tua mãe é irrelevante.

— É relevante, sim. Quem te disse onde ela estava? As tuas irmãs?

— Não, a tua mãe. Sem querer, é claro; não sei se seria capaz de trair a própria filha. Ela escreveu-me e falou de uma jovem parteira cheia de vida chamada Jill que te acompanhara. Queria saber se fora a Senhora Starkie que a recomendara. Para a próxima, esconde melhor o teu rasto; julguei-te uma exímia caçadora.

Inspirei profundamente, depois expirei, tentando controlar a fúria.

— Porque é que a Alice foi detida?

— Não sei todos os pormenores.

— O Roger disse que ela matou uma criança? Que disparate.

— Tens a certeza, não tens?

— É claro que sim. Ela não seria capaz de fazer mal a uma mosca.

— Então nada tens a temer.

— O Roger tem sede de poder — disse eu. — Só está a fazer isto para agradar ao rei e se exhibir na corte como um pavão. Não se rala com as consequências, com o facto de estarem em jogo as vidas de pessoas. Quantas mais *bruxas* é que ele encontrou desde que eu saí daqui?

— Não sei.

— Quantas?

— Cerca de dez. Não teve dificuldade: estão a divulgar-lhe os nomes, pensando que com isso comprarão a liberdade. Eles é que estão a fazer a acusação, não ele.

— Temos de fazer alguma coisa.

— Não temos de fazer coisa *alguma*! — rugiu Richard. — Tu já fizeste bastante!

Perdera as estribeiras. Estivera a andar de um lado para o outro defronte da lareira e agora estava a fitar-me com toda a pujança da sua ira. Lembrei-me daquele dia chuvoso de primavera quando eu e Roger estivéramos na galeria comprida. *Maldito aquele que dele pensar mal.*

Puxei uma cadeira e agarrei-me às costas, relutante em fazer alguma coisa tão familiar como sentar-me.

— Por tua causa, não tenho parteira — acabei por dizer.

— O que não falta são parteiras, Fleetwood. Não sei porque insististe em recorrer a uma vadia local, que pode ou não ter matado uma criança. É essa pessoa que queres a assistir ao parto do nosso herdeiro?

— É.

— Mandaremos vir outra parteira.

— Eu não quero outra.

— Então, podes morrer. É isso que queres?

— Se calhar. É o que tu queres.

— Não sejas ridícula.

Agarrei a cadeira com mais força.

— A Alice é insubstituível. Diz-me, Richard: porque é que tu podes ter uma mulher e eu não?

Senti o sangue a latejar nas orelhas e apertei as costas da cadeira, desejando estilhaçar o carvalho com os dedos. Como ele não reagiu, o semblante carregado e furioso, continuei:

— A Alice Gray salvou-me a vida, não apenas uma vez, mas muitas vezes. Quando tive comichão, levou-me umas plantas para esfregar na pele. Quando tive enjoos, ela fez-me preparados. Fez-me companhia no pior momento da minha vida. Criou uma horta a pensar na minha saúde.

— A mim, parece-me uma bruxa — disse Richard, cáustico. — De

que outra forma poderia saber essas coisas?

— Ela é parteira, tal como a mãe dela. Tu agora estás como o rei, a pensar que todas as curandeiras, mulheres pobres e parteiras estão a realizar a obra do Diabo? Bem, ele deve ser o maior empregador do Lancashire.

De repente, senti um imenso cansaço e vi-me obrigada a sentar-me. Tinha o vestido empoeirado da viagem e parte do meu pensamento continuava com Alice e Roger no coche, a viajar para as trevas. Tudo isso causava-me dores de cabeça.

— Para onde é que ele a vai levar?

— Talvez para Read Hall. Talvez diretamente para Lancaster.

— Mas os julgamentos serão apenas em agosto.

Ouvi as botas dele a bater nas lajes e, quando dei por isso, estava ajoelhado ao meu lado, o brinco de ouro a reluzir à luz da vela.

— Esquece a Alice — disse ele. — Já fizeste bastante por ela.

— Esquecê-la? Eu não fiz nada por ela! O que queres dizer? A única coisa que eu *fiz* por ela foi conduzi-la diretamente ao cadafalso.

— A minha única preocupação é a tua segurança. Assim que soube quem a Alice era, agi de imediato, é claro que sim. O que te *aconteceu*, Fleetwood? Desde que ela apareceu, tornaste-te uma pessoa diferente.

Souo tão odioso. Limpei o nariz à manga.

Queria deitar-me desesperadamente.

— Quero ir a Read Hall — disse.

— Não farás tal coisa. É tarde.

Fiquei outra vez frustrada, presa pela minha trela invisível. Era estranho: estava sentada em minha casa com o meu marido e o meu cão, mas nunca me sentira mais miserável. Durante muito tempo, eles tinham sido o suficiente, mas agora sentia-me uma estranha na minha própria vida. Olhei em redor para as janelas escuras, os painéis brilhantes e a galeria onde atores e menestrelis haviam feito os seus espetáculos em tempos mais felizes. Havia os brasões por cima da lareira – incluindo o meu; havia duas portas, para que pessoas da mesma posição pudessem entrar ao mesmo tempo. Esta era mesmo a minha casa?

Richard ajudou-me a levantar e eu mantive uma mão na cabeça de *Puck* para ir para cima. A escadaria estava na penumbra e eu já estava meia a dormir.

Acontecera tanta coisa desde a última vez que estivera no meu quarto que me pareceu outro. Fitei a cama que eu desenhara quando era uma jovem noiva caprichosa, com a sua cabeceira decorada com capacetes de cavaleiros, coroas e serpentes. Ao centro, dois brasões entalhados num só: as três lançadeiras e o escudo de Shuttleworth, seis andorinhas de Fleetwood. Recusara-me a utilizar o brasão de Barton aqui.

Nessa noite, Richard dormiu à minha beira, fosse por solidariedade ou por um sentimento de culpa, por mim era igual. *Puck* dormiu no chão aos pés da cama, ressonando ruidosamente, e, por uma vez, Richard não reclamou. Olhei durante imenso tempo para o dossel e os pensamentos redemoinharam na minha cabeça.

Alice era acusada de matar a filha de um homem chamado John. Teria a criança morrido à nascença enquanto ela assistia ao parto? Ou então poderia ser uma invenção, resultado de vingança pela boca de Elizabeth Device? Talvez John Foulds fosse um amigo de Roger, com uma filha falecida há muito tempo no cemitério, gratificado financeiramente por concordar em difundir as mentiras dele.

Esperei pelo sono e, ciente de que não havia um vulto enroscado aos pés da minha cama, tive dificuldade em adormecer.

Na manhã seguinte, demorei a arranjar-me, lavando-me devidamente depois de tanto tempo em viagem. Ensaboei o cabelo e penteei-o, deixando-o secar ao longo das costas antes de me vestir. A Ponderação e a Justiça observaram-me com o olhar vazio enquanto me vestia; agora que não usava corpete, não precisava de uma criada. Tirei um rufo lavado do guarda-vestidos e um toucado cor de pérola e prendi-os no devido lugar. Atei as meias de seda acima e abaixo dos joelhos, apesar de as pernas inchadas as segurarem sem dificuldade, e calcei as chinelas. Apliquei um pouco de óleo de rosas atrás das orelhas e nos pulsos, esfreguei os dentes com tecido e cuspi para a água do banho usada que estava cheia de suor, gordura e pó. Depois, abri a porta para *Puck* me acompanhar até ao pequeno-almoço. Ainda estava cansada e enjoada da viagem aos solavancos desde casa da mãe e dos acontecimentos da noite anterior, e não conseguia pensar noutra coisa a não ser em Alice.

Como de costume, os cozinhados de Barbara eram desenxabidos e eu mal toquei na comida, lembrando-me das cerejas e do pão de gengibre e tartes de manteiga que comêramos em casa da mãe. Aqui era tudo mais desinteressante. Do outro lado da mesa, Richard comeu com o seu falcão turco pousado no ombro, como um cavaleiro mítico do império. Se queria provocar-me depois de eu me comparar à sua ave, conseguira. Observei-o sem tocar na comida. Ele parecia bem-disposto e ocupado, indiferente à minha presença. Talvez se tivesse acostumado à minha ausência, como eu me acostumara à dele.

Rodei a colher na aveia e fingi sorver a cerveja.

— Gostava que não trouxesses esse bicho para dentro de casa — acabei por dizer.

Embora tentasse soar inquieta, as palavras saíram-me rancorosas. A ave mirou-me com um olho reptiliano.

— Estou a habituá-la a mim. Ela gosta de ver onde o seu senhor

vive, tu não?

— E se ela se liberta da corda e voa para as vigas?

— «Tratai-a bem, caso contrário ela deixará de obedecer às vossas ordens e vos obrigará a segui-la.» — Eu olhei-o fixamente e ele sorriu. — A primeira regra da falcoaria. Basta um pedaço de carne para a convencer a descer.

— E se esse pedaço de carne for o dedo de um criado? — Richard piscou-me o olho; estava descontraído. O facto de conseguir estar assim, depois de tudo o que acontecera, fez-me odiá-lo. Ele nunca se veria a contas com a lei; nunca seria levado num coche por um magistrado sedento de poder. Observei-o com uma aversão inequívoca e resoluta.

— Irei a Read Hall hoje de manhã — anunciei passados alguns minutos.

— Ver a Katherine?

Humedeci os lábios gretados.

— Sim.

— Eu não te acompanharei. Tenho de tratar de umas escrituras com o James.

— Escrituras do quê?

— Vou comprar umas terras deixadas por um agricultor. Sabes que o filho dele disse que enterrou um gato na parede da casa quando a construiu?

— Porque faria semelhante coisa?

Ele encolheu os ombros.

— Para o proteger do mal? Estas gentes locais podem ser muito excêntricas. Janelas de vidro teriam o mesmo efeito.

Percebi que ele dissera uma piada e me forçara um sorriso. Com isso, deu-me uma ideia.

Fiz a viagem para Read devagar, montada a cavalo, grata pelo ar puro que me dava espaço para pensar e planear. Passando pelas mesmas casas velhas e herdades nos mesmos velhos caminhos, vi rostos e mais rostos, todos eles ostentando as marcas das suas vidas duras em cada prega e em cada ruga. As pessoas caminhavam penosamente, as cabeças cobertas, os ombros descaídos com o peso da dor, da doença e da mágoa. As suas casas eram feitas de lama. Tinham as costas curvadas do trabalho árduo. Eu desejava que tivessem momentos de alegria nas suas vidas; desejava que comessem cerejas e sentissem a surpresa do caroço. Se ao menos construíssem aqui um teatro, não seria preciso fazer caça às bruxas. Talvez eu construísse um.

O céu estava enevoado e a terra era verde, e quando me fartei de olhar para um ou para a outra, não havia muito mais que ver no caminho para Read. Abeirei-me da casa e, para além de um rapaz a

levar feno para o estábulo, não havia ninguém nas cercanias. Entreguei-lhe o meu cavalo e caminhei para a porta, bati e esperei durante o que me pareceu uma eternidade, e depois bati outra vez. Quando abriram a porta, eu esperava ver Katherine, mas não vi ninguém — só então percebi que quem a abria só me dava pelo peito e vi uns olhos grandes e húmidos.

— Jennet — disse eu, tentando esconder o espanto. — Vim visitar o patrão.

A menina fitou-me.

— Ele não ‘tá. Saiu — sussurrou.

Estava tão pálida que parecia cadavérica.

Senti a barriga a revirar.

— Onde foi?

— Jennet? — disse uma voz desde o interior da casa.

Katherine assomou por detrás dela. Tinha a cara mais tensa e mais macilenta do que da última vez que a vira.

Engoli em seco.

— Olá, Katherine.

— Fleetwood. — Contorceu as mãos e parou alguns metros antes da porta. — Jennet, sai daí. Eu disse-te para não abrires a porta. Agora, vai lá para cima.

Embora as suas palavras fossem de admoestação, a sua voz transpareceu ansiedade. A menina foi a saltitar e desapareceu no interior da casa.

— Katherine, o Roger está?

— Não, foi a Lancaster.

— Com a Alice?

— Que Alice?

— A Alice, a minha parteira. A Alice.

Katherine pestanejou, as mãos brancas comprimidas uma na outra.

— Não sei do que está a falar. Quer entrar? Mando servir vinho...

— Não, obrigada. Preciso de saber se o Roger levou a Alice para a prisão em Lancaster.

— Ele saiu ontem à noite e ainda não voltou. Disse-me que ia a Lancaster.

Portanto, ele não guardava todas as prisioneiras sob a sua tutela em casa como um estalajadeiro, só aquelas das quais esperava obter alguma coisa. Recuei um passo e suspirei, pensando no que fazer.

— Conhece um homem chamado John Foulds? — Ela franziu o cenho, sem perceber.

— Receio que não. Deveria conhecer?

Eu abanei a cabeça.

— O Roger disse que a senhora passou uma temporada com a sua

mãe em Kirkby Lonsdale — continuou Katherine, amavelmente. — Foi... agradável?

— Muito. Tenho de ir. Desculpe, Katherine.

Ela hesitou na soleira da porta, como uma mulher à beira de um precipício, capaz de saltar e vir comigo.

— Fleetwood — chamou, e eu virei-me. Parecia angustiada, como se aquilo que estava na iminência de dizer lhe causasse um enorme tormento. — Ele disse que ia levar um prisioneiro ao castelo. Só percebi que era uma mulher quando a vi no coche. Ela era a sua parteira?

— A Alice é a minha parteira. Obrigada, Katherine. Foi muito prestável.

— Não fica para jantar? Pelo menos beba um pouco de vinho. — Eu abanei a cabeça, despedi-me e fui direita ao estábulo, onde o meu cavalo ainda estava no bebedouro. Esperei que acabasse de beber e voltei pelo mesmo caminho por onde viera. Tinha a cabeça em água de pensar em todas as implicações desta situação medonha e a viagem de regresso a Gawthorpe levou mais tempo.

Quando cheguei, desmontei e fiquei no pátio de cenho franzido, as rédeas ainda nas mãos. Antes de voltar a meter pés ao caminho, tinha de ir buscar uma coisa a casa.

Richard e James estavam no grande salão rodeados de papéis.

— Já vieste — disse ele. — A Katherine está boa?

— Ótima — respondi distraidamente. — Viste o cão? — Richard disse-me que vira *Puck* pela última vez no salão.

— Vou andar a cavalo — anunciei.

— Ahas boa ideia?

— A Alice disse que sim e, até agora, nunca me deu maus conselhos. — Olhei-o fixamente. — Estarei de regresso dentro de algumas horas.

Richard fez uma expressão meio divertida e meio irritada.

— Sabes uma coisa, James? — disse ao mordomo. — Acho que o rei sabe o que está a fazer ao pôr rédea curta às mulheres de Lancashire. Elas são umas insubordinadas, não são? — Ao observar-me atentamente, o meu marido transpareceu um vestígio de malícia. Eu vira aquela mesma chispa em casa da minha mãe no momento em que decidira dizer-me o que fazer, pela primeira vez desde que éramos casados. Agora, estava a exercer a sua autoridade como um músculo, a testar o meu limite e o dele.

— Não sei, meu senhor — respondeu James, ponderadamente.

— São umas bravias, não são? — perguntou, dirigindo-se a mim.

— Também são inofensivas — atalhei, com cuidado.

— E quem é que decidirá isso?

Richard não desviou o olhar, por isso eu sorri desajeitadamente e

comecei a afastar-me, mas, antes de desaparecer, ele chamou-me.

— Hoje tenho de ir a Ripon em negócios e passarei a noite fora.

Eu fiz um compasso de espera com a mão na porta.

— Quando regressarás?

— Amanhã à noite ou na manhã seguinte, mas não te preocupes que o James estará aqui para te manter debaixo de olho.

Fui procurar o cão. Ao passar pelo fundo da escadaria, senti a presença do retrato da mãe no cimo da torre, como se ela estivesse na galeria a observar-me. Estremeci e saí para o frio da manhã.



Era dia de mercado em Padiham e a aldeia estava animada, com pessoas e animais, plena dos pregões dos comerciantes e gemidos do gado. Entrei para o pátio do estábulo da Hand and Shuttle, quase sem dar conta dos olhares curiosos que incidiam sobre mim e *Puck*. Levei-o para dentro e perguntei pelo estalajadeiro a um rapazinho de pano na mão. Ele saiu para o corredor pelo qual eu passara há não muito tempo, antes de Alice me dizer para abrir os olhos. Agora, desejava poder fechá-los.

Apareceu o mesmo homem da outra vez, com a sua cara vermelhusca e inquiridora e os dentes podres.

— Eu não me apresentei da última vez que aqui estive — disse, calmamente. — Chamo-me Fleetwood Shuttleworth. Resido em Gawthorpe Hall.

— Eu sei quem a senhora é — retorquiu, num tom não desagradável. — Chamo-me William Tufnell e sou o estalajadeiro.

Foi então que ele reparou no *Puck* ao meu lado e apanhou um tremendo susto.

— Não são permitidos cães aqui, minha senhora. Desculpe. Nem mesmo o seu.

Eu assenti com a cabeça, olhando em redor e reparando na lareira que Alice teria varrido e nas mesas que teria limpadado.

— Não o demorarei mais de um minuto, só quero perguntar uma coisa — disse. — O senhor já ouviu falar de um tal de John Foulds ou da sua filha, Ann?

Ele olhou para mim, inexpressivo.

— Não há ninguém com esse nome em Padiham. E se ele tem mãos para levantar uma caneca, teria vindo aqui.

— Há uma estalagem em Colne. A Queen's Arms?

— Sim — respondeu, cauteloso.

— Creio que a sua empregada Alice Gray veio de lá para aqui à procura de trabalho.

— Sim, foi o meu cunhado que a mandou, mas ela já não trabalha aqui.

— Como se chama o seu cunhado? É ele o estalajadeiro lá?

— Peter Ward, minha senhora. E sim. Encontrá-lo-á na estalagem.

A Queen's Arms ficava na zona limítrofe da aldeia a alguns quilómetros, a jusante do rio, e eu imaginei Alice a ajudar John Law, fraco e aterrorizado, pelo caminho de gado. Era uma estalagem pequena, não maior do que uma taberna e, quando entrei, senti o

mesmo cheiro a cerveja. O espaço estava deserto, os bancos e as mesas velhos, mas bem escovados, e a serradura no chão tinha sido mudada há pouco.

Deixei *Puck* lá fora, amarrado pela trela a um poste. À beira de uma porta, estava uma mulher de vassoura na mão a contar uma história em voz alta. Esperei que ela acabasse, com os dedos entrelaçados à frente do corpo. A mulher percebeu que estava a ser observada e, quando se virou para ver quem eu era, falou de forma grosseira.

— Posso ajudá-la?

Mirou-me dos pés à cabeça, agarrada ao cabo da vassoura com as mãos vermelhas.

— Chamo-me Fleetwood Shuttleworth. Estou à procura do Senhor Ward, o estalajadeiro.

Ela podia chamá-lo com facilidade, mas franqueou a porta e ouvia-a sussurrar. Instantes depois, surgiu um homem entroncado de cabelos grisalhos. Era tão grande que senti os seus passos no chão de terra.

— Posso ajudar?

— É o Senhor Ward, que foi patrão da Alice Gray?

— Se tivesse uma pena no chapéu por cada pessoa que veio aqui perguntar pela Alice Gray, pareceria uma galinha. O que foi que ela fez agora?

A sua escolha de palavras surpreendeu-me.

— Ela não fez nada. Gostaria de saber onde posso encontrar o pai dela.

— O Joe Gray? O que quer dele?

— Quero falar com ele.

— Ele não diz muita coisa digna de se ouvir. — Eu fiquei à espera. — Ele mora a cerca de oitocentos metros naquela direção pelo caminho de fardos de lã, depois vira-se à direita e sobe-se um pouco no sítio onde as árvores acabam. O que deseja dele?

— Isso é cá comigo. Quem mais tem perguntado pela Alice?

— Oh... — Meneou uma mão enorme. — Um magistrado qualquer, na semana passada. Eu disse: «Tem a certeza de que é a pessoa certa?» Antes dele, nem queira saber: uma vadia com um olho no Céu e outro no Inferno. E a mãe dela, a guinchar como um porco no matadouro. Só Deus sabe o que queriam dela.

— Está a falar da Demdike? E da Elizabeth Device?

— Demdike, isso. Significa «mulher-demónio», sabia? Duas famílias destas bandas já foram detidas por bruxaria, dá para acreditar? Os Devices e a velha Chattox e a filha. Há quem diga que são vizinhos em guerra, ambos de conluio com o Diabo. E aquela pequena que esteve aqui há uns meses, a perguntar pelo pobre homem

que amaldiçoara. Não quero nada com essa gente. Pessoas dessa laia não são bem-vindas aqui. Afugentarão os clientes, se eles souberem que estiveram aqui bruxas. Foi por isso que tive de despedir a Alice. Estavam sempre a perguntar por ela. Ela trabalhou para mim durante anos, mas estava a assustar os clientes, aquela feiosa.

— Então, despediu-a — disse eu, com frieza.

— Bem ou mal, foi apanhada no meio da confusão.

— Ela apenas trouxe aquele desgraçado para aqui.

— Preferia que não o tivesse feito. Só me trouxe problemas, lá isso foi. No quarto dele, a gemer e a choramingar sobre cães, agulhas e maldições. Ele é que precisava de ser preso, mas ela suplicou-me para o deixar ficar.

Perscrutei as mesas e cadeiras sem ninguém, os barris cheios à espera para serem drenados para as barrigas de homens. Ele tinha um negócio para gerir e poderia haver alguma verdade no que estava a dizer, mas errara ao despedir Alice, porque ao fazê-lo implicara-a no crime.

— Conhece o John Foulds? — acabei por perguntar.

— Então, também quer falar com ele? Ela não tem sorte com os homens, a Alice, com o velhote do pai e o John Foulds.

Fiquei com os pelos da nuca arrepiados.

— O que quer dizer com isso?

— De vez em quando ele vem aqui. Bem, costumava vir, até que... Há já algum tempo que não vem. Não sei onde está.

— Até que o quê?

Peter esticou o braço para coçar a lateral da grande pança.

— A filha dele morreu há pouco tempo. Há quanto tempo foi, Maggie? Mais ou menos seis meses, acho.

— E ele e a Alice...

— Bem, ele andava a cortejá-la. Ele já tinha sido casado, a mulher morreu. Ela era reservada, a Alice, lá isso era, nunca falava muito. Mas eles nunca casaram. De qualquer maneira, não encontrará a Alice por aqui, desculpe desiludi-la. Se for perguntar ao pai, ele também não fará ideia. Pode tentar na Hand and Shuttle. Ela agora trabalha lá, em Padiham.

— Como é ele? — Tinha a boca seca.

— O John? Cabelo preto, alto. Um tipo bem-parecido, até a bebida se apoderar dele, não é, Margaret? Já te vi a fazer-lhe olhinhos.

Margaret revirou os olhos e deu-lhe uma palmada no braço.

Queria isto dizer que o homem que incomodara Alice no corredor da Hand and Shuttle fora John Foulds. A ideia de Alice matar a filha dele era impensável. E ela era amante dele? Ele tinha uma cara agradável, mas todo ele irradiava indolência e esbanjamento.

Agradei imenso a Peter e à mulher e, antes de sair para ir buscar o cavalo, olhei para as pequenas janelas no primeiro andar da estalagem. De qual delas o vendedor ambulante John Law teria olhado quando estivera doente?

Para um lado, o caminho serpenteava até Colne e, para o outro, desembocava nos campos abertos e arvoredos. Os pássaros cantavam à minha volta e o alegre coro que faziam soou vago nos meus ouvidos enquanto me afastava lentamente da aldeia. O caminho era lamacento e os cascos do meu cavalo vacilavam. *Puck* chapinhava pesadamente ao meu lado e, naquela atmosfera tranquila e pura, imaginei Alice naquele mesmo caminho que lhe era tão familiar como os bosques de Gawthorpe eram para mim.

Sabia tão pouco sobre Alice, mas ela sabia tanto sobre mim. Certa vez, dissera-me que estivera para casar e eu calculei que teria sido com John. Ela tinha muitas saudades da mãe e encontrara um espírito semelhante na sua velha amiga Mould-heels. Não falava muito do pai e, quando o fazia, não era com ternura. Eu sabia todas estas coisas, mas eram como pinceladas nos cantos de uma pintura: não conseguia ver o quadro inteiro.

O caminho atravessou uma área arborizada, com árvores muito mais altas do que as de Gawthorpe. Estremeci ao pensar em John Law a encontrar Alizon por debaixo do roçagar das folhas. Mantive o olhar em frente até os troncos e os ramos darem outra vez lugar a campos amplos, tentando afastar a sensação de estar a ser observada. Tal como Peter dissera, o terreno começou a subir à direita e avistei uma casa baixa e escura agachada na ladeira. Um caminho lamacento conduzia até lá e virei o cavalo pela colina, fazendo-o seguir de forma a contornar o pior do lamaçal. Um diáfano fio de fumo subiu por breves instantes de uma chaminé, sendo esfiapado em todas as direções pelo vento. A casa não era muito mais alta do que eu, sendo ainda mais pequena do que a despensa lá de casa, feita de caniçada revestida de lama e o telhado de colmo. As janelas não tinham vidraças, mas portinholas que estavam abertas para deixar entrar a luz. O casebre tinha um cercado baixo e havia flores moribundas ou mortas nos canteiros. A fazer lembrar lanternas, alguns rebentos coloridos espreitavam por debaixo das ervas daninhas. Lembrei-me de quando Alice me falara da horta de aromáticas da mãe e pensei que deveria ficar nas traseiras. A casa ficava exposta na encosta; teria sido difícil proteger plantas do vento e da chuva naquele sítio.

Bati vigorosamente à porta e, instantes depois, esta abriu-se. Joseph Gray era mais velho do que eu esperara: mais velho do que Roger. Ou se calhar tinha aquela aparência por ser pobre. Curvado sobre si mesmo, dava a impressão de um movimento constante mesmo quando estava quieto; o corpo tremia-lhe e a boca mexia-se à volta dos

dentos. Tal como os de Alice, os seus cabelos de cor creme caíam-lhe em espirais sobre os ombros. Tinha uns olhos azuis-claros e era magro: as roupas ficavam-lhe largas e pareciam estar a precisar de ficar de molho em lixívia durante uma semana.

— Senhor Gray? — disse eu. — Eu sou Fleet...

— Eu sei quem é — murmurou. — Ela trabalhou para si, não foi? Entre. Suponho que tenha coisas para me dizer.

Estava muito quente dentro de casa: o lume ao centro da sala ardia alegremente como se fosse dezembro e não julho. O fumo ascendente saía por um buraco no meio do telhado da pequena casa e eu pensei que uma abertura para o exterior deveria ser fria e provocar correntes de ar. Havia duas camas baixas de ambos os lados do lume — uma por fazer — e as paredes de terra, que seriam de certeza húmidas, tinham pedaços de tecido estendidos. Uma mesa, dois bancos e um armário eram as únicas peças de mobiliário. Ao lado do lume, no chão coberto de junco, alguns tachos e painéis de estanho que pareciam usados, mas não lavados. Portanto, Alice e o pai cozinhavam, dormiam e viviam nesta casa cheia de buracos pelos quais o vento assobiava a toda a hora.

— Suponho que tenha vindo por causa da pileca — disse Joseph.

— Que pileca? — perguntei.

— A pileca que a senhora deu à nossa Alice. Mas já lha devolvemos, por isso não quero chatices.

Olhei para ele inexpressivamente.

— O cavalo que desapareceu?

— Sim. — A boca dele continuou a mexer-se mesmo depois de parar de falar e eu questionei-me se estaria a mascar tabaco. — Eu devolvi o dinheiro ao fulano e ela agradeceu? O tanas é que agradeceu.

Foi a cambalear até à cama e sentou-se. Eu fiquei onde estava, com dificuldade para respirar sob o calor opressivo da fogueira. Joseph lambeu os lábios, pegou num cântaro que estava no chão, examinou o que tinha dentro e levou-o à boca.

Então fora isso que acontecera à égua de tiro parda: o pai de Alice vendera-a. E ela, de algum modo, recuperara-a. De súbito, senti um aperto no peito e, por breves instantes, fiquei subjugada pela emoção. Porém, alisei as saias e endireitei-me.

— Senhor Gray, não estou aqui por causa do cavalo. Já o tenho, por isso não se preocupe. Estou aqui porque a Alice foi detida pelo magistrado Roger Nowell, que parece estar convencido de que ela assassinou uma criança.

Os olhos dele continuaram baços e inexpressivos, fixos nas chamas, e ao fim de alguns segundos, olhou para mim.

— O quê? — perguntou.

— Senhor Gray, a sua filha está metida num grande sarilho. Eu farei tudo o que for possível para a ajudar, mas achei que o senhor deveria saber destas alegações fatais. Ela foi levada para a prisão de Lancaster para aguardar pelos julgamentos do próximo mês, mas não podemos chegar a esse ponto. O Senhor Gray está a ouvir o que eu digo?

— Aposto que a senhora nem sequer precisa daquele cavalo, pois não? O que é mais uma pileca para si? Aposto que tem um estábulo cheio delas, alinhadas como soldados em formatura.

Fez a continência sem entusiasmo e levou outra vez o cântaro imundo à boca, embora parecesse estar vazio.

— Senhor Gray! Está a ouvir o que eu lhe digo? A sua filha foi acusada de ser uma bruxa e está na prisão. Sabe alguma coisa sobre isso?

Ele arrotou.

— Então vai seguir as pisadas da mãe.

Com um dedo, desenhou uma linha pelo pescoço.

Fiquei boquiaberta.

— Ela pode ser enforcada e o senhor não se importa? Não está interessado em ajudá-la?

— Eu estou interessado é... em... — Esqueceu-se do que ia dizer e ficou outra vez com o olhar vazio. — De onde é que vem a minha cerveja? Porque não é dela! Nem daquele patife avaro, o Peter Ward. Fica mesmo ao fundo da rua, mas agora tenho de ir mais longe porque ele não me quer servir. Eu sou um homem velho, senhora «não sei das quantas».

O calor era tão forte, o lume ofuscante, e Joseph Gray tão exasperante e estranho, que senti que não conseguiria ficar nem mais um segundo no seu casebre. Porém, eu viera por um motivo e devia tudo a Alice. Levantei-me devagar para ir até à cama por fazer no canto mais húmido da divisão. Até o grande celeiro de Gawthorpe era mais quente e seco – não é de admirar que tenha aceite a ideia de ir comigo para casa da minha mãe com tanta facilidade.

Havia alguma coisa em cima da cama – um monte de trapos, embora pudesse ser alguma coisa levada pelo gato. Levantei aquele volume húmido e sem vida – não era um animal, mas lã velha, grosseiramente cosida. Feita como que a partir de um lenço, parecia ter uma forma humana, enchida com cabelo, com uma cabeça e dois braços e pernas. Tinha uma forma estranha ligada à mesma e, apesar de o fumo e o calor serem avassaladores, fiquei toda arrepiada quando percebi que era a figura de uma criança unida por cabelos a uma mulher. Cabelos pretos. Lembrei-me das madeixas que tinham desaparecido de cima da minha almofada. Senti um ténue cheiro a lavanda, que depois desapareceu. Inexplicavelmente, os meus olhos

encheram-se de lágrimas e pousei a boneca na cama.

— Senhor Gray — disse eu, voltando para o sítio onde ele estava sentado, a tremer e a murmurar. — A Alice falou-me da mãe, Jill. — Esperei por uma resposta e alguma coisa chamejou nos seus olhos azuis inexpressivos. — Ela sente muito a falta dela e de certeza que o senhor também. Já lhe levaram um membro da família. Não faria tudo ao seu alcance para impedir que acontecesse o mesmo à Alice? Ela é a única família que o senhor tem.

Ele fez um movimento abrupto com a cabeça como se estivesse a sonhar. Estava a olhar selvaticamente para alguma coisa que eu não conseguia ver. Com dificuldade, agachei-me e as saias amontoaram-se à minha volta.

— A sua filha demonstrou muita lealdade para comigo e ajudou-me imenso nos últimos meses. Desculpe se a afastei de si — menti. — Eu vou ajudá-la; ela ajudou-me e eu tenho de retribuir a sua bondade.

Agora, o fumo estava a fazer-me arder os olhos; talvez Joseph pensasse que eu estava comovida e a chorar.

— Senhor Gray — repeti.

O olhar dele desanuviou-se e ele concentrou-se. Afastou os lábios e eu pensei que ia falar, mas, em vez disso, mostrou todos os seus dentes castanhos e eu demorei algum tempo a perceber que estava a rir.

— Eles queimam bruxas, não queimam? — silvou, apontando para o lume.

— O quê?

Pus-me de pé, ainda mais alarmada.

Ele apontou para as minhas saias.

— Eles queimam bruxas!

As chamas estavam a queimar a parte de baixo do meu vestido. *Puck* começou a ladrar e senti um terror quase cego. Corri para a porta e, desesperada, bati as saias ao ar livre. O fogo pareceu diminuir, mas não se extinguiu. Aflita, olhei à minha volta à procura de um bebedouro, de qualquer coisa, e, junto à parede, avistei um balde velho cheio de água da chuva. Com *Puck* a ladrar e a morder à minha volta, despejei-o todo pelo lado do vestido e, quando a água escura formou uma poça à volta dos meus pés, vi que as chamas fortes se tinham extinguido.

Lá dentro, Joseph Gray ainda estava a rir. Fiquei ali ofegante, *Puck* a andar à minha volta de costas viradas para mim, como que a proteger-me de um exército invisível. O vento fustigou-me de todos os lados, lançando fiapos escuros de fumo do meu vestido arruinado. O vermelho-rubi das minhas saias estava preto e com um buraco enorme. Não sei quanto tempo estive assim, mas Joseph Gray não veio cá fora, e eu demorei imenso tempo a parar de tremer e a montar o

cavalo. Parti a meio galope com *Puck* a correr atrás de mim. Não conseguiria ir mais depressa nem que fosse a fugir do próprio Diabo.

Nessa noite, alguma coisa me despertou no meu quarto, onde estava a dormir sozinha. Acordei porque senti pelo quente roçar na minha mão. Estava escuro como breu e eu só conseguia ouvir a minha própria respiração. Senti um peso mudar de posição na cama algures perto dos meus pés. Perdi o fôlego quando se mexeu outra vez, como que a pôr-se confortável. Imaginei Joseph Gray de pé no meu quarto às escuras, a segurar um coelho morto na mão imunda.

Fechei os olhos e fiz um esforço para o meu coração se acalmar.

É apenas um sonho. Porém, eu sabia que não era.

Nos espaços entre os batimentos do meu coração, senti o peso desaparecer da beira das minhas pernas, seguido do barulho mais delicado de alguma coisa a bater no chão. Era leve de mais para ser *Puck*, silencioso de mais. Mantive as mãos onde estavam, em cima dos cobertores; estava com medo de mais para as mexer. O meu bebé deu um pontapé, como que a dizer: *Eu também o sinto.*

Esperei: ou não aconteceria coisa alguma ou eu morreria de medo. Apesar de estar tudo na penumbra, vi alguma coisa a mexer-se para a porta e depois desapareceu.

Quando chegara a casa, entrara furtivamente e apressara-me escadas acima, embrulhada no meu capote como um contrabandista. Depois de o atirar para o quarto de vestir, fora para o meu quarto e simulara ruidosamente a queda de uma vela e as chamas no vestido.

— Ai! — gritara, ouvindo a minha voz e quase acreditando. — Ai, ai!

Soprara para a vela estar apagada mas ainda quente e pousara-a no chão à beira dos pés.

— O meu vestido! — gritara, quando uma criada de quarto a correria.

Ela estava alarmada; se calhar pensara que eu estava a perder o bebé. Ajudara-me a sentar-me e eu bufara e ofegara, fingindo estar assustada, o que não foi difícil: só tive de pensar nos enormes olhos baços de Joseph Gray e nas chamas agarradas à batinha do meu vestido.

Fiquei deitada sem dormir enquanto a minha cara secava, o meu coração batia com menos força e a criança no meu ventre voltava a adormecer. Pensei em Alice. O meu pesadelo apenas acontecia quando tinha os olhos fechados, mas Alice estava a viver o dela. As palavras do seu pai ocorreram-me no meio das trevas: *Eles queimam bruxas, não queimam?*

Tentei imaginar Alice em criança, a crescer naquela casa cheia de correntes de ar com o pai esquisito e a mãe bondosa. Apesar de agora

conhecer duas pessoas que faziam parte da vida dela, não a compreendia melhor, aquela rapariga que não sabia o próprio aniversário nem escrever o nome, mas que tinha uma inteligência masculina, conhecia as propriedades de tudo o que brotava da terra e era capaz de travar um cavalo com a palma da mão.

Fechei os olhos e rezei para ela estar em segurança.



Na manhã seguinte, levantei-me antes do romper da aurora e vesti-me depressa numa escuridão quase total, na esperança de não me cruzar com nenhum criado ao sair. Destranquei a porta e saí, fechando-a com delicadeza e metendo a chave ao bolso. Fui recebida pela manhã estival e tê-la-ia achado gloriosa em qualquer outro dia, noutra vida. Bocejei e vi as árvores a despertar com um ruflar das folhas, depois fui aos estábulos. O gado estava a mugir no grande celeiro, ansioso por que lhe levassem a ração, e o rio suspirava por detrás da casa. Agora que tinha de caminhar muito mais devagar, reparava nestas coisas. Um cavaliço estava vestido, um balde em cada mão, e eu mandei-o selar o meu cavalo. Quando ele voltou, disse-lhe que tinha uma mensagem para ele transmitir.

— Por favor, vai procurar o James e diz-lhe que eu estarei fora o dia inteiro e que ele não deve informar o patrão quando este chegar. Diz-lhe que, se o patrão descobrir, eu lançarei os seus preciosos livros-razão às chamas e ele terá de reescrevê-los de memória. Não te esqueces?

O rapaz, que se chamava Simon e, provavelmente, era apenas três ou quatro anos mais novo do que eu, disse que sim com a cabeça todo contente, entusiasmado com a perspectiva de transmitir uma ameaça ao seu superior.

Amarrei um farnel com comida que fora buscar à cozinha e embrulhara num guardanapo – pão barrado com mel, queijo e uvas, com bolachas para mais tarde – e, antes de ficar completamente de dia, já metera pés ao caminho, rumo a norte. Teria de regressar esta noite para o caso de Richard também voltar.

Várias horas mais tarde, acolhi de bom grado a visão e os barulhos de uma cidade movimentada. Era um dia de verão soalheiro e quente, e a viagem encosta acima até ao castelo foi lenta, pois as ruas estavam apinhadas de carretas e cavalos. Antes de chegar à guarita, olhei para trás, onde Lancaster se espriava até longe, ao longo de uma rua íngreme e serpenteante. Havia um enorme aglomerado de edifícios com as colinas a erguer-se ao longe, cercando-os. Desde o castelo, conseguia ver tudo. Montada a cavalo, abeirei-me de dois guardas de capacete com as espadas à cintura como armaduras.

— Vim visitar uma prisioneira — anunciei.

Eles fitaram-me indolentemente

— Nome? — disse um.

— O meu ou o da prisioneira?

— O seu nome — disse, impaciente.

— Fleetwood Shuttleworth, de Gawthorpe Hall, perto de Padiham.

Ele avaliou-me dos pés à cabeça, reparando na barriga protuberante. Depois, virou-se e desapareceu por debaixo do enorme portão. Doíam-me as costas e sentia uma ardência nas pernas da longa viagem, mas se desmontasse achava que nunca mais conseguiria voltar a subir para o cavalo.

Quando comecei a questionar-me se o guarda regressaria, ele chegou com grandes passadas acompanhado de um homem roliço, um pouco mais jovem, de cabelo preto. Estava requintadamente vestido, com umas botas pretas macias, calções e um gibão preto com botões de prata apertados sobre a barriga bem alimentada. Umas mangas largas adegavam-lhe nos pulsos.

— Senhora Shuttleworth? — perguntou educadamente. — A senhora tem hora marcada? Chamo-me Thomas Covell e sou o juiz de instrução e guardião deste castelo.

Decidi não descer do cavalo para manter a vantagem da altura.

— Vim visitar a Alice Gray, Senhor Covell, se for possível? — Como ele não pareceu mais esclarecido, acrescente:

— Ela foi recentemente detida pelo Roger Nowell, que é um grande amigo meu. Eu estava aqui perto e decidi... saber como ela está.

Era evidente que os prisioneiros não recebiam visitas todos os dias, pois o Senhor Covell estava intrigado e desconfiado. Juntou as pontas dos dedos.

— Ah... Lamento, mas não são permitidas visitas no castelo. — O seu olhar incidiu sobre a minha barriga. — Sobretudo em certas circunstâncias, pois os prisioneiros podem ficar bastante excitados e isso não é bom para o seu estado de espírito.

— Senhor Covell — disse eu —, fiz uma longa viagem, mais de sessenta quilómetros. — Ele mostrou-se impassível, tal como os guardas que o ladeavam, a olhar para longe. — O meu marido, Richard Shuttleworth, ficaria muito desiludido ao saber que me recusaram a entrada, sobretudo considerando o generoso contributo à Coroa do seu falecido tio, Sir Richard, há menos de quinze anos. Isso e o facto de ter sido juiz presidente em Chester e ordenado cavaleiro na corte. Portanto, creio que o meu falecido familiar não concordaria que fosse negada a entrada à esposa do seu sobrinho. Detestaria ter de adotar outras medidas.

O Senhor Covell abriu a boca e depois fechou-a outra vez.

— Como se chama a prisioneira que deseja visitar? — perguntou.

— Alice Gray. Trouxeram-na para aqui há menos de dois dias. — Thomas Covell voltou a mirar-me com indiferença, observando todos os pormenores, do chapéu aos anéis. O seu queixo gordo balançou e

ele suspirou.

— Tem dois minutos. Um carcereiro acompanhá-la-á.

Assim, passei pelo portão, tal como Alice passara dois dias antes de mim, e por onde passariam milhares de outras pessoas depois de mim. O castelo só tinha uma entrada e uma saída.

Deixei o cavalo amarrado atrás das guaritas. Um homem magro com a respiração ruidosa e a cara afunilada como uma ratazana conduziu-me pelo pátio do castelo, mas não na direção que eu esperara, rumo à parte principal da edificação. Seguimos toda a muralha interior para a direita, na direção de um aglomerado de cabanas e anexos de pedra. Ele tinha as pernas muito afastadas, a brotar das ancas, por isso caminhava com dificuldade, mas também era determinado em não o dar a entender.

— O qu'é c'a sinhora qué c'o estas bruxas, ah? — disse, querendo fazer conversa.

Eu ignorei-o e contemplei a altura do trabalho de alvenaria, sentindo o frio daquele lugar apesar de ser um dia quente de verão. Não estava à espera de parar tão de repente e no exterior: estávamos ao lado de uma arcada baixa na base de uma das torres, protegida por um portão de ferro. Porém, a porta não dava para o exterior, do outro lado das muralhas – a penumbra no interior queria dizer que só podia conduzir para um sítio: para baixo. Franzi o cenho.

— Porque estamos a parar? — perguntei.

— Esta é a Torre do Poço — disse o meu acompanhante com um sorriso desdentado.

— Não compreendo. A Alice Gray estará numa cela a aguardar julgamento. Pode levar-me até ela, por favor?

— Ela 'tá 'qui.

Apontou para a arcada. Estava tão escuro que deu para entender porque se chamava Torre do Poço – era como olhar para dentro de um. Só consegui ver um ou dois degraus de cada vez; era como se um manto negro cobrisse os outros. O carcereiro pegou num grande molho de chaves preso à anca e esteve imenso tempo a olhar para elas enquanto, lentamente, o absoluto horror da situação se apoderava de mim. A minha amiga estava por detrás deste portão, neste buraco. Eu nunca estivera numa prisão e não sabia como seria uma cela, mas isto não era uma cela. Era uma masmorra. Era como se o sol se tivesse extinguido; todo o calor e luz deixaram o meu corpo e eu fiquei a tremer, a fitar a entrada para aquele inferno.

Ouvi um barulho estranho vindo de algures por detrás do portão e percebi que era um pássaro a chilrear. A saltitar de um sítio para o outro no degrau de cima estava um pisco, preso por detrás do portão. Poderia ser suficientemente pequeno para passar pelo meio das barras, mas estava a pedir-nos para o libertarmos.

— Maldito bicho estúpido — resmungou o carcereiro, destrancando e abrindo o portão. — Pisga-te.

Aproximou-se da ave e, por fim, esta levantou voo, esvoaçando para a liberdade. Eu apoiei a mão na pedra fria para me equilibrar.

— Não precisa de ter medo. Q'ria vir, não q'ria?

Não. Eu não queria ir ali abaixo por nada deste mundo, nem mesmo por Alice, mas tinha de ir, porque, ao contrário dela, eu podia voltar a sair.

O carcereiro fechou o portão ao cimo das escadas e, quando ouvi o estrondo e a chave a rodar na fechadura, tinha todos os nervos à flor da pele, a cabeça zonga com o terror. Foi como descer degraus para uma água escura, tão densa era a escuridão. Os degraus desceram e desceram para as entranhas da terra e, ao fundo, havia outra porta de madeira sólida, ou ferro – estava escuro de mais para perceber.

— Afaste-se — disse, a respiração sibilante, utilizando outra chave na porta ao fundo. — Senão 'inda cai pr'ó lado c'o cheiro.

Eu recuei alguns passos, os tamancos a ecoar na pedra. Ouvi o carcereiro a vozear do outro lado da porta e esperei, até que uma cara lívida assomou do outro lado da porta, sob a luz fraca ao fundo dos degraus, e um corpo esguio passou pela passagem estreita.

— Alice.

Envergonho-me de dizer que comecei a chorar: eu, com as minhas roupas chiques, a barriga cheia de queijo e pão, e o cavalo à minha espera do outro lado das muralhas. Ela não chorou. Há dois dias que não a via, mas era como se tivessem sido anos: ela estava muito diferente. O seu rosto oblongo estava mais pálido do que a Lua e tinha umas olheiras que antes não existiam. Pestanejou furiosamente, como se a escuridão da escadaria fosse ofuscante. Tinha o vestido imundo e parecia húmido, e a touca estava encardida. Salpicos de sangue escuro pontilhavam a frente do vestido e, não duvidava, também na parte de trás, onde se sentara.

Ela não disse coisa alguma, apenas se encostou debilmente à parede, como se não tivesse forças. O carcereiro apareceu ao lado dela, fechando a porta, e eu ouvi guinchos e gritos de protesto atrás dele quando aquela que deveria ser a única luz se extinguiu. Ele tinha razão: o cheiro era inacreditável. Alice, que aplicara o cheiro da lavanda e lavara as mãos numa bacia de porcelana, agora vivia num esgoto debaixo da terra.

— Quem mais está ali? — Respirei.

— Todas — silvou o carcereiro. — Todas as bruxas qu'aguardam julgamento.

— Quantas pessoas? — perguntei a Alice.

— Não sei — sussurrou. — Está escuro de mais para se conseguir ver alguma coisa.

Ela tinha a boca seca, a língua a soltar-se do céu da boca ao falar. Tinha as pupilas dilatadas, grandes como berlindes.

Eu fizera uma viagem de horas e agora não me ocorria nada para dizer. Naquele momento, acho que teria trocado o bebé que carregava no ventre pela liberdade dela.

O carcereiro olhou de uma para a outra, desiludido.

— Mas que belo reencontro, ah? Não tem nada p'ra dizer?

— Tens comida? — perguntei.

— Alguma — respondeu.

Quando o carcereiro desviou o olhar para separar as chaves, ela abanou a cabeça.

— Vou ajudar-te.

A minha voz ecoou pelas paredes. As minhas palavras soaram patéticas como as de uma criança.

— Também apanharam a Katherine — disse ela, a voz rouquenha.

— Quem?

— A Katherine Hewitt. A amiga da minha mãe.

Foi então que começou a chorar.

Mould-heels: a parteira que colaborara com a sua mãe. Lembrei-me de ela me falar dela naquele quarto quente e pomposo na casa da minha mãe, há muito tempo, numa outra vida.

— A culpa é minha — disse ela.

— Como assim? O que é culpa tua?

— Vá, vá — disse o nosso acompanhante, pouco à-vontade.

Eu virei-me para ele.

— Pode deixar-nos por um instante? — pedi.

— *Deixar-vos*? Não farei tal coisa.

Remexi nas saias e tirei de lá a bolsa.

— Pegue lá. — Estendi-lhe uma moeda de um *penny* e o homem atirou-se a ela como um cão faminto. — Pode deixar-nos trancadas e volte apenas quando eu o chamar. Não se afaste.

Ele subiu os degraus a cambalear, a respiração irregular, e fechou e trancou o portão depois de sair. O vulto dele tapou a luz por instantes e só quando se afastou é que consegui ver Alice outra vez.

— Vamos subir — disse eu, recuando para as escadas. — Precisas de ar e de luz.

Ela seguiu-me e sentámo-nos no degrau de cima de costas viradas para o portão. Fiz um esforço para não inalar o pivete que emanava dela: suor antigo, vomitado e sangue coagulado, mais alguma coisa que percebi de imediato ser medo. Nunca sentira aquele cheiro num humano, mas de algum modo reconheci-o prontamente. Ela já não estava a chorar, mas as lágrimas tinham deixado riscos lavados na sua cara suja.

— Fala-me da Katherine — disse, com brandura, pegando na sua

mão.

— Ela também foi acusada da mesma coisa. A culpa é minha, ela não fez nada.

— Alice, tens de me contar tudo. Porque és acusada do homicídio da filha do John Foulds? Era aquele homem que eu vi contigo na Hand and Shuttle, não era? — Ela assentiu com a cabeça e passou a língua pelos lábios, embora a tivesse seca.

— Eu amava-o — disse, a voz muito fraca. — E amava a Ann. Amava os dois. Eu e o John estivemos... juntos. Ele costumava ir à Queen's Arms, foi assim que o conheci há dois anos. Ele tinha uma filha; a sua mulher morrerá. Ele era divertido e bondoso. No início, pensei que iríamos casar. Quando nos conhecemos, a Ann ainda não tinha dois anos. Eu costumava olhar por ela quando ele ia trabalhar. Ela era um pequeno anjinho, com as bochechas gorduchas e uns cabelos louros que não assentavam por muito que os penteasse.

Agora, estava quase a sorrir, a expressão perdida em recordações. Depois, ensombreceu e ela fungou.

— O John disse que não voltaria a casar, não depois de perder a mulher. Disse que era doloroso de mais. Por isso, eu fiquei e foi como se fôssemos casados. Fiquei a viver com ele e o meu pai deserdou-me. Disse que eu era uma rameira. Disse que eu nunca seria uma esposa, que só servia para ir para a cama com o John depois de ele se embebedar. Mas eu era feliz com o John e a Ann. Éramos uma pequena família. — Ela engoliu em seco. — Depois ele começou a ficar fora mais tempo e até mais tarde. Eu e a Ann ficámos sozinhas muito tempo. A maior parte do tempo. O John estava a trabalhar ou na taberna, enquanto eu fingia que era a sua esposa em casa. Estava a mentir a mim mesma.

Alice mudou os pés de posição e abraçou os joelhos. Eu olhei outra vez para o sangue na frente do vestido dela, para o cabelo sujo a espreitar por debaixo da touca. Desejei poder dar-lhe um banho, vestir-lhe uma camisa de dormir lavada e aconchegá-la na cama como se fosse uma criança.

— Mesmo quando as pessoas começaram a dizer-me que ele tinha outras mulheres, eu não quis acreditar. E a vida continuou, e ele ficou mais agressivo e avarento, e eu e a Ann estávamos a viver do meu salário porque ele gastava o dele todo. Depois ela começou a ter uns... Não sei o que lhes chamar. Ela ficava rígida e a revirar os olhos, a língua grande de mais para a boca. Pensei que ela fazia aquilo por o pai nunca estar em casa. Quando eu lhe disse, ele não acreditou na minha palavra. Pensou que era invenção minha para o manter em casa. Experimentei todas as plantas de que me lembrei, todas as ervas. Fui pedir ajuda à Katherine, mas nem ela conseguiu fazer alguma coisa. Na maior parte do tempo ela estava boa, mas quando aquilo

acontecia era... como se estivesse a ser sufocada por um espírito maligno.

»Um dia, tive de ir trabalhar e deixei a Ann em casa sozinha. Não fazia ideia de onde o John estava. Era suposto ele ter regressado. Eu estava na iminência de perder o emprego.

As lágrimas começaram a escorrer-lhe dos olhos. Tinha a mágoa estampada no semblante.

— Eu ainda o amava. Sempre o amei, mesmo quando ele não voltava para casa. Contudo, se não tivéssemos a Ann, as coisas poderiam ter sido diferentes. Eu poderia tê-lo deixado. Adiante, eu fui trabalhar e pedi à Katherine para a ter debaixo de olho. Quando dei por mim, ela chegou a correr e a dizer: «Alice, Alice, vem depressa, tens de vir já.» E fomos a correr para a casa do John e ela... — Alice enterrou a cara nos joelhos. — Eu não a deveria ter deixado sozinha.

Passei um braço à volta dos ombros magros dela. Enquanto eu engordava, ela mirrava. Fiquei de coração partido. Era uma dor diferente da de quando descobrira Judith. Dessa vez, fora raiva; desta, era apenas mágoa.

— Tu não podias fazer nada — murmurei, encostando a cara à dela.

As nossas lágrimas misturaram-se e escorreram para os nossos lábios. Senti o sabor salgado: meu e dela. Ficámos assim enquanto ela estremecia debaixo do meu braço. Depois, passado um pouco, ela foi parando de tremer.

— Acho que foi por isso que quis tanto ajudar-te — disse, com ternura. — Pensei que, talvez, se conseguisse manter o teu bebé vivo, isso me ajudasse a... — Calou-se, fazendo um esforço para explicar. — Como não consegui salvar uma criança, pensei que se conseguisse dar vida a outra...

— Se for uma menina, chamar-se-á Alice Ann.

Ela não sorriu, mas percebi uma sombra de consolo nos seus olhos.

— Pensei que querias ter dois meninos.

— E quero. — Baixei o olhar para as nossas saias: tafetá amarelo e brilhante encostado à lã castanha e imunda, e peguei-lhe na mão outra vez. — Isso não mudou.

— Isto aqui é terrível — sussurrou. — É um verdadeiro inferno. Não se consegue ver nada e dá a sensação de que a sala anda à roda. Há uma mulher moribunda. A Demdike. Ela morrerá antes do julgamento. Não temos o que comer.

Fechei os olhos e pensei em tudo que comera naquela manhã. Nem sequer pensara em...

— Vou tirar-te daqui — disse eu. — Juro. Vou tirar-te daqui.

Mais lágrimas escorreram-lhe pela cara.

— Consigo perceber o que tudo isto te custou — sussurrou. — Não te posso pedir que sacrifiques mais.

— Que se dane o que me custou.

Quando disse isto, senti o bebé mexer-se percebi de imediato que, enquanto estávamos os três aqui vivos neste momento – Alice, o bebé e eu –, um dia muito próximo poderíamos não estar e não havia maneira de saber qual de nós se salvaria. Estávamos unidos por um destino medonho e era agora mais evidente do que nunca que, para sobrevivermos, precisávamos uns dos outros em igual medida, e da mesma forma desesperada.

— Eu salvo-te — repeti, apertando-lhe os dedos.

Ela apertou os meus uma vez e depois soltou-os. De seguida, olhou para mim e os seus olhos castanhos e vivazes estavam inexpressivos.

— Eu não sou um cão que tu possas salvar das lutas com ursos.

— Eu *salvar-te-ei* da morte, tal como tu prometeste salvar-me. Tu viverás.

— E a Katherine — sussurrou.

— E a Katherine.

Nesse instante, ouviu-se um forte lamento por detrás da porta trancada ao fundo dos degraus, que nos fez dar um pulo. Depois, punhos começaram a bater na porta e os lamentos deram lugar a gritos. Eu e Alice levantámo-nos de um pulo quando o carcereiro chegou a correr e mexeu atabalhoadamente na fechadura.

— Vossemecês instigaram-nas, foi? — exigiu saber.

— O que vem a ser isto? — ecoou outra voz a descer as escadas.

Agora, estavam a aproximar-se mais homens. O portão abriu com estardalhaço e uma mão de ferro agarrou-me o braço. Eu e Alice fomos separadas e, de súbito, eu estava do lado de fora do portão e ela a ser levada de volta para as trevas.

— Alice! — gritei. — Eu regressarei! Eu regressarei!

Enquanto um homem enorme e violento me levava de volta para as guaritas, a porta das masmorras abriu-se com estrondo e os gritos estridentes aumentaram de intensidade.

— Ela está morta! Ela está morta! Ela está morta!

As palavras esvoaçaram como corvos a levantar voo de uma floresta, ecoando pelas muralhas sem um sítio onde pousar.

Antes de iniciar a longa viagem até casa, parei numa estalagem na cidade, onde encomendei três frangos assados, vinte tartes de carne e sete litros e meio de cerveja e leite para mandar para as masmorras. Mandeí quatro rapazes levar a comida e rolar os barris colina acima até ao castelo, e certifiquei-me de que o mesmo carcereiro com dificuldade de respiração levava tudo para baixo e subia aquelas escadas sem nada nas mãos. Deixei outra moeda de um *penny* a reluzir

na palma da sua mão e também dei uma a cada um dos guardas miseráveis. Disse-lhes que regressaria e eles sorriram para mim como se soubessem que isso não iria acontecer.

Na manhã seguinte, quando descí para o pequeno-almoço, estava uma multidão de criados nas escadas da frente.

Avistei a cabeça destapada de Richard defronte da multidão, por isso abri caminho até à beira dele. Então, reparei que estava toda a gente a olhar para o chão. Horrorizada, recuei.

O falcão de Richard fora retalhado em pedaços. Caído numa poça de sangue, fora deixado como uma oferenda no degrau de cima, as asas dobradas, os olhos vidrados e sem nada verem. Os criados pairavam como um monte de moscas por cima de carne putrefacta, por isso mandei-os embora. O semblante de Richard era uma máscara de dor e raiva, e eu sabia que, em breve, uma sobrepor-se-ia à outra, por isso instiguei-os a entrar e fechei a porta.

— Sabes quem fez isto? — indaguei.

— Não, mas quando descobrir, mato-o — disse, calmamente.

Dei-lhe tempo para se recompor e, de súbito, lembrei-me do pelo retalhado, do vermelho reluzente daqueles coelhos chacinados que eu vira no bosque há várias semanas.

— Terá sido um dos inquilinos? Discutiste com algum nos últimos tempos?

Ele abanou a cabeça e olhou fixamente para o desgraçado do animal. Ao ajoelhar-se, vi os seus ombros estreitos descair de tristeza, o cabelo adejar com o vento húmido, e senti uma intensa vaga de amor. Mas também outra coisa: um desânimo – uma vergonha que me era desconhecida – por ele conseguir sentir algo tão intenso por um animal e não por mim ou por Alice. Apeteceu-me deixá-lo nos degraus e ir para a sala de jantar, onde o pequeno-almoço me esperava, mas então tive uma ideia. Pedi a um criado para trazer uma toalha de banho e ajoelhei-me para apanhar o cadáver. A visão não me incomodou – eu já vira bastante morte. Porém, alguma coisa me fez hesitar: lobriguei alguns pelos alaranjados muito finos nos ferimentos. Dobrei a toalha e embrulhei a ave com todo o cuidado.

Atravessámos o relvado debaixo de chuva. Fiquei com o meu marido debaixo da carga de água enquanto enterrávamos a ave nas traseiras do grande celeiro, num lugar abrigado junto ao rio. Senti a chuva escorrer pelo pescoço abaixo, encharcando-me o casaco, e o meu filho pontapeou dentro de mim. Quando regressámos a casa e Richard despiu o casaco ensopado, segurei-lhe a cara com as mãos. Tinha o cabelo colado à cabeça e as pestanas molhadas, os olhos

cinzentos cintilantes.

— Richard — disse. — Preciso da tua ajuda.

Estive imenso tempo a vestir-me e, para o toque final, juntei a minha gargantilha de veludo preto com a pérola arredondada dependurada que Roger me oferecera certo Natal. Eu tinha as maçãs do rosto mais gordas do que da última vez que o vira. Belisquei-as e apliquei óleo de rosas atrás das orelhas, nos pulsos e na covinha do pescoço. Quando o ouvi a chegar no andar de baixo, fiquei mais um ou dois minutos a olhar para o espelho, a endireitar a gola, a acertar o cabelo e a fazer um esforço para respirar normalmente. Fiquei feliz ao ver que não tinha as mãos a tremer e disse uma oração em silêncio.

Ouvi a voz de Roger antes de o ver, a contar uma história ou outra a Richard. Estavam na sala de jantar e eu fiz um compasso de espera na soleira da porta para respirar fundo antes de entrar a deslizar. Ele tinha a mesma aparência de sempre – botas engraxadas, mangas largas, anéis reluzentes. Poderia ter sido qualquer dia da nossa amizade, mas a memória da última vez que o vira voltou. Alguma coisa me dizia para ter muito cuidado.

— Senhora Shuttleworth — disse ele, cordialmente, uma graciosa medida da cabeça.

Abeirei-me dele e beijei-o, fazendo um esforço para agir como teria agido há meses. Acontecera tanta coisa desde aquele jantar em Read Hall, mas ninguém diria a julgar pelo seu sorriso fácil, as maçãs do rosto radiosas.

— Está com bom aspeto — disse, calmamente.

— Obrigada. Quer um pouco de vinho?

— Eu quero sempre um pouco de vinho, se houver vinho para querer.

Fui até à mesa extensível para servir o vinho e dei por mim a olhar para os painéis por cima da lareira. Madeira vazia e reluzente enchia o espaço à volta das iniciais de Richard.

— A torre está vazia — estava Roger a dizer. — Eu disse-lhe que não será fácil encontrar um inquilino depois.

— Eu podia perguntar ao meirinho — sugeriu Richard.

— Torre? — perguntei, caminhando para ele para lhe servir o vinho.

— A Malkin Tower — respondeu Roger.

Tentei aparentar uma ligeira curiosidade.

— O que é isso?

— A cada dos Devices, perto de Colne. É um lugar inusitado. Uma pessoa ouve a palavra «torre» e pensa que é majestosa, mas mais parece um espigão a despontar da terra. É alta e arredondada e feita de pedra, com uma divisão no piso térreo e umas escadas de madeira

apodrecida que levam até um quarto onde eles dormem encostados à parede. Mas agora já não a vão utilizar mais – não está lá ninguém há um mês ou mais. Depois de o agente da polícia Hargrives encontrar os dentes e os bonecos de argila lá enterrados, muito me espantaria se alguém quisesse ocupar o espaço.

Fez-se silêncio quando trouxeram a comida: um quarto de carne assada com pastéis de carne de caça e queijo. Roger lançou um olhar voraz à comida.

— Fleetwood — disse, servindo-se de molho —, um amigo viu-a em Lancaster no outro dia. O que foi lá fazer?

Eu não desviei os olhos da comida, fatiando a carne.

— Fui a uma costureira — disse eu.

— Tão longe, a Lancaster? Deve ter material de qualidade. — Eu sorri e lambi o polegar. Roger estava sempre dois passos à frente de todos os outros: eu não tinha dúvidas de que ele já perguntara aos guardas ou a Thomas Covell, que tinham confirmado a minha presença lá.

— Também passei pelo castelo — disse, a voz pastosa. — Lembrei-me de visitar a minha parteira.

Olhei para Richard. Já lhe dissera onde estivera não fosse Roger dizer-lhe primeiro, e agora estava feliz por o ter feito, embora ele não estivesse nada satisfeito por eu percorrer quase cento e trinta quilómetros a cavalo num único dia. Eu lembrara-o do conselho de Alice: que se eu sempre tivesse andado a cavalo, então montar era tão perigoso como caminhar, o que o tranquilizara.

Roger espetou a carne com a faca e não levantou a cabeça. Portanto, já sabia.

— E porque fez tal coisa? — perguntou, a voz grave e perigosa.

Eu afastei o meu prato e tirei o lenço do bolso para enxugar os olhos.

— Tenho-me sentido bastante mal — disse, a voz fraca. — Temo pela minha saúde e pela saúde do bebé. Quis pedir-lhe conselhos.

— E não há outra parteira num raio de sessenta quilómetros que a pudesse ajudar?

— A Alice tem sido uma excelente parteira, a melhor que já tive. — Parei de enxugar os olhos e olhei humildemente para ele. — Nunca cheguei a uma fase tão avançada da gravidez e acredito que isso é graças à Alice. O meu confinamento para o trabalho de parto começará em breve, Roger — continuei. — Se ao menos pudesse considerar a possibilidade de permitir que a Alice vivesse sob custódia em Gawthorpe, para o meu próprio bem e o do bebé. Sem ela, tenho medo. Richard?

Olhei para o meu marido e rezei para que ele fizesse o seu papel.

Seguiu-se uma pausa e Richard lambeu os lábios.

— A Fleetwood estava muito doente — disse, baixinho. — O senhor viu-a. Ela mal comia. Caíam-lhe tufos de cabelo. Não sei como, ela agora está melhor do que nunca. É claro que a Alice teria de ir ao julgamento no próximo mês, mas nós mantê-la-íamos aqui fechada a sete chaves. Ela não fugiria.

— E como podem garantir isso?

— Da mesma forma que o senhor o garantiu com a Jennet Device, que, creio, ainda está em Read — respondi.

— A Jennet Device não é uma assassina à espera de julgamento — respondeu Roger com toda a calma. Voltou a pegar na faca. — Seriam capazes de acolher uma assassina de crianças debaixo do vosso teto?

— Ela não é... — sussurrei, mas Richard olhou para mim e eu calei-me.

— É impossível — anunciou Roger, voltando as atenções para o prato.

Naquele momento, odiei-o mais do que nunca. Era como um gato a pousar a pata poderosa em cima da cauda de um rato antes de o libertar para voltar a apanhá-lo. Roger gostava de deixar as pessoas adulá-lo, e persuadi-lo, e suplicar, fazendo-as acreditar que tinham uma hipótese, quando a sua decisão já estava tomada.

— Parece-me que vocês não estão a compreender a gravidade das alegações contra as bruxas de Pendle — prosseguiu. — A bruxaria é punível com a pena de morte, mas os crimes delas são ainda mais graves. Para além de praticarem bruxaria, as suas ações provocaram a morte e levaram muitas pessoas à loucura. Elas são um perigo para a sociedade. O que o rei ficaria a pensar se eu lhe pedisse clemência até ao julgamento? Não, isso não pode ser. — Cofiou a barba, onde fios de molho escorriam dos pelos grisalhos. — O que me leva à questão seguinte — disse ele, desta vez a falar diretamente para mim. — Não vale a pena ir outra vez ao castelo, pois não lhe será permitida a entrada. As visitas deixam os prisioneiros excitados e com a sua... condição... — Gesticulou vagamente para mim. — Ficam frenéticos. Pouco depois de a senhora entrar de rompante pela Torre do Poço e de aquela porta se abrir, morreu uma mulher.

— Não está a sugerir...

— Não estou a sugerir nada; estou a afirmar — interrompeu-me Roger. Agora, tinha um olhar furioso, todo o corpo retesado de malícia. — Não vá ao castelo outra vez. Se for, não sairá de lá.

Deixei cair a faca com chinfrim em cima da mesa. Virei-me para Richard, que, desanimado, estava a empurrar tiras de gordura no seu prato. Ele não desafiaria Roger; eu sabia. E precisava dele do meu lado. Tentando disfarçar o facto de estar a tremer, recostei-me na cadeira e deixei as mãos cair sobre o regaço.

— Está a querer dizer que eu ficaria prisioneira?

— Isso mesmo. Não se iluda: as suas origens são a única coisa a seu favor. Se não tivesse esta casa e este marido, acha que teria autorização para andar pelo condado sem vigilância, a fazer as suas investigações? A senhora não é uma ameaça para o decurso da justiça, por muito que pretenda ser, mas se acha que está livre das grilhetas, muito se engana.

Ao ouvir isto, Richard interveio.

— Roger, sê razoável. — Eu ficara sem pingo de sangue, mas Roger ainda não terminara.

— Uma das acusadas é a mãe da Myles Nutter. Também ela é uma mulher abastada, uma dama de boa reputação. Proprietária de terras com filhos educados. O problema é que amaldiçoa os vizinhos e eles caem mortos.

Se ao menos fosse assim fácil matar-te, eu fá-lo-ia, pensei, mas não abri a boca.

Roger inclinou-se um pouco para desferir o golpe de misericórdia.

— De facto, a Jennet disse-me que a senhora a fazia lembrar da Senhora Nutter. É sempre possível convencê-la a pensar melhor sobre quem esteve presente na Malkin Tower na Sexta-Feira Santa. — Os seus olhos incolores pousaram em mim sem pestanejar e creio que foi a primeira vez que percebi com quem estava a lidar. Este não era Roger, a minha figura paternal, que jantava, caçava e jogava às cartas connosco; este era o antigo xerife, o magistrado, o juiz de paz.

— Basta! — berrou Richard, espetando a faca na mesa com um estalido nauseante.

Todos demos um pulo e Roger recostou-se. Eu nunca vira Richard assim tão zangado.

— Não quero ouvir mais falar sobre isto.

Arrancou a faca da madeira e começou a comer outra vez.

— Partirei esta tarde para o julgamento da Jennet Preston em York — disse Roger, agora mais baixo. — Os mesmos juizes que presidirão à audiência estarão em Lancaster em agosto: Sir James Altham, que é muito experiente e discreto, e Sir Edward Bromley. Conhece o Bromley, Richard? — Richard ignorou-o, os dentes ainda cerrados da fúria. Roger pareceu não perceber. — É sobrinho do antigo lorde chanceler, que supervisionou a execução da rainha da Escócia. É também o homem que absolveu a Jennet Preston nos julgamentos da Quaresma.

Sorveu o vinho ruidosamente.

Lembrei-me do modo como Thomas Lister ficara agitado e trémulo durante aquele jantar ao ouvir falar de Jennet Preston; como ele conseguira levá-la a julgamento no espaço de poucos meses. Um dos juizes considerara-a inocente alguns meses antes; ele poderia fazê-lo outra vez.

— Quantas semanas faltam para o julgamento em Lancaster? — perguntei a Roger.

— Três ou quatro. Presumo que vocês pretendam que vos reserve lugares para assistir? Suponho que seja mais concorrido do que o Rose em noite de representação.

Mais tarde, quando os dois homens saíram para ver o novo mosquete de Richard, eu fiquei imenso tempo à janela, pensativa. Demdike estava morta. No dia seguinte, Jennet Preston seria julgada sob a acusação de homicídio por bruxaria. Enquanto Alice estivesse viva e houvesse tempo antes do julgamento, eu ainda a poderia salvar.

Na manhã seguinte, fui à procura da Malkin Tower. Vesti o meu capote de viagem, a pele luzidia do suor, apesar de estar fresco para julho, a voz da minha mãe a zunir-me nos ouvidos: *Fleetwood, estás a ser ridícula. Fleetwood, estás a deixar a tua família ficar malvista.*

Recordei aqueles dias calmos e cheios de luz em casa dela – um sítio onde nunca me imaginaria confortável. O motivo desse conforto fora Alice. Se eu tivesse passado noite após noite a bordar ou a ler passagens da Bíblia com a cara taciturna da minha mãe por companhia, daria em doida. Não, como podia pensar tal coisa? O que daria com qualquer pessoa em doida era noite após noite numa cela húmida e completamente às escuras, rodeada de outras pessoas a transpirar, a chorar e a vomitar, sem água nem comida nem um sítio para fazer as necessidades.

Alice estava na prisão por causa de Elizabeth Device, que quisera salvar a filha tão desesperadamente que se acorrentara a todos aqueles que lhe eram próximos. Talvez tivesse pensado que se fossem muitos estariam seguros. Talvez nunca tivesse esperado que a outra filha causasse a sua desgraça. Eu queria ver de onde ela vinha, aquela mulher extraordinariamente feia com o seu cão-espírito e o filho bastardo. Ela já perdera a mãe e agora o resto da sua família estava em risco – à exceção da filha Jennet. Que vida experienciara esta criança, que a levava a denunciar a família a Roger Nowell? Roger dissera que a Malkin Tower era um lugar miserável, mas era a única casa que ela conhecera, com as únicas pessoas da sua vida. A sedução de uma cama de penas e as tartes de carne em Read Hall certamente não teriam sido o suficiente para a levar a trair a família.

Mas tu odiavas a tua casa, insistiu uma voz. *E a tua mãe.*

Por muito que isso fosse verdade, estava convencida de que nunca trairia a minha mãe. Mas também não tinha a certeza do que seria preciso para uma criança fazer isso. Negligência? Crueldade?

Eu não sabia onde encontrar a torre nem a quem perguntar, por isso, montei o cavalo e arranquei para Colne. Deixei *Puck* em casa, ciente de que me arrependeria disso mais tarde, quando o vento

assobiasse na charneca e o casebre acossado pelo vento de Joseph Gray voltasse para me assombrar.

Eles queimam bruxas, não queimam?

Com o capote a tapar-me a cabeça e a barriga, eu poderia ser qualquer pessoa, ou ninguém, pelo que não chamei as atenções para mim pelo caminho pouco concorrido. Passei por três ou quatro carretas carregadas de legumes e rolos de tecido, mas mantive a cabeça baixa, para evitar ser reconhecida como em Lancaster.

Eu tenho olhos na floresta, sabe, dissera Roger.

Eu sabia que se continuasse naquela estrada, acabaria por chegar a Halifax, e a John Law e ao seu filho Abraham. Pensar que tudo isto começara com um simples vendedor ambulante a quem tinham pedido uns alfinetes. Pensar no que poderia ter acontecido se ele os tivesse dado. Mas mesmo que ele os tivesse dado a Alizon Device, Alice teria vivido com a sua mágoa, teria ido trabalhar para a Queen's Arms, cozinhar o pouco que conseguiam comprar para o seu miserável pai debaixo do buraco no telhado. E onde estaria eu? Eu poderia estar morta; ou não. Poderia nunca ter ficado a saber de Judith. Mas, estivesse onde estivesse, não estaria na rua à procura de uma torre de pedra a brotar como um espigão.

Cinzentos e verdes, cinzentos e verdes, a perder de vista, entrecortados por uma ou outra casa de pedra a desintegrar-se ou grosseiramente feita de lama. Casas de explorações agrícolas, compridas e baixas, espreguiçavam-se pelas colinas como gatos, mas não havia torre alguma. Decidi perguntar à próxima pessoa que visse: um homem que vinha na direção oposta montado numa mula de ar exausto.

— Desculpe, sabe onde fica a Malkin Tower? — indaguei.

Assustado, o homem encolheu-se, como se eu lhe tivesse dito que era uma bruxa, e, sem proferir uma palavra, seguiu caminho pesadamente no seu animal poeirento, olhando para trás por cima do ombro.

Eu suspirei e parei. Quando estava a pensar no que fazer, outros dois vultos apareceram no caminho: uma mulher de vestes simples a puxar a filha pela mão.

— Desculpe — tentei outra vez. — Estou à procura da Malkin Tower. — A mulher parou e a filha, ensonada por causa da atmosfera estival pesada, quase esbarrou nela.

— O que quer da Malkin Tower? — quis saber.

Os seus olhos cintilaram, desconfiados.

— Ouvi falar dos Devices e fiz uma aposta com a minha irmã: ela acha que a família e a casa não são reais. Receberei uma moeda de um penny se a encontrar.

— São reais, sim, a família e a casa. Diga à sua irmã que ela

deveria acreditar no que lhe dizem. As pessoas daqui não são de dizer mentiras. Foram uma família esquisita durante anos e agora sabemos porquê. A minha mãe costumava comprar remédios à Demdike, mas eu nunca tomei nada daquilo. Deixo o meu destino nas mãos do Senhor, não arrisco com o Diabo.

Lambeu os lábios. Em silêncio, a filha olhou para o meu capote e para a minha cara.

— De onde é?

— De Burnley.

— Veio de longe por causa de uma aposta. — Indicou-me a direção nas suas costas. — Saia da estrada a cerca de oitocentos metros mais acima e siga pelo caminho ao longo do cimo da charneca. Encontrá-la-á aí. Eu não gosto daquilo; tem alguma coisa de errado. Como disse, a minha mãe costumava ir lá quando ficávamos doentes; levou-me algumas vezes com ela. Eu não levaria lá a minha filha nem por ordem do próprio Senhor.

Agradei-lhe e segui pelo caminho indicado, saindo da estrada e enfiando por um caminho estreito entre dois muros de pedra seca. Um cão ladrou ao longe e eu lembrei-me daquele que vira na floresta com Elizabeth e Alice, e que Jennet dissera que o dela ainda não lhe aparecera. Seria verdade aquilo dos espíritos familiares e será que Roger acreditava mesmo nisso? Inclinei-me para trás no cavalo consoante o terreno subia ligeiramente, com campos desafogados dos dois lados. O cume da ladeira ficou mais perto, mas nem sinal da torre, e então cheguei ao topo e, ao olhar para o outro lado, lá estava: uma edificação sombria, pardacenta e alta, a fazer lembrar a perna de uma mesa baixa. Era ao estilo das torres antigas, como a que fora construída em Gawthorpe há centenas de anos. Porém, os Devices não eram uma família nobre nem mesmo proprietários rurais – eram pobres como ratos de igreja, pelo que era um mistério como tinham acabado a viver neste sítio.

Quando me aproximei, reparei que grandes fragmentos da construção tinham caído e estavam espalhados pelo chão. Dirigi-me ao que parecia ser a entrada: uma porta grande e grossa ao fundo. As frinchas nas paredes para lançar flechas seriam a única fonte de luz além de, provavelmente, um buraco no telhado para deixar sair o fumo.

Desmontei do cavalo e dei uma volta à base da torre. Alguém tentara criar uma estranha pequena horta, dividida com pequenos fragmentos de pedra seca, mas o projeto fora abandonado. Não me apetecia entrar, mas tinha de ver o lugar onde Jennet Device vivera. Acerquei-me da porta e experimentei o puxador em argola. A porta não tinha fechadura e abriu-se com facilidade. O interior era escuro e lembrei-me outra vez da cela onde a família estava agora a viver.

Deixei a porta o mais escancarada possível para deixar entrar mais luz e entrei.

O cheiro era intenso, mas não sei ao certo a quê. Humidade, certamente, e podridão, mas também algo animal, como pelo molhado deixado a secar. Não demorei muito a ver tudo. Havia um tacho maior do que o de Joseph Gray no centro do chão de terra. Ali perto, uma enxerga de palha, mas não havia cortinas para impedir a entrada da corrente de ar pelos espaços entre as pedras. Observei um bicho-de-conta a rastejar indolentemente pelo lençol gorduroso que cobria a enxerga. Havia pratos e copos espalhados pelo chão, esquecidos. Uma escada de madeira dava acesso a uma plataforma de aspeto apodrecido, onde deveria haver mais enxergas de palha. À minha direita, uma mesa encostada à parede, a qual era curva, formando um círculo. Tinha alguns objetos em cima e, quando os fui inspecionar, recuei prontamente. Ali jazia o que restava do boneco de barro de Elizabeth num montículo disforme, alfinetes espetados em alguns sítios. E no meio dos fragmentos de barro, vi uma coisa inconfundível: dentes. Peguei num e segurei-o à minha frente, uma sensação de repulsa a inundar-me o cérebro e a descer-me pela nuca.

Um estrondo enorme quase me matou de susto. A porta batera nas minhas costas. Larguei o dente e corri para a porta, tateando às escuras à procura do puxador, encontrando-o, puxando-o, o pânico a atingir um timbre agudo e nítido que ecoou na minha cabeça. O vento chegava do lado de fora, exigindo entrar, mas eu empurrei com força e, por fim, estava outra vez na charneca, ofegante e assustada. O que me passou pela cabeça para mexer nos instrumentos diabólicos desta família? A sensação arrepiante acometeu-me outra vez e tive a estranha sensação de estar a ser observada.

O meu cavalo relinchou e recuou, levantando as patas em protesto. Olhei à minha volta para ver o que o poderia estar a assustar, e ali, no cume da colina, a vinte ou trinta metros, avistei a silhueta de um cão escanzelado e maltratado. Estava imóvel como uma estátua, a observar-me. Eu mexi-me primeiro e subi para o cavalo, apoiando os pés numa das pedras caídas e, quando agarrei as rédeas, o cão desaparecera.

Estava sozinha na ladeira, mas não me sentia sozinha e percebi que não conseguia olhar para trás, para a Malkin Tower, enquanto seguia as pegadas que o cavalo deixara até à estrada principal.

Agora que vira o que ela deixara para trás, percebia como ela deveria achar majestosa a casa de Roger e de Katherine, com as suas cortinas grossas, tapetes turcos, penas de escrever e criados. Como ela deveria ter dito a Roger aquilo que ele queria ouvir, com a esperança de ele a deixar ficar, a refletir, debaixo do seu cobertor, nas histórias que podia urdir, longas e reluzentes, como uma teia de aranha. Parte

de mim não censurava a criança, principalmente se ela pensava que poderia viver assim para sempre, um cuco no ninho dos Nowells. Assim que os julgamentos terminassem, de certeza que Roger a mandaria para uma herdade qualquer a precisar de mão de obra ou para uma casa como a nossa para ajudar a fazer cerveja ou a lavar a roupa. E como é que ela viveria o resto da vida? Sentir-se-ia favorecida por um acaso feliz ou seria acossada pelo sentimento de culpa até ao fim dos seus dias?

Quando cheguei ao ponto onde o caminho desembocava na estrada, a manhã ainda só ia a meio e o Sol ia alto, mas era fraco no céu carregado de nuvens. Olhei para a esquerda, na direção de Colne, e para a direita, na direção de Gawthorpe. Pouco depois, estava decidida, estalei a língua e apertei os calcanhares para o cavalo avançar.

CAPÍTULO 19



— A senhora! — disse Peter.

Eu estava outra vez diante do balcão no chão coberto de palha da Queen's Arms.

— Nunca recebemos damas aqui, agora é duas vezes numa semana.

Havia alguns fregueses espalhados pelas mesas, carregadores que tinham acabado os seus turnos ou moços de entregas a fazer uma pausa, mas não me prestaram muita atenção e regressaram às suas canecas solitárias.

— Procuro uma morada — disse eu. — Em março ou abril deste ano, o senhor escreveu uma carta a um homem chamado Abraham Law, um tintureiro de Halifax.

Peter olhou para mim, cauteloso, a farta barriga amassada contra o balcão.

— É possível. O que tem a senhora a ver com isso?

Estiquei-me toda, fazendo-me maior do que era.

— Preciso de falar com ele.

— Porquê?

— Encomendei uma grande quantidade de tecido em Manchester e quero um orçamento para o mandar tingir. A Alice falou-me do Senhor Law, por isso lembrei-me de o contactar.

Peter expirou.

— Bem, sabe Deus que a fidalguia como a senhora tem gostos que nem passam pela cabeça dos meros mortais como nós — disse ele. — Vou procurar a morada. Dê-me um minuto.

Eu entrelacei os dedos e esperei. Então, ele chegou com uma única folha de correspondência que eu quase lhe arranquei da mão para ler a morada.

— Muito obrigada, Senhor Ward — disse eu. — Hei de escrever-lhe.

Cinco minutos depois, após deixar Peter Ward com um punhado de moedas, estava a caminho de Halifax, a repetir mentalmente «tabuleta do corvo» e «Haley Hill». Pensei na quantidade de moedas que metera nas mãos de outras pessoas nos últimos tempos e pus-me a pensar na justificação que daria a James para todas as minhas viagens. Depois lembrei-me que o mais certo era ele nunca mais me questionar sobre o que fosse — só de olhar para mim ficava com as orelhas vermelhas. Porém, quando tudo isto acabasse, dedicar-me-ia com muito mais interesse à gestão doméstica, se ainda estivesse aqui para o fazer. Em breve, teria roupas de cama adicionais, toalhas, leite, gorros e roupas pequeninas — não um conjunto, mas dois. Era interessante perceber que, ao pensar nestas coisas, não ficava furiosa; era um facto e nem

sequer era importante neste preciso momento.

Tive de andar depressa e, quando cheguei ao condado vizinho, senti-me como se me tivessem metido dentro da fronha de uma almofada e abanado com toda a força, enquanto o bebê no meu ventre se contorcia e esperneava. Por breves instantes, questioneei-me se estas viagens constantes estariam a prejudicá-lo, mas enquanto estivesse a mexer-se, era sinal de que estava vivo, por isso afastei a ideia, desmontei e paguei ao primeiro rapaz que vi para cuidar do cavalo e dar-lhe de beber.

A casa de madeira com a tabuleta do corvo era ladeada por outras dos dois lados e os pisos de cima debruçavam-se sobre a rua, pelo que tive de me inclinar para trás para os conseguir ver. Aqui, as crianças corriam descalças de um lado para o outro pela lama e as pessoas entravam e saíam das lojas e casas com determinação.

Bati à porta, os nós dos dedos a marcar um ritmo que soou mais confiante do que eu me sentia. A porta abriu-se e vi um vestíbulo escuro de onde assomou uma jovem rapariga. Olhou para mim espantada: eu estava a usar o capote de viagem e estava completamente velada, do chapéu à bainha da saia.

— Estou à procura do Abraham Law — disse eu. — Está em casa?

— Foi trabalhar, minha senhora — respondeu. — Eu sou a filha dele. A minha mãe 'tá em casa, se quiser falar c'o ela?

— Oh. Eu... Sim, é melhor, então.

Ela recuou um passo para eu poder entrar e segui-a por um corredor baixo que mais parecia uma toca de coelhos com divisões a aparecer do lado esquerdo.

— Espere aqui, bou chamar a mãe — disse ela.

Eu fiquei de pé a ouvir os barulhos de uma casa azafamada e os ruídos das casas contíguas. Para meu grande espanto, ouvi alguém tossir do outro lado da parede. Passado um minuto, uma mulher esbelta acercou-se desde o fundo do corredor, envergando um vestido da cor do milho e um avental a precisar de ser remendado. Tinha um rosto amistoso e várias madeixas de cabelo em desalinho a espreitar por debaixo da touca. Estava a limpar as mãos a um trapo.

— Posso ajudá-la? — indagou.

Naquele instante, ao ver as suas boas maneiras distraídas, fiquei de súbito assustada com a magnitude da minha empreitada, e também com indulgência da mesma. Esta mulher não faria ideia de quem eu era e, de súbito, o esforço de me explicar pareceu-me penoso. Porém, ela deve ter percebido isso, pois convidou-me a entrar e a beber um pouco de cerveja, e eu, sem abrir a boca, segui-a até uma divisão ampla que estava na penumbra apesar de ser de dia. Havia pilhas de coisas em todos os espaços concebíveis e várias crianças e um cão ocupavam o espaço no chão, sempre a mexer-se, por isso foi preciso

ter cuidado ao pousar os pés. Estava um homem sentado numa cadeira a olhar pela janela: consegui ver o cocuruto da cabeça calva.

Desabotoei o capote e fiquei com ele na mão, sem saber bem onde o pousar. A atmosfera na pequena divisão era abafada. A mulher regressou com uma caneca de cerveja para mim e, agradecida, eu bebi.

— Sou a Liz — disse ela. — A senhora procura o meu marido?

— Sim — lá consegui dizer. A cerveja era leve e agradável. — Chamo-me Fleetwood Shuttleworth. Desculpe-me a intrusão... Nem sei por onde começar.

— Sente-se, por favor.

Indicou-me uma cadeira de um dos lados da lareira vazia e eu abri caminho pelo meio das crianças para me ir sentar. Ela sentou-se na outra cadeira.

— Queria falar com o Abraham sobre uma coisa que aconteceu há alguns meses em Colne.

De imediato, a expressão de Liz Law assumiu contornos diferentes, transparecendo enfado e até mesmo mágoa.

— Uma questão que envolveu o seu sogro? Aquilo que lhe aconteceu desencadeou uma série de acontecimentos que... Não sei se em Yorkshire se sabe do que está a acontecer em Lancashire?

Ela abanou a cabeça e uma das crianças choramingou a chamar a sua atenção. Ela falou-lhe com meiguice, mas firme, e virou-se outra vez para mim. Era evidente que não sabia de nada: estava ocupada a tratar da lida da casa.

— Acontece que... A minha parteira é uma mulher chamada Alice Gray. — Engoli em seco e o olhar dela ajeitou quase impercetivelmente para a minha barriga, depois outra vez para os meus olhos. — Ela foi apanhada em acusações de bruxaria, tal como muitas outras. Cerca de doze; é o último número.

Uma criança pequena estava a segurar-se à saia de Liz para se pôr de pé e começou a bater-lhe no joelho com o punho rechonchudo. Não havia uma ama ou uma criada para se ocupar delas durante algum tempo?

— A Alice Gray trabalhava na Queen's Arms, que foi para onde ela levou o seu sogro depois de ele... Depois do encontro com a Alizon Device. Ela encontrou-o no caminho dos fardos de lã e levou-o para lá, mas a família Device começou a ameaçá-la para mudar a versão da história. Agora, arrastaram-na para essas terríveis acusações e, dentro de algumas semanas, haverá um julgamento em Lancaster.

Liz ainda estava a ouvir, mas deu para entender que estava distraída. Afastou a criança das saias e tentou baixar-lhe as mãos, mas ela começou a chorar.

— Peço desculpa, eu sei que está atarefada. Antes de mais,

gostaria de saber como está o seu sogro e, depois, se poderia fazer-lhe algumas perguntas sobre o que aconteceu naquele dia em Colne?

Ela sentou-se direita e pegou na criança ao colo.

— A senhora pode perguntar-lhe o que quiser, mas não obterá respostas com sentido. Pai?

Foi até à beira do homem que eu já vira, sentado sob a luz fraca que entrava pela janela. Eu segui-a e fiquei atônita.

John Law estava mirrado como uma maçã podre, amarfanhado na sua cadeira. Um lado da cara parecia ter derretido, com o olho fechado, enquanto o outro se movia selvaticamente fitando-me e a Liz, como se estivesse apavorado. Fiquei com a sensação de um homem muito maior e mais forte, que perdera muito peso em pouco tempo; tinha a pele descaída e as roupas ficavam-lhe largas.

— Olá, Senhor Law — disse eu, sem conseguir esconder o choque.

Ele mexeu-se, mas o lado mais perto de mim ficou frouxo e pesado.

— Queero — disse em voz alta.

Eu olhei para Liz.

— Nós compreendemo-lo, mas as outras pessoas não — explicou.

— Pai, esta senhora veio vê-lo. Conhece-a?

— Nnnnnnn — fez.

— Não, não conhece. — Faltou-me a voz e pigarreei. — Senhor Law, chamo-me Fleetwood Shuttleworth. Sou amiga da Menina Gray, a mulher que o levou para a Queen's Arms depois de o senhor ser... Depois de ser atacado. — Ele fez um gemido lastimável e eu fiquei sem saber se me compreendera.

— A Alice Gray? — tentei, mas ele contorceu-se e o seu olho virou-se outra vez para a janela.

— Desde então que está assim — disse Liz.

A criança que tinha ao colo estava a puxar-lhe o cabelo de debaixo da touca.

— Eu pensei... — Engoli em seco. — Pensei que ele conseguia falar. — Liz abanou a cabeça. — No início conseguia, mas com o passar do tempo foi piorando. Alguns dias faz mais sentido do que noutros, mas... Hoje não é um bom dia. Posso deixá-los a sós para tentar conversar com ele, ele poderá dizer alguma coisa. Tenho coisas para fazer. Importa-se só de pegar neste um momento enquanto arrumo este tecido?

Passou-me o pequenito para o colo, com um guarda-pó e pegajoso, e começou a apanhar pilhas de tecido espalhadas por todas as superfícies e a levá-las para fora da sala. Era a primeira vez que eu pegava numa criança ao colo. Ele pendeu como um saco de farinha nos meus braços rígidos, fitando-me com espanto, e eu a ele. Pouco depois, Liz Law voltou a pegar nele e saiu outra vez da sala. Olhei em

redor. Depois de ela levar a maior parte do tecido, reparei que as superfícies estavam limpas – a mesa envernizada e sem migalhas, e também percebi que as crianças não tinham as caras encardidas como as outras que eu vira na rua. O agregado da família Law era uma casa de respeitabilidade modesta, e a adição do pai de Abraham estava a ultrapassar os limites das suas capacidades. Poderiam deixá-lo na cama o dia inteiro, mas tinham-no levado para junto de uma janela soalheira com vistas para um pátio, onde mulheres lavavam a roupa e mais crianças e cães corriam de um lado para o outro. Puxei a minha cadeira até à beira do ancião e sentei-me ao lado dele.

— Tem muito que ver, não tem? — disse eu. Ele fez um ruído a indicar concordância. — Senhor Law, eu não o quero perturbar nem causar-lhe mais sofrimento, por isso desculpe-me o incómodo, mas eu estou a tentar perceber o que aconteceu naquele dia no caminho dos fardos de lã em Colne, quando encontrou a Alison Device.

Ele balbuciou algo incompreensível.

Observei-o a falar pelo canto da boca, tentando compreender, mas não havia nada a fazer. Ele estava a fitar-me com o seu olho azul, desejando que eu o compreendesse. Como não compreendi, baixou o olhar com tristeza e pareceu definhar ainda mais. Pousei a minha na sua mão débil. Ele olhou para os meus anéis, o ouro, os rubis e as esmeraldas presos à volta dos meus dedos.

— Senhor Law, conhece a Alice Gray? Acene com a cabeça se conhecer. — Baixou o queixo para o peito e depois levantou-o outra vez. — Acha que ela é uma bruxa?

Ele virou a cara para o outro lado, depois para mim, depois outra vez para o outro lado.

— Estaria disposto a dizer isso no julgamento? O senhor irá assistir?

Ele não mexeu a cabeça, mas o seu olho rodou selvaticamente.

— O senhor foi convocado para testemunhar no julgamento?

Ele assentiu, ou pelo menos assim me pareceu. Se ao menos recuperasse a fala, poderia expressar-se livremente em defesa da inocência dos outros.

— Acha que a Alison Device é uma bruxa?

Ele assentiu, depois abanou a cabeça. Parecia bastante angustiado e o seu olho azul inquiridor encheu-se de lágrimas que lhe escorreram pela cara. Mexeu a mão direita para as limpar, mas só a conseguiu levantar até ao peito. Eu tirei um lenço do bolso e enxuguei-lhe as lágrimas. O pobre John Law era uma marioneta viva; seria levado como prova do que acontecera, depois trazido de volta, incapaz de utilizar a própria voz. Alison Device poderia ter escapado incólume e nada disto teria acontecido se não tivesse aparecido dia após dia na Queen's Arms e admitido a sua culpa. Não era de admirar que a sua

família quisesse mudar a versão da história: era a história *dela*. Este homem não tinha nenhuma para contar.

Fiquei sentada mais algum tempo com John e observámos as mulheres lá fora, debruçadas por cima de tinhas e a limpar o suor das testas. O Sol ia alto e a labuta provocava calor. Não tinham medo de ficar com a pele crestada; não tinham alternativa. Num dia como o de hoje, eu estaria a andar a cavalo à beira-rio sob a proteção das árvores ou até mesmo sentada à janela como um ornamento, tão inútil como John Law. Ouviu-se um estrondo noutra divisão e Liz começou a ralar com alguém.

— Jennie! — ouvi-a gritar.

Uma das mulheres que estava no pátio olhou para a casa, protegendo os olhos do sol com a mão. Era a jovem que me abrira a porta, mas na verdade não era muito mais nova do que eu. Vi-a voltar para a casa, trazendo consigo o cheiro da lixívia. Pensei na vida que teria aqui, com crianças para brincar e uma mãe em cujo colo podia pousar a cabeça à noite enquanto o pai lhes lia uma passagem da Bíblia.

Alguém bateu à porta da rua e, pouco depois, Jennie veio dizer-me que o rapaz a quem eu pagara para cuidar do cavalo tinha de ir para casa. Eu levantei-me rigidamente e agradei a John Law. Depois fui agradecer também a Liz que, com uma colher na mão, estava a dar de comer a uma criança, agachada no chão do vestíbulo.

— Desculpe o incómodo — disse eu, desviando-me dela.

— Não tem de quê. Espero que não esteja muito desiludida. O John gostaria de conseguir falar, eu sei que sim. Todos nós gostaríamos.

— Ele ou o seu marido irão ao julgamento dentro de algumas semanas?

Ela olhou para mim, absorta.

— Que julgamento?

— Do tribunal criminal e civil em Lancaster, onde as bruxas serão julgadas.

— Ah, sim, o Abraham disse qualquer coisa sobre isso. Falarei com ele.

— Desejo-lhe um bom dia, Senhora Law.

Saí da casa escura e desolada para a rua radiosa, onde pelo menos corria uma brisa. Tinha as axilas e o lábio de cima transpirados. Não conseguira qualquer avanço; senti que estava a andar em círculos que iam ficando cada vez mais largos, sem conseguir coisa alguma. E com a pequena Jennet sentada na sua torre de Read Hall a urdir histórias, ela estava a traçar o fado dos seus familiares, um a um. Mas era uma *criança*.

Não conseguia ver uma saída para Alice. John Law não achava

que ela era uma bruxa, mas não conseguia dizê-lo de forma inequívoca; o próprio pai estava a marimbar-se para o seu destino; e o senhorio só se importava com o seu negócio. Então, quem mais poderia abonar a favor dela? Durante o regresso a casa, puxei pela cabeça, mas não me ocorreu coisa alguma.

Quando cheguei ao pátio do estábulo em Gawthorpe, estava tão cansada que parecia que levava uma carga de tijolos às costas. Todavia, tinha uma ideia a arder na mente, como um minúsculo pedaço de carvão incandescente. Só tinha de a atizar para ficar em brasa.



Quando cheguei a casa, Richard estava outra vez fora. Fora a Preston, o que eu presumi ser Barton, pois era a cidade mais próxima. Não deixara bilhete algum e eu não sabia se ele estaria zangado comigo; então, lembrei-me de que eu tinha todo o direito de ainda estar zangada com ele, mas, vá-se lá saber porquê, tive dificuldade em invocar a fúria. Pelo menos enquanto ele estava fora eu não tinha de ser discreta em relação às minhas «excentricidades irrefletidas», como ele dissera. Antes de tudo isso, ele permitira e até admirara os meus passeios solitários, a minha propensão para sair de casa asseada e chegar enlameada e molhada. Será que ele não entendia que essas atividades eram pueris e que agora tinham um propósito? Fui ao escritório buscar tinta, uma pena e papel e fui para o meu quarto.

Na manhã seguinte, o céu era de um azul luminoso e não havia nuvens. Peguei nas duas cartas que estavam em cima da minha escrivaninha e meti-as no casaco. Durante a noite, ficara com os dedos inchados e tinha uma sensação estranha no peito, como se por dentro estivesse a ser repuxado como um lençol. Ignorei a persistente noção de que estes poderiam ser os sintomas do princípio do fim da minha vida terrena: que a próxima estava cada vez mais perto. Talvez a morte estivesse quase a apanhar-me, a caminhar ao meu lado, a mover-se na minha sombra, e a qualquer momento deitar-me-ia as suas garras. Enchi-me de coragem, olhei para a Ponderação e a Justiça, e desci as escadas.

Katherine Nowell abriu a porta, os olhos arregalados de preocupação.

— Fleetwood? Já está de volta? Faça o favor de entrar.

Apoiei-me na ombreira da porta com uma mão e, com a outra, segurei a barriga.

— Katherine, por favor... Preciso de ajuda. O meu bebé... Estou com dores. Preciso da minha parteira.

— Veio sozinha? Onde está o Richard? Fleetwood, está a atingir o tempo, com certeza não deveria andar a cavalo.

A sua voz transpareceu medo e ajudou-me a entrar em casa. Eu fiz outro gemido.

— Onde é a dor?

— Começou ontem. Fiz por ignorar, mas... Ainda não acabou o tempo, Katherine, é muito cedo.

— A dor é muito forte? Vai e vem?

— Não, é constante.

Deixei-a conduzir-me até ao grande salão, onde ela estivera a

bordar uma almofada. Havia alfinetes, dedais e fios estendidos em cima da mesa extensível e eu lembrei-me da Malkin Tower, e que Alizon Device apenas quisesa alguns alfinetes. Katherine ajudou-me a sentar numa cadeira.

— Quer que mande chamar um médico?

— Não. Preciso da minha parteira, Katherine. Tenho piorado desde que a Alice foi levada para a prisão. Antes de ela ser detida, eu sentia-me bem. O Roger disse que tentaria tirá-la de lá, mas eu preciso dela agora comigo em Gawthorpe. Perguntei-lhe se ela poderia ficar connosco até ao julgamento. Não a deixarei ir a sítio nenhum. Tem a minha palavra e a do Richard. Por favor, peça ao Roger.

Proferi estas palavras com a respiração entrecortada e Katherine passou-me uma taça de cerveja que uma criada discreta trouxera. Em comparação com a vida e o caos da casa dos Laws, aqui era tudo sossegado e comedido como em Gawthorpe. Do seu retrato, o pai de Roger mirava-me de cenho carregado e com um olhar austero.

— O Roger está fora. Não me recordo onde. Oh, Fleetwood, estou tão preocupada. Diga-me, o que posso fazer?

— Preciso da Alice — afirmei, debilmente. — Preciso de a tirar da prisão. Apenas ela pode curar-me; ela conhece as ervas e os preparados apropriados.

— Talvez o farmacêutico possa ajudar, entretanto? Vou mandar o nosso homem buscá-lo.

— Não. Eu preciso da Alice. Apenas ela me pode ajudar. Apenas a Alice. Não há tempo para escrever ao Roger, ou para o castelo. Tenho de ir lá pessoalmente para ela me poder valer.

— Não, tem de ir para casa, mas só depois de descansar aqui. Vou mandar preparar um quarto e, quando o Roger chegar, digo-lhe que a Alice deverá ser libertada pela sua saúde.

Eu pensei em ficar fechada num dos quartos de Roger. Seria pouco melhor do que a prisão em Lancaster: ele era bem capaz de me trancar lá dentro e deitar fora a chave.

— Katherine, acha que o conseguirá convencer a libertá-la? — perguntei, sem forças.

Ela tinha os olhos arregalados de compaixão, a cara enrugada com uma expressão séria. Impotente, olhou em redor à procura de algumas palavras de conforto.

— Eu tive uma excelente parteira de Liverpool, mas já foi há muitos anos, não saberia como a contactar...

— Não, tem de ser a Alice.

Ela contorceu as mãos.

— Fleetwood, eu... Ela é uma prisioneira de Sua Majestade, não sei como...

— Só até ao julgamento — disse, precipitadamente. — Receio que

a minha vida esteja em perigo.

Pela primeira vez, a minha voz transparecia o medo porque, para variar, estava a dizer a verdade.

— Mas ela vai ser julgada por bruxaria. O crime é punível com a pena de morte; não lhe será permitido andar em liberdade antes do julgamento. Ela desaparecerá!

De repente, percebi que estávamos a ser observadas, e não por uma das caras pintadas nos retratos por todo o salão. Olhei para a porta e vi dois olhos claros arregalados a olhar para mim. Jennet Device não desviou o olhar, o qual evidenciou um discernimento que não era próprio da idade dela. Eu sabia que era ridículo ter medo de uma criança, mas ela tinha alguma coisa muito estranha. Afinal de contas, ela roubara o meu colar, e sem que eu desse por isso? Eu não a queria em minha casa, a deslizar sem fazer barulho pelo soalho, a assomar à soleira das portas como um espectro.

— Katherine, pode pedir ao seu criado para tratar do meu cavalo? Eu praticamente abandonei-o à entrada com a pressa de a ver; espero que não tenha vagueado para longe.

Katherine levantou-se de um pulo, apressando-se a sair da sala num esforço de ajudar. Quando saiu, Jennet entrou e foi até à lareira, ajoelhando-se à frente de uma cadeira de carvalho de costas duras. Parecia trazer com ela alguns pedaços de pano e começou a dispô-los no assento. Sem conseguir esconder a curiosidade, levantei-me e fui até à beira dela.

— O que é isso, Jennet?

Reparei que os pedaços de pano estavam unidos através de nós de forma a parecerem-se com corpos humanos – um enorme nó em cima a fazer de cabeça, com mais nós e retalhos de permeio a representar os braços e as pernas. Eu já vira esse tipo de bonecos na igreja, passados para as mãos de crianças para pararem de chorar. Depois de ver a casa dela, eu tinha a certeza de que Jennet não era uma criança que tivera brinquedos.

— Quem te deu isso? — perguntei. — Foi o Roger?

— Fui eu que fiz — respondeu com a sua voz rouquenha.

— E também os encheste com algum material. Muito bem. O que é?

— Lã de carneiro.

Eu tinha a certeza de que ela apenas os trouxera para me mostrar, como um gato a levar um rato ao dono. Olhei para o seu vestido diáfano e disforme; ela emanava infelicidade e negligência por todos os poros. Por causa desta criança, a minha amiga estava a apodrecer num sítio onde a luz nunca chegava e enfrentava uma pena de morte por enforcamento. Por causa desta criança, tantas outras pessoas estavam nesse sítio como ela. Apeteceu-me agarrar-lhe os ombros

esqueléticos e abaná-la com tanta força até os seus dentes chocalharem e os olhos revirarem. Apeteceu-me gritar-lhe que desmentisse todas as suas palavras, todas as falsidades que dissera com a sua pequena língua afiada. Mal conseguia olhar para ela. Voltei para a minha cadeira.

Jennet estava a sussurrar alguma coisa e aquele barulho deixou-me os pelos da nuca eriçados.

— O que estás a dizer? — exige saber, com tanta brusquidão que ela se virou espantada e me olhou com aqueles olhos grandes e insolentes.

— Uma oração para obter bebida — respondeu, a imagem da própria inocência.

— O que é que isso significa?

— *Crucifixus hoc signum vitam Eternam. Amen.*

Eu fitei-a, fazendo um esforço para destrinçar as palavras. O meu latim não era grande coisa, pois não me interessava pela leitura. Alguma coisa sobre um crucifixo e a vida eterna? Não sabia onde ela aprendera aquilo, pois as palavras eram próprias do catolicismo romano. Tê-las-ia proferido à frente de Roger? E se sim, será que os Devices estavam presos apenas por serem católicos? Mas isso não fazia sentido — metade das famílias de Pendle eram católicas. Roger sabia disso e, desde que fossem à igreja todas as semanas e mantivessem os olhos no chão, ele não os incomodava.

Jennet abeirou-se de mim e pegou na taça de estanho vazia que estava à beira do meu cotovelo. Encostou-a aos lábios imaginados dos bonecos para eles beberem.

— Quem te ensinou isso, Jennet?

— Foi a minha avó — ciciou.

— Tu dizes isso e ela traz-te uma bebida, é isso?

— Não — respondeu, perentória. — A bebida é trazida.

— Em que sentido?

— Em todos os sentidos mais estranhos.

Tudo o que ela dizia era muito inusitado. Eu fora assim tão precoce quando era criança? Quase de certeza que não. Porém, alguma coisa na maneira como ela me corrigiu, desencadeou uma memória distante, e então lembrei-me. Coelhos mortos; Alice acorada por cima deles.

Eu não os matei. Foram mortos.

Qual era o motivo subjacente à sua cuidadosa distinção? Se calhar precisava de uma abordagem diferente com Jennet. Tal como Richard dissera sobre as suas aves, a lealdade ganhava-se, não se exigia. Também me lembrei da ameaça de Roger: que Jennet poderia ser encorajada a «lembrar-se» de outras pessoas que estiveram em sua casa. A ideia era ponderosa de mais para aceitar.

— Jennet? — Olhei de relance para a porta. — Acho que tu deves conhecer a minha amiga. A Alice Gray?

Ela continuou debruçada por cima dos bonecos. Os seus cabelos escorridos e sem cor caíam-lhe pelas costas por debaixo da touca. Ela não respondeu e compôs os seus bonecos de pano, sacudindo poeira imaginária de cima deles.

— Conhece-la, Jennet?

Ela levantou os ombros, assentindo.

— Então, sempre a conheces? — Inclinei-me para a frente. — Achas que poderás estar enganada em relação a ela estar em tua casa naquele dia, na Malkin Tower?

— O James roubou uma ovelha para comermos — disse ela, apontando para um dos seus brinquedos. Os bonecos estavam encostados um ao outro, como que embriagados. Depois, apontou para o outro:

— A mãe mandou-o.

Eu humedeci os lábios.

— Lembras-te de a Alice estar em tua casa? Ela é amiga da tua mãe ou nunca a tinhas visto? — Nesse instante, ouvi passos nas lajes e Katherine apareceu com um tabuleiro nas mãos.

— Mais cerveja. Já recuperou, Fleetwood?

Recostei-me, desiludida, e olhei para a criança à minha frente. Jennet estava a sorrir e, quando percebi porquê, senti-me toda arrepiada.

— A bebida é trazida — disse, toda contente, e continuou a brincar.

— Jennet, podes deixar-nos a sós? — pediu Katherine com uma voz tensa.

A menina olhou para ela e recolheu os brinquedos com uma braçada, atirando a taça de estanho ao chão com estardalhaço. Ela não a apanhou e deslizou em silêncio pela sala. Katherine suspirou profundamente e eu reparei nas rugas à volta da sua boca, no cansaço carregado nos seus olhos.

— Durante mais quanto tempo ela ficará aqui? — perguntei, com delicadeza.

Katherine abanou a cabeça.

— O Roger não sabe.

— Certamente a decisão será dele?

— Enquanto ela estiver aqui é... útil para ele. Por isso, suponho que ficará aqui até deixar de ser útil.

A sua franqueza deixou-me embasbacada. Katherine recostou-se e suspirou. Pegou na taça e bebeu sofregamente.

Depois de acabar, limpou a boca e disse:

— Nem imagina como ficarei feliz quando o julgamento estiver

concluído e tudo isto acabar.

— Mas como é capaz de desejar apressar o sacrifício de vidas inocentes?

— Inocentes? — Katherine ficou atónita. — Fleetwood, nem a senhora nem eu podemos fazer tais juízos.

— Não temos olhos e ouvidos como os nossos maridos e os homens que os condenarão?

— A senhora fala como se já soubesse o desfecho.

— E sei. Toda a gente sabe! No passado, quando é que as bruxas foram tratadas com clemência? Katherine, nós *temos* de fazer alguma coisa.

Katherine deu uma risadinha jocosa que me deu vontade de a esbofetear.

— Fleetwood, tem cada ideia. Fala como se a vida fosse uma peça de teatro em que todos têm um papel a representar. Eu e a senhora não temos papel algum a representar na justiça do rei; o nosso papel é apoiar os maridos.

— Não podemos ficar de braços cruzados a deixar isto acontecer! — berrei. — Temos de fazer alguma coisa!

— Fleetwood, por favor — tentou convencer-me Katherine. — Está a esforçar-se de mais e ainda se prejudica e ao bebé. Posso ser franca consigo? — Isto foi inesperado e apenas consegui assentir com a cabeça. — O Richard ama-a muito. Gosta muito de si. Vocês são uns felizardos por serem casados, ao contrário da maioria dos nossos iguais.

Por breves instantes, questionei-me se ela saberia de Judith, ou se Roger também lhe escondera isso.

— Deve concentrar-se em formar família e em ser esposa. Fleetwood, as pessoas falam, sabe? E eu sei que nós estamos aqui deslocadas como fidalguia rural. Estamos longe das grandes cidades, temos uma certa privacidade neste recanto da terra, mas isso não quer dizer que nos possamos comportar de forma imprópria.

Eu mudei de posição na cadeira, o silêncio do salão a zunir nos meus ouvidos. Esperei que Katherine humedecesse os lábios antes de continuar.

— A senhora é muito nova, muito zelosa e uma querida. É a dama da casa mais elegante das redondezas. Esta criança preencherá imenso a sua vida, tornando-a rica e alegre. Tem de fazer por se envolver nas coisas certas, como a família e o lar, e não ficar tão transtornada com coisas que não lhe dizem respeito.

Senti como se ela me tivesse dado uma punhalada. As palavras morreram-me na garganta, perderam-se no meu coração amargurado.

— Eu quero ajudar a minha amiga — foi tudo o que consegui balbuciar. — Senão, ela morre e eu morro com ela.

Começava a chegar outra vez à mesma conclusão de que, sem Alice, era como se eu também tivesse uma corda ao pescoço. Ela jurara salvar-me e eu jurara salvá-la, e as probabilidades de essas coisas acontecerem eram agora tão ínfimas que quase não tinham relevância. Percebi que, agora, estava a fazer planos para dias. Quando tentei imaginar como poderia ser o meu filho, e eu com ele nos braços, não consegui. Tão-pouco consegui imaginar a minha vida dentro de cinco, dez ou vinte anos. A data do julgamento de verão aproximava-se e a minha vida, conforme a conhecia, estava confinada a essas poucas semanas.

— Eu não posso fazer nada, Fleetwood. — Katherine falou com uma voz afável. — O Roger não a libertará. Ela está à espera de ser julgada sob acusação de homicídio por bruxaria, crime punível com a pena de morte.

— O Roger está equivocado. Ela foi enganada, por quase toda a gente da sua vida. Não posso permitir que seja punida como os outros. A senhora tem de vir comigo ao castelo e rogar pela sua libertação. A senhora é a mulher do Roger. Deve ter alguma autoridade.

Ouvi as minhas próprias palavras, mas sabia que eram inúteis, e os meus ombros descaíram numa infelicidade abjeta.

— A senhora está perturbada. Precisa de descansar. Deixe-me levá-la a um dos nossos quartos.

— Não, obrigada. Tenho de ir.

— A senhora não está bem. Não pode ir para casa a cavalo.

— Irei devagar.

Katherine sorriu.

— A senhora é mais como um homem do que como uma mulher. Insisto para que alguém a acompanhe. — Eu meti a mão nas saias para tirar de lá as cartas que escrevera à luz da vela.

— Quero perdi-lhe um favor, Katherine.

— Oh, Fleetwood... O que foi que acabei de dizer?

— Por favor. Apenas lhe peço isto.

Comprimi os papéis nas mãos dela. O lacre fazia lembrar manchas de sangue.

— Quando é que o Roger irá outra vez a Lancaster?

— Talvez dentro de um ou dois dias. Estas cartas são para ele?

— Não, e ele não as pode ver. Da próxima vez que ele for a Lancaster, quero que vá com ele. Diga que deseja mudar de ares e ir às compras. Invente qualquer coisa, mas vá, e quando estiver lá, tem de arranjar maneira de ir ao castelo sozinha. Eles conhecem-me; o Roger tê-los-á alertado, motivo pelo qual não posso ser eu. Deverá entregar estas cartas ao escrivão do juiz de instrução Thomas Covell no castelo. Não as entregue a mais ninguém. Ponha-as nas mãos dele e diga-lhe para as enviar *com urgência* aos destinatários. Se o escrivão fizer

perguntas, recorra ao nome do Richard e diga que foi ele que as enviou.

Katherine tinha o cenho franzido de ansiedade.

— Não compreendo.

— Por favor, Katherine. Não lhe pediria isto se não fosse uma questão de vida ou de morte.

— E estas cartas não têm nada de desleal? Alguma coisa que manche o nome do meu marido? Porque é que ele não pode saber?

— Simplesmente, não pode. Se não quer ter o meu sangue nas suas mãos quando eu morrer a dar à luz, fará isto por mim.

Entreolhámo-nos e eu vislumbrei uma chispa de rebeldia nos olhos de Katherine, mas não em relação a mim – consegui perceber que ela a estava a saborear, a ver como lhe assentava.

— Fá-lo-ei — disse, assentindo com a cabeça.

Eu estava capaz de a beijar, e quase o fiz, mas contentei-me em pegar-lhe nas mãos e apertá-las. Ela guardou as cartas nas saias.

— Não sei como lhe agradecer — disse eu.

— O Roger regressará de Yorkshire amanhã, creio, a menos que a execução se atrase.

— Execução?

— Não soube? Consideraram aquela tal de Jennet Preston culpada do homicídio do pai do Thomas Lister. Vai hoje para o cadafalso.

Ao longo dos dias seguintes, desempenhei o meu velho papel de fantasma de Gawthorpe, defronte de várias janelas à espera de Richard. Quando o vi a acercar-se vindo dos estábulos, observei por instantes o seu andar emproado, a sua leveza depois da viagem a Preston. Como era intocável, a facilidade com que deslizava pela vida. Fui recebê-lo à porta. Ele pareceu surpreendido ao ver-me abrir a porta, depois percebeu alguma coisa na minha expressão, porque parou.

— O que foi?

— Entra.

Ficou lívido.

— Tu não estás... Tu não tiveste um...

— Não, nada disso, o bebé está bem.

Ele sentiu um enorme alívio e subiu as escadas, descalçando as luvas enquanto eu o ajudava com o capote. Conduzi-o pela casa até ao salão e fechei a porta. *Puck* estava a dormir indolentemente por debaixo da janela e levantou-se a custo para ir cumprimentar Richard, lambendo-lhes as mãos com a enorme língua.

— Lembras-te do outro dia quando o Roger veio jantar e nos falou dos juízes de Sua Majestade, Altham e Bromley?

— Sim — foi a sua resposta cautelosa.

— Eu convidei-os para jantar em Gawthorpe.

Seguiu-se um compasso de espera, durante o qual *Puck* vagueou de volta para o seu sítio quente. O bebé ajustou a posição na minha barriga e eu pousei-lhe uma mão em cima.

— Tu convidaste-os para jantar aqui, nesta casa. — Eu disse que sim com a cabeça. Richard fitou-me. — Com que propósito?

— Com o propósito de lançar luz sobre o dilema das bruxas de Pendle.

Richard não pestanejou. Falou com a voz calma.

— Tu estás a dificultar imenso as coisas para ti, Fleetwood. Para ambos.

— Não se trata de mim, ou de nós. Trata-se da Alice e de como ela *não* assassinou uma criança.

— Essa decisão cabe ao júri, não a ti ou ao Roger.

— O Roger já decidiu por todos! — berrei. — Ele já decidiu!

— Fala baixo!

Richard começou a andar de um lado para o outro, a sua fúria bem patente. Afloraram-me à pele da cara manchas vermelhas e senti uma raiva escaldante a ferver na cabeça. Tateei à procura da cadeira e sentei-me devagar. *Puck* gemeu e choramingou ao meu lado, tentando chegar às minhas mãos. Eu pousei uma palma trémula na sua cabeça e tapei a cara com a outra.

— Quando é que eles vêm?

— Quando passarem por Lancaster na próxima semana.

— E o Roger está a par disto?

— Não.

Richard agarrou as costas da cadeira e abanou a cabeça.

— Estás a fazer troça do nome Shuttleworth. Durante tempo de mais deixei-te andar por aí como uma criança e agora isto.

— *Eu* estou a fazer troça da tua família? *Tu* é que tens duas famílias!

— Diabos te carreguem, Fleetwood, pensei que já tinhas ultrapassado isso. Muitos homens têm amantes; não é invulgar.

— Quer dizer que nós somos vulgares, é? E isso não é o género de coisa que se possa ultrapassar. Eu estou a tentar ajudar uma inocente. Que mal tem isso?

Richard começou a caminhar pelo meio dos átomos de poeira iluminados por um feixe de luz do dia, entrando para a luz e voltando a sair; luz e trevas.

— Porque tens de estar sempre a arruinar insidiosamente o teu próprio marido? Sabes o que dás a entender que eu sou? E tudo por causa de uma rapariga local de origens humildes que mal conheces. Ela é merecedora da tua atenção? Só soubeste dela há poucos meses. É preciso colocares-te a ti e a nós nessa situação por causa de uma

rapariga que te deu umas ervas?

— Se não compreenderes isto agora, nunca compreenderás: *A Alice é inocente*. E só eu é que acredito nisso! Ninguém quer ajudar! Eu *preciso* de ti, Richard. Quem vais escolher? A tua mulher ou o teu amigo?

— O Roger também era teu amigo!

— Não posso ser amiga daquele homem depois do que ele fez e tu também não devias.

— Como podes dizer isso? O Roger é a coisa mais parecida com um pai que eu tenho. Ele velou por nós; ajudou-nos em muitas coisas. Ele acha que eu tenho as características que é preciso para ser xerife; acha que eu posso chegar ao Parlamento. Ele *acredita* em mim, Fleetwood, como nunca outra pessoa acreditou.

— Se visses a cela onde ele mantém os prisioneiros, não o terias em tão boa conta. É um verdadeiro inferno, escuro e húmido, e estão fechados sem luz, a dormir em cima de vomitado e dejetos, e há ratazanas e sabe Deus o que mais. Uma prisioneira morreu lá! Tu não tens coração? Tens um buraco no peito no sítio onde ele deveria estar? Onde está o homem com quem casei?

O que Richard disse de seguida gelou-me o sangue.

— O teu confinamento para o parto começa agora. Não te quero ver fora dos teus aposentos. Ficarás lá até o nosso filho nascer. É insensato e despropositado andares por aí a galope, a importunar os outros e a correr riscos. Não estás a pensar no teu filho, só estás a pensar em ti.

— Então vais-me castigar por tentar salvar a vida da minha amiga? Custa-te mais a morte da tua ave do que o destino de uma mulher inocente. Além disso, preferirias ver-me morta, não é? A tua vida seria mais fácil sem mim aqui, a sua amizade com o Roger intacta. Poderias casar com a Judith e esquecer que eu existi.

Puck choramingou e eu afaguei-o, absorta. A expressão de Richard deixava adivinhar uma espécie de agonia privada. Antes de poder retorquir, eu abandonei a sala, fechando a porta atrás de mim para ele não me ouvir a chorar.



Chegou o dia do jantar e a casa zunia de finalidade, mas eu não.

Cumprira o desejo de Richard e ficara na cama, embora o meu coração batesse freneticamente mesmo quando estava deitada. O diáfano manto de dor continuava a envolver-me o peito, delicada, mas apertada, e sentia a pulsação no pescoço.

Tive um pesadelo novo. Nele, eu estava no calabouço das bruxas. Mesmo quando abria os olhos, estava escuro como breu, ainda mais escuro do que quando os fechava. Ouvia o som de água a gotejar e alguém a soluçar baixinho a um canto. Não me mexi, porque o chão estava molhado, coberto do que parecia ser palha, rangendo ligeiramente. Quando pensei que iria morrer de medo, perto de mim, muito perto, ouvi o barulho de alguma coisa a mastigar. Não era uma pessoa – era alguma coisa maior, como um cão ou outro animal. Ouvi os dentes a rasgar a carne, a fera a saborear cada bocado. Aquele barulho deixou-me agoniada, a pele arrepiada, e acordei encharcada em suor e medo, o coração a bater contra as costelas.

Eu não recebera qualquer resposta dos lordes Bromley e Altham, mas também não esperara receber uma. Confinada, não conseguira perguntar a Katherine se ela concretizara o meu pedido. Quando amanheceu, tinha os nervos à flor da pele. Fiquei sentada no meu quarto a pensar no que estaria a acontecer nos andares de baixo: os criados da cozinha estariam a depenar, a cortar, a descascar e a cozinhar em lume brando; James estaria a escolher vinhos da adega; copos e talheres seriam polidos, facas afiadas. Se os convidados não comparecessem, seria um esplêndido festim para dois.

Não havia sinal de Richard: ele não falava comigo. Saí da cama, fui até ao espelho e decidi dedicar-me ao meu cabelo, que não era penteado há uma semana. Doíam-me os braços e sentia-me como se não dormisse há dias quando, na realidade, não fizera outra coisa. Limpei os dentes e fui até ao quarto de vestir, do qual já não tirava prazer. O meu caderno estava a apanhar pó a um canto.

Depois de me vestir de tafetá dourado-claro, a ideia de descer as escadas depois de tantos dias no quarto foi estranha – habituara-me ao espaço. Pouco antes do meio-dia, alguém bateu à minha porta e Richard enfiou a cabeça no interior, o semblante tenso.

— Vens? — disse.

Eu levantei-me.

— Já chegaram?

— Não, mas a dama que os convidou deve estar a postos.

O grande salão estava preparado para o banquete, reluzindo com talheres, copos e guardanapos lavados. Havia terrinas de fruta

carregadas de morangos, ameixas, maçãs, peras e pêssegos. Um lume bastante fraco crepitava para afastar o ligeiro frio que se sentia na grande sala e o céu resplandecia de azul em todas as janelas. Eu e Richard ficámos de pé num silêncio infeliz a contemplar tudo aquilo e foi então que James assomou à porta da direita.

— Meu senhor, chegou o primeiro convidado.

Roger entrou para o grande salão.

Richard foi recebê-lo.

— Olá, Fleetwood — disse ele depois de apertar a mão de Richard. Tinha uma expressão moderada. — Sente-se melhor?

Olhei para o meu marido, que me traíra outra vez, escolhendo o amigo em detrimento de mim, mas ele não desviou o olhar de Roger.

— Bastante melhor, obrigada — lá consegui dizer.

— Deve agradecer à Katherine.

Sorriu serenamente. Richard foi servir-lhe um copo de vinho.

— Os juízes de Sua Majestade ainda não chegaram? — perguntou Roger.

— Ainda não. A que horas lhes disseste que a refeição seria servida, Fleetwood?

— Ao meio-dia, creio.

— É uma pena hoje ser dia de peixe — disse Roger a Richard. — Na quinta-feira o senhor apanhou um belo gamo.

— Foi cansativo. Acho que vou esperar que o tempo fique mais fresco antes de voltar a caçar durante tanto tempo. O calor torna os cavalos estúpidos.

— A sua destreza sobrepõe-se à estupidez dos cavalos. Seria capaz de caçar bem mesmo montado numa mula.

Richard riu e brindou com Roger. Não me dera um copo, por isso fui até Jacob, o nosso jovem criado de faces rosadas e olhos claros, que reparara na descortesia de Richard e estava ruborizado de embaraço. Peguei num copo.

Formávamos um triângulo inusitado, os dois homens à beira um do outro e eu afastada deles, a respirar fundo para me acalmar. James voltou a assomar pela entrada baixa.

— Sir Edward Bromley e Sir James Altham.

Fez uma pequena vénia e retirou-se e, como que aflorando dos dois lados de um palco, as duas portas do grande salão abriram-se.

À esquerda, Edward Bromley assomou na sua pose, um polegar encaixado na faixa de veludo que lhe cruzava o peito. O seu gibão tinha requintados bordados, com barras diagonais nas mangas, e o rufo estava amarrado por debaixo do queixo com uma fita verde. Um chapéu preto de abas largas completava o conjunto e, por debaixo, os seus olhos cintilavam alegremente. Já passara a meia-idade — teria pelo menos 40 anos —, mas era bem-parecido.

A três metros dele, na outra entrada, estava James Altham. Talvez dez anos mais velho do que Bromley, era mais alto e mais magro, aprimorado por uma túnica sem mangas sinuosa atirada por cima do ombro. O casaco era de seda de uma bonita cor creme, de corte justo e com os punhos largos. Os calções eram de veludo preto com costuras douradas a condizer com o casaco, e tinha rosetas amarradas à volta dos joelhos esguios. Tinha a cabeça destapada, deixando ver os cabelos grisalhos e uns olhos escuros sérios num rosto enrugado.

Como que ouvindo uma indicação silenciosa, começaram a caminhar ao mesmo tempo. Richard foi receber Sir Edward primeiro, por isso eu apressei-me a acolher Sir James, o mais velho, ao mesmo tempo, conforme era apropriado com convidados da mesma hierarquia.

— Eminência, obrigada por vir a Gawthorpe — disse eu. — Espero que tenha feito boa viagem?

— Senhora Shuttleworth, obrigado pelo convite. Foi muita generosidade sua receber-nos durante a nossa estadia no Norte.

Os seus olhos escuros fixaram-se nos meus enquanto me beijou a mão.

A voz do mordomo interrompeu-nos, o que me espantou.

— O Senhor Thomas Potts — anunciou.

Olhei para a porta, a mão ainda segura na de Sir James, e vi um jovem alto e esguio de pé à entrada.

— Senhora Shuttleworth, espero que não se importe por eu tomar a liberdade de convidar o nosso companheiro de viagem? O Senhor Potts é o escrivão do tribunal.

O jovem fez uma vénia cortês na minha direção.

— É claro, seja bem-vindo, Senhor Potts — disse eu.

O escrivão entrou e sondou o salão, avaliando os braços na parede e a galeria de menestrelis. Deveria ser mais jovem do que Richard, talvez na casa dos 21 ou 22 anos.

— Cavalheiros. — Foi a vez de Roger cumprimentar os nossos convivas e ele deslizou suavemente para os receber com um aperto de mão. — Há uma eternidade que não nos víamos. Quando foi a última vez... terça-feira?

Riram todos com vontade e os três recém-chegados receberam copos de vinho.

— O Senhor Potts está a acompanhar os julgamentos? — perguntei ao jovem.

— Estou — respondeu com uma voz afável. Teria percebido um sotaque escocês? — Acabámos de sair de York e começaremos os julgamentos de Westmoreland depois de amanhã.

— Ah, a minha mãe vive em Westmoreland, às portas de Kirkby Lonsdale — disse eu.

Ele meneou a cabeça educadamente.

— Diga-me. — Baixei a voz, mas os outros homens tinham-se aproximado da mesa e estavam a falar alto. — Se esteve em York, deverá ter assistido ao julgamento da Jennet Preston.

— Com certeza — disse, gentilmente, como se estivéssemos a falar de um comerciante conhecido.

— O senhor conhece Thomas Lister de Westby?

— Conheço.

Perdi-me, e tive a esperança de que me ocorresse alguma coisa para dizer, mas não ocorreu.

O jovem passou os olhos escuros pelo salão.

— A sua casa é muito moderna.

— Obrigada — retorqui, ciente de que não era um elogio.

— Gosta de viver no Norte?

— Na realidade, sempre vivi aqui. — Caminhámos para a mesa, onde tinham posto discretamente um sexto lugar. — É a sua primeira digressão?

— É, e tem sido muito interessante. Devo dizer que considero as pessoas do Norte muito... *diferentes*. É tudo diferente: a gastronomia, o humor, as cidades. Já sinto saudades de Londres.

Sorriu mostrando uns dentes afiados como pequenos alfinetes. Eu sorri e sentei-me, mais afastada da mesa do que todos os outros por causa do tamanho da barriga. Roger foi apresentado ao jovem escrivão.

— Gosto em conhecê-lo — disse o Senhor Potts, largando o aperto de mão e mudando a posição do seu copo de vinho.

Roger olhou-me de relance e depois desviou o olhar.

Serviram o primeiro prato: salmão cozido em cerveja, com arenques de salmoura. O meu próprio copo ajudara-me a ultrapassar o choque da chegada de Roger e virei-me para os dois juízes.

— Como está a correr a vossa digressão?

— Muito bem, minha senhora — respondeu o caloroso Sir Edward. O bigode emoldurava-lhe as faces rosadas, roliças como maçãs. — Já vamos a mais de metade, seguindo-se Kendal e depois Lancaster, conforme sabe. — Eu ruborizei um pouco, esperando desesperadamente que ele não aludisse à frente de Roger ao pedido que eu lhe fizera na carta, mas ele ficou-se por ali. — Até ao momento, já tratámos de Durham, Newcastle e York, e Carlisle seguir-se-á a Lancaster. Depois, meteremos pés ao caminho para a longa viagem rumo a casa, no Sul.

— Digam-me uma coisa — disse eu. — Na vossa profissão, os senhores terão assistido a todos os tipos de acusações fascinantes. Há quanto tempo são juízes na circunscrição do Norte?

— Há dois anos — respondeu Sir Edward.

— E eu há quase dez — concluiu Sir James.

— E eu é a primeira vez — anunciou o escrivão, todo senhor de si. Os homens olharam para os pratos e começámos a comer.

Eu consegui sentir a presença intensa de Roger do outro lado da mesa.

— Soube há pouco tempo... — Fiz um esforço para a voz não me vacilar — ... que os senhores consideraram uma mulher culpada de bruxaria em York?

— É verdade — disse o juiz mais velho. — Esse caso foi interessante porque a mulher também esteve no julgamento da Quaresma, acusada da mesma coisa, menos de quatro meses antes.

— Outra vez pelo Thomas Lister — disse eu.

Fez-se silêncio. Um pedaço de arenque tremeu à frente dos lábios de Sir James antes de chegar ao seu destino.

— Isso mesmo — disse. — Estou a ver que a senhora se interessa pela lei do reino.

— Mas desta vez ela foi considerada culpada.

— A mulher foi considerada culpada do crime de homicídio por bruxaria do Thomas Lister Senior, sim.

A voz de James Altham soou calma, quase delicada. Não havia dúvida de que reservava todo o seu impacto para os julgamentos.

Eu assenti com a cabeça e libertei uma espinha de salmão da entrada da garganta, tentando não me engasgar.

— Porém, é evidente que o Sir Edward a perdoou na Quaresma, pelo que a vida dela foi misericordiosamente prolongada alguns meses. — Falou para o colega. — Não sei se o senhor fazia ideia então de quão *desdenhosos* eram os apoiantes dela e se foi assim que chegou ao seu veredicto.

Os olhos de Sir Edward cintilaram.

— Não sabia de nada disso. Os Preston são um grupo mirabolante — explicou aos outros presentes. — Aqui o pobre Altham foi vilipendiado em todas as cidades entre York e Gisburn. E não são poucas.

Eu tentei imaginar as pessoas a apinhar as ruas de Padiham e Colne para protestar contra a detenção das bruxas de Pendle, mas não consegui imaginar um único punho levantado.

— E já tinham julgado alguém por bruxaria antes deste ano? — indaguei.

Eles entreolharam-se, pensando por instantes.

— Nunca — disse Sir Edward num tom de espanto. — Na realidade, este é o maior grupo de pessoas julgadas por bruxaria no país.

— De sempre?

Ele assentiu com a cabeça. Não consegui deixar de olhar para

Roger, que estivera à espera da sua vez de falar.

— Eles conseguiram esconder-se bem por todo o país, até agora — anunciou. — É como apanhar ratos: quando encontramos um, sabemos que há ali uma ninhada. Há muito que o rei suspeitava de que Lancashire era o esconderijo de delinquentes e feiticeiros, pelo que tenho todo o gosto em ajudar a expulsar o mal antes que este se espalhe e infete o resto do reino, entregando-o nas vossas mãos hábeis.

— Está a dizer que acha que o mal é como uma praga? — perguntou Sir Edward.

— Em certas zonas. Veja o caso dos Devices e dos Redfernes: vivem a menos de cem metros uns dos outros. Se foi um agregado que começou a fazer bruxaria e o outro lhe seguiu o exemplo para se proteger, ou se foi qualquer outra coisa, não é coincidência. Mas a velha Demdike já praticava há... oh, há décadas.

Percebi que estava a fulminá-lo com o olhar e baixei os olhos.

Thomas Potts interveio.

— Se assim é, porque acha que a velha só agora foi identificada? Ninguém a acusou antes disto?

— Que eu saiba, não.

Levantaram os pratos e serviram o segundo prato de tartes de ostra. Eu tinha mais três pratos para convencer os juizes a... O quê, exatamente?

— Onde irão pernoitar? — perguntou Richard.

— Numa pensão modesta perto daqui.

— Oh, mas eu insisto para que fiquem aqui.

— Não queremos criar transtorno. Partiremos de manhã bem cedo.

— Se bem que um colchão de penas seria bem agradável depois de tantos de palha — disse Thomas, inclinando-se para a frente com um sorriso cúmplice. Os homens riram. Eu aclarei a voz.

— Suponho que tenham ficado aliviados quando atravessaram a fronteira e escaparam dos apoiantes da Jennet Preston — disse eu.

Senti que Richard estava a olhar para mim, mas não olhei para ele.

— Sim, bastante.

— E não se depararam com protestos semelhantes em defesa das apelidadas bruxas de Pendle?

— Acabámos de chegar a Lancashire — disse Sir Edward, abrindo a tarte com o garfo e espalhando o interior líquido. — Ainda não estamos muito familiarizados com esses casos, pois ainda temos de tratar de Westmoreland. Quantas mulheres são acusadas?

— Cerca de uma dúzia, mas infelizmente uma morreu — disse Roger, sem revelar o mais ínfimo arrependimento. — Contudo, estou a investigar outro caso de uma mulher em Padiham.

— *Outro?* — Não consegui controlar a voz.

— Uma mulher chamada Margaret Pearson. O meu colega, o Senhor Bannister, vai amanhã recolher provas junto da criada dela, que jura ter visto o espírito familiar da Senhora Pearson.

— O que é?

— Um sapo.

Seguiu-se uma pausa, durante a qual tenho a certeza de ouvir Thomas Potts a tentar conter uma risada. Roger ignorou-o.

— A criada, a Senhora Booth, diz que estava a cardar lã em casa da ama Pearson e pediu um pouco de leite. Juntaram madeira ao lume para aquecer a caçarola com o leite e, quando a Senhora Booth a tirou de lá, um sapo, ou um espírito disfarçado de sapo, saiu do meio das chamas. A Margaret Pearson pegou no animal com uma tenaz e levou-o para fora de casa.

— Gostaria de saber — comecei, gentilmente — se o Roger já viu alguns desses espíritos familiares com os próprios olhos?

Fez-se um silêncio incómodo, durante o qual Roger mastigou pensativamente.

— O Diabo aparece apenas àqueles que anseiam pela sua companhia — acabou por dizer.

— O senhor não disse — continuei sem me conseguir conter — que um espírito familiar é o sinal inequívoco de uma bruxa? Não quererá isso dizer que, se uma bruxa *não* tiver um espírito familiar, provavelmente é inocente?

Roger mirou-me com os olhos semicerrados. Sorveu um pouco de vinho.

— Ou tem-no bem escondido.

— Cavalheiros — dirigi-me a todos os presentes —, *eu* tenho um cão enorme, que me acompanha para toda a parte. Não deveria *eu* ser acusada de bruxaria?

A mesa ficou em silêncio e olhei para Roger, que estava a fitar-me com um olhar glacial.

— Até parece que está a pedir para ser acusada, minha senhora. No seu lugar, eu teria muito cuidado. Tem de pensar na reputação do seu marido. O Sir Edward e o Sir James disseram-me que já se fala do nome dele em Whitehall pelos motivos certos, por isso não queremos que se fale pelos motivos errados.

Os dois homens entreolharam-se, pouco à-vontade.

— Padiham também fica na floresta de Pendle? — perguntou Sir Edward educadamente.

— A fronteira é aquele rio ali. — Richard apontou com a faca. Falou num timbre magnânimo, mas era impossível saber o seu estado de espírito. — Por isso, estão a salvo nesta casa.

— Não pode afiançar isso — disse Roger. Estava a olhar

diretamente para mim. — Tendo em conta que uma delas foi hóspede nesta casa.

Vários olhares poderosos e inteligentes focaram-se em mim de imediato, e eu não consegui proferir palavra. A presença de Roger dominava a mesa e os homens desviaram o olhar de mim para o fitarem, incrédulos.

— Uma das acusadas é uma mulher chamada Alice Gray, que foi *parteira* da Senhora Fleetwood.

Disse a palavra num tom de desconfiança, o mesmo tom que utilizaria para afirmar que ela era uma sereia.

Sir James fez uma expressão de perplexidade.

— Que inusitado.

— De facto.

Roger não desviou o olhar da minha cara. Naquele momento, odiei-o não só a ele, mas também a Richard por o convidar, quando sabia da minha missão. As coisas seriam completamente diferentes se eles não estivessem ali. Eu poderia ter apresentado a defesa de Alice e, quiçá, fazer alguma diferença. Mas ali estávamos, todos juntos como uma família infeliz. Naquele instante, serviram o prato principal: um lúcio enorme delicadamente enroscado numa travessa do tamanho da roda de um coche. O meu olhar cruzou-se com o de Richard e os seus olhos eram ameaçadores, mas também transpareceram algo que me pareceu culpa. Talvez compreendesse agora as consequências do que fizera.

— Cavalheiros, antes de degustarmos o próximo prato, gostaria de dizer uma coisa, com a permissão do meu marido?

Olhei outra vez para Richard, que assentiu solene e rapidamente com a cabeça. Roger aclarou a voz, mas eu prossegui.

— A mulher que foi hóspede nesta casa foi a minha *parteira* e o seu nome é Alice Gray. Ela estará no julgamento de Lancaster, acusada de homicídio por bruxaria.

Roger fez uma tentativa de protesto, mas eu continuei. Tinha a voz aguda e nervosa, e rezei para não balbuciar.

— A Alice trabalhava para mim há alguns meses e é uma *parteira* excecional. É altamente qualificada e aprendeu o ofício com a falecida mãe.

Engoli em seco e olhei diretamente para cada um deles. Estavam todos a olhar para mim, arrebatados. Eu sabia que estava à beira de um precipício com um pé a balançar do lado do abismo.

— A Alice é muito generosa, obediente e bondosa. Há muito tempo, ela... Ela...

Balbuciei, e depois senti a coisa mais curiosa: vagas de incentivo a irradiar de algum sítio ali perto, como o calor de uma lareira. Inspirei e continuei.

— Há muito tempo, ela encontrou-se numa situação terrível que nenhuma mulher deveria ter a infelicidade de experienciar. Ela tem poucos familiares e amigos; a sua única amiga está sentada com ela nas masmorras em Lancaster. Eu espero que... — Pestanejei quando os olhos se encheram de lágrimas. Tinha um nó de emoção na garganta. — Espero que os senhores não a castiguem pela tragédia pela qual passou, pois ela sofreu incomensuravelmente.

Roger interrompeu-me, retesando-se na sua cadeira.

— Acho que já ouvimos quanto baste. Não estamos na barra do tribunal e o testemunho dessa mulher será ouvido no lugar e no momento oportunos.

Tinha a cara castanho-avermelhada e os olhos eram como pequenas esferas da malevolência.

Eu assenti com a cabeça e virei-me outra vez para os outros.

— Eu convidei estes cavalheiros para a minha casa e espero que não considerem uma impertinência eu falar com afeição sobre a minha parteira, que em breve conhecerão em circunstâncias diferentes. Os senhores sentem-se ofendidos?

Eles abanaram a cabeça, aturdidos, mas educados. O silêncio abateu-se sobre a mesa como um manto de pó.

— Cavalheiros, quando terminarmos a refeição, gostaria de vos mostrar a casa, se concordarem — disse Richard.

Ficaram todos satisfeitos com a mudança na atmosfera e o estado de espírito desanuviou-se quando Richard serviu o peixe e contou uma breve história sobre os tios. Apenas eu e Roger ficámos sentados como nuvens carregadas de chuva, questionando-nos qual rebentaria primeiro.



Alguns dias mais tarde, numa triste tarde chuvosa, eu estava deitada no meu confinamento silencioso quando Richard bateu à porta do quarto. Disse-me que os atores de Lorde Montague estavam na região e que viriam atuar na casa nessa noite. Geralmente, ficaríamos ambos entusiasmados, mas agora as coisas eram diferentes.

— Por que carga de água é que o James concordaria em recebê-los num momento como este? — perguntei, sentando-me na cama.

Richard suspirou.

— Eu pedi-lhe para os convidar há meses. Eles apenas anunciaram que vinham hoje de manhã.

Deixou-me e, penosamente, forcei-me a levantar-me para me vestir.

Algumas horas mais tarde, eu deveria ter ficado espantada ao ver Roger sentado no grande salão, os dedos entrelaçados, as mãos pousadas na grande barriga. Porém, quando entrei, *Puck* ao meu lado, o meu olhar foi atraído não para Katherine, lívida e de ar macilento à sua esquerda, mas sim para a mulher de cabelos escuros sentada à sua direita. Tinha os olhos baixados para o regaço, mas o rufo branco não a deixava baixar a cabeça e eu reconheci-a. Por detrás da mesa, ela tentara esconder a enorme barriga entre pregas de brocado e tafetá. Senti a cabeça a andar à roda.

— Minha senhora — disse Roger, cordialmente. — Permita-me que lhe apresente a Judith, filha do meu grande amigo Jeremiah Thorpe, de Bradford; não confundir com os Thorpes de Skipton, mas talvez sejam familiares distantes?

Seguiu-se um silêncio de assombro, quebrado instantes depois por passos no corredor. Richard assomou à outra porta. Demorou menos de um segundo para assimilar a cena que se desenrolava diante dele e ficou branco como a cal.

A pouca coragem que me restava — aquele fragmento de esperança que alojara no meu âmago e me trouxera até aqui — eclipsou-se, como um minúsculo objeto a ser puxado para um enorme e poderoso rio. Percebi-o assim que aconteceu e também percebi que desaparecera para sempre.

— Roger — conseguiu Richard dizer.

Mas não estava zangado; estava tão ofegante e espantado como se o amigo o tivesse esfaqueado.

Então, aconteceram várias coisas ao mesmo tempo: *Puck* começou a ladrar, incomodado pela terrível atmosfera na sala; James assomou à porta a anunciar os atores de Lorde Montague, que nós conseguíamos ouvir a reunir no vestíbulo; Richard recuperou a cor, um horrível roxo

como a beterraba; e Judith levantou a cabeça. Ao observá-la, todo o barulho no salão e na minha cabeça desapareceu. A sua cara em forma de coração tinha uma cor creme e as maçãs do rosto rechonchudas um tom rosáceo, delicado e quente. Os seus olhos escuros e líquidos olharam temerosos para Richard, mas também reconheci um sentimento de culpa, e respeito, e não o posso negar: amor.

O caos na sala voltou e eu pousei a mão na cabeça de *Puck*, o que o fez calar-se imediatamente. Gemeu uma vez e ficou quieto. Na soleira da porta, James hesitou, boquiaberto.

Richard caminhou a passos largos até onde Roger estava sentado à mesa, um espinho entre duas rosas trémulas.

— Roger, o que vem a ser isto? — bramiu. — Que *raio* lhe passou pela cabeça para fazer uma coisa destas?

Katherine estava com um ar choroso. Estava mais magra do que da última vez que a vira. Com uma distante pontada de culpa, pensei por breves instantes no preço que ela pagara ao desafiar Roger para me ajudar. Judith estava com um ar aterrorizado, as bonitas feições numa expressão de angústia.

— Responda-me antes que eu pegue naquela espada e o trespasse. Maldito seja, Roger, responda!

O olhar de Roger adejou inquieto até à enorme arma que reluzia por cima da lareira.

— Conforme sabe, Richard, a Judith é amiga da família e eu convidei-a a ficar uns tempos em Read Hall. Por isso, quando os homens do Lorde Montague anunciaram a sua chegada a Pendle e me convidaram para assistir a uma atuação privada em Read, fiquei a saber que também iriam atuar em Gawthorpe, pelo que, naturalmente, aproveitei a oportunidade para reunir as nossas famílias para a... ocasião.

Fez um gesto largo com a mão de forma a abarcar todos os presentes.

— Meu senhor?

James tentou timidamente desanuviar a tensão. A única pessoa que estava descontraída era Roger, tamborilando os dedos carregados de anéis. Por detrás dele, onde as vozes dos atores tinham zunido um minuto antes, fez-se silêncio enquanto aguardavam instruções.

Muito devagar e rígido, Richard virou-se para mim.

O seu semblante era uma máscara de mágoa, provavelmente igual à minha.

— Fleetwood, juntas-te a nós? — perguntou, a voz pastosa de emoção.

Com os olhos cheios de lágrimas, pestanejei e olhei para Judith, a mulher com quem eu partilhava um marido e agora uma casa. Ela voltara a baixar o olhar para as mãos, que estavam cruzadas sobre o

regaço. Eu funguei, disse que sim com a cabeça e sentei-me ao lado de Richard.

Enquanto serviram vinho, seis ou sete homens entraram para a galeria e fizeram a vénia.

— Boa noite, senhoras e senhores — disse um jovem bem parecido ao centro. Tinha a boca larga e uma voz cristalina e delicada. — Senhor e Senhora Shuttleworth: obrigado pelo convite para a vossa esplêndida casa. A peça desta noite é um favorito em todo o país, da autoria de um dos maiores dramaturgos vivos, e é com certeza uma das que *nós* mais gostamos. Uma tragédia de ambição, um labirinto de moralidade e o seu quê de magia transportam a nossa imaginação até aos recônditos mais obscuros da Escócia... o que deverá ser bastante fácil nestes climas. — Fez uma pausa à espera de risadinhas de reconhecimento, mas ninguém reagiu. — Senhoras e senhores: *Macbeth*, de William Shakespeare!

Com um movimento brusco dos capotes, os artistas saíram da galeria, à exceção de três, que tinham puxado os capotes por cima das cabeças e se sentaram formando um círculo. Eu estava vagamente atenta a tudo isto, mas a minha mente estava ocupada com uma espécie de apatia enevoada. Já assistira àquela peça.

*«Quando estaremos à mão com chuva, raio e trovão?
Depois de calma a baralha e vencida esta batalha.
Hoje mesmo, então, sem falha.»*

Enquanto os artistas entoavam, pelo canto do olho, percebi o vulto de Judith, sentada sem se mexer, muito direita, a cara virada para os atores, mas talvez também a olhar para a sala: para as jarras de porcelana nos armários, para os candelabros de parede, para os retratos — tudo coisas vulgares, mas sem dúvida de grande interesse para os seus olhos. Ela deveria estar a absorver todos os pormenores da casa de Richard para saborear e pensar mais tarde. A menos que, é claro, já aqui tivesse estado.

A chuva fustigou as janelas; mal se conseguia ouvir os atores e eles estavam a subir o timbre das vozes, soando quase histéricos.

«Graymalkin, não faltarei! Anon! São iguais o belo e o feio: andemos da névoa e meio.»

A chuva continuou a cair e a presença de Judith retumbava ruidosa como um sino. Eu conseguia senti-la a olhar de relance para mim, mas não desviei o olhar da galeria. Como deveríamos parecer amorfos, enfadonhos e aborrecidos. O tique-taque do relógio soava alto. Lembrei-me das escadas que conduziam às masmorras e da porta fechada nas trevas. Tique-taque, tique-taque.

Depois de calma a baralha e vencida esta batalha.

Uma criada doente. Um boneco de trapos numa cama, unida por cabelos a uma criança. Uma bacia de sangue, desaparecida. Um falcão chacinado. Uma camisa de noite no escuro, a pairar palidamente, cada vez mais perto.

— Parem! — gritei. — Por favor, parem.

Alarmado, Richard levantou-se de um pulo e bateu as palmas.

— Cavalheiros, as minhas desculpas, mas a minha mulher está doente.

Tive uma vaga noção da confusão e de pessoas a recolher objetos. Fiquei sentada a olhar para as mãos, que estavam geladas e cadavéricas. Não tardaria, era bem possível que eu estivesse morta, e Alice também, mas esta sala e estas pessoas persistiriam, o ano de 1612 tornar-se-ia uma memória distante. Serviriam vinho a Richard e à sua nova mulher, e Roger e Katherine brincariam com o seu filho de faces rosadas. Eu conseguia sentir a presença da outra criança na sala, a metros de mim, à espera de nascer, à espera de reclamar o seu lugar, e Judith o meu.

Até em vida, eu fora o fantasminha, e agora estava relegada à morte. Agarrei-me à barriga e pensei em desaparecer. Ela chegaria em breve, não duvidava, mas não seria suave, como a luz a extinguir-se do céu. Seria mais dolorosa, e assustadora, e solitária, sem uma mão fria na testa, sem olhos ambarinos a acalmar-me. Haveria um julgamento e Alice morreria, depois morreria eu, ambas mortas numa deflagração de desventura. Fechei os olhos e pensei no meu filho, em quanto desejava que vivêssemos. A minha vida terrena estava a chegar ao fim e o fim estava próximo.

CAPÍTULO 23



Era a véspera do início do inquérito judicial e quase todos os homens e mulheres do condado e dos condados vizinhos tinham vindo assistir ao fado das bruxas de Pendle. As ruas de Lancaster estavam apinhadas de cavalos, carroças, pessoas, cães, vacas, galinhas, crianças e todos os tipos de obstáculos que levaram o nosso cocheiro a blasfemar em voz alta reiteradamente atrás de mim e de Richard enquanto conduzia a caleche que transportava a nossa bagagem e *Puck*, já cansado da viagem. Mantive o olhar baixo enquanto passámos por cima do empedrado a cavalo para nos juntarmos à turba que subia a ladeira, sentindo um formigueiro na pele debaixo dos olhares. Apetecia-me desaparecer, mas com o tamanho da minha barriga dava tanto nas vistas como se me tivesse crescido uma barba. As ruas estreitas eram uma massa de roupas castanhas, chapéus brancos, chapéus pretos e plebe. Vi um menino pequeno de um ou dois anos tropeçar para a rua à minha frente e ser puxado para trás pela mãe antes de ser esmagado pelos enormes cascos do meu cavalo. Ela olhou-me nos olhos e creio que ficou espantada com a minha indiferença e atitude pouco maternal.

Eu e Richard tínhamos feito toda a viagem numa espécie de silêncio entorpecido, com *Puck* a caminhar ao nosso lado ou na caleche atrás de nós, a ganir de vez em quando. Foi um alívio quando Lancaster nos recebeu com o seu barulho e distrações.

A meio da tarde, estávamos a chegar ao pátio da Red Lion, uma estalagem modesta protegida por árvores, encaixada ao fundo de uma artéria estreita que levava até ao rio. Eu mal reparei no quarto que nos cederam no terceiro andar, mas estava limpo e bem mobilado, com tapeçarias nos armários e uma bonita cama de dossel. Quando largaram a minha mala com um baque, dei um pulo, e o carregador olhou para mim com curiosidade. Tonificado pela longa viagem aos solavancos, o bebé corcoveou e rebolou dentro de mim. Eu estava tão grande que agora as saias me ficavam a centímetros das pernas.

Trouxeram pão e leite para o cão, que ele comeu com gratidão antes de se deitar no tapete turco defronte da lareira. Eu não consegui repousar com tanta facilidade: estava com frio e trémula, e deitei-me na cama de lado, dobrando os joelhos até ficarem encostados à barriga.

Richard ficou à janela, os dedos entrelaçados atrás das costas. Desde o pavoroso jantar uma semana antes, eu praticamente não falara. Além disso, mal comera ou bebera. Andei para trás e para a frente na galeria comprida, caminhando de pernas abertas pela madeira encerada para equilibrar a enorme barriga. Ou então sentei-

me às diversas janelas, virada para o exterior, o bebé a mexer-se pelos dois. Dava para entender que Richard continuava com medo de eu o perder e apeteceu-me dizer-lhe que não tinha motivos para se preocupar tanto com coisas que estavam fora do nosso controlo, quando havia tanto que poderíamos ter feito e não fizéramos. Os pedidos que deveríamos ter feito; a ajuda que deveríamos ter oferecido. Eu não me atrevia a pensar que era tarde de mais, mas parte de mim sabia que era: para mim, para ela, para tudo.

— Como achas que vai correr? — perguntou Richard.

Eu fitei a parede.

— Não a podem considerar culpada — respondi. — As únicas testemunhas são eles mesmos. São como crianças a contar histórias.

— Já houve quem foi enforcado por muito menos. Achas mesmo que conhecem o Diabo?

Lembrei-me da Malkin Tower a despontar ao lado da charneca como um dedo a sair de um túmulo. O modo como o vento lá soprara; como era capaz de nos enlouquecer. Lembrei-me da casa de Alice, um buraco no teto; a humidade a escorrer pelas paredes; a criança que fora como uma filha para ela enterrada no chão duro e húmido. O que havia para eles nesta vida? Talvez conseguissem ver aquilo que queriam nas sombras lançadas pela fogueira à noite.

— Se o Diabo é pobreza, fome e amargura, então sim, acho que conhecem o Diabo.

Richard foi ao castelo saber quando se iniciaria o julgamento das bruxas. Eu passei o resto do dia toda vestida deitada na cama a olhar pela janela para as árvores, *Puck* deitado ao meu lado, a bater a cauda alegremente por o deixarem subir para a colcha. Mesmo com o vidro a separar-me da rua, não me passou despercebida a estranha atmosfera do lado de fora. Compreendi que era entusiasmo. As árvores estremeciam de entusiasmo e este ressaltava nas paredes e lajes do pátio como se fosse chuva. Estavam agora a chegar mais coches à estalagem e o pátio estava apinhado de gente com expressões radiosas de expectativa em amena cavaqueira. Mulheres com bebés ao colo agitavam-nos pacientemente; homens de pé, as pernas escarranchadas em cima do empedrado, um ar resoluto. Eu sabia que, se os conseguisse ouvir, escutaria uma centena de opiniões diferentes, todos com a razão do seu lado. Vizinhos a denunciar vizinhos – era o traço de humanidade mais fidedigno, e graças a isso a masmorra estava agora cheia de gente. Os rumores espalhavam-se mais depressa do que as doenças e podiam ser igualmente destrutivos.

Uma criada trouxe um tabuleiro com comida e pousou-o no aparador, fez uma vénia desajeitada e estremeceu ao ver o cão. Eu não olhei para o tabuleiro e muito menos lhe toquei. Tateei o papel que metera ao bolso na noite anterior – a minha alegação a defender a

inocência de Alice que tinha a esperança de ler em voz alta diante dos juízes. Uma versão mais eloquente do meu discurso à mesa de jantar que eu redigira pelo menos cinco vezes, o papel cheio de manchas de tinta e lágrimas. Se não me deixassem falar, tentaria que Richard me defendesse. Ele ainda não sabia disto porque eu não queria acreditar que ele fosse capaz de me recusar esta gentileza, embora nunca mais lhe pedisse coisa alguma. Não sabia se me deixariam ler a alegação no julgamento, não sabia de nenhum caso em que tinham deixado uma mulher insurgir-se e falar quando não estava no banco dos réus. A ideia de o fazer deixou-me as pernas a tremer como varas verdes, mas depois pensei no rosto de Alice, a pestanejar à luz depois de ser mantida na escuridão. Ela seria obrigada a estar no julgamento, mas eu tinha a escolha. Roger dissera que não haveria testemunhas, mas Bromley e Altham certamente não poderiam fazer vista grossa ao pedido cortês de um membro da fidalguia depois de jantarem na sua casa, ou poderiam? Eu esperaria até ao último minuto para pedir autorização a Richard para falar, porque eu própria não estava convencida de que as minhas palavras seriam o suficiente, e até estar, não o conseguiria convencer com convicção.

Consoante mais pessoas chegaram à estalagem, os corredores encheram-se de vozes e do som de botas a bater na pedra. Escutei vagamente por entre o ressonar de *Puck* enquanto mulheres cavaqueavam e ralhavam com os filhos, homens rugiam, malas eram arrastadas pelo chão e cães ladravam.

Eu estava a apertar o papel com tanta força que pensei que o poderia rasgar, pensando em como, há não muito tempo, segurara uma carta diferente – uma carta que anunciava a morte, enquanto esta poderia pressagiar a vida. Um barulho no corredor: muito mais perto. Uma voz de homem a aproximar-se; uma porta a abrir e a fechar.

De súbito, estava completamente desperta. Apoiei-me sobre os cotovelos, colocando a cabeça ao mesmo nível da barriga. Para variar, o bebé deveria estar a dormir. Fui até à janela e contemplei o céu; não tinha relógio. Onde estava Richard? Em breve seria de noite e, lá de baixo, chegavam os barulhos da cozinha onde estavam a preparar a ceia. No pátio, rolavam-se barris e o tráfego nas ruas diminuía. Eu tinha uma margem reduzida para tomar uma decisão: tinha de ser agora. Não precisava de mais do que isso.

Acordei *Puck*, que estava a dormir ao meu lado, e mandei-o descer para o chão, depois fui até junto de uma das malas. Agradecendo à Ponderação por me abençoar com a sua dádiva antes, tirei o embrulho comprido que enterrara no meio de várias camisas de noite. Depois, fui até ao aparador e escrevi um bilhete à pressa para Richard, dando por fim uma rápida olhadela ao quarto, certificando-me de que levava aquilo de que precisava. Seguida de perto pelo meu cão, dirigi-me

para os estábulos, o embrulho fino e discreto ao lado do corpo.



A casa de John Foulds ficava ao fundo de uma viela desagradavelmente húmida e fria em Colne. Quando lá cheguei era quase meia-noite e eu estava ofegante de fazer a viagem a cavalo pelos caminhos escuros, mas a Lua estava do meu lado: cheia e luminosa, brilhara todo o caminho desde Lancaster, iluminando o percurso do nosso fantasmagórico cortejo. Além disso, como *Puck* estava comigo, sentia-me segura; segurei-lhe a cabeça com uma mão e bati à porta da frente de John Foulds com a outra.

A rua estava em silêncio e não se viam luzes nas janelas. Eu batera a quatro portas onde vira o brilho amarelo de velas de sebo e a última moradora – uma mulher, a cara engelhada do cansaço – dissera-me espantada que John Foulds vivia na rua por detrás da rua do mercado, três portas a contar da direita.

Aqui, bati outra vez e *Puck* rosnou desde as profundezas da garganta. Olhei em redor e não consegui ver ninguém em qualquer um dos extremos da passagem, mas fiquei com a sensação de estar a ser observada. Estava demasiado escuro para ver nas sombras que exerciam pressão contra as casas. Estremeci e fixei o olhar na porta de madeira à minha frente, batendo agora com mais impaciência. Então, de súbito, fiquei com todos os pelos da nuca eriçados, e tive a certeza de estar alguém na viela. *Puck* começou logo a ladrar, tentando libertar-se do meu punho e dirigindo a sua agressividade para a nossa direita e, na penumbra, vi uma coisa baixa e esguia a esgueirar-se para trás da última casa. Bati furiosamente à porta e uma voz de homem respondeu-me aos gritos do outro lado até que dei de caras com John Foulds.

Tinha os cabelos castanhos desgrenhados caídos de ambos os lados da cara e estava com a roupa de cama, envergando uma camisa de algodão larga, desabotoada no pescoço. Era bem-parecido como eu me lembrava, mas os seus olhos tinham uma certa fealdade – uma frieza, quicá, que tinha impacto nas suas feições, como uma imperfeição num retrato. Porém, toda a sua arrogância desapareceu quando viu o que eu tinha apontado à barriga dele: o mosquete de Richard, que eu carregara no braço dorido debaixo do capote. E depois viu o cão e aí vislumbrei o medo, e até mesmo resignação.

Posicionou-se de maneira a ficar entre a porta e a parede e eu não consegui ver para dentro da pequena casa. Encostei-lhe o cano do mosquete ao peito e fiquei feliz por ser tão pesado, pois estava a tremer bastante.

— Deixa-me entrar? — disse eu.

— Vamos fazer um duelo? — atalhou, lacónico, o lábio arreganhado. *Puck* rosnou e ele olhou para o enorme cão com ansiedade, depois olhou para mim e abriu mais a porta. Eu entrei e *Puck* seguiu-me.

A minúscula casa tinha uma divisão no piso térreo e outra no andar de cima, à qual se acedia através de umas escadas estreitas encostadas à parede do fundo. John Foulds segurou a única vela de sebo que havia e, com o seu brilho, consegui vislumbrar alguns objetos disformes: duas cadeiras junto da lareira; um armário baixo com um pano por cima e tachos e painéis. John foi acender outra vela de sebo e inseriu-a num castiçal em cima do armário; os fumos gordurosos eram asfixiantes. Mas eu observei todos os seus movimentos porque não fazia ideia de como usar o mosquete de Richard.

— Quem é a senhora? — perguntou, segurando a vela de maneira a iluminar-me a cara.

— O senhor não me conhece — disse eu. — Mas temos um amigo em comum.

Ele fez um ruído que pareceu um riso forçado.

— Eu não diria que é um amigo.

— Quem?

— O Roger Nowell. Não é por causa dele que está aqui?

— Não.

Olhei fixamente para o rosto trémulo de John Foulds, parcialmente encoberto pelas trevas. Ele coçou o pescoço e olhou em redor com ar irascível. Se ele se mexesse de repente, conseguiria eu ser mais rápida?

— Ele deu-lhe dinheiro? — perguntei.

— E se deu?

Eu baixei o mosquete e ouvi os mecanismos tilintar no interior. O peso deixou-me extenuada. No preciso instante em que eu chegara a Colne, começara a cair uma chuva fraca e agora conseguia ouvi-la a cair com mais força, batendo na terra da rua. Os olhos de John Foulds cintilaram sob a luz da vela.

— Porque é que a Alice Gray vai ser julgada pelo homicídio da sua filha?

— Ela é uma bruxa — disse, apenas.

O pescoço dele era quente e tismado sob a luz da vela, a parte de cima do peito macia.

— Ela amava-o — disse eu, tentando manter a voz firme. — E amava a Ann.

— Quem é a senhora?

— Isso não importa.

— Quem é o seu marido?

— Isso não importa, mas hoje o senhor vai-me dar uma coisa. Não saio daqui sem um depoimento escrito seu a afirmar que a Alice Gray não matou a sua filha. — Ele olhou para mim como se eu fosse maluca. Depois, desatou a rir. Foi então que senti o cheiro de outra

coisa, encoberta pela gordura a gotejar das velas de sebo. Cerveja. Fermentação. Podridão. John Foulds continuava a ser um bêbedo.

— Se a Alice for enforcada, o senhor não terá motivos para rir. Porque haveria de querer ver uma mulher inocente morta?

— Inocente? Ela é uma puta — vociferou. — Além disso, não sei escrever. — Fiquei desapontada. Um depoimento assinado fora a minha única esperança. Trouxera papel, tinta e uma pena, que deixara no alforge do cavalo. Como fora ingénua ao presumir que ele sabia ler, escrever ou sequer assinar o seu nome, quando Alice não sabia. O mosquete era tão pesado que já me começavam a doer os braços, mas eu não lhe podia virar costas.

John Foulds deixara-me sem saída.

As escadas rangeram, fazendo-me dar um pulo, e alguém começou a descer. Uma camisa comprida e branca desceu desde o teto, depois assomou o resto de um corpo roliço e uma cara de mulher simples de touca, a boca a formar um pequeno «O» redondo ao assimilar a cena diante dela. Quando viu *Puck*, arregalou os olhos; ele poderia ser um lobo na luz difusa e com certeza parecia monstruoso naquela pequena divisão.

— John? — disse ela.

— Volta para a cama.

— Quem é esta?

— Já — bramiu.

A mulher virou-se com dificuldade na escada escura e estreita, segurando-se à parede com uma mão.

Antes de a cabeça dela desaparecer, eu disse:

— Espere. — Ela parou. — Que tipo de faca é que o John usa para afiar a pena?

Ela olhou para mim boquiaberta.

— Uma normal, menina.

— Era o que eu suspeitava. Tenho um cavalo amarrado lá fora. No alforge, encontrará uma pena, papel e tinta. Faz-me o favor de os ir buscar?

Ela olhou de repente para John e assentiu com a cabeça, mas não se mexeu.

— Imediatamente — ordenei, e ela desapareceu pela porta frente, saindo para a chuva. — Afinal sabe ler e escrever — disse eu para John. — É a sua mulher?

Ele mirou-me com um ódio perverso.

— Não.

— Quanto dinheiro é que o Roger lhe deu?

— Ninguém tem nada com isso.

— Tem quando a paz do reino está em causa. Quanto? — Ele mexeu a boca; as pálpebras baixaram. — O que prefere? Dinheiro ou

cerveja? Eu sou proprietária de uma cervejaria. Se fizer o que eu lhe peço, receberá um tonel todos os meses. — Ele arregalou os olhos. Agora, estava a ouvir. — Presumo que seja nisso que gasta o seu dinheiro. A menos que prefira brandy? Vinho? O que vai ser?

— Como sei que cumprirá o prometido?

Diminuí a pressão sobre a coleira de *Puck* e ele atirou-se para a frente tentando abocanhar com as suas mandíbulas poderosas. John Foulds deu um salto para trás e gemeu cobardemente. O que vira Alice neste homem fraco e egoísta?

A mulher regressou a caminhar pesadamente e entregou-me o que eu pedira, sem nunca desviar os olhos do cão. Assim que recebi os objetos, ela correu a subir a escada.

— Dizem que os cães farejam o medo — disse eu. — No seu lugar, tentaria escondê-lo. Porém, sei como é quando estamos apavorados. Eu tenho medo, John. Tenho medo de que a minha amiga seja enforcada por um crime que não cometeu. E não é só ela: a amiga *dela* também pode ser enforcada, por tentar salvar a vida da sua filha.

Olhei em redor para a triste divisão, com o seu pivete a gordura e cerveja, e o frio que emanava das paredes despidas, e estremeci. Aquilo não era sítio para uma criança. Talvez outrora tivesse sido alegre, quando a mulher de John era viva e tinham o seu bebé envolto em roupas lavadas, a porta da frente aberta para a rua, para os vizinhos poderem entrar e dizer como eles eram abençoados.

— E se eu não o fizer? — fungou. — Dá-me um tiro?

— Dou. A menos que prefira que o cão se ocupe de si? — Os seus olhos escuros passaram de um para o outro. Eu passei-lhe o papel e a pena, e meneei a cabeça. Ele suspirou e levou-os até ao armário baixo, debruçando-se para alisar o papel sob o charco de luz.

— O que escrevo?

— A verdade.

Eu fiquei a tremer e esperei enquanto ele rabiscava as suas palavras com uma caligrafia desleixada, quase ilegível. Ouvi o cavalo a exalar lá fora e a chuva a cair na rua. Sentia um aperto no peito de medo, e alívio, e pensei no longo caminho que teria de percorrer pela manhã. Esta noite, regressaria a Gawthorpe para dormir algumas horas, depois partiria para Lancaster antes da alvorada.

John Foulds entregou-me o seu testemunho e eu dei-lhe uma vista de olhos.

— Acrescente uma linha sobre a Katherine Hewitt — ordenei. — Ela está acusada do mesmo crime.

Ele revirou os olhos.

— Não vou escrever um livro.

— Fará o que for preciso. Acrescente uma linha.

— Pronto — disse ele. — Está bem assim?

— Não sei — respondi, pegando no papel, dobrando-o e metendo-o ao bolso. — É bom que esteja.

— O que quer dizer com isso?

— Se não estiver, poderei fazer-lhe outra visita e não espere que eu esteja com vontade de regatear. O julgamento começará de manhã, caso queira enfrentar as consequências do que fez como um homem. Boa noite.

Virei-me para me ir embora. Chovia a cântaros.

— Se aquela puta for enforcada, eu recebo a minha cerveja na mesma, não recebo?

Eu parei na soleira da porta e, sem me virar, soltei a coleira de *Puck*. John Foulds apenas teria visto um relâmpago cúprico e um lampejo de dentes quando o cão se atirou a ele e os cravou no seu braço. Aterrorizado, gritou estridentemente, depois praguejou, rebolando agarrado ao cotovelo. O sangue aflorou escuro nas roupas brancas encardidas. Eu chamei *Puck* baixinho e ele voltou para junto de mim. Virei-me para encarar o homem fraco, trémulo e cobarde que Alice amara.

— Sim, receberá a cerveja na mesma — disse eu. — Porque se o meu cão não o matar, a cerveja matará. E quanto mais devagar, melhor.

Uma hora mais tarde, percebi que estava perdida. Eu pretendia seguir para oeste ao longo do rio até Gawthorpe, mas estava a chover com tanta intensidade e a fazer tanto barulho que eu não conseguia ouvir a água e muito menos vê-la na escuridão. Só via árvores e lama, e as nuvens a deslizar à frente da Lua, tornando-o impossível.

Estava encharcada. O cavalo também estava encharcado e a arrastar-se penosamente, parando aqui e além como forma de protesto. *Puck* caminhava pesadamente ao nosso lado, exausto como eu, o pelo ensopado de um castanho-escuro. Senti a barriga mais pesada do que nunca e o coração a bater freneticamente apesar da velocidade lenta. Virei à esquerda e à direita, depois à esquerda outra vez, na esperança de encontrar os caminhos amplos que interligavam as cidades. Só pensava nas duas folhas que levava nas saias: o meu testemunho e o de John Foulds. Se ficassem molhadas, de nada serviriam. Sentia alguma coisa alojada na barriga, e pensei ser o desalento, mas não me renderia. Não choraria; encontraria o caminho para casa, nem que demorasse a noite toda. No dia seguinte, iria a Lancaster, daria o meu testemunho no julgamento, ouvindo a própria voz a ecoar pelo salão, pronunciando a inocência de Alice, e todos ouviriam, e os seus grilhões tilintariam ao cair ao chão, e seria livre.

Seguia inclinada para a frente, sobre a barriga, avançando a passo de caracol pelo meio da floresta, rodeada de troncos de árvores altos e

escuros por todos os lados, e a chuva a escorrer-me pela nuca, e foi então que O Pesadelo começou.

O cavalo parou de repente, como que assustado, e foi quando ouvi o grunhido. Era baixo, mas audível, mesmo debaixo da chuva. Um medo frio inundou-me da cabeça aos pés e senti uma vertigem. Fechei os olhos e abri-os outra vez, não fosse estar a sonhar, mas aquele barulho: eu conhecia-o, ouvira-o muitas vezes ao longo da vida, mas sempre durante o sono. Agora estava acordada e sozinha na floresta. *Puck* ladrrou e ouvi um guincho baixo, e outro ruído de mastigar e grunhir, e percebi que as feras estavam mais perto, mas não conseguia ver coisa alguma. Espetei os calcanhares no cavalo e gritei para avançar, mas este cambaleou, aterrorizado, e depois senti que embateu em alguma coisa, e relinchou, e empinou sobre as patas de trás – e eu comecei a escorregar.

Gritei e o cavalo corcoveou, fazendo-me desequilibrar para o lado com um solavanco. O mosquete encharcado que segurara na mão caiu ao chão com estardalhaço e eu gritei, procurando desesperadamente as rédeas, mas encontrando apenas a crina e o pescoço molhados. O cavalo empinou outra vez e eu desengatei os pés dos estribos, não fosse ser arrastada por quilómetros, mas então estava a cair nas trevas. O mundo ficou virado ao contrário e houve um momento, um momento manifesto e puro de queda livre, em que a minha mente se esvaziou e eu voei – não, caí – até que colidi com o chão, aterrando de lado, a barriga a embater na lama.

Fiquei deitada com uma face encostada ao chão e perto de mim *Puck* estava a ladrar furiosamente, e o som dos cascos foi diminuindo consoante o cavalo se afastou a galope, e a chuva continuou a cair. Não me consegui mexer, mas consegui ouvir, e pus-me à escuta dos grunhidos que, sabia, viriam. E depois ouvi. Era mais do que um – um javali a aproximar-se algures nas minhas costas, e um pela frente, e *Puck* estava por perto, a debater-se, a rosnar e a abocanhar, e houve uma explosão de guinchos, e eu não fazia ideia de quantos eram, nem se *Puck* sobreviveria às suas presas de marfim.

Fechei os olhos porque sabia que chegariam até mim – chegavam sempre. O que eu não sabia era o que acontecia depois disso. E enquanto *Puck* lutava com um ou dois ou três, senti um empurrão estranho na perna, depois ouvi um grunhido, ganancioso, com um hálito quente e os dentes cheios de sangue. Eu estava molhada, com chuva ou sangue ou o meu próprio mijo, e tinha as pernas molhadas debaixo das saias, e foi quando a dor começou.

Talvez uma presa me tenha perfurado a barriga, porque foi imediato e explosivo, um golpe forte e estrondoso, e o coração bateu com força no peito, e não me consegui mexer. Só que então, com a mesma rapidez, fiquei vazia, o corpo a zunir com o choque da sua

súbita ausência. E depois veio outra vez, e alguma coisa estava a encostar o focinho ao meu pescoço, à minha cara, uma coisa peluda e macia – seria *Puck*? Outra coisa? E fechei os olhos, e a dor veio outra vez, mais intensa, cravando-se mesmo no meu corpo, na minha coluna vertebral, e não me consegui mexer, com agonia ou terror não sabia, mas isso deixara-me cega.

Estava a sonhar, só podia estar – levara uma pancada na cabeça ou então estava a dormir. Estava em casa, em Gawthorpe, na minha cama, e a janela estava cravejada de estrelas. Não, estava deitada no chão da floresta, debaixo da chuva, a quilómetros de casa, a quilómetros de qualquer sítio, e estava sozinha, e ia morrer.

A sua vida terrena terá um fim.

Estava assustada de mais para gritar, mas era um medo diferente do que sentia no meu pesadelo. Agora havia conhecimento, e compreensão, mas ainda assim um medo terrível, e não sabia o que era pior: o medo ou a compreensão de que chegara a hora.

O meu cão. Onde estava? Outrora, salvara-o de uma vida de violência e infelicidade, e amava-o. Abri os olhos para o procurar e lobriguei uma faixa cúprica, intensa como uma labareda diante dos meus olhos. Fechei-os outra vez. Sabia que *Puck* estava perto, a lutar para me defender, aquele enorme animal que andava sempre comigo e eu afagava e beijava, e a quem contava segredos, que era capaz de matar um touro, mas não fazia mal a uma mosca.

O meu bebé, que eu nunca iria conhecer, e que nunca me conheceria, mas que nos conhecíamos, e isso bastava. A agonia queimou-me como um ferrete, fazendo-me dobrar sobre mim mesma, e rezei para o meu filho não sentir, e não tive medo.

A sua vida terrena terá um fim.

Os sons pareceram esvanecer, mas eu estava colada ao chão, ainda colada a esta vida sob enormes vagas ondulantes de agonia. Era como se estivesse debaixo da roda de um coche a andar para trás e para a frente, para trás e para a frente.

A chuva era agora suave, como Richard a beijar-me o ombro.

Os papéis que tinha no bolso iriam ficar molhados.

Alice. Eu tinha de salvar Alice.

Abri os olhos, mas estava tudo escuro como se os tivesse fechados. Fechei-os para combater a dor e fiquei à espera da chegada das verdadeiras trevas.

— Minha senhora?

Os pássaros estavam a chilrear. O seu canto era alegre. Uns braços levantaram-me quando outra pontada de dor me percorreu o corpo.

— Meu Deus, olha para ela.

— Está morta?

As vozes pareciam assustadas e eu não tinha vontade alguma de abrir os olhos e ver de quem estavam a falar.

— Está a sangrar?

Alguém estava a levantar-me, mas eu era pesada, o vestido ensofado da chuva. Mais dor, de mais para proferir um som, e frio — tanto frio.

— Ela está a tremer.

— Depressa, vamos depressa, homem!

Depois, estava em andamento, com um ritmo regular, como um bebé a ser embalado num berço, e consegui ver folhas verdes e ramos escuros a balançar por cima de mim, e ouvir o vento a deslizar pelo arvoredo. Eu gostava dos bosques, sentia-me segura aqui, e devo ter adormecido de repente porque, de súbito, estava a ser levada escadas acima, deitada à frente de um peito poderoso, como uma oferenda. Uns braços fortes seguraram-me, e subimos, e eu interroguei-me se seria Deus a carregar-me para o Paraíso. Depois estava no meu quarto, a ser deitada na cama, e cobriram-me com a colcha, e todos os cortinados foram abertos, e havia pessoas de pé à volta da cama, mas eu não tive tempo de ver quem eram porque estava a sentir outra vaga de dor, que me trouxe de volta à realidade, porque embora estivesse acordada, sentia que estava a sonhar. E foi então que percebi onde estava e o que me estava a acontecer.

O bebé estava a nascer.

Gritei e tentei sentar-me, percebendo que, em determinado momento, me tinham despido o vestido, o casaco e a verdugada, e que estava deitada apenas com a camisa, a qual estava manchada de vermelho desde a cintura até aos tornozelos.

— Não — murmurei. — Não, não, não. Richard! Alice! Onde está o Richard?

— Já mandámos chamar o senhor — disse uma voz tímida ao meu lado. Vi um dos aprendizes da herdade inexplicavelmente ao lado da minha cama.

— Os javalis — disse eu. — Preciso da Alice. Mandem buscar a Alice. — Aterrorizado, o rapaz contorceu o chapéu nas mãos.

— George, vai lá para fora esperar pela parteira — disse outra voz.

Era James, o mordomo, que estava de pé ao fundo da minha cama. Estava pálido.

— Parteira? — indaguei, ciente de que outra vaga de dor não tardaria a exaurir-me. — A Alice não vem? Apenas ela me pode valer. Onde está ela?

Foi então que me lembrei. Eu saíra de Lancaster para ir ver John Foulds e obter o seu depoimento, porque o julgamento era hoje, e Alice estava lá, e eu estava aqui, a sangrar, e isso só queria dizer uma

coisa. A minha vida terrena estava a chegar ao fim, tal como a dela. Irrompeu de algures do meu ventre um gemido tonitruante que me saiu pela boca.

— Alice! Tenho de ir ao julgamento em Lancaster. É tarde de mais?

— O patrão vem a caminho, minha senhora, está quase a chegar, e um médico também. E uma parteira.

Os olhos escuros de James cintilavam de terror.

— Onde está o meu vestido? Tragam-me o meu vestido.

Alguém – não James – trouxe-me o vestido de onde este deveria ter estado amarfanhado no chão, molhado, com terra, sangue e chuva.

— O bolso, abra o bolso.

Eu não o consegui fazer; estava com umas dores terríveis, apoiada sobre os cotovelos, tentando não olhar para o sangue que me cobria a camisa e os lençóis, fazendo um esforço para não chorar. Mas estava aterrorizada, e ninguém sabia o que fazer, muito menos eu, e se ia morrer nesta cama, pelo menos queria segurar a mão do meu marido durante o processo, porque o amava, e lhe perdoava por tudo, e esperava que ele também me perdoasse. Uma mulher – uma criada da cozinha – estava a retirar fragmentos de papel do irremediável vestido, eu arranquei-lhos da mão e gritei de alívio, pois estavam secos, protegidos pelo forro.

E depois estava a ser atropelada, uma e outra vez, por uma enorme roda de agonia, até que passou, e alguém se abeirou de mim e disse para eu dormir, e lavou-me a cabeça com um pano, mas não era Alice, e não era a mesma coisa.

— A Alice está inocente. Eu vi o John Foulds — murmurei, e a voz disse:

— Chiu, eu sei, seu sei.

Então, se calhar dormi, porque do que me lembro a seguir, estava acordada, outra vez em pânico. Depois Richard estava no quarto, enchendo-o com o seu poder dinâmico e autoridade, como se o próprio rei tivesse entrado no meu quarto.

Debruçou-se sobre mim, tomando-me as mãos. Tinha a cara molhada.

— Fantasmilha, o que foste fazer?

Eu estava vagamente ciente da presença de outra mulher com ele, uma presença sólida e ampla, com a pele rosácea, e, horrorizada, pensei que era a Menina Fawnbrake. Porém, Richard disse-me que era uma parteira de Clitheroe e que ela iria...

Mas eu não estava a ouvir, porque, agora que ele estava aqui, estava a acontecer uma coisa estranha, como se eu estivesse a afundar-me no sono. Mas eu tinha uma coisa para lhe entregar – tateei à procura dos papéis e meti-lhos nas mãos.

— Richard, tens de ir já, tens de ler estes depoimentos no julgamento.

Tinha a boca muito seca e a voz fraca.

— O que é isto?

— Richard, *por favor*, escuta-me. Estes depoimentos podem servir para libertar a Alice. — Outra pontada de dor cravou-se em mim como um ferro em brasa. — Tens de ir lá e insistir para que os leiam ou então lê-os tu. É o meu depoimento e o do John Foulds.

Tinha a cabeça a andar à roda e a visão turva.

A sua vida terrena terá um fim.

— É claro que não, Fleetwood, vou ficar aqui, contigo.

— *Tu tens de fazer isto!* — Só me faltou gritar. — Tira-a dali, Richard. Tira-a dali! Apenas *ela* me pode salvar, apenas *ela*!

— Basta!

Agora, a sua voz era como a voz de Deus, a pairar numa escuridão cavernosa, porque eu estava a flutuar para longe dele, para longe do meu quarto, para longe de tudo. Pensei que conhecia a dor, mas aparentemente eu apenas conhecera a melhor parte, e a pior ainda estava para vir.

Era como se me espetassem punhais, como se labaredas me envolvessem, correntes me prendessem quando me tentava levantar, mas não conseguia. Os meus braços e pernas: cheios de água. O meu corpo: cortado ao meio, fatiado desde o couro cabeludo. Cada partícula do meu corpo gritava, menos a minha boca, porque quando a abri não saiu nada. Água, eu precisava de água. Água para extinguir as chamas que me queimavam a coluna vertebral. Eu estava em chamas. Estava a morrer, estava morta, e devia estar no Inferno. Consegui sentir um líquido a escorrer-me pelo meio das pernas, depois as trevas cingiram-me outra vez, envolvendo-me misericordiosamente no seu manto espesso e negro.

— Fleetwood.

— Fleetwood.

— Fleetwood.

A voz transparecia amor, e mágoa, e tremulava com essas duas emoções. Uma voz de mulher, ou seria de homem? A dor – eu *era* dor, a dor não era separada de mim, não era uma coisa que me estava a acontecer. As trevas vieram outra vez e eu fiquei grata por isso.

Uma faixa de pelo roçou o meu braço. Eu sabia que era uma raposa mesmo antes de abrir os olhos. Estava no chão ao lado da minha cama, a fitar-me com uns grandes olhos ambarinos. Parecia desesperada por me dizer alguma coisa.

Eu ri e disse:

— O que foi?

E então aconteceu a coisa mais inusitada. A raposa abriu a boca e

falou, e era uma fêmea, e aquilo que disse foi:

— *Honni soit qui mal y pense.*

Maldito seja quem nisto vê malícia.

As trevas persistiram por tanto tempo, que eu já nem me lembrava de como era a luz. Mas depois vi a luz de velas, pontilhando a minha visão como pérolas num vestido de veludo preto. Uma mão fresca a pousar na minha testa arrancou-me da penumbra. Era uma mão de luz, mas a escuridão continuava a puxar-me pelos pés e pelos braços.

Não, eu quero ficar na luz.

Tentei afastar as trevas, concentrando-me na mão pequena e fria – ou seria um pano? – sobre a minha cabeça que estava a prender-me ao quarto enquanto um mar tormentoso e negro grassava com violência dentro de mim.

— Força — disse uma voz. — Tens de fazer força.

Uma touca branca. Uma trança de cabelos dourados a espreitar por debaixo.

Era a rapariga da floresta com o saco de coelhos.

Como é que se chamava?

Uma vaga de dor desabou sobre mim e, para acabar com ela, tive de a empurrar para fora do meu corpo.

— Força!

Alguna coisa derramou e seguiu-se um esguicho como um barril de peixes a tombar. A vaga estava a vir outra vez, avolumando-se devagar, depois a desabar, e eu fiz força, mais força, mais força, até pensar que iria rebentar.

— Quando vier outra vez, faz força!

Oh, tinha de vir outra vez? Sim, estava a vir e, desta vez, eu estava à espera, preparada contra ela como se fosse combater alguma divindade ancestral. Ouviu-se um grito horrível, um gemido de agonia, e eu desejei que, fosse quem fosse, parasse, mas então reparei que a *minha* boca estava aberta e os *meus* pulmões estavam a esvaziar, e soube-me bem, como se estivesse a espremer-me, porque era mais ruidoso do que a dor.

E consoante o meu grito esmoreceu, outro começou a ganhar força, mas este era mais delicado e irrompeu em curtas rajadas e não numa grande e longa nota. O rebentar das vagas parara e chegava agora num pequeno marulhar. Aquele barulho esquisito outra vez, quase como um cordeiro ou um gatinho. De súbito, senti-me mais cansada do que alguma vez sentira em toda a vida. Queria dormir e, apesar de ter os membros pesados como o chumbo, o meu coração batia furioso, *pum, pum, pum*.

Mas estava gente no quarto e, embora eu quisesse dormir, estava a fazer barulho. Escutei a palavra «sangue» repetidas vezes e as pessoas

pareciam em pânico. Será que nunca tinham visto sangue?

Dormir – eu precisava de dormir.

— Fleetwood, fica comigo. Fleetwood, fica aqui. — Para onde é que eu havia de ir? Estava cansada de mais para me mexer. As trevas que me tinham puxado antes tinham agora agarrado a minha mão e estavam prontas para me levar consigo. Ah, era a isso que se referiam. Não ir com elas.

Não posso ir, disse eu. Tenho de ficar.

Outro puxão, mais insistente desta vez e, com ele, eu soube que seria sossegado lá, tranquilo e seguro. Eu já estava deitada – seria tão fácil render-me às trevas quentes e espessas.

— Fleetwood, bebe isto.

Esperem um pouco, tenho de beber uma coisa.

Uma bebida calhava bem. Com dificuldade, pois elas eram fortes, libertei-me das suas garras sedosas e senti um copo nos lábios, e uma coisa morna e doce na boca. Depois, o líquido deu lugar a uma coisa dura e terrosa, e mandaram-me mastigar.

Quando recuperei os sentidos, o quarto estava misericordiosamente em silêncio e banhado de luz do dia. Um só pássaro chilreava do lado de fora da janela e o lume ardia alegremente, enchendo o quarto do aroma a madeira queimada. Estava uma mulher debruçada por cima do lume, as costas viradas para mim, a mexer uma caçarola, e o meu quarto estava inundado pelo odor cítrico de ervas. Ainda sentia ecos da dor no corpo e todo o meu ser queria dormir. Observei-a e vislumbrei a curva cremosa do seu pescoço, e a forma endiabrada como o seu cabelo se recusava a assentar aprumadamente debaixo da touca. Ela levantou-se, foi ver alguma coisa aos pés da cama e fez um som delicado.

— Alice — sussurrei, e não sei se ela me ouviu, mas levantou a cabeça e eu vi que estava a chorar.

Abeirou-se de mim e ajoelhou-se ao lado da cama. Tentei sentar-me, mas ela pousou uma mão firme no meu braço. Entreolhámo-nos durante imenso tempo e eu queria fazer-lhe perguntas, mas o esforço de falar não compensaria as respostas porque, por agora, as respostas não importavam.

— Casca de salgueiro — disse ela.

Percebi que ainda tinha na boca a madeira amarga e talvez estivesse a ajudar, pois tinha a mente mais desanuviada e o coração já não andava a galope. Queria enxugar-lhe as lágrimas, porque estavam agora a escorrer-lhe desenfreadamente pela cara.

— É melhor dormires.

Mexeu-se para se levantar, as saias a roçar.

Obediente como uma criança, fechei os olhos. Ouvi outro roçar, o cheiro reconfortante da lavanda, senti os lábios dela na testa, muito

ao de leve, e a respiração dela na cara.

Quando procurei outra vez as trevas, não estavam lá.

QUARTA PARTE



Amigos generosos; há que os reconhecer e manter
Lema da família Shuttleworth



Richard Lawrence Shuttleworth nasceu pouco antes do romper da aurora do vigésimo dia do mês de agosto de 1612, o mesmo dia em que dez bruxas foram ao cadafalso no morro sobranceiro a Lancaster.

Alice Gray não foi uma delas.

Apenas porque *Puck* foi a correr desde aquela floresta viçosa até Gawthorpe, que na realidade ficava apenas a cerca de um quilómetro e meio, é que nós os três – Alice, o meu filho e eu – sobrevivemos. O seu ladrar à porta da adega acordara os criados, que acordaram James, que acordou alguns aprendizes, e o meu cão conduziu uma procissão de homens com tochas pelo meio das árvores até ao sítio onde eu jazia na lama, tendo chegado à minha beira quando alvorecia no primeiro dia dos julgamentos das bruxas. Um dos homens – o melhor cavaleiro montado no cavalo mais veloz – percorrera mais de sessenta e quatro quilómetros até à Red Lion em Lancaster para chamar Richard, que estava agitadíssimo por não saber onde eu estava, tendo batido a todas as portas da cidade a perguntar se alguém vira uma mulher de baixa estatura com uma grande barriga e um enorme cão. Eu apenas deixara um bilhete a dizer que estaria de volta antes do início do julgamento. Ele chegara mesmo a ir a casa de Thomas Covell, o guardião do castelo, mas as palavras morreram-lhe na boca ao perceber que Roger poderia estar sentado no salão com o ouvido encostado à porta, pelo que balbuciara uma desculpa e lhe virara costas.

Quando o seu homem de Gawthorpe chegara antes do pequeno-almoço, disse que ouvira os cascos no empedrado por debaixo da sua janela e soubera que seria uma mensagem sobre mim. Não perdera tempo e regressara a casa sem fazer qualquer paragem, viajando como uma flecha levada pelo vento. Disse-me como o céu estava da cor do pêssego e azul, e como jurara a si mesmo que, se eu sobrevivesse, mandaria fazer um vestido para mim com todas as belíssimas cores que vira naquela manhã. Disse que fizera todo o tipo de juras a si mesmo – se eu sobrevivesse, renovaria a casa da minha mãe, desde a cave até às empenas, com estuque novo e tinta e tapetes e mais livros do que ela conseguiria ler em toda a vida. Se eu sobrevivesse, nunca mais dormiria sozinha na nossa cama, se era isso que eu queria.

Os criados também tinham mandado chamar a irmã da cozinheira, que era parteira e estava a dormir na sua casa em Clitheroe. Quando Richard chegara, ofegante e luzidio da transpiração, ela dissera-lhe sem rodeios que não tinha muitas esperanças, e que o Senhor parecia estar preparado para levar o meu filho e a mim para a próxima vida. E Richard ficara lívido de fúria, despedira-a e pedira aos criados para

arranjarem outra pessoa. Quando ela saíra de nariz empinado, passara-lhe para a mão os documentos que tinham estado nas minhas saias e que estavam esquecidos no chão, pisados por tantos pés de pessoas que entravam e saíam.

Fora então que Richard decidira que a única pessoa que me poderia salvar estava agrilhoada no castelo. Assim, sem mudar a roupa de viagem ou até mesmo parar para comer, regressara a Lancaster, ciente de que poderia nunca mais me ver viva. Deixara o cavalo ao portão, ambos extenuados, irrompera pelo castelo e exigira que os juízes de Sua Majestade o autorizassem a ler dois depoimentos relacionados com o julgamento de Alice Gray, que já começara.

Mal se dera conta da vaga de assombro na galeria ou da expressão ameaçadora de Roger no seu lugar à beira dos juízes, ou do teto alto e majestoso e dos bancos reluzentes, ou dos jurados. Tudo o que lhe importava eram os papéis que tinha na mão e o coração a palpitar no peito, e a deplorável cara de Alice no seu lugar com as outras prisioneiras, com correntes a prender-lhes os pulsos e os tornozelos.

Lorde Bromley concedera-lhe o pedido e Roger quase explodira de fúria, levantando-se para protestar, mas a lei prevalecera e Richard virara-se para Alice no banco dos réus e lera as minhas palavras, ainda que com a mão trémula e a voz embargada. Depois, lera as palavras de John Foulds, embora tenha tido ainda mais dificuldade, porque a caligrafia do homem era terrível.

Quando os jurados foram deliberar, Richard tivera de aguardar na galeria, encharcado e exausto de percorrer quase cento e trinta quilómetros em menos de um dia. Quando regressaram, perscrutara os semblantes de todos e, quando alguns cavalheiros o olharam nos olhos – pois agora percebia que já jogara às cartas com dois deles –, não percebera o significado e pensara que sucumbiria à agonia da espera. Quando o presidente dos jurados proferira o veredicto «inocente», ele vira Alice cair ao chão como uma pedra a alguns metros dele.

— E depois o que aconteceu? Diz-me outra vez.

— O público arquejou. Eu agradei aos jurados e depois desmaiei.

Eu ri e bati palmas. Estava sentada na cama, envergando uma camisa de noite branca lavada, debaixo da roupa da cama acabada de fazer – a roupa anterior fora queimada juntamente com outro colchão. Tinha o pequeno Richard nos braços e, apesar de pequeno, era perfeito aos meus olhos. Tinha fios de cabelo preto, finos como seda, e uma boca de cereja, e maçãs do rosto redondas como maçãs. Da primeira vez que o amamentei, quando tive tempo suficiente para analisar com atenção cada bocadinho adorável dele, reparei numa coisa no seu braço, e estava para chamar a ama quando percebi o que era.

Na dobra do seu cotovelo pequenino, havia um sinal de nascença

castanho, mais pequeno do que uma unha do dedo, com a forma de uma lua crescente. Era igual à cicatriz que eu tinha no mesmo sítio, onde Alice me extraíra sangue. Na manhã seguinte, fui ver se ainda lá estava, e estava, uma parte integrante dele, tanto como os seus dedos das mãos e dos pés, e puxei a sua pequena manga para baixo e sorri comigo mesma.

— E depois?

Sorvi o leite quente, condimentado com ervas medicinais.

— Bem, depois tivemos de esperar pelo resto dos veredictos — disse Richard.

Sem entusiasmo, agitou o guizo que comprara há tantos meses. Nem tudo eram boas notícias.

Richard não conseguira decifrar a última frase de John Foulds, rabiscada pela mão trémula de um bêbedo sob aquela luz deplorável, que absolvía Katherine Hewitt de toda a culpa. A pobre mulher, amiga de Alice e da mãe, fora considerada culpada e enforcada. Richard disse-me como, depois de fazer a defesa de Alice, a acusação de Katherine fora a seguinte, e Roger se tornara implacável para levar a sua avante. Intimidara os jurados, brandira os punhos e cuspira-se todo ao apresentar o argumento, uma e outra vez, de como aquela mulher, também conhecida por Mould-heels, que assistira a tantos partos e ajudara tantas mulheres a serem mães, matara uma criança sem outro motivo a não ser uma ordem do Diabo.

Fora de mais para Alice, e Richard disse que ela chorara com mais tristeza do que se aquele veredicto fosse o seu. Depois de a libertarem das correntes, saíra do castelo sem olhar para trás, chorando todo o caminho até Gawthorpe, agarrada a Richard com tanta força que lhe rasgara o casaco. Estava livre, mas a sua liberdade tivera um preço terrível.

Entre as bruxas de Pendle que foram enforcadas nesse dia figuraram Elizabeth Device, a sua filha Alizon e o filho James, deixando Jennet sozinha nesta vida. Outros sete pereceram com eles. Todos estiveram presentes na Malkin Tower. Alice foi a única do grupo a ser libertada. Uma mulher fora considerada culpada e condenada a quatro dias no cepo e a um ano de prisão. Chamava-se Margaret Pearson, cuja criada vira um sapo a sair da lareira. Não estivera presente na Malkin Tower, pelo que Roger não se interessou muito pelo seu destino nem se deu a muito trabalho para a ver no cadafalso.

Richard disse-me que, na exposição final de Bromley a Alice, ele a instigou a renunciar ao Diabo. Isso seria fácil pois, assim que saiu daquela sala, ela livrou-se dele.

— Está aqui uma pessoa para te ver — disse Richard alguns dias mais

tarde. — Queres que a mande subir?

— Quem é? — A esperança floresceu no meu peito. Richard sorriu.

— Terás de esperar para ver. — A paternidade assentava-lhe bem; ele estava enfeitiçado pelo filho.

Ele poderia ter outro filho ou uma filha algures, mas eu afastei a ideia da cabeça.

— Eu desço — respondi. — Ainda não fui lá abaixo e começo a esquecer-me de como aquilo é. Richard? — acrescentei antes de perder a coragem. Ele parou na soleira da porta, uma mão pousada no puxador. — Desculpa, mas vou ter de te comprar um mosquete novo. — Ele fez um ar espantado. — Levei o teu e... Na noite em que regressei aqui. Perdi-o na floresta.

— Tu levaste o meu mosquete?

Pareceu mais divertido do que zangado.

— Levei. Não tencionava usá-lo, nem saberia como. Isso não importa. Além disso, ficou todo molhado, por isso estraguei-o.

Ele sorriu.

— A senhora espanta-me todos os dias, Senhora Shuttleworth.

— Richard... Outra coisa. Quero fazer-te uma pergunta.

Passei o bebé adormecido ao pai, desci da cama e fui até ao armário na esquina do quarto.

Tirei de lá a carta do médico, que estava agora rasgada e frágil como um farrapo velho. Segurei-a com o punho fechado e olhei pela janela para Pendle Hill. Depois passei-a a Richard.

— Porque não me disseste disto?

Ele franziu o cenho e pegou na carta com a mão que não estava a segurar o bebé. Observei os seus olhos a lê-la, até que ele compreendeu e olhou-me de cenho carregado.

— Onde encontraste isto?

— O James entregou-ma há meses.

— Não era suposto veres isto.

— Pensaste que eu não quereria saber que a minha própria vida...

— Não era suposto vê-la porque não é para ti.

Fiquei em silêncio.

— Como assim?

Richard suspirou.

— Esta carta refere-se à Judith.

— À *Judith*?

Richard deu uma palmadinha na cama ao lado dele e eu sentei-me. Meses de agitação zuniram na minha cabeça e fiz um esforço descomunal para ouvir.

— Este médico não te veio ver; ele é de Preston. Levei-o a ver a Judith em Barton quando ela perdeu... ela perdeu o primeiro filho.

Depois disso, tentei manter-me afastado, mas... Fui ter com ela outra vez e ela voltou a engravidar.

Fechei os olhos para absorver as palavras dele.

— Mas diz aqui que é a tua mulher.

Richard baixou a cabeça e, muito baixinho, disse:

— Eu tive de lhe dizer que era.

A tinta preta do livro-razão saltou-me à mente: *Sr. William Anderton deve trazer certidão de casamento de York.*

— Porque mandaste trazer uma certidão de casamento? — Richard franziu o cenho.

— Isso foi para a sobrinha do James. Ela casou o mês passado. Agora, não há mais segredos, juro.

Eu fiquei sentada em silêncio, tentando compreender as palavras dele.

— Porque a procuraste? — sussurrei.

Richard pareceu ponderar na resposta durante algum tempo e eu pousei a mão na dele. Os seus anéis reluziram e ele falou quase num murmúrio.

— Eu vi como tu ficaste quando os bebés morreram. Vi como isso te deixou doente. Tive medo de te magoar outra vez.

Mesmo então, depois de tudo pelo que eu passara, não o consegui odiar.

— E agora que temos um filho, eu não podia estar mais feliz. — Segurando o bebé com um braço, ele pegou outra vez no guizo e sorriu a olhar para ele. Eu observei-os com tristeza, ao mesmo tempo alegre e miserável. Era demasiado para assimilar. — Não te esqueças do convidado que está lá em baixo. Vou-te deixar vestir.

Deu um beijo na cabeça do bebé e saiu sem fazer barulho. Eu levantei-me e dobrei o cabelo de forma a caber dentro de uma touca. Deixara de me cair e estava agora forte e grosso como uma corda. Enfie um vestido sem mangas por cima da camisa e voltei a pegar no bebé para lhe mostrar o resto da sua casa. Fiz um breve compasso de espera nas escadas por debaixo do meu retrato e lembrei-me de que Alice dissera que eu a fazia lembrar alguém. Percebi que deveria estar a referir-se a Ann. O meu filho poderia nunca vir a conhecer a mulher que salvara as nossas vidas, mas talvez fosse melhor assim, porque enquanto ela continuasse em parte incerta, estaria em segurança.

Alice partira quando eu estava a dormir, depois de lavar o sangue e embrulhar o bebé, esgueirando-se do meu quarto sem ninguém dar por isso. Richard disse que se passara um dia e uma noite inteiros depois de o nosso filho nascer e que se vivera na casa tal azáfama, com pessoas a subir e a descer as escadas a trazer bacias de água quente e roupa lavada, que ninguém reparara. Ela estivera ali e depois desaparecera. Não se despedira, embora me tenha beijado com uma

ternura maternal como eu nunca conhecera.

Embora soubesse que era praticamente impossível, uma reluzente parte de mim esperava que fosse ela sentada no salão agora. Como que para atrasar a desilusão, desci as escadas muito devagar, embalando e segredando para o bebé. A criadagem estava encantada com o novo membro da família e não conseguia deixar de me brindar com sorrisos radiosos. Juntaram-se num pequeno grupo no vestíbulo para sorrirem e me verem a descer os últimos degraus com ele ao colo, e eu retribuí-lhes os sorrisos.

O salão estava deserto.

— Minha senhora? — disse uma das criadas da cozinha nas minhas costas. — Ela está na sala de jantar; está com fome depois da viagem e pediu algo para comer.

A mãe levantou-se assim que eu entrei, a expressão serena e os braços esticados.

— O meu neto — arrulhou, e foi tirar-mo dos braços.

Eu hesitei, mas passei-lho para o colo. Os olhos da mãe esquadrinharam a minha pele, o meu cabelo, o meu corpo.

— Estás com bom aspeto, Fleetwood. Não tiveste uma gravidez fácil.

— Pois não.

— Recuperaste?

— Acho que sim. Perdi imenso sangue, por isso a cozinheira obriga-me a comer carne quase de hora a hora. É a primeira vez que venho cá abaixo.

Ela sorriu e encostou a cara à do pequeno Richard. Ele pestanejou devagar, agitou as pequenas mãos e ela pôs o dedo na sua pequena palma.

— Um menino — disse, toda contente.

Porém, estava a esconder alguma coisa; percebi-o na sua voz.

— O que foi? — indaguei. Ela virou-se para mim e, intrépida, sorriu.

— O Richard é pai duas vezes.

— Porque me dizes isso?

A pena do chapéu dela tremeu.

— Porque quero que o saibas por mim e não por alguma alcoviteira na aldeia ou por outra pessoa na sala de jantar. — Suspirou. — Eu sei que tu poderás nunca me perdoar por guardar aquele segredo, mas achei que era a coisa certa a fazer, além de que se soubesses isso só te deixaria infeliz. Quem quereria isso para a sua filha, podendo evitá-lo?

Baixou o olhar para o bebé e eu reparei nas rugas à volta dos olhos e da boca dela ao falar.

— Quando o teu pai morreu, eu fiquei... desorientada. Fiquei

sozinha com uma filha pequena e...

— Mal podias esperar para te veres livre de mim — atalhei, estupidamente. — Arranjaste-me logo casamento.

Ela abanou a cabeça.

— Essa decisão foi tomada por mim e pelo teu pai em conjunto. O teu pai estava doente e precisava de um homem que se responsabilizasse por nós. O que teria sido de nós? Quando o Senhor Molyneux abordou o teu pai com uma proposta, ele não teve muitas opções a não ser aceitar.

— Não sabia que isso foi combinado pelo pai.

Ficámos em silêncio durante um ou dois minutos, olhando para os cabelos pretos e finos da cabeça de Richard e para as suas orelhas cor-de-rosa como pequenas conchas. Eu já sentia a falta do peso dele nos meus braços, que estavam caídos, inúteis, sobre o regaço.

— Fui tão infeliz naquela casa — disse eu. — Passei todos os dias da minha infância com medo de que, no dia seguinte, me mandasses viver com ele.

— Eu nunca o faria.

— Ameaçavas-me quando eu me portava mal.

— Peço desculpa por isso. Eu nunca o faria. É difícil educar uma criança sem um pai. Uma pessoa diz qualquer coisa para ter um minuto de sossego.

— Sabes que ele... Quando ele foi da primeira vez, ele... — A minha voz vacilou. — Tu deixaste-nos sozinhos.

A mãe desviou o olhar. Os seus olhos ficaram mais escuros do que nunca e os cantos da boca retorceram-se para baixo, embora a sua mão tenha começado maquinalmente a dar palmadinhas no bebé, que ela estava a embalar com muita ternura. Eu nunca a vira com um bebé ao colo e ela pareceu recuar a uma vertente maternal antiga que eu desconhecia.

— Foi por isso que anulei o enlace.

Eu fitei-a.

— Tu sabias?

— Quando regresssei, percebi o que acontecera. Ele estava com um ar culpado e a tua carinha... — Pela primeira vez na vida, vi os olhos da mãe encherem-se de lágrimas. — Foi tudo culpa minha — disse ela, a voz carregada de emoção. — Eu não sabia o que fazer, como sair daquela situação sem o teu pai ali para me dizer. Contudo, sabia que nunca te poderia entregar àquele homem.

— Pensei que o casamento foi anulado porque o Richard era um melhor partido.

A minha mãe recompôs-se e brindou-me com um sorriso fraco.

— E não é?

Recostei-me lentamente na cadeira. A luz do sol entrava pelas

janelas — estava um bonito dia de final de verão.

— Fiquei feliz por o Richard pôr lá aquela mulher, porque assim nunca mais terei de regressar.

— Eu também odiei aquilo — disse a mãe, o que me deixou espantada. — Eu nunca me senti ali em casa. Tinha a esperança de que quando casasses me mandasses para outro sítio e mandaste.

Richard é que a mandara. Eu não tivera nada a ver com isso, pois então não tinha qualquer interesse nos desejos da minha mãe.

— Bem, agora ele tem uma amante nova. Judith Thorpe, de Barton. Ela que fique lá.

A mãe inclinou-se para a frente.

— Eu levei as melhores pratas.

Sorrimos uma para a outra. Eu ia perguntar se Judith tivera um menino ou uma menina, mas depois decidi que não queria saber. Os criados começaram a trazer o jantar, Richard juntou-se a nós e sentámo-nos a saborear carne assada e um enorme pombo embebido em molho. O meu apetite estava completamente diferente do que fora há cinco meses — seria capaz de comer o pombo inteiro.

— Quando ia a passar por Padiham vi uma mulher no cepo com um saco enfiado na cabeça que dizia «bruxa» — disse a mãe durante a refeição.

— É a Margaret Pearson — explicou Richard.

Desde que fora aos julgamentos, ele passara a demonstrar um interesse entusiástico pelos acontecimentos desse verão. Inclusive, tinha uma teoria sobre o nosso velho amigo Thomas Lister: que Jennet Preston era a amante do pai dele e que, estando a mãe ainda viva e frágil, ele se quisera ver livre dela. Ou isso ou ela sabia alguma coisa sobre ele e ele preferira vê-la morta a que esse segredo se soubesse. Quanto a Roger, os nossos caminhos voltariam certamente a cruzar-se, mas o magistrado perdera algum prestígio com a sua sede de poder. Ele revelara-se como um homem que transacionava vidas em troca de uma reforma confortável: almas em troca de mobília nova paga pelo rei, tudo para acrescentar alguns dias de glória a uma carreira dourada no ramo da justiça. Entre a fidalguia rural do Norte, tal ambição implacável era considerada assaz desvairada e muitas famílias tinham-lhe fechado as portas.

— Ela cumprirá quatro dias no cepo e depois irá para a prisão, onde provavelmente morrerá, porque não conseguirá pagar a fiança quando acabar de cumprir a pena — estava Richard a dizer.

— Porque não foi enforcada? — quis saber a mãe.

Richard encolheu os ombros.

— Prevaleceu um resquício de bom senso? Não sei. — A mãe estremeceu.

— Constou-me que, no dia da execução das penas, afluíram a

Lancaster milhares de pessoas.

— Nada excita mais os vivos do que a morte — disse eu.

— O que aconteceu àquela rapariga, a Jill? Ou era Alice? Ela não foi detida?

Eu e Richard entreolhámo-nos.

— Foi inocentada.

— Bem, isso é formidável, não é? Eu pensei que as considerariam todas culpadas depois de as encontrarem. Elas não estavam a conspirar para matar o Thomas Lister?

— Quem sabe? — respondi. — Não havia testemunhas, apenas uma criança. Além disso, a Alice estava inocente.

— Como é que sabes?

Levei a mão à cicatriz no cotovelo e passei-a ao longo da manga.

— Ela só queria ajudar as pessoas — disse eu.

— Onde é que ela está agora?

— Quem me dera saber.

— Ela não te disse?

Eu abanei a cabeça.

— Tem família?

Pensei em Joseph Gray, a embebedar-se até à morte na sua casa feita de argila.

— Não.

Nesse instante, o bebé começou a chorar no seu berço à frente da lareira. A ama estava a comer com os criados e eu tinha as mamas cheias e a ameaçar verter, por isso levantei-me e fui buscá-lo ao berço de carvalho que a mãe me dera há tantos anos. Levantei-me devagar e dei de caras com o conjunto de painéis entalhados sobre a lareira.

Pestanejei e passei os olhos a todo o comprimento, depois olhei outra vez fixamente. Nem queria acreditar no que estava a ver. Ao lado das iniciais do Richard, no espaço que fora deixado em branco desde que a casa fora construída, estava a letra A.

Reconhecê-la-ia em qualquer sítio, vira-a rabiscada dezenas de vezes pela mão trémula de alguém que estava a aprender a escrever. Mas ali estava ela, completa e inequívoca. Fiquei sem reação e depois desatei a rir.

— Fleetwood? O que se passa?

Rodei sobre os calcanhares, levantando Richard acima da cabeça e a dançar de alegria enquanto o meu marido e a minha mãe se entreolhavam, atónitos e divertidos.

— Ela está bem! — gritei. — Ela está bem.

Alice Gray era a única amiga que eu jamais tivera. Eu salvara a sua vida e ela salvara a minha.



Richard estava vestido para ir caçar. Enfiou a cabeça pela porta do grande salão onde eu estava a remendar a meia de seda de Nicholas. Com dois filhos, eu melhorara bastante os meus dotes de costureira graças à rapidez com que abriam buracos nas roupas, ora deslizando pelo chão ora rompendo os capotes, ou rasgando os rufos a trepar às árvores. De um lado, eu tinha a roupa para remendar, do outro a lista sempre a crescer de coisas que eu queria que James trouxesse de Londres. Sempre que me lembrava de alguma coisa, pegava na pena e tomava nota. Acabara de me lembrar de que precisava de âmbar-cinzentos para os meus perfumes quando os rapazes, que estavam a lutar com espadas de madeira a imitar um duelo, as largaram no chão com estardalhaço.

— Pai, faz um duelo comigo? O Nicholas luta como um bebé — disse Richard, atirando o brinquedo do irmão para o pai. Saía a mim, com uns cabelos negros como o carvão e uns olhos escuros e sérios.

— Ele é um bebé — disse eu, sorrindo para Nicholas, que era diferente do irmão mais velho como eu era de Richard. Tinha os cabelos dourados e os olhos cinzentos do pai.

— Farei quando regressar, por isso não estraguem as espadas até lá.

Richard entregou uma espada a cada um dos filhos e abeirou-se de mim. Parecia absorto.

— O que foi? — perguntei, levantando a cabeça da minha costura por breves instantes.

— O rei vem visitar o Norte.

Eu fitei-o.

— Quando?

— No próximo mês.

— E tenciona ficar aqui? Não é bem-vindo.

— Felizmente não, embora uma recusa fosse sinal de traição. Ainda bem que ele não vem no próximo ano quando eu serei xerife, porque de certeza que queria ficar aqui. Porém, pretende ficar alojado em Barton.

— Em *Barton*? Porquê?

— Sei tanto como tu. Antes disso, ficará na Hoghton Tower, e Barton fica a meio caminho entre a Hoghton Tower e Lancaster.

— Mas não tem lá nada.

— O rei não se preocupa com pormenores.

Eu pousei a meia de Nicholas.

— Teríamos de a mobilar, contratar criados... Levar-nos-á à falência. O rei faz-se acompanhar de um séquito de cem ou mais pessoas.

— É o rei — disse Richard, simplesmente. — Isto não me agrada mais do que a ti.

— Aquela casa — resmunguei. — É como uma maldição.

Richard ignorou a minha observação. Eu sabia que agora ele mantinha Judith e o filho bastardo algures em Yorkshire, mas não me interessava saber onde. Desde que ela estivesse longe da minha vista e eu tivesse os meus meninos e a minha casa, era muito bem capaz de fazer vista grossa a toda a situação. Richard acenou com a cabeça, a indicar a minha lista em cima da mesa.

— Sabes o que é âmbar-cinzentos, não sabes? Vómito de baleia.

— Richard!

Escorracei-o com uma palmada e ele escapuliu-se do meu alcance, caindo direitinho nas garras pegajosas dos filhos, que se agarraram às suas pernas e voltaram a suplicar-lhe para brincar.

— Basta! Vou caçar e se vocês não me largam imediatamente irei usá-los como isco.

Agarrou Nicholas pelos tornozelos e virou-o de pernas para o ar. Nicholas guinchou e gritou estridentemente, indefeso e a rir, enquanto o irmão fingia espetá-lo com a espada, gritando:

— Morre! Morre!

Puck, que estava habituado ao chinfrim, mas que se recusava a participar nas brincadeiras com a sua propecta idade, observava indolentemente no tapete. Às vezes eles obrigavam-no a participar nas suas brincadeiras, mas hoje fora poupado.

— Porque é que os rapazes são tão barulhentos e malcomportados? — perguntei. — Porque é que não tive duas meninas maravilhosas para se sentarem e se dedicarem comigo à costura?

Nicholas caiu ao chão, ofegante e a dar risadinhas.

— Pai, leve-me à caça consigo! — pediu Richard, puxando o capote do pai.

— Só quando fores mais velho.

— O que é que dizemos ao pai quando ele vai à caça?

— Não mate as raposas! — gritaram os dois, tentando superar o outro.

Eu sorri e Richard suspirou na brincadeira.

— Apesar de elas matarem as lebres e os coelhos, e de dificultarem imenso o trabalho das minhas aves, acho que a vossa mãe *me* apontaria um mosquete se eu chegasse a casa com uma pele de raposa.

Eu acenei com a cabeça, implacável, e sorri, mas estava

incomodada com as notícias que ele trouxera.

Acordei antes do raiar do dia, deixando Richard a ressonar baixinho. Escondera debaixo da cama o saco que preparara na noite anterior. Tirei-o de lá sem fazer barulho e fui-me vestir, chegando aos estábulos com a primeira luz do dia. Estava uma manhã desanuviada e aprazível, o sol forte e uma brisa fresca. Ao ouvir o barulho de cascos no estábulo, um dos aprendizes assomou à porta e assustou-se ao verme.

— Vou passar o dia com a Senhora Towneley — disse-lhe enquanto ele piscava os olhos, sonolento, fazendo-me lembrar dos meus pequenos. — Por favor, diz ao senhor que regressarei ao final do dia.

Não vi viva alma pelo caminho e avancei depressa. Quando, algumas horas depois, cheguei ao destino, tinha as coxas doridas, o corpete espetado na barriga e estava encharcada em suor. Há anos que não fazia uma viagem tão longa a cavalo e senti-o em cada músculo. Quando me apeei, encostei-me ao cavalo por instantes, o pelo quente e lúcido debaixo do sol do meio-dia. Amarrei-o a uma árvore fora de vista e percorri pesadamente os últimos cem metros com o cordel do saco cravado na palma da mão húmida.

Remexi o interior à procura da chave e destranquei a porta. A última vez que aqui estivera era de noite, com sombras a adejar por toda a parte, mas agora o seu mistério desaparecera. Era apenas uma casa velha, poeirenta e vazia. As últimas peças de mobiliário permaneciam desalentadas, e eu fui ao velho armário do vestíbulo que pertencera ao meu pai, passando as mãos pelas suas ranhuras e arestas. Mas não consegui suportar aquilo, ou outra coisa qualquer, por isso dei-lhe umas palmadinhas como se fosse um animal de estimação e segui caminho.

Procurei em todos os quartos e abri todos os armários. Não tinha dúvidas de que os criados os teriam esquadrinhado depois de Judith partir, levando tocos de velas, agulhas e jarras partidas, bem como todos os bocados de comida. Queria evitar o salão, onde me tinham afastado das minhas bonecas para conhecer o meu primeiro marido, mas quando lá entrei avaliei-o depressa. Lá estava a lareira diante da qual o Senhor Molyneux se sentara, mas sem móveis não passava de uma sala vazia. Deixei o meu quarto para o fim. Havia ali apenas a estrutura de uma cama — a minha. A da minha mãe fora mudada para outro quarto. Pensei nela a dormir perto de mim todas as noites; considerara aquilo uma tortura, mas agora sabia que fora uma coisa bastante diferente.

Fui até à janela e olhei para as árvores ondulantes e para os terrenos cultivados que se estendiam por detrás delas. Estava um

bonito dia de verão, praticamente sem vento. Assegurei-me de que todas as portas estavam abertas antes de descer as escadas até ao grande salão, onde encontrara Judith apenas cinco anos antes. Foi como se o seu fantasma ali estivesse, a observar-me enquanto eu ia até às enormes janelas com vistas para a parte da frente do recinto. As cortinas ainda estavam lá, espessas por causa do pó, sem dúvida altas de mais para quem quer que tenha esvaziado a casa conseguir remover. Não havia cadeira alguma para me sentar a descansar, nenhuma mesa para pousar as minhas coisas. Ajoelhei-me no chão de pedra fria por debaixo da janela e a luz do sol entrou e banhou-me o rosto. Levantei a cabeça para sentir o calor e fechei os olhos.

Depois, meti mãos à obra. Tirei o pequeno estojo de prata com a isca, o fuzil e a pederneira do meu saco de veludo e abri-o, pegando no algodão carbonizado no fundo para o arejar. Fiquei feliz ao reparar que não tinha as mãos a tremer. Peguei no fuzil e na pederneira e comecei a bater um na outra. Na sala vazia, os estalos fizeram tanto barulho que lembravam uma oficina de ferreiro. Ao fim de meio minuto de esforço, uma faísca tomou a miúçalha que havia no estojo e eu baixei-me para soprar para a chama. Com receio de que se apagasse, aproximei-lhe uma lasca de madeira e, depois de pegar fogo, encostei-a ao fundo da cortina. As chamas pegaram imediatamente no tecido ressequido e poeirento, e eu aplaudi em silêncio enquanto o fogo roçava o fundo dos fios escarlata, num movimento ascendente. Não havia colchões nem madeira para a lareira em casa – eu esperara que isto resultasse e estava a resultar. Sentei-me a assistir durante um minuto e, quando me pus de pé, metade das cortinas já estavam cobertas de chamas. Lembrei-me daquela vez em que as minhas saias pegaram fogo em casa de Joseph Gray e afastei-me às arrecuas, recolhi as minhas coisas, saí, fechei a porta e tranquei-a.

O rei não poderia ficar numa casa em ruínas depois de um incêndio.

Fiquei no relvado da frente durante imenso tempo a ver a sala da frente inflamar-se com uma luz trémula que era difícil de distinguir sob a luz do sol, mas que seria magnífica durante a noite. As paredes com lambrins de madeira incendiaram-se com facilidade e quando as janelas ficaram negras do fumo e eu tive a certeza de que o incêndio seria suficientemente forte e furioso para se propagar ao resto de Barton, virei-lhe costas para regressar a casa.

Eu estivera a ser observada. Dei um pulo, assustada, quando um movimento chamou a minha atenção na orla das árvores. Uma belíssima raposa-vermelha fitou-me com os seus grandes olhos cor de âmbar e pousou uma pata hesitante na relva. Entreolhámo-nos e o tempo parou. As labaredas vociferaram atrás de mim e sustive a respiração. Depois pestanejei e a raposa desapareceu.

AGRADECIMENTOS

Se é preciso uma aldeia para criar uma criança, certamente é preciso uma aldeola para criar um livro. Para começar, obrigada à Juliet – em primeiro lugar amiga, depois agente – por tornar o meu sonho realidade e me acompanhar ao longo de todo o processo. Por nenhuma ordem em especial, as seguintes pessoas merecem o meu maior reconhecimento: Katie Brown, Francesca Russell, Felicity Jethwa, Becky Short, Felicity White, Kate Hilsen, Claire Frost, Catriona Innes, Cyan Turan, Ed Wood, Lauren Hadden, Beth Underdown, Rosie Short e John Short. Obrigada pelos vossos olhos atentos, excelentes ideias e entusiasmo. Não tenho palavras para dizer à minha editora Sophie Orme e a toda a equipa da Bonnier Zaffre como estou entusiasmada por o livro *As Bruxas de Pendle* encontrar um lar na vossa editora. Soube que vocês eram os tais assim que vos conheci e tornaram todo o processo uma alegria. Estou reconhecida a Rachel Pollitt, de Gawthorpe Hall, por responder às minhas perguntas e a Robert Poole por modernizar o relato de Thomas Potts sobre os julgamentos. Para terminar, mas não menos importante, quero agradecer aos meus pais, Eileen e Stuart, e ao meu irmão Sam pelo infundável apoio e amor, e a Andy por ser o meu principal apoiante na vida. Estás sempre disponível quando eu preciso e eu estarei sempre disponível para ti.

Caro leitor,

A inspiração para a obra *As Bruxas de Pendle* surgiu quando visitei Gawthorpe Hall em Padiham, Lancashire, e avistei Pendle Hill pelas janelas de um quarto. Cresci na região e aquela colina está associada às histórias populares das bruxas de Pendle. Foi quando me ocorreu a ideia de escrever um romance sobre os acontecimentos de 1612, relatados da perspectiva de uma jovem fidalga rural a viver em Gawthorpe. Comecei por investigar a história da casa e da família Shuttleworth, tendo descoberto que, à época, a dona da casa era uma mulher de 17 anos de seu nome Fleetwood, e a minha história ganhou vida.

Quanto mais descobria sobre as bruxas de Pendle, mais intrigada ficava. Muitas delas eram vizinhas. Constava que muitas tinham espíritos familiares – alguns dos quais mudavam de forma. Uma alegava ter conhecido o Diabo. Muitas admitiram práticas de feitiçaria. Sabiam que o castigo era a pena de morte, por isso, porque admitiram a sua culpa?

A obra *As Bruxas de Pendle* é uma tentativa de responder às minhas próprias perguntas e, embora seja uma obra de ficção, a maioria das personagens foram reais e o livro baseia-se na cronologia histórica. Espero que tenha contribuído para o leitor querer saber mais sobre as bruxas de Pendle, bem como sobre Alice e Fleetwood.

Se desejar receber mais informações sobre o livro *As Bruxas de Pendle*, poderá estar interessado em associar-se ao meu Clube de Leitores. Não se preocupe – não fica obrigado a coisa alguma, não há segundas intenções e os seus dados não serão transmitidos a terceiros. Eu enviar-lhe-ei atualizações sobre os meus livros, incluindo ofertas, notícias sobre publicações e, ocasionalmente, até uma surpresa! Pode anular a subscrição em qualquer momento. Para se registar, só tem de visitar www.thefamiliarsbook.com.

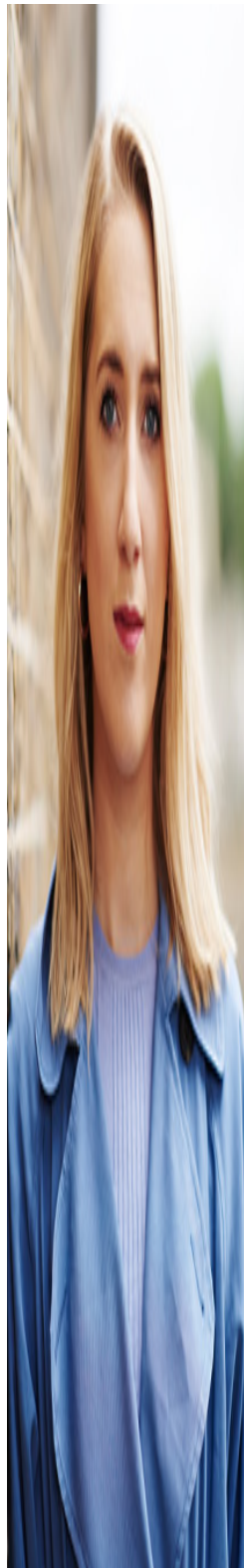
Outra maneira de me contactar é através do Twitter: @Stacey_Halls. Espero ter novidades suas em breves e que continue a ler e a apreciar os meus livros.

Obrigada pelo seu apoio,
Stacey

NOTA HISTÓRICA

Fleetwood e Richard Shuttleworth, Alice Gray, Roger Nowell, a família Device e muitas outras personagens do romance foram pessoas reais, mas o livro *As Bruxas de Pendle* é uma obra de ficção. Fleetwood Shuttleworth (nascida em 1595) era a senhora de Gawthorpe durante os julgamentos das bruxas e teve o primeiro filho em 1612, mas não há nada na história que a relacione a Alice. Porém, o seu marido Richard esteve presente nos julgamentos – nos quais Alice Gray e as outras dez bruxas de Pendle foram julgadas, em agosto de 1612 –, possivelmente porque desencadearam tanto interesse na época. Sabe-se muito pouco sobre Alice Gray a não ser pelo relato de Thomas Potts sobre o julgamento, *The Wonderfull Discoverie of Witches in the Countie of Lancaster*. Por algum motivo desconhecido, a transcrição referente a Alice não consta da obra de Potts. Continua a ser um mistério o motivo por que foi a única bruxa de Pendle a ser absolvida.

Biografia



STACEY HALLS nasceu em 1989 e cresceu em Rossendale, Lancashire. Sempre foi fascinada pelas bruxas de Pendle. Estudou Jornalismo na Universidade de Central Lancashire e colaborou com várias publicações, entre elas *The Bookseller*, *Stylist*, *Psychologies*, *The Independent*, *The Guardian*, *The Sun* e *Fabulous*. Vive em Londres. Mais informações em staceyhalls.com/

Mais informações em
www.sde.pt

A DEVORADORA DE PECADOS

megan Campisi

MEGAN CAMPISI

UMA ROMANCE
NOMINADA QUE
RETRATA O ESTUDO
DA MANTIDA CANTA
LITÉRARI NA

ROMANCE

A DEVORADORA DE PECADOS

A OBTIENÇA É UMA OBTIENÇA.
E SE COLOCAR EM RISCO A VIDA DE INOCENTES



*A devoradora de pecados caminha entre nós,
Ninguém a vê, ninguém a ouve.
Os pecados da nossa carne tornam-se nos seus pecados,
Seguem-na até à cova.*

Pelo crime de roubar pão, a jovem May recebe uma sentença para a vida: deve tornar-se numa Devoradora de Pecados – uma mulher proscrita, brutalmente marcada, cujo destino é ouvir a confissão final dos moribundos, ingerir alimentos que simbolizam os seus pecados como rito funerário e assim acolher as suas transgressões para conceder às suas almas acesso ao céu.

Órfã e sem amigos, aprendiza de uma Devoradora de Pecados com quem não pode falar, May tem de trilhar o seu caminho num mundo cruel e perigoso que não compreende. Quando um coração de veado aparece na urna de um moribundo que não confessou o pecado mortal que o alimento representa, a Devoradora de Pecados recusa-se a ingeri-lo. É levada para a prisão, torturada e morta. Para vingar a sua morte, May terá de descobrir os responsáveis por uma ameaça que nas sombras põe em perigo o futuro de uma nação.

Mais informações em
www.sde.pt